

DGRH/I
CC/IEL
16.4

ESTA PASTA PERTENCE AO PROCESSO DE AFASTA-
MENTO DA PROFA. DRA.CHARLOTTE MARIE C. GALVES
Processo nº 864/80 E CONTEM REALTÓRIO DE AFAS
TAMENTO REFERENTE AO PERÍODO DE 01/09/94 à
31/07/95.

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA - IEL

Atividades desenvolvidas durante a minha estadia no Departamento de
Ciências da Linguagem da Universidade Paris VIII, França.
set. 1994- julho 1995.

I. Seminários, conferências e comunicações

- **Weak pronouns and Strong Clitics in Brazilian Portuguese.**

Universitá di Padova, 2/12/1994, programa dos seminários e hand-out em anexo.

- **L'enclise dans les phrases tensées en portugais européen.**

seminário do Prof. Alain Rouveret, Université Paris VIII à St Denis, 17/1/1995, hand-out em anexo.

- **"La grammaire du portugais brésilien"**, mesa redonda "Patrimoine linguistique", colóquio "Culture, Langue et patrimoine", Unesco, 6-7/3/1995. transcrição da comunicação e programação em anexo.

- **La typologie des pronoms: le cas du portugais brésilien.** Séminaires du lundi, Paris VIII-Paris X, 20/3/1995. programa dos seminários e hand-out em anexo.

- **Une étude de cas de changement grammatical conduit par la prosodie: le placement de clitique du Portugais Classique au Portugais Européen Moderne**, en collaboration avec Antonio Galves. seminário da Profa Carmen Sorin, Université Paris VII, 31/5/1995, hand-out em anexo.

II. Escritos:

1. Trabalhos novos:

- **Gramáticas minimalistas do português**, livro em andamento:

capítulo 0: o modelo minimalista, em anexo

capítulo 1: "a sintaxe pronominal do português brasileiro", *em anexo.*

capítulo 2: "a gramática do português brasileiro", *em anexo.*

capítulo 3: "a sintaxe pronominal do português europeu", *em anexo.*

Bibliografia, *em anexo*

- **Princípios, parâmetros e aquisição da linguagem**, a sair em 5, 1995.
Cadernos de Estudos linguísticos, 28. *em anexo*

2. Revisões:

- **A case-study of prosody-driven grammar identification: from Classical Portuguese to European Portuguese**, em colaboração com A. Galves, submetido a The Linguistic Review, em 1995
anexo

3. Em projeto:

- **La syntaxe pronominale du portugais brésilien et la typologie des pronoms**, artigo convidado para fazer parte do volume sobre os pronomes coordenado por Anne Zribi-Hertz, a ser publicado pelas Presses Universitaires de Vincennes. *apresentação, carta da coordenadora e sumário da coletânea em anexo* 1995

4. Resumos de comunicações para congressos:

- **The evolution of clitic-placement in the history of European Portuguese: one or two grammatical changes?** apresentado ao 5º Colóquio de gramática Gerativa, A Coruña, Galicia. *resumo e resposta do comité organizador em anexo* 1995

- **Typology of Pronouns and Checking Theory**, apresentado ao 18th GLOW Colloquium, Tromsø, Noruega. *resumo e resposta do comité organizador em anexo* 1995

III. Outros

1995 não há documentos { "Pré-rapport" sobre a tese de doutorado de Lee Sung-Young:
"La syntaxe des pronoms clitiques des langues romanes: comparaison de deux approches."

Université Paris VIII à St Denis.

- participação no Comité de leitura do IIº Colóquio Langues et Grammaires, Université Paris VIII à St Denis.

- organização da visita dos professores R. Zanuttini e Robert Frank ao departamento de Linguística da Unicamp de 20 a 31 de agosto de 1995, *projeto e programação em anexo*.

- participação da organização do 2º workshop "Statistical Physics, Pattern Recognition and Grammar Selection" realizado de 4 a 9 de setembro de 1995, em São Sebastião, *cartaz e programação em anexo*.

1995 não há documentos { A essas atividades, deve-se acrescentar a minha participação como ouvinte em vários seminários e colóquios realizados nos diversos departamentos de

linguística de Paris envolvidos em gramática gerativa, alguns dos quais sendo aqueles onde apresentei trabalhos:

- seminário avançado do Prof Alain Rouveret, Université Paris VIII, ano letivo 1994-1995...

- seminários do grupo URA coordenados pelo Prof Alain Rouveret, CNRS, Paris, ano letivo 1994-1995. Esses seminários contaram com a presença de professores estrangeiros como Richard Kayne, Uri Scholsky e outros, além de sessões de discussão do último texto de Chomsky no quadro do Programa Minimalista.

- "colóquios da segunda-feira", ano letivo 1994-1995, universidade Paris VIII-Paris X.

- grupo de leitura sobre a interface sintaxe-semântica coordenados pela Profa Carmen Sorin, Universidade Paris-VII.

- séries de conferências de professores convidados na universidade Paris VII: Susan Rothstein (Universidade Bar-Ilan, Israel), fevereiro de 1995; Joseph Aoun (USC, Los Angeles), maio de 1995.

- 2º Colóquio "Langues et Grammaires", Université Paris VIII, 8-10 de junho de 1995.

- Mesa Redonda Internacional organizada pela Profa Jacqueline Guéron e o Grupo de Pesquisa 120 do CNRS, na Universidade Paris X, Nanterre, sobre "Sentence Structure and Word Order", 14-16 de junho de 1995.

Ch. Galves

Seminario di Ricerca
Dipartimento di Linguistica
Università degli Studi di Padova
Palazzo Maldura via B. Pellegrino 1

Venerdì ore 15.15
Auletta dei Seminari II piano

18 Novembre 1994

Raffaella Zanuttini Georgetown University Università di Padova

"Le frasi imperative negative in alcune varietà romanze"

25 Novembre 1994

Alessandra Giorgi Università di Bergamo

"Distribuzione di tratti e architettura frasale"

2 Dicembre 1994

Charlotte Galves Università di Parigi VIII

"Strong clitic and weak pronouns in brazilian Portuguese"

7 Dicembre 1994 (mercoledì)

Arhonto Terzi Università di Ottawa

"Double object clitics, their hosts and their ordering"

16 Dicembre 1994

Stephan Schmid C.N.R. Zurigo Centro di Dialettologia C.N.R. Padova

"Tipi sillabici in alcune varietà italo-romanze"

13 gennaio 1995

Marcello Meli Università di Padova

"Linguistica e filologia: il caso delle iscrizioni runiche"

20 gennaio 1995

Marco Baroni Università di Padova UCLA

"Introduzione alla teoria fonologica dell'ottimalità I."

27 gennaio 1995

Marco Baroni

"Introduzione alla teoria fonologica dell'ottimalità II. "

3. febbraio 1995

Marco Baroni

"Introduzione alla teoria dell'ottimalità III."

10. febbraio 1995

Antonietta Bisetto Università di Padova e Venezia

"La struttura interna di alcuni composti nominali italiani"

17. Febbraio 1995

Franco Benucci Universtà di Padova

"Focalizzazione e Topicalizzazione interna nell'Umbro delle tavole iguvine"

Per informazioni rivolgersi a Cecilia Poletto tel (049) 651688 interno 66
FAX (049) 8760989 e-mail DIPLIN@ipdunivx.unipd.it

Weak pronouns and Strong Clitics in Brazilian Portuguese

Charlotte Galves (State University of Campinas, Brazil)

Università di Padova, 2/12/1994

I. The typology of pronouns (Cardinaletti and Starke, 1993/94)

- (1) a. Non dirò mai tutto **a lui**
b. Non dirò mai **loro** tutto
c. Non **gli** dirò mai tutto
- (2) a. Ho parlato a loro e a loro
b. Ho parlato solo a loro
c. Ho parlato a LORO non a loro
- (3) a. *Ho parlato loro e loro
b. *Ho parlato solo loro
c. *Ho parlato LORO, non loro
- (4) a. Elles sont trop grandes
b. Elles et celles d'à coté sont trop grandes
- (5) a. Gliel'ho dato loro
b. Gliel'ho dato a loro/ai bambini
c. *L'ho dato loro a loro/ai bambini
- (6) a. *Gianni mi gli ha presentato
b. Gianni mi ha presentato loro
c. Gianni mi ha presentato a loro
- (7) a. Il aime les choux mais _ ne les mange que cuits
He likes the cauliflowers but _ not them eats other than cooked.
b. *Aime-t-il les choux mais _ ne les mange que cuits?

II. The Brazilian Portuguese pronominal system.

<u>subject</u>	<u>dir. object</u>	<u>ind. obj</u>	<u>oblique</u>
singular			
1.eu	me	me	mim
2.%tu;você	te;você; *lhe	lhe; a/ para você	%ti;você
3.ele (ela)	ele(ela); \$ o(a)	a/para ele(ela) *lhe	ele(ela)

plural

1.nós; a gente	nos; a gente	nos; para a gente	nós; a gente
2.vocês	vocês	lhes; a/para vocês	vocês
3.eles(elas)	eles(elas) \$ os(as)	a/para eles(elas)	eles(elas)

The verbal paradigm in EP and BP

BP	EP	
(eu) falo		I speak
você (tu) fala	tu falas	you speak
ele fala	ele fala	he speaks
nós falamos		we speak
vocês/ eles falam		you/they speak

(8) Se tiver muita pressa, eu largo *ele* num lugar proibido mesmo (SP)

If I am in a hurry, I leave him/it in a no parking space

(9) O fundo da piscina*ai* deu defeito e tiveram que esvaziar */e/* (RJ)

The bottom of the swimming pool was defective and they had to empty (it)

(10) Eu *o* levo

I him-take

III. *E/le* as a weak pronoun.

(11) a. Deixei ele em casa *(I) left it/him at home*

b. Deixei só ele em casa *(I) left only ?it/him at home*

(12) a. vi ELE *(I) saw HIM*

b. * li ELE *(I) read IT*

(13) a. vi eles dois *(I) saw them two*

b. ?? li eles dois *(I) read them two*

(14) a. vi ele e o outro também *(I) saw him and the other also*

b. ? li ele e o outro também *(I) read it and the other also*

(15) a. Encontrei ele e ela *(I) met him and her*

b. ??? Li ele e ela *(I) read it (masc) and it (fem)*

(16) ? Foi (justamente) ele que eu trouxe *(It) was it that I brought*

(17) - Quem você deixa em casa? *- Who do you leave at home?*

- ele *- him*

- (18) O que você deixou em casa? - *What do you leave at home*
 - *ele - *it*
- (19)a. A Maria_i vi ela_j/[e]_j ontem - *M., (I) saw her/[e]_j yesterday*
 b. Esse filme_j vi ??ele_j/[e]_j ontem - *This movie, (I) saw it/[e]_j*
- (20)a. O rapazi_i que vi ele_j na festa já foi embora
The boy that (I) saw him/[e]_j at the party already left
 b. Esse filme_j que vi ??ele_j/[e]_j ontem já saiu de cartaz
The movie that (I) saw it/[e]_j yesterday is no more in exhibition

IV. The "strong" clitics of BP.

- (21)§ Não lho-dei (I) *neg to-him+it gave*
- (22) eu te amo/% eu lhe amo/eu amo você "I love you"
- (23) *me* chocou tremendamente (SP) (it) *me-chocked tremendously*
 EP: chocou- *me* tremendamente
- (24) **não** posso no momento *lhe* dar uma resposta (Re).
neg can at this time to-you-give a reply
 EP: **não** posso no momento dar- *lhe* uma resposta
não *lhe* posso no momento dar uma resposta
- (25) agora **não** tinha *me* lembrado (Poa)
now neg had to-me-reminded
 EP: agora **não** *metinha* lembrado
- (26) essas indústrias novas **que** estão *se* implantando (SSA)
those new factories that are se-establishing
 EP: essas indústrias novas **que** *se* estão implantando
- (27)a) * Não estava *o* vendo
(I) neg was him-seeing
 b) Não *o* estava vendo

V. Inherently and structurally case-marked clitics

Deficient pronouns check their case

- either in the checking domain of the highest accessible Agr node (structural case)

- or in the checking domain of the verb (inherent case).

- (28) deixa *eu* pensar nas profissões (SP)
Let 'eu' think about the occupations

EP: deixa-**me** pensar

- (29) é por isso que vocês vêem *eu* insistir tanto sobre isso" (SSA EF)
(This) is why you see 'eu' insist so much on that

EP: é por isso que vocês **me** vêem insistir

(30) a gente manda *e/e* deitar a cabeça e ele deita (Re)

we ask him to lay his head and he lays (it)

EP: a gente manda-**o** deitar a cabeça

(31) a. * Essas cartas tinham sido *me* mandadas com atraso

These letters had been to-me-sent+Agr late

b. Essas cartas *me* tinham sido mandadas com atraso

VI. Conclusion: the typology of pronouns

The syntax and interpretation of the pronoun *e/e* and of the clitics in BP supports Corver and Delfitto's claim that there are only two classes of pronouns. But the behaviour of *e/e* shows that weak pronouns can occupy a specifier position. It also evidences that the crucial property of weak pronouns is the lack of reference.

Strong pronouns have a determiner, weak pronouns are just a bundle of Φ -features. This entails that

- 1) deficient pronouns have no independent reference,
- 2) they must check their case features in the overt syntax,
- 3) they are both minimal projections and maximal projections (Chomsky 1994), so they can check their features in either a specifier or a head position.

The difference between clitics and weak pronouns derive from the way the checking is satisfied. There is no such distinction independently from the syntax.

References

Cardinaletti, Anna (1991) "On cliticization in Germanic Languages", Eurotyp Working Papers, vol III.

Cardinaletti, Anna and Michael Starke (1994) "The typology of structural deficiency, on the three grammatical classes", mimeo.

Chomsky, Noam (1994) "Bare Phrase-Structure", mimeo, MIT.

Corver, Norbert and Denis Delfitto (1993) "Feature asymmetry and the nature of pronoun movement", mimeo.

Figueiredo Silva, Maria Cristina (1990) "Les clitiques en portugais du Brésil, note pour une étude" Mimeo, Un. de Genebra.

Laka, Itziar (1993) "Unergatives that assign ergative, Unaccusative that assign accusative", in J. Bobaljik and C. Phillips (eds) Papers on Case and Agreement, The MIT Working papers in Linguistics, vol.18.

Mendes, Luis. (1993) "Clitics and V-movement in Brazilian Portuguese", mimeo, UCLA.

L'enclise dans les phrases tensées en portugais européen

Charlotte Galves (Université de Campinas)

St Denis, 17/1/1995

1. Références bibliographiques récentes

- Études synchroniques

Barbosa, P. (1991) "Clitic-placement in EP", mimeo, MIT.

Benincà, P. and G. Cinque (1993) "Su alcune differenze fra enclisi e proclisi", in Omaggio a G. Folena, Editoriale Programma, Padova.

Cardinaletti, A. and I. Roberts (1991) "Clause Structure and X-Second", à paraître dans Levels of Representation, W.Chao and G.Horrocks,eds., Mouton de Gruyter.

Duarte, I. (1983) "Variação paramétrica e ordem dos clíticos", Revista da Faculdade de Letras, comemorativo do cinquentenário da RFL, Universidade clássica de Lisboa.

Galves, C.(1992a) "Enclise, infinitif fléchi, extraction du sujet et montée du verbe : arguments pour deux accords en portugais européen", II Coloquio de Gramática Generativa, Vitoria.

(1992b) "Clitic-Placement in European Portuguese : Evidence for a Non-Homogeneous theory of Enclisis", Workshop sobre o Português, publié par l'Association Portugaise de Linguistique, Lisbonne

Madeira, A. M. (1992) "On Clitic-Placement in EP", UCL Working Papers IV, Londres.

(1993) "Clitic-second in European Portuguese", Probus, 5, 155-174.

Manzini, M.R. (1992) ""Second position dependencies", Workshop on Germanic Syntax, Tromsø.

Martins, A. M. (1992) "Quantifiers and clitics in European Portuguese", manuscrit, Université de Lisbonne.

(1993a) "Focus and clitics in European Portuguese", University of Maryland Working Papers in Linguistics, 1.

(1993b) "Enclisis, VP deletion and the nature of Σ . Going Romance.

Raposo, E. (1994) "Affective operators and clausal structure in European Portuguese and European Spanish", 24th Linguistic Symposium on Romance Linguistics, Los Angeles.

Rouveret, A. (1989) "Cliticisation et temps en portugais européen", Revue des Langues Romanes, 93,2.

(1992) "Clitic Placement, Focus and the Wackernagel Position in European Portuguese", ESF Workshop on Clitics, Donostia.

Uriagereka J. (1992) "A Focus Position in Western Romance", GLOW colloquium, Lisbonne.

(1994) "Aspects of the syntax of clitic-placement in western Romance", à paraître dans Linguistic Inquiry.

- Etudes historiques et diachroniques

Barbosa, P. (1994) "Clitic Placement in Old Romance and European Portuguese and the Null Subject Parameter", manuscrit, MIT.

Benincá P. (1991) "Complement clitics in Medieval Romance : the Tobler Mussafia Law", à paraître dans Diachronic Syntax, A. Battye et I. Roberts (eds).

(1994) La variazione sintattica, studi di dialettologia romanza, Il Mulino, Bologna.

Galves, C. (1993) "Clitic-placement and parametric change in portuguese", XXIV Linguistic Symposium on Romance Languages, Los Angeles.

Galves, A. et C. Galves (1993) "A case study of prosody driven language change, from Classical Portuguese to European Portuguese", soumis à The Linguistic Review.

Lobo, T. (1992) A colocação dos clíticos em português, duas sincronias em confronto. Mémoire de maîtrise, Université de Lisbonne.

Martins, A.M. (1993c) "Clitic placement from old to modern European Portuguese". International Conference on Historical Linguistics, Los Angeles.

(1994) Clíticos na história do português, thèse de doctorat, Université de Lisbonne.

Pagotto, E. (1992) A posição dos clíticos em português, um estudo diacrônico. Mémoire de maîtrise, Université de Campinas.

Ribeiro, I. (1995). A sintaxe da ordem no português arcaico, o efeito V2, thèse de doctorat, Université de Campinas.

Salvi, G. (1990) "La sopravvivenza della legge di Wackernagel nei dialetti occidentali della Penisola Iberica", Medioevo Romano, 15,2.

Torres Moraes, M.A (1995) Aspectos diacrônicos do movimento do verbo, clíticos e caso nominativo no português europeu, thèse de doctorat, Université de Campinas.

2. Les données de base

(1) a. A Maria deu- *me* esse livro ontem

 Maria a donné-cl ce livre hier

 b. *A Maria *me* deu esse livro ontem (OK jusqu'au 1er tiers du 19^e siècle)

(2) a. Alguém *me* deu esse livro ontem

 Quelqu'un cl-a donné ce livre hier

 b. *Alguém deu- *me* esse livro ontem

(3) a. Que livro a Maria *me* deu ontem ?

 b. *Que livro a Maria deu- *me* ontem ?

(4) a. A Maria *não me* deu esse livro ontem

 b. *A Maria *não* deu- *me* esse livro ontem

(5) a. Sei que a Maria *me* deu esse livro ontem

 b. *Sei que a Maria deu- *me* esse livro ontem

(6) a. Deu- *me* esse livro ontem / b. * *Me* deu esse livro ontem

ORGANISATION: CAMILO RACANA

COORDINATION: ISABEL SOTO

COLLOQUE

"CULTURE, LANGUE et PATRIMOINE"

Une Politique Culturelle pour le XXI^{ème} Siècle

6 et 7 mars 1995
UNESCO - La Sorbonne

Sous le patronage du Ministère de la Culture et de la Francophonie

Le 6 mars 1995

Salle IX, UNESCO : 9h30

• **Table Ronde I : "Patrimoine Linguistique".**

• **Participants:**

-Monsieur Fernando Ainsa,
Madame Lisa Block de Behar,
Monsieur Ignacio Chávez,
Madame Ana Maria Cortez Gomes,
Madame Charlotte Galves,

Madame Telma Lobo,
Monsieur Bernard Pottier,
Madame Maria Josefina Tejera,
Madame Henriette Walter.

• **Coordinateur : Monsieur Bernard Quemada.**

Salle IX, UNESCO : 14h30

• **Table Ronde II : "Langues Minoritaires ou Minorisées en Amérique".**

• **Participants :**

-Madame Leopoldinha Araujo,
Monsieur Carlos Antonio Carrasco,
Madame Sofia Fisher.

Monsieur Jesus García Ruiz,
Madame Delicia Villagra-Batoux.

• **Coordinateur : Monsieur Juan Cueva Jaramillo.**

Salle IX, UNESCO : 16h30

• **Table Ronde III : "Médias et Politique Culturelle".**

• **Participants:**

-Monsieur James Bacr,
Monsieur Eduardo Cué,
Monsieur Joaquim Falcão.

Monsieur Enrique Jara,
Monsieur Luis Eugenio Todd.

• **Coordinateur: Monsieur Jorge Edwards.**

Ministère de la Culture et de la Francophonie: 20h (séance fermée)

• **Discours de bienvenue de Monsieur Jacques Toubon, Ministre de la Culture et de la Francophonie.**

380

Le 7 mars 1995

Salle des Commissions, la Sorbonne : 9h30 (séance fermée)

• **Discours de bienvenue de Madame Gendreau-Massaloux, Recteur de la Sorbonne, Chancelier des Universités de France.**

• **Conférence de Monsieur Camilo José Cela, Prix Nobel de Littérature.**

Salle des Commissions, la Sorbonne : 11h

• **Table Ronde IV : "La Langue et le Droit".**

• **Participants:**

-Madame Maria Eugenia Anguiano
Monsieur Ruben Bareiro Saguier
Monsieur Guy Dumas.

Monsieur Yves Marek,
Monsieur Toby Roth.

• **Coordinateur : Monsieur Hécator Gros Espiell.**

Salle des Commissions, la Sorbonne : 15h

CONCLUSIONS

La grammaire du Portugais Brésilien

Charlotte Galves,

Université de Campinas.

Je ne vais pas exactement vous dire ce que j'avais préparé, parce qu'en arrivant, je me demandais vraiment si j'étais dans le sujet. Mais comme j'ai la chance de parler à la fin, ou presque, je comprends mieux maintenant comment je peux recalibrer mon exposé, en en gardant les idées force mais en faisant un exposé moins linguistique, moins technique. Je voudrais tout d'abord vous livrer une réflexion qui m'a été évoquée par ce qu'a dit M. Quemada dans son introduction. Peut-être que si les spécialistes de la langue et les spécialistes de la culture ont un peu de mal à se rencontrer, c'est parce que les spécialistes de la culture parlent du patrimoine, et nous, nous parlons de la langue maternelle. Je crois que cela va au-delà d'une boutade. Cela m'évoque un très beau vers d'une chanson d'un auteur-compositeur brésilien, Caetano Veloso, qui dit:

Não tenho pátria, tenho mátria e quero fratria.

"Je n'ai pas de patrie, j'ai une matrice, et je veux une fratrie."

Je crois que la citation est pertinente ici parce que, dans toute cette réflexion sur le patrimoine linguistique, on se sent un peu coincé entre l'attitude du père, qui est l'attitude de l'Etat qui règle la question linguistique, ou qui cherche à la régler, et le fait que la langue, c'est avant tout la langue maternelle, avec tout ce que cela comporte de spontané, et aussi d'affectif, comme cela a été rappelé ici plusieurs fois. Alors que fait-on entre ces deux pôles, tout aussi légitimes l'un que l'autre?

Ce dont je voudrais parler plus précisément ici, c'est de la question du portugais brésilien, qui a déjà été présentée de façon très intéressante par ma collègue. Mon point de départ est la question de savoir si l'on peut définir une langue brésilienne comme indépendante d'une langue portugaise. Je dois dire c'est quelque chose qui me touche

particulièrement, personnellement, parce que j'ai appris le portugais au Portugal. Plus tard, je suis allée au Brésil, et j'ai eu un choc quand j'ai entendu parler brésilien. Je me suis demandée moi-même si c'était la même langue. En fait, cette question a été longuement débattue, et est encore débattue, au Brésil. Telma Lobo a pris ici une position. Elle a affirmé : "C'est la même langue".

Je voudrais vous proposer une réflexion à deux niveaux pour qu'on puisse, au fond, donner les deux réponses: oui, c'est la même langue; non, ce n'est pas la même langue. Mais pas au même niveau. Je vais laisser de côté le problème de la lusophonie africaine, non pas parce que ce ne serait pas très intéressant à intégrer au débat, mais parce que je n'ai aucune compétence à ce sujet. Alors, si l'on laisse de côté l'Afrique, il y a deux grandes communautés lusophones: une communauté de 140 millions de locuteurs, la communauté brésilienne, comme vient de le dire Telma Lobo, contre une communauté de 10 millions de locuteurs, la communauté portugaise. De plus, la communauté brésilienne a actuellement à sa disposition un formidable appareil de divulgation de sa langue, la "rede" Globo de télévision (et j'ai vu dans le programme qu'un représentant de la Globo serait ici aujourd'hui ou demain). La Globo joue un rôle extrêmement important, tant au Brésil qu'au Portugal.

Il y a quelques années, je suis allée en Amazonie pour la première fois. Quand j'ai ouvert la porte de l'hôtel, j'ai entendu le traditionnel "plinplin" qui entoure les plages de publicité à la Globo. Alors, je me suis dit: "Tiens, bien que j'aie fait cinq heures d'avion, et que je sois au milieu de la forêt vierge, je ne suis pas sortie du pays!". A Manaus, on parle quelque chose qui ressemble énormément au "carioca". Et si ce n'est pas la faute de la Globo, ou grâce à la Globo, elle y est certainement pour quelque chose.

Il se passe qu'au Portugal aussi, actuellement, les novelas (feuilletons) brésiliennes ont un très grand succès. Et beaucoup d'amis portugais m'ont dit qu'ils ont l'impression que cela influence le portugais, en retour. Les gens se mettent à utiliser des expressions et des tours brésiliens. Mais, malgré tout cela, ça fait presque 20 ans que je vis au Brésil, et je me rends compte que les Brésiliens sont complexés, c'est-à-dire qu'ils ont le sentiment de parler

un mauvais portugais. Et ce que je voudrais faire ici en tant que linguiste, c'est de proposer que les linguistes et plus particulièrement, même, les grammairiens, doivent faire oeuvre de légitimation. Parce qu'en fait, comme l'a rappelé M. Quemada, les linguistes savent que toutes les langues se valent. Elles sont toutes aussi bonnes les unes que les autres, aussi cohérentes les unes que les autres. Elles sont basées sur des systèmes qui ont leur propre cohérence. Je crois que les linguistes ont ça à dire, et que c'est très important. On a parlé tout à l'heure d'histoire des langues, c'est ce qui s'est passé, après que le latin a été complètement corrompu par tous ces "barbares" qui occupaient l'Europe, au 16^e siècle, dans tous les pays de l'occident européen, il y a eu oeuvre de grammatisation des langues, et cela a été une oeuvre normative, par certains côtés, c'est vrai, mais cela a été une oeuvre de légitimation, aussi. Et je crois qu'au Brésil, les linguistes ont actuellement cette tâche. Elle est très ambitieuse, effectivement, mais elle est fascinante.

Donc, je voulais vous apporter des arguments pour dire: "Regardez, le portugais brésilien est une grammaire. Il a une grammaire. Il a une grammaire qui est différente de celle du portugais européen". Je vais le faire de façon plus succincte, je vais simplement vous dire sur quoi se basait mon argumentation. Et là, je vais être non seulement linguiste, mais je vais revendiquer une certaine théorie linguistique, qui n'est pas du tout une théorie socio-linguistique, qui est une théorie de la syntaxe, et qui est parfois prise comme justement antagonique de théories socio-linguistiques, c'est la théorie chomskienne. Je suis une grammairienne générativiste, et je ne pense pas du tout qu'il y ait d'antagonisme entre des positions extrêmement théoriques qui sont celles que proposent Chomsky et les gens qui travaillent autour de lui, et des positions qui sont celles de la socio-linguistique. Et je vais dire pourquoi. Tout le monde connaît la dichotomie compétence-performance. Dans des ouvrages assez récents, Chomsky en a proposé une autre qui me paraît peut-être plus intéressante, entre ce qu'il appelle la "langue externe" et la "langue interne". On peut discuter longuement de cette dichotomie. Elle ne signifie pas qu'il n'y ait pas de relation

entre langue interne et langue externe, mais je crois qu'elle est très intéressante pour le problème que l'on pose ici.

La langue externe peut être définie comme l'ensemble des énoncés qui sont produits par une communauté linguistique. Si on prend l'ensemble des énoncés, on dit voilà, c'est la langue que les gens parlent. C'est leur langue. C'est le portugais, par exemple. La langue interne, par contre, n'est pas directement accessible. C'est quelque chose qui est en fait un objet mental, c'est le savoir que les gens ont, et qui leur permet de parler cette langue. Et si l'on pose le problème de l'identité ou de la différence de deux langues, la réponse peut être différente, selon que l'on parle de la langue externe ou que l'on parle de la langue interne. Si l'on prend le portugais, en ce qui concerne la langue externe, c'est-à-dire l'ensemble des énoncés qui sont produits par les Brésiliens d'un côté, et par les Portugais de l'autre, quelle est la réponse, est-ce que c'est la même langue, ou est-ce que c'est une langue différente? Là je crois, qu'en fait, la réponse n'est pas vraiment linguistique. C'est plutôt une réponse idéologique, et cela peut être pris dans le bon sens du terme, c'est-à-dire que ça fait partie d'un désir. Cela dépend du poids relatif que l'on attribue aux différences visibles. Si les communautés portugaise et brésilienne ont envie de se reconnaître, malgré leur différences, comme parlant la même langue, cela peut faire l'objet de décisions politiques, cela peut faire l'objet d'échanges, d'accords, etc... C'est une chose. Mais à mon avis, cela ne doit pas neutraliser, cela ne doit pas effacer, ou cacher, le fait qu'ils n'ont pas la même langue interne, c'est-à-dire que même quand ils produisent des énoncés identiques, le système de règles qui produit ces énoncés n'est pas le même.

Comment peut-on montrer que la grammaire des Brésiliens est différente de la grammaire des Portugais? Il y a trois niveaux de données qui peuvent appuyer cette hypothèse. D'une part, il y a évidemment des énoncés qui sont produits par une communauté et qui sont reconnus comme impossibles dans l'autre. C'est le cas, par exemple, de l'utilisation du pronom tonique *ele* en position objet, comme dans *eu vi ele* ("je l'ai vu") à la place du pronom clitique, comme dans *eu vi-o*. Ces énoncés-là sont très importants

parce qu'ils sont au coeur de la question de la norme. Et donc ils sont généralement fortement stigmatisés. C'est à partir de ces énoncés-là que l'on peut dire: "Vous ne parlez pas le bon portugais". D'autre part, il y a des énoncés qui sont possibles dans les deux langues, mais qui ont des fréquences différentes. Par exemple, aussi bien le PE que le PB, comme beaucoup d'autres langues romanes, acceptent un sujet nul - non réalisé. Mais c'est beaucoup plus fréquent dans la variante européenne que dans la variante brésilienne. C'est à dire que les Brésiliens ont une très forte tendance à utiliser des sujets pronominaux réalisés, alors que les locuteurs portugais utilisent plus facilement un sujet non réalisé, ce qu'on appelle un sujet nul. Enfin, il y a le troisième cas des énoncés qui sont possibles dans les deux langues, mais avec des contextes de réalisation plus ou moins restreints. C'est le cas d'un autre phénomène très intéressant du portugais du Brésil: l'objet nul, c'est-à-dire la non réalisation phonétique de l'objet (comme on a la non réalisation phonétique du sujet, dans le cas du sujet nul). Par exemple, on peut dire, en parlant de quelqu'un: vi ontem, "j'ai vu hier", avec le sens de "je l'ai vu hier". Aussi bien au Portugal qu'au Brésil, on peut avoir cet objet nul, mais les contextes diffèrent. Il y a des contextes, notamment certains types de propositions subordonnées, où il est impossible au Portugal, au sens où ce n'est pas possible de récupérer sa référence. Mais dans ces mêmes contextes, il est parfaitement normal au Brésil. D'un point de vue grammatical, cela montre que les conditions de légitimation de cet élément nul dans la phrase sont distinctes, et qu'il ne s'agit donc pas, contrairement à certaines apparences, du même élément.

Ce sont donc les trois types de données qui étayent l'hypothèse de deux grammaires différentes. Maintenant, que doit-on faire de cela? Est-ce important en regard d'un désir de se constituer, encore, en une communauté linguistique? Je pense qu'il est intéressant qu'on le sache, parce qu'il est important que les Brésiliens cessent d'être complexés - et là je ne parle pas des analphabètes, parce qu'eux, ils ne se posent même pas la question, je parle des gens scolarisés, et même très scolarisés, qui disent: "quand je parle comme ça, dans la vie de

tous les jours, je parle mal" . C'est le problème qui a été posé pour l'espagnol argentin. Et il n'y a aucune raison qu'il y ait 140 millions de complexés.

Les grammairiens doivent donc faire oeuvre de définition d' une grammaire, qui sera forcément normative. Ceci dit, je pense qu' il y a une grande homogénéité linguistique, au Brésil, non seulement géographique, mais aussi socio-culturelle. Peut-être en ai-je plus conscience parce que je ne suis pas une "locutrice native", et qu'on a toujours plus de recul par rapport à une langue dans laquelle on s'installe mais qui n'est tout de même pas notre langue maternelle. Cela peut choquer, mais je crois qu'on peut montrer qu'il y a une relative homogénéité du portugais brésilien, également d'un point de vue socio-culturel. C'est-à-dire que le fossé linguistique (du point de vue de la langue interne) est plus profond entre le Portugal et le Brésil, qu'entre les brésiliens scolarisés et les brésiliens non scolarisés. Je crois donc que les linguistes ont un travail à faire actuellement au Brésil, qui est un travail qui ressemble à celui des grammairiens européens du 16^e siècle, peut-être en ayant plus de conscience de l'existence de la variation et avec donc des effets moins répressifs. Cela sera tout de même normé, bien sûr, il y aura des décisions à prendre.

En fait ce travail a été entrepris au Brésil. Il s'appelle le Projet de la Grammaire du Portugais Parlé (Projeto da Gramática do Português Falado- PGPF), et il se base sur le corpus recueilli dans les années 70 dans cinq capitales brésiliennes dans le cadre du projet de la Norma Urbana Culta (NURC). Il a été conçu, et est coordonné actuellement, par un professeur des Universités de São Paulo et de Campinas, Ataliba de Castilho. Il réunit une trentaine de linguistes brésiliens, de tous bords théoriques et de toutes formations. Ce qui est particulièrement intéressant, parfois très difficile. Il publie tous les ans des brochures, et a le projet très ambitieux de proposer dans un futur très proche une grammaire de référence du portugais brésilien.

Pour terminer, je reprendrai un aspect de la question linguistique lié à la question des pronoms soulevée par une collègue argentine. Il existe une relation importante entre les systèmes pronominaux, en tant que systèmes d'allocution, et les systèmes flexionnels de la

langue. Le portugais brésilien a une histoire qui ressemble un peu à celle de l'espagnol argentin, dans le sens où il y a eu une forme d'adresse qui a pris le pas sur une autre. C'est la forme de troisième personne. Dans de nombreuses régions du Brésil (São Paulo, Rio, Minas Gerais, Bahia), on n'utilise plus le tu. Et dans d'autres régions (l'extrême sud en particulier), quand on le fait, c'est avec la forme verbale de troisième personne. On a ainsi *ocê sabe*, ou tu sabe "tu sais". Il faut ajouter que le deuxième cas est fortement stigmatisé par la norme, et que c'est donc une forme exclusivement orale, mais elle est attestée dans le corpus de la Nure du Rio Grande do Sul, ce qui signifie qu'elle est employée par des locuteurs de niveau universitaire. La deuxième personne a ainsi tendance à disparaître du paradigme flexionnel. Cette disparition fait qu'on se rapproche de systèmes que j'appellerai à "accord pauvre". Or on sait actuellement qu'il existe une relation très forte entre les systèmes morphologiques (d'accord, en particulier) et les systèmes syntaxiques. Donc il est très important que l'on ait clair à l'esprit le type de système qu'on a en face de soi. Cela n'avance à rien de vouloir enseigner à l'école un système bâtarde. D'autant plus que, très souvent, ce qu'on pense être la norme n'est même pas la norme du Portugal. C'est quelque chose qui n'existe pas. Donc il est important que les syntacticiens, les phonologues, les lexicologues définissent vraiment la langue qui est parlée, et je le répète, définissent la langue interne, c'est-à-dire la compétence des gens. Et ce sera là mon mot final: là où il y a une grande convergence entre la linguistique chomskienne et la socio-linguistique, c'est que la linguistique chomskienne affirme avec force que tout locuteur natif a une compétence de sa langue. Il ne faut pas que ce soit oublié, et les linguistes ont à le rappeler.

SEMINAIRE DU LUNDI

PARIS-VIII/PARIS-X

Institut d'Anglais Charles Y, 10 rue Charles Y, 75004 Paris, salle A24

PROGRAMME DU 1^{er} TRIMESTRE 1995

[ce programme remplace le précédent, où manquait l'exposé du 30 janvier]

lundi 9 janvier 1995, 14h-16h

GEORGES REBUSCHI (Paris-3)

'Diachronie sans paramètres?
L'évolution des pronoms génitifs du basque.'

lundi 30 janvier 1995, 14h-16h

ROSE-MARIE DECHAINE (British Columbia)
& VICTOR MANFREDI (Boston)

'The case of bare nouns.'

lundi 6 février 1995, 14h-16h

ALEXANDRE GROSU (Tel Aviv)

'An encounter with strange relatives of the third kind.'

lundi 20 février 1995, 14h-16h

KHADIJA EL KHATTABI (Paris-8)

'L'interface morphologie/syntaxe:
le paradigme du temps présent en arabe littéraire.'

lundi 20 mars 1995, 14h-16h

CHARLOTTE GALYÈS (Campinas)

'La typologie des pronoms: le cas du portugais brésilien.'

La typologie des pronoms: le cas du portugais brésilien

Charlotte Galves (Unicamp, Brésil)

Séminaires du lundi, Paris, 20/3/1995

I. Le paradigme des pronoms en Portugais européen moderne (PE)/Portugais classique (PCI)

<u>Nominatif</u>	<u>Accusatif</u>	<u>Datif</u>	<u>oblique</u>
1. eu	me	me	mim
2. -tu	te	te	ti
-você	o(a)	lhe	si/você
3. ele (ela)	o (a)	lhe	ele (ela)
	se	se	si

II. Le système pronominal du Portugais Brésilien (PB)

1. le pronom accusatif *ele*

(1) Se tiver muita pressa, eu largo *ele* num lugar proibido mesmo (SP)

Si je suis pressé, je laisse lui en stationnement interdit

"Si je suis pressé, je le laisse en stationnement interdit"

(2) Deixei ele em casa

J'ai laissé lui à la maison

"Je l'ai laissé à la maison" (l'enfant ou le livre)

(3)a. Q - Quem você deixou em casa? R - ele

Qui tu laissas à la maison lui

(3)b * Q - O que você deixou em casa? R - ele

Quoi tu laissas à la maison lui

(4)a. eu vi ELE

je vis LUI

b. * li ELE

je lis LUI

(5) a. eu vi eles dois

je vis eux deux

b. * eu li eles dois

je lis eux deux

(6)a. Eu encontrei ele e ela

Je rencontrai lui et elle

b. * Eu li ele e ela

Je lis lui et elle

(7)a. A Maria, eu vi ela;[el] ontem

Maria, je vis elle/ [el] hier

(8)a. O rapaz; [que eu vi ele;[el] na festa ontem] já foi embora

Le garçon [que je vis lui/ [el] à la fête hier] est déjà parti

(9) Pedro pensa que, essas crianças, a Maria esqueceu de pegar elas na escola. (Kato 1993)

l'école

(10) Esse país [que o presidente, o povo não acredita mais nele,] parece que saiu do marasmo. (Kato 1993)

que sortit du marasme.

(11) PE *Imagina que o João, o amigo dividiu com ele os direitos de autor (Duarte 1987)

Imagine que le João, l'ami partagea avec lui les droits d'auteur

2 La syntaxe des clitiques

(12) *me* chocou tremendamente (SP)

me choqua terriblement

(13) **não** posso no momento *lhe* dar uma resposta (Re)

neg peux au moment vous donner une réponse

PE: **não** posso no momento dar-*lhe* uma resposta

não *lhe* posso no momento dar uma resposta

(14) agora **não** tinha *me* lembrado (Poa)

Maintenant neg avais me souvenu

PE: agora **não** *me* tinha lembrado

(15) essas indústrias novas **que** estão *se* implantando (SSA)

ces industries nouvelles qui sont se implantant

PE: essas indústrias novas **que** *se* estão implantando

(16) a) * Não estava *o* vendo

Neg étais le voyant

b) Não *o* estava vendo

3. Le paradigme pronominal (au singulier) du portugais brésilien

<u>sujeit</u>	<u>objet direct</u>	<u>objet ind.</u>	<u>oblique</u>
1.eu	me	me	mim
2.%tu;você	te;você;%lhe	lhe; a/para você	%ti;você
3.ele (ela)	ele(ela); \$ o(a)	a/para ele (ela); \$lhe	ele(ela)

le paradigme verbal (au singulier) en BP et EP

BP	EP
(eu) falo	Je parle
você/tu fala	tu parles
(ele) fala	il parle

Questions:

- a. Comment le pronom tonique *e/le*, qui est caractérisable comme un pronom faible, est-il légitimé en position normale d'objet direct (pourquoi ne se déplace-t-il pas)?
- b. Pourquoi le paradigme des clitiques ne contient-il plus que des pronoms de 1^{ère} et 2^{ème} personne ("clitiques forts") ?
- c. Pourquoi les clitiques apparaissent-ils toujours affixés au verbe thématique?
- d. Ces propriétés sont-elles reliées entre elles?

III. Une analyse

0. Paramétrisation (minimaliste) de la grammaire du PB

- trait NP de Agr fort
- Trait V de Agr faible

1. Mouvement de l'objet en syntaxe explicite

- (17)a.?? As crianças leram todas o livro
Les enfants lirent toutes le livre
b. As crianças leram todas o livro que o professor mandou
Les enfants lirent toutes le livre que le professeur ordonna
c.* As crianças leram todas ele
Les enfants lirent toutes lui
d.? As crianças lêem sempre ele
Les enfants lisent toujours lui
- (18) Eu compreí o carro_i/ele_j sem experimentar [e]_i
je . achetai la voiture/lui sans essayer

2. Les clitiques du PB portent un cas inhérent.

- (19) deixa *eu* pensar nas profissões (SP)
laisse *je/moi* penser aux professions
PE: deixa-**me** pensar
- (20) é por isso que vocês vêem *eu* insistir tanto sobre isso" (SSA EF)
C'est pour ça que vous voyez *je/moi* insister tant sur cela
PE: é por isso que vocês **me** vêem insistir
- (21) a gente manda *e/le* deitar a cabeça e ele deita (Re)
on fait *lui* coucher la tête et il (la) couche
EP: a gente manda-**o** deitar a cabeça

References

Cardinaletti, Anna (1991) "On cliticization in Germanic Languages", Eurotyp Working Papers, vol III.

Cardinaletti, Anna and Michael Starke (1994) "The typology of structural deficiency, on the three grammatical classes", mimeo.

Chomsky, Noam (1994) "Bare Phrase-Structure", mimeo, MIT.

Corver, Norbert and Denis Delfitto (1993) "Feature asymmetry and the nature of pronoun movement", mimeo.

Duarte, Inês (1987) A construção de topicalização na gramática do português : regência, ligação e condições sobre o movimento, thèse de doctorat, Université de Lisbonne.

Duarte, Maria Eugênia Lamoglia (1989) "Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil", in Fernando Tarallo (org.), Fotografias socio-linguísticas, Pontes/Editora da UNICAMP, Campinas.

Figueiredo Silva, Maria Cristina (1990) "Les clitiques en portugais du Brésil, note pour une étude", mimeo, Un. de Genève .

Galves, Charlotte (1994) "Accord et clitiques en portugais brésilien", in I. Koch e B. Schlieben-Lange (eds.), Linguistik in Brasilien, Niemeyer, Tübingen (sous presse).

Kato, Mary (1993) "Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica" in Ian Roberts et Mary Kato (orgs.) Português brasileiro, uma viagem diacrônica, Editora da Unicamp, Campinas.

Laka, Itziar (1993) "Unergatives that assign ergative, Unaccusative that assign accusative", in J. Bobaljik and C. Phillips (eds) Papers on Case and Agreement, The MIT Working papers in Linguistics, vol.18.

Uriagereka, Juan (1995) " Aspects of the Syntax of Clitic Placement in Western Romance", Linguistic Inquiry, 26-1, pp 79-123.

Zwart, J.W (1992) "Note on clitics in Dutch", Eurotyp Working Papers, vol.4.

Une étude de cas de changement grammatical guidé par la prosodie.

Du portugais classique au portugais européen moderne.

Antonio Galves (USP) et Charlotte Galves (UNICAMP)

I. Les données.

a) Le placement de clitique en portugais

0) Paulo ama Virgínia.

P. aime V.

1) Paulo e ama.

"Paul l'aime"

2) Paulo ama-a.

"Paul l'aime"

3) Quem a ama?

"Qui l'aime?"

b) Un aperçu statistique

<i>Clitiques en Portugais Classique</i>			
Auteur (né en)	Proclise	Enclise	% Enclise
Guimarães (1695)	27	0	0%
Castro (1700)	15	1	7%
Oliveira (1702)	39	7	16%
Judeu (1705)	27	6	19%
Verney (1713)	14	11	44%
Marquês (1728)	30	10	25%
Marquesa (1750)	34	23	40%

<i>Du Portugais Classique au Portugais Européen Moderne</i>			
Auteur (né en)	Proclise	Enclise	% Enclise
Garrett (1799)	11	37	77%
Camilo (1825)	6	70	92%
Diniz (1839)	3	24	88%

c) Le changement prosodique à la fin du 18^e siècle.

"La modification la plus grave qui ait affecté la prononciation portugaise depuis le 16^e siècle est certainement la valeur de *e* muet donné à l'*f* fermé en position prétonique non initiale, postonique et finale ou même, souvent, la disparition de toute trace de cet ancien

Je termine alors. J'ai dit la modification la plus grave car elle atteint la structure même des mots." (in Révah 1984, page 391).

Es se vira que pode meter-se

Es se vira que pode meter-se

II. Structures syntaxiques en Portugais Classique et Portugais Européen Moderne.

et Salvi (1990), Benincà (sous presse), Madureira (1993-1994) et Manenti (1993-1994).

1) *PC1*: [*CP* [*IP* Paulo [*I* a [*IP* ...]]]]

2) *PC1*: [*CP* Paulo [*CP* [*C* ama-a] [*IP* ...]]]]

3) *PC1*: [*CP* Quem [*C* [*I* a [*IP* ...]]]]

1) *PB*: [*CP* Paulo [*C* ama-a] ...]

3) *PB*: [*CP* Quem [*C* [*I* a [*IP* ...]]]]

Valores dos parâmetros em PC1 e PB

PCI	fort	fort	fort
PB	fort	fort	fort
	Inf/V	Inf/NP	Ag. de Comp
	forte	forte	forte
	forte	forte	forte

III. Un modèle de reconnaissance de structure à l'interface A-P.

a) Les composantes du modèle.

• un ensemble de grammaires *G*

• un ensemble de patrons prosodiques *P*

• un principe d'identification.

L'apprenti doit choisir une grammaire *G* ∈ *G* à partir de

1. Un patron prosodique *P* appris préalablement.

2. *G* et la structure de la mesure de probabilité avec laquelle l'échantillon d'évidences

positives a été choisi.

3. L'échantillon *S_p*.

b) Structures syntaxiques et contours accentuels.

• Portugais classique

1) [

[*CP* [*IP* Paulo [*I* a [*IP* ama]] ...]]]

2) [

[*CP* Paulo [*CP* [*C* ama-a] [*IP* ...]]]]]

3) [

[*CP* Quem [*C* [*I* a [*IP* ama]]] [*IP* ...]]]

Portugais Européen Moderne

2) [l l
[c p Paulo [c ama-a] ...] .

3) [l ~ l
[c p Quem [c [l a [l ama]]] [lp ...]] .

c) Les mesures de probabilité.

$$\mu_p^{G_{PC1}}(1_{PC1}) = \frac{P(l, l)P(l, \sim)P(\sim, l)}{Z(G_{PC1}, P)}$$

$$\mu_p^{G_{PC1}}(2_{PC1}) = \frac{P(l, l)^2 P(l, l)}{Z(G_{PC1}, P)}$$

$$\mu_p^{G_{PC1}}(3_{PC1}) = \frac{P(l, l)P(l, \sim)P(\sim, l)}{Z(G_{PC1}, P)}$$

où

$$Z(G_{PC1}, P) = 2P(l, l)P(l, \sim)P(\sim, l) + P(l, l)^2 P(l, l) .$$

et

$$\mu_p^{G_{PB}}(1_{PB}) = \frac{P(l, l)P(l, l)}{Z(G_{PB}, P)}$$

$$\mu_p^{G_{PB}}(3_{PB}) = \frac{P(l, l)P(l, \sim)P(\sim, l)}{Z(G_{PB}, P)}$$

où

$$Z(G_{PB}, P) = P(l, l)P(l, l) + P(l, l)P(l, \sim)P(\sim, l) .$$

IV. Points critiques et changement

a) Composition de S_* .

$$\frac{1}{\mu_p^{G_{PC1}}(1_{PC1})} = 2 + \frac{P(l, l)P(l, l)}{P(l, \sim)P(\sim, l)} .$$

$$\frac{1}{\mu_p^{G_{PC1}}(1_{PC1})} > n, \text{ entraîne } 1_{PC1} \notin S_* .$$

b) Calcul de maximum de vraisemblance.

$$\mu_p^{G_{PC1}}(2_{PC1}) > \mu_p^{G_{PB}}(2_{PB}) \text{ si et seulement si } \frac{P(l, l)P(l, l)}{P(l, l)} > 2 .$$

d) Retour aux données statistiques.

γ est le rapport de fréquence entre 1_{PG} et 2_{PG} :

$$\gamma = \frac{P(i, _)P(_, i)}{P(i, \sim)P(\sim, i)}$$

Jusqu'à la fin du 18^e siècle, $\gamma < 1$.

$\gamma = 0$ chez Guzmão, $\gamma = 0,8$ chez Verney.

Par contre, chez Garrett, $\gamma = 3,3$.

Bibliographie

Angluin, D., 1980. Inductive inference of formal languages from positive data. *Information and Control*, 45, 117-135.

Barbosa, P., 1991. Clitic Placement in EP, manuscript, MIT.

Benincà, P. in press, Complement clitics in Medieval Portuguese and the Tobler-Musaafia Law, in A. Battye I. Roberts, *Language Change and Verbal Systems*.

Chomsky, N., 1993. *A Minimalist Program for Linguistic Theory*, Cambridge, MA: MIT Press.

Cinque, G., 1993. A null theory of phrase and compound stress, *Linguistic Inquiry* 24, 139-197.

Collet, P., A. Gelves and A. Lopes, 1994. Maximum likelihood and minimum entropy identification of grammars, manuscript, Universidade de São Paulo.

Geman, D., 1990. Random fields and inverse problem in imaging, in *16e Ecole d'été de probabilités de St Flour*, Lecture notes in mathematics, Berlin, Heidelberg, New York: Springer.

Gold, E., 1967. Language identification in the limit. *Information and Control*, 10, 447-474.

Madeira, A. M., 1991. On clitic placement in European portuguese. In H. van de Koot (ed.) *UCL Working Papers in Linguistics 4* University College London.

Manzini, M. R., 1991. Second position dependencies. talk given at the 3th workshop on Germanic Syntax, Tromsø.

Révah, I. S., 1953. L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVI^e siècle à nos jours. In *Anais do primeiro Congresso Brasileiro da língua falada no teatro*.

Rouveret, A. 1991. Clitic placement, focus and the Wackernagel Position in European Portuguese. talk given at the *ESF workshop on clitics*, Donostia.

Salvi, G., 1990. La sopravvivenza della legge di Wackernagel nei dialetti occidentali della penisola iberica. *Medioevo Romano*, 15, 177-210.

Teyssier, P., 1980. *Histoire de la langue portugaise*. Paris: P.U.F.

Torres Moraca, M. A., 1995. *Do português clássico ao português moderno: um estudo da cliticização e do movimento do verbo*. Ph. D. Dissertation. UNICAMP.

Princípios, parâmetros e aquisição da linguagem

Charlotte Galves, IEL/UNICAMP

Alguns anos atrás, apresentei um seminário num departamento de linguística na Inglaterra. O objetivo principal da minha argumentação era mostrar que a categoria CP¹ não era instanciada no português brasileiro nas orações matrizes. No final do seminário, um participante me perguntou como as crianças sabiam disso. A pergunta me surpreendeu, quase me chocou. Até então nunca tinha pensado que pudesse dizer alguma coisa sobre esse assunto, nem que ele fizesse parte das minhas tarefas enquanto sintaticista. Isso era um problema para os especialistas da aquisição da linguagem, não para mim! Mais tarde, tive a ocasião de verificar que esse mesmo participante que, vim a saber em seguida, era David Lightfoot, fazia essa mesma pergunta a todos. E acabei entendendo que ele tinha razão e que fazia parte, sim, das tarefas dos sintaticistas gerativistas responder a essa pergunta. Com efeito o que Lightfoot me cobrava, e cobra de todos, é uma análise não só adequada do ponto de vista descritivo, mas também do ponto de vista explicativo. Nesse sentido, a sua pergunta se inscreve em linha direta nos fundamentos da gramática gerativa, tais como podem ser encontrados no livro fundador do chamado modelo padrão, *Aspects of the Theory of Syntax*, publicado por Chomsky em 1965, e no qual ele liga crucialmente a questão da teoria gramatical com a questão da aquisição da linguagem. Chomsky considera uma gramática (entenda-se teoria de uma língua dada) como descritivamente adequada se "descreve corretamente a competência

intrínseca do sujeito indígena ideal" (p.42 [24])². Uma teoria linguística é assim descritivamente adequada se "fornece uma gramática descritivamente adequada para cada língua natural" (id). Mas essa teoria só atingirá a adequação explicativa se "conseguir

¹ Complementizer Phrase. Trata-se da projeção do complementador (Comp).

² As citações são traduzidas da versão francesa de *Aspects*, as páginas remetem a essa edição. As páginas correspondentes na edição original são dadas entre colchetes.

escolher uma gramática descritivamente adequada na base de dados linguísticos primários" (p.44 [25]), ou seja se "fornecer uma explicação da intuição do sujeito falante, na base de uma hipótese empírica a respeito da predisposição inata que leva a criança a desenvolver um certo tipo de teoria para tratar a informação da qual dispõe" (id. [26]). Voltando ao exemplo do português brasileiro, e à hipótese da não instanciação de CP, ela será descritivamente adequada se permitir explicar a competência dos falantes nativos brasileiros, isso é se der conta do conjunto dos seus julgamentos de gramaticalidade e agramaticalidade. Mas a adequação explicativa só poderá ser atingida se for possível responder à pergunta de Lightfoot, isso é, definir o que leva as crianças brasileiras a escolher uma gramática sem CP nas orações matrizes.

Com a pergunta de Lightfoot em mente, queria propor aqui elementos para uma reflexão sobre a evolução da questão da aquisição da gramática na teoria chomskiana, e a sua relação com a prática da análise sintática, desde o modelo de Aspects até o "Programa Minimalista" recentemente proposto por Chomsky, passando pelo modelo de Princípios e Parâmetros.

I) Aspects: a definição de uma tarefa a longo prazo

No mesmo trecho que contém as citações acima, Chomsky afirma que "para aprender uma língua, a criança deve então possuir um método próprio para elaborar uma gramática a partir dos dados linguísticos primários. É uma condição prévia da sua aprendizagem que disponha, primeiro, de uma teoria linguística caracterizando a forma da gramática de uma língua humana possível, e segundo, de uma estratégia lhe permitindo escolher uma gramática da forma apropriada compatível com os dados linguísticos primários." (pp.43-44 [25])

É importante insistir sobre a distinção estabelecida entre os dois componentes que permitem, segundo Chomsky, a aquisição da linguagem:

- 1) a teoria das gramáticas possíveis (a Gramática universal),
- 2) a estratégia de seleção das gramáticas.

Com efeito, como se verá, a noção de estratégia de seleção será praticamente deixada de lado durante os anos 80, quando se definirá a teoria de Princípios e Parâmetros. De uma certa maneira Chomsky justifica esse abandono provisório quando diz em seguida: "Por enquanto, estamos longe de poder construir sobre os esquemas inatos uma hipótese rica, detalhada, e suficientemente especificada para dar conta do fato da aquisição linguística. Em consequência, a tarefa principal da teoria linguística deve ser elaborar um tratamento dos universais que, por um lado, não será refutado pela diversidade efetiva das línguas, e que, por outro lado, será suficientemente rico e explícito para dar conta da rapidez e do caráter uniforme da aprendizagem linguística, bem como da complexidade e da extensão notáveis das gramáticas gerativas que são o produto dessa aprendizagem." (p.46 [27-28])

Reconhece-se aí o programa que leva, quinze anos mais tarde, ao modelo de "Regência e Ligação", rebatizado no final dos anos 80, de maneira mais adequada, de "Princípios e Parâmetros". Será preciso que esse modelo esteja bem fortalecido para que se volte a pensar na questão das "estratégias de seleção das gramáticas". Chomsky tinha portanto toda razão quando, nas mesmas linhas, dizia: "A título de tarefa de longo prazo [grifo meu, CG], deveríamos propôr à linguística geral o cuidado de dar conta dessa teoria linguística inata que fornece a base da aprendizagem linguística". (p.44 [25])

II) A teoria dos anos 80

Exatamente vinte anos mais tarde, num livro intitulado *Knowledge of Language , its nature, origin and use* , Chomsky redefine assim as perguntas às quais a teoria linguística deve, segundo ele, responder:³

- "1) O que constitui o conhecimento da língua?
- 2) Como o conhecimento da língua é adquirido?
- 3) Como o conhecimento da língua é posto em uso? " (op. cit. p.

Vêmos de novo a questão da aquisição colocada. Se a resposta à primeira pergunta é: "uma gramática gerativa particular", ou seja, diz Chomsky, "uma teoria do estado da mente/cérebro de uma pessoa que sabe uma língua particular", a solução da segunda será "uma especificação de GU [a gramática universal], junto com uma teoria de como os seus princípios interagem com a experiência para produzir uma língua particular". De novo, Chomsky coloca juntos os dois aspectos do problema lógico da aquisição. Por um lado, precisamos definir o conjunto das gramáticas possíveis, isso é GU. Mas também, precisamos entender como a criança equipada com GU se baseia numa certa experiência para "produzir" uma gramática particular. É interessante, de passagem, notar o aparecimento da terceira pergunta. Trata-se claramente, agora, da tarefa de "longo prazo" para a teoria. Com efeito, enquanto a resposta às duas primeiras são dadas por Chomsky no presente do indicativo, a terceira vem numa forma hipotética: " a resposta à terceira pergunta seria (grifo meu, CG) a teoria de como o conhecimento da linguagem alcançado entra na expressão do pensamento..." Esse contraste realça os progressos alcançados quanto às duas primeiras perguntas. Vinte anos se passaram desde *Aspects*, e um longo caminho foi percorrido na lida com "a tarefa principal da teoria linguística". Desenvolveu-se um "tratamento dos

³ As mesmas perguntas são colocadas no conjunto de conferências proferidas por Chomsky em Manágua, publicadas pelo MIT em 1988. Pelas suas condições de produção, trata-se de um texto mais acessível do que *Knowledge of Language*.

universais", em termos de princípios gerais que toda gramática deve satisfazer. Da teoria padrão, baseada em regras complexas, específicas aos fenômenos linguísticos das poucas línguas então estudadas, passou-se para a Teoria Padrão Estendida preocupada em limitar o alcance das regras e formular restrições gerais sobre a aplicação das mesmas. O pleno desenvolvimento desse programa é atingido com a Teoria de Government and Binding - Regência e Ligação-, no âmbito da qual se pode reduzir as regras transformacionais a uma, "Mover α ", cuja aplicação é restrita pelos diversos princípios, organizados em sub-teorias como a Teoria do Caso, da Ligação, das Categorias Vazias, etc...⁴. Coerentemente com a preocupação de "elaborar um tratamento dos universais" que não seja "refutado pela diversidade efetiva das línguas", a implementação desse programa é acompanhada por uma grande diversificação das línguas consideradas. É então que a questão da diferença começa a se articular à da universalidade. Dada a Gramática Universal, como explicar as diferenças entre as línguas? A noção de "parâmetro" torna-se assim central no programa de pesquisa, permitindo atender à segunda parte da tarefa definida por Chomsky em *Aspects*, ou seja um tratamento dos universais que seja "suficientemente rico e explícito para dar conta da rapidez e do caráter uniforme da aprendizagem linguística, bem como da complexidade e da extensão notáveis das gramáticas gerativas que são o produto dessa aprendizagem." Com efeito, a definição dos Universais em *Aspects* era geral demais e a formulação das gramáticas específica demais para que se pudesse, a partir da comparação das línguas, entender como a diversidade podia ser formulada no seio da própria teoria dos universais. Pela mesma razão, não se podia dar conta da rapidez e uniformidade da aquisição. Uma teoria de princípios traz no seu bojo uma teoria de parâmetros porque, ao tornar as regras mais abrangentes, e os universais mais precisos, ela torna as línguas comparáveis. Os diferentes valores atribuídos aos parâmetros de variação são responsáveis pelas diferenças entre as línguas. E tem mais: a aquisição agora pode ser definida como a fixação dos

⁴ Para uma história dessa evolução, ver Lobato (1987). Para introduções à teoria de Regência e Ligação, ou Princípios e Parâmetros, ver Haegeman (1991) e Raposo (1992).

parâmetros. A tarefa da criança, seja qual for a sua língua resume-se na descoberta dos valores atribuídos pela sua gramática a um conjunto finito de parâmetros definidos pela gramática universal.

O protótipo do parâmetro foi, no início dos anos 80, o chamado Parâmetro Pro-drop, ou Parâmetro do Sujeito Nulo. Ele é um bom exemplo do poder explicativo da noção. Com efeito, mostra-se que a propriedade do sujeito nulo vem associada a um conjunto de outras propriedades, como a possibilidade da inversão livre⁵ entre o sujeito e o verbo, a extração de um sujeito por cima de um complementador lexical, a posição dos clíticos, e a posição do verbo nas orações infinitivas. Vê-se facilmente como a noção de parâmetro vem trazer uma solução à questão da aquisição: a tarefa da criança é fortemente simplificada se a partir de um só parâmetro ela "adquire" várias propriedades da sua língua.

Os anos 80 trouxeram portanto um quadro conceitual fundamental para a questão da aquisição do saber linguístico, isso é para a segunda resposta definida por Chomsky em Knowledge, dando um passo crucial no cumprimento da tarefa de "dar conta dessa teoria linguística inata que fornece a base da aprendizagem linguística".

Sérios questionamentos, contudo, foram aparecendo no decorrer dos anos 80. O primeiro atingiu a definição mesma do que seja um parâmetro. No cotidiano das análises, muitas vezes, o conceito perdia parte do seu poder explicativo. Por um lado, nem todos os parâmetros propostos estavam claramente ligados a vários fenômenos. Muitos dos parâmetros formulados nos anos 80 correspondem a um só fenômeno, aquele que lhe empresta o seu nome. É o caso do "parâmetro do objeto nulo", ou mesmo do "parâmetro V2"⁶. Por outro lado, começou-se a verificar que nem todas as propriedades ligadas a um parâmetro eram compartilhadas por todas as línguas instanciando supostamente o mesmo valor. Nessas condições podia-se perguntar se mesmo um parâmetro bem estabelecido como

⁵ A inversão é dita livre quando ela não depende da presença de certos elementos para ser desencadeada. Em francês, por exemplo, a inversão sujeito-verbo não é livre porque se restringe a certas construções (interrogativas por exemplo).

⁶ V2 se refere à obrigatoriedade do verbo em segunda posição nas orações matrizes, típica das línguas germânicas (com a notável exceção do inglês) e escandinavas.

"Pro-drop", que se manifesta com propriedades altamente diferenciadas em línguas como o chinês, o francês antigo ou o italiano, era um parâmetro ou uma combinação de parâmetros.. Em resumo, o que está posto em discussão não é o próprio conceito de parâmetro, mas a natureza mesmo dos parâmetros, o seu exato status na gramática universal.

Note-se que este questionamento não deixa de estar ligado à outra questão, aquela que, de 65 a 85, e até o final da década de 90, foi deixada de lado pela maioria dos sintaticistas, a da "estratégia lhe permitindo [à criança] escolher uma gramática da forma apropriada compatível com os dados linguísticos primários.", e que tinha sido assim reformulada em 1985 por Chomsky: "uma teoria de como os seus princípios [de GU] interagem com a experiência para produzir uma língua particular". Com efeito, a definição de um número finito de parâmetros a serem fixados não resolve a questão da aquisição. Clark e Roberts (1992/1993) lembram que 30 parâmetros binários definem 2^{30} , ou seja 1.073.741.824 gramáticas. Se levar 1 segundo por gramática, o aprendiz levará 34 anos para passar por todas elas. O fato da aquisição ser obviamente mais rápida, independentemente da língua e do aprendiz, nos mostra que este segue pistas que prescindem uma revisão exaustivas de todas as possibilidades. Voltaremos mais abaixo essa questão, que constitui agora o verdadeiro desafio para a teoria.

Nos últimos anos, essas perguntas receberam um novo impulso graças ao desenvolvimento de uma nova área da linguística no quadro gerativista: a sintaxe histórica. Essa incursão no terreno diacrônico só foi possível porque, como afirma Marianne Adams na sua tese de 1987, a teoria é agora suficientemente forte para enfrentar só evidências positivas, e fragmentárias, uma vez que não se dispõe de falantes nativos para fornecer julgamentos de aceitabilidade. Isso aliás, de maneira interessante, aproxima o linguista da criança aprendendo a sua língua materna.

A hipótese fundamental dos estudos de mudança no quadro gerativista, é que a mudança com M majúsculo, ou seja a mudança gramatical, se dá na aquisição. Ela decorre de uma fixação de parâmetros tal que a gramática selecionada pela criança é diferente da

gramática dos pais. O seu estudo pode assim trazer grandes informações sobre a aquisição da linguagem⁷. Mas ao mesmo tempo, faz aparecer as insuficiências da teoria dos parâmetros. Em relação ao estudo comparativo, com efeito, o estudo diacrônico traz um vínculo novo: os dois sistemas linguísticos comparados, ou seja as duas gramáticas em análise se sucedem no tempo. Em algum momento, alguma geração de crianças escolheu a segunda em lugar da primeira. O quê, nos dados a que foram expostos as levou a fazer isso? O que mudou nos enunciados de tal maneira que escolhessem a gramática "errada"? Como, por contraste, nos casos de continuidade, a criança chega à mesma gramática dos pais? Vê-se que estamos confrontados diretamente à problemática da maneira como os princípios da teoria "interagem com a experiência para produzir uma língua particular".

A questão fundamental da mudança passa portanto a ser a mesma da aquisição: como são fixados os parâmetros pela criança? Não se pode mais evitar o problema da estratégia. O programa dos anos 90 torna assim central a questão da aquisição, ou, é melhor dizer, da seleção, da gramática pela criança. A questão da possibilidade da aprendizagem ("learnability") é explicitamente colocada. A teoria oferece um quadro cada vez mais restritivo, mas, veremos, que ao mesmo tempo torna possível, enfrentar mais que nunca na história da Gramática Gerativa, a relação entre desempenho e competência.

III. Os anos 90: programa minimalista e modelos de aquisição

Apesar dos grandes progressos alcançados na década de 80, um linguista gerativista teria muitas dificuldades em dar, no início dos anos 90, uma lista dos parâmetros de variação definidos pela gramática universal. Nem conseguiria definir de maneira muito clara a natureza desses parâmetros. Alguns são de natureza sintática, configuracional, como o parâmetro da atribuição do nominativo (Koopman e Sportiche 1991), ou o parâmetro da ordem (Travis 1984), outros são morfológicos, como o parâmetro do sujeito nulo, outros

⁷ Ver em particular Lightfoot 1989/1991 e Clark e Roberts (1992/1993).

ainda são lexicais como o parâmetro do pronome clítico (Clark e Roberts 1992/1993). Uma idéia contudo começa a ser aceita por todos: os parâmetros dizem respeito às categorias funcionais⁸. Ou seja, a variação relevante para a gramática é aquela que atinge categorias como flexão, complementador, determinante, negação, mas não nome, verbo ou adjetivo. Por outro lado, existem evidências de uma forte co-relação entre mudança sintática e mudança na morfologia flexional. Veja-se por exemplo a história do inglês, cuja sintaxe se modificou drasticamente com o empobrecimento dos paradigmas flexionais (Roberts 1993), ou do português brasileiro em que um fenômeno semelhante parece ter acontecido (Galves 1993 a,b).

Contudo, nem toda mudança sintática parece associável a uma mudança morfológica visível. É o caso por exemplo do francês antigo, que perde no final do século XV tanto as suas características de língua V2, quanto o sujeito nulo, sem nenhuma alteração morfológica visível. Outro exemplo interessante é o do português europeu cuja colocação de clíticos se modifica no século XIX sem nenhuma mudança no paradigma flexional.

No programa minimalista, Chomsky (1993, p.3) adota a hipótese forte de que "além das opções de forma fonológica e a arbitrariedade lexical, a variação se limita às partes não substantivas do léxico e às propriedades gerais dos itens lexicais". De maneira interessante para a nossa discussão aqui, a justificação para tal posição é de novo ligada à aquisição: "A variação deve ser determinada por aquilo que é visível para a criança adquirindo a língua, ou seja pelos Dados Linguísticos Primários. Não é surpreendente então encontrar um grau de variação no componente fonético e em aspectos do léxico... A variação na sintaxe aparente ou no componente de Forma Lógica seria mais problemática, já que a evidência seria bastante indireta". (id.)

Isso significa que não há variação nos tipos de regras existindo nas línguas. Contrariamente ao que se depreendia do sistema de Aspects, o "sistema de computação" que constroi as estruturas é o mesmo para todas as línguas. O que vai variar de uma língua

⁸ Para uma defesa e ilustração dessa idéia, ver em particular Ouhalla (1991)

para a outra é o momento da derivação em que a estrutura vai ser lida⁹ pelo componente fonético. Esse momento vai ser definido pelas propriedades dos traços abstratos das categorias funcionais. Quando esses traços são "fortes", eles são visíveis no componente fonético, mas não sendo objetos fonéticos, não podem ser interpretados nesse nível. Eles devem portanto desaparecer antes da leitura. Para desaparecerem, têm que ser verificados, ou checados¹⁰, pelos traços correspondentes carregados pelos itens lexicais. Por sua vez, para essa verificação ser feita, a categoria lexical tem que se mover até a categoria funcional. Esse movimento deve portanto ocorrer antes da leitura da estrutura, ou seja na parte visível da sintaxe. Quando os traços são fracos, ao contrário, o componente fonético não os vê. A checagem, e o movimento que a possibilita não precisa portanto acontecer na parte visível da sintaxe. Chomsky propõe por outro lado um princípio de economia chamado "Procrastinação", que poderia ser traduzido por "Quanto mais tarde melhor" que impede o movimento antes da leitura se não existe uma razão para isso. Em outras palavras, se um movimento não precisa acontecer na sintaxe visível, ele não pode acontecer na sintaxe visível. Assim, a natureza forte ou fraca das categorias funcionais determina se os movimentos são visíveis ou não. Cada gramática é assim definida por um conjunto de valores forte ou fraco atribuídos às categorias funcionais. A definição dos parâmetros confunde-se agora com a própria definição das categorias funcionais. E o número de parâmetros é igual ao número de traços associados às categorias funcionais. A gramática universal contém a potencialidade da variação sem que nenhuma teoria tenha que ser independentemente formulada. Nesse sentido, o programa minimalista constitui um grande avanço. Termos como "sujeito nulo", "objeto nulo", "V2" etc... referem claramente a fenômenos, e não correspondem forçosamente à fixação do mesmo parâmetro. Compare-se por exemplo o italiano e o chinês, duas línguas de "sujeito nulo", mas que têm claramente

⁹ Para se referir a essa "leitura", Chomsky emprega o termo "Spell-out".

¹⁰ O dicionário Aurélio define "checar" como "verificar, dando baixa". Pode-se entender o mecanismo proposto por Chomsky exatamente como esse "dar baixa" dos traços, ou seja o seu apagamento, na operação de verificação.

um tipo de concordância diferente. É certamente um conjunto de valores muito diferentes que produz um fenômeno idêntico nas duas línguas.

Já temos portanto a "teoria linguística caracterizando a forma da gramática de uma língua humana possível". Temos agora que enfrentar a outra parte da tarefa de longo prazo de Aspects, aquela que sempre foi colocada como atingindo ao nível explicativo: a compreensão da estratégia "permitindo escolher uma gramática da forma apropriada compatível com os dados linguísticos primários." (pp.43-44 [25]) Ou seja, como faz a criança para fixar os valores desses traços? Quais são os dados relevantes? Como são tratados pela criança? Todo mundo parece concordar que ela só usa dados positivos. Ela não é informada das impossibilidades da língua, a não ser esporadicamente, na ocasião de correções. E há um certo consenso entre os psicolinguistas de que isso não parece influir na aprendizagem¹¹. Um debate central porém concerne a natureza desses dados¹². Parece que a experiência linguística da criança é ao mesmo tempo ampla demais e reduzida demais. Por um lado. Lightfoot (1989/1991) afirma que o "gatilho" ("trigger"), entenda-se o que "detona" a fixação de parâmetros, "é alguma coisa a menos do que a experiência linguística total". Ele argumenta, na base de dados de mudança, que a criança não usa tudo que ouve, mas só dados de "grau-O", isso é, para fixar parâmetros, só é sensível ao que acontece em domínios não encaixados¹³. Mas por outro lado, será que os enunciados pertinentes contêm toda a informação necessária à fixação dos parâmetros? Tome-se por exemplo o caso de uma língua que não aceita sujeito nulo, como o francês. Se a criança não tem acesso a dados negativos, como faz para saber que não tem sujeito nulo? O simples fato de que só orações com sujeito lexical explícito lhe sejam apresentadas não basta, já que as línguas de sujeito nulo também autorizam sujeitos lexicais. O que a impede de fixar o parâmetro de tal

¹¹ Para uma discussão recente da questão, ver Marcus (1993).

¹² Para uma boa idéia desse debate ver Lightfoot (1989) e os comentários que o acompanham.

¹³ A noção de domínio não encaixado é um pouco mais ampla do que a de oração matriz e pode abranger o complementador e a flexão encaixada.

maneira que a sua gramática produza, além de sujeitos lexicais, sujeitos nulos? Existem várias maneiras de enfrentar essas questões. Uma delas consiste em definir um valor "default" para os parâmetros, que só é mudado na base de evidências positivas (Hyams 1986). Outra, assumida por Clark e Roberts (1992/1993), foi proposta no quadro gerativista por Berwick (1985) sob o nome do Princípio do Subconjunto. A idéia é que as crianças escolhem a menor linguagem possível compatível com os dados. Na ausência de evidências positivas a respeito da existência de um dado fenômeno, as crianças escolhem a gramática mais restritiva, ou seja aquela que não permite esse fenômeno. Clark e Roberts explicam assim a perda da propriedade V2 em francês. Uma conjunção de fatores leva à perda dos fenômenos que, segundo eles, funcionavam como "gatilhos" para a fixação positiva do parâmetro. Na ausência dessas evidências positivas, dizem os autores, "as crianças se baseiam na sua própria estrutura interna para selecionar as alternativas" e escolhem a menor gramática possível. Um outro exemplo da "estrutura" interna da criança é segundo eles a "Estratégia do Menor Esforço". De novo na ausência de robustas evidências positivas em favor de uma estrutura, as crianças escolherão a estrutura mais simples possível, aquela que envolve menos passos derivacionais.

Apesar de serem ambos princípios de aquisição, é preciso contudo estabelecer uma distinção entre o Princípio do Subconjunto e a Estratégia do Menor Esforço. O primeiro regula a fixação dos parâmetros. O segundo diz respeito à atribuição de descrições estruturais aos enunciados. Apesar dessa atribuição também resultar na fixação de parâmetros, é interessante manter os dois níveis distintos. De um ponto de vista diacrônico, o segundo tem a ver com o que Roberts chama "reanálise". As crianças "reanalizam" os enunciados produzidos pelos seus pais quando atribuem a esses uma descrição estrutural diferente daquela que lhes é atribuída pela gramática paterna. Roberts propõe uma interessante distinção entre as noções de reanálise e mudança paramétrica baseada na dicotomia estabelecida por Chomsky (1985, 1988) entre *Lingua-E(xterna)* e *Lingua-I(nterna)*. A *Lingua-E* é o conjunto dos enunciados produzidos por uma comunidade

linguística. A Língua-I é o saber interiorizado pelo falante. Segundo Roberts, a reanálise reflete a relação entre a Língua-E dos pais e a Língua-I dos filhos, enquanto que a mudança paramétrica define a relação de uma gramática com a outra, ou seja põe em relação duas Línguas-I. É preciso ressaltar que as crianças em momento algum têm acesso à gramática, à Língua-I, dos pais. Eles só têm acesso às suas produções linguísticas, à sua língua-E. Essa constitui a experiência linguística primária da criança, a partir da qual ela constroi a sua própria competência, a sua língua-I. Nesse sentido, do ponto de vista da aquisição e não mais da mudança, o termo "análise" talvez seja mais adequado que o termo "reanálise", já que, contrariamente à segunda, a primeira não se constitui em relação a uma análise prévia, mas diretamente em relação a enunciados.

Voltamos assim à questão central: como é que, frente a enunciados produzidos pela gramática paterna, as crianças acabam selecionando uma outra gramática, isto é, fazem a análise "errada" dos dados? Que tipo de modificações externas à gramática provoca a reanálise? Como já foi mencionado acima, a resposta a essa questão pode nos pôr a caminho do que é relevante nos dados para o processo de seleção da gramática. Para retomar uma expressão bastante difundida agora, o problema é: como é "detonada" a fixação paramétrica, quais são os seus "gatilhos" ("triggers")?

Uma característica comum da maior parte dos trabalhos recentes sobre a questão é o fato de considerarem quase que exclusivamente gatilhos de natureza sintática, i.e fenômenos de ordem e de preenchimento de certas posições. Clark e Roberts contudo aludem várias vezes a princípios de explicação alternativos. Por exemplo, as crianças poderiam fixar negativamente o parâmetro do sujeito nulo em função de uma morfologia verbal insuficientemente rica. Nesse caso, o princípio do Subconjunto seria irrelevante. Eles lembram também que os "valores dos parâmetros podem ser afetados por fatores não sintáticos, em particular mudanças fonológicas." (C&R1993, p.322). O que está colocado com a questão dos gatilhos, é a questão dos dados positivos. Acima, admitimos que certos valores de parâmetros podiam carecer de evidências positivas disponíveis para a criança.

Para enfrentar essa insuficiência, apelava-se para o Princípio do Subconjunto ou a Estratégia do Mínimo Esforço. Levar em conta dados de natureza diferente relança o debate e coloca a pergunta: para fixar os parâmetros, ou seja para selecionar uma gramática, a criança usa eventualmente evidências de natureza externa à gramática?

Adams, na tese já referida, retoma uma idéia clássica a respeito da perda do fenômeno V2 em francês antigo. Segundo ela, essa mudança estaria ligada à perda do acento inicial de frase típico das línguas germânicas. Adams atribui a restrição V2 a dois parâmetros. Um é sintático e diz respeito ao momento da derivação em que o verbo sobe para a categoria Comp. Em certas línguas (V2, VSO) esse movimento se dá na sintaxe visível, enquanto que em outras línguas, só acontece em Forma Lógica. Mas, segundo ela, o outro parâmetro é de natureza rítmica e diz respeito à existência de um acento de intensidade na primeira posição da frase. Esse acento força o movimento de um sintagma em primeira posição, imediatamente antes do verbo. Apesar de ser bastante atraente, essa idéia é dificilmente formalizável numa teoria que afirma a autonomia da sintaxe. Um movimento sintático não pode ser provocado por um esquema acentual. Consciente da restrição imposta pelo modelo, Adams é obrigada a propôr que, de fato, a prosódia funciona como um filtro. A sintaxe gera as frases impossíveis, mas essas, não sendo interpretáveis pelo padrão acentual, serão rejeitadas como mal-formadas. Note-se que essa formulação não deixa de enfraquecer a tese da autonomia da sintaxe, uma vez que elementos não sintáticos acabam funcionando como princípio restritivo. Apesar de apresentar um conjunto de fatos extremamente interessantes, Adams não convenceu. Talvez a sua dificuldade em sustentar a sua hipótese fosse devida à ausência, na época em que escreveu a tese, de um modelo explícito de seleção de gramática. Adams situa-se explicitamente na corrente que relaciona mudança e aquisição, mas na falta de instrumentos conceituais adequados, não propõe efetivamente um modelo. Ela aponta contudo para um caminho inovador, quando, ao tentar evitar o problema do retorno da fonologia sobre a sintaxe, ela situa o ritmo no campo do desempenho, e diz (op. cit. p.207): " se as regras de eurritmia fossem parte do

componente fonológico, elas deveriam ser incapazes de fazer qualquer contribuição à ordem das palavras (...); por outro lado, se estiverem fora da gramática, em condições de comportamento rítmico bem formado, então as objeções não precisam aparecer". Acrescenta: "A maneira exata, no entanto, em que as condições linguísticas e não linguísticas interagem para filtrar sequências mal formadas ritmicamente está situada numa teoria do desempenho, sobre a qual se sabe ainda muito pouco". A questão da interação desempenho/competência é de fato incontornável na aquisição. Com efeito, repetindo o que já foi dito acima em outros termos, as crianças não têm acesso à competência dos pais mas a seu desempenho. Este é a fonte da sua própria competência. Talvez aí se possa recuperar de maneira mais interessante, e menos casuista, a idéia do ritmo como filtro, justamente no próprio processo de aquisição.

É o que se propõe fazer num artigo recente, que escrevi em co-autoria (Galves e Galves 1993). A análise toma como ponto de partida a mudança ocorrida no Século XIX em Portugal que afetou a colocação de clíticos. A partir de escritores como Camilo Castelo Branco (nascido em 1825) e Júlio Dinis (nascido em 1839), a ênclise torna-se obrigatória em orações simples afirmativas com sujeito referencial. Tem-se assim "O Paulo viu-me" e não "O Paulo me viu". Ora, até Almeida Garrett (nascido em 1799), próclise e ênclise co-existem. Mas contrariamente aos autores nascidos até 1750, onde a primeira é majoritária (Salvi 1990, Torres Moraes 1994), Almeida Garrett já usa mais a ênclise do que a próclise, numa proporção de 70 para 30%. Uma geração depois, a próclise está excluída.

O que aconteceu? A hipótese defendida no artigo é que essa mudança se deveu a uma mudança na maneira de falar, que deu origem à pronúncia atual do português europeu, caracterizada pela forte redução, e muitas vezes elisão, das vogais átonas. Vários historiadores do português, entre os quais Révah (1954), Silva Neto (1952) e Teyssier (1980) se referem a essa mudança e a situam na segunda metade do séc. XVIII. Révah afirma: "A modificação mais grave que tenha afetado a pronúncia portuguesa desde o séc. XVI é certamente o valor de *e* mudo dado ao *ê* fechado em posição pretônica não inicial,

postônica e final, ou mesmo, muitas vezes, o desaparecimento de qualquer vestígio desse antigo ê fechado átono. Disse a modificação mais grave porque atinge a estrutura mesma das palavras" (op. cit. p.391). Ele cita o foneticista português do séc. XIX, Gonçalves Viana, que nota que os atores da sua época não podiam mais declamar Camões em decassílabos. Com efeito, um verso como

E se vires que pode merecer-te

perde duas sílabas por causa da elisão do e, sendo pronunciado como representado abaixo:

E se vir's que pode mer'cer-te

Essa referência à poesia é extremamente pertinente porque ela faz aparecer o aspecto rítmico da modificação na pronúncia das vogais. Com efeito, essa mudança fonética pode ser considerada como o reflexo de uma mudança nos padrões acentuais da língua, que pode ser descrita informalmente como a tendência em "saltar" de uma sílaba acentuada para a outra, minimizando a pronúncia das sílabas átonas intermediárias.

Qual é a relação dessa mudança com a perda da próclise¹⁴?

No artigo referido acima, a relação entre a prosódia e a sintaxe é formulada num modelo probabilístico da aquisição. A prosódia intervém em dois níveis no processo. Primeiro, fazemos a hipótese que a amostra de evidências positivas apresentada à criança é escolhida segundo uma medida de probabilidade que depende não só da gramática dos pais mas também da sua prosódia. A gramática determina o suporte da medida de probabilidade, isto é determina quais são as gramáticas possíveis. Sobre essas orações possíveis, a prosódia define probabilidades de ocorrência em situação de variação.

A inversão da frequência relativa da próclise e ênclise observada em Almeida Garrett, que ainda apresenta variação mas, contrariamente às gerações que o precedem, recorre muito mais à ênclise (70% dos casos em que a escolha é possível), pode ser interpretada

¹⁴ Vale ressaltar que uma outra importante mudança sintática acontece ao mesmo tempo: a perda das construções V2 (Salvi 1990, Torres Moraes 1994).

como o reflexo da preferência dada pela prosódia da sua época à estrutura rítmica instanciada pelos enunciados enclíticos. Por outros aspectos, podemos sustentar que a gramática de Garrett continua sendo a das gerações que o precederam, mas, uma vez descontado o caráter conservador da escrita em relação à língua falada¹⁵, pode-se imaginar que, nessa época, a probabilidade de ocorrência dos enunciados proclíticos diminuiu muitíssimo. Abaixo de um certo ponto crítico, isso leva a uma situação em que a amostra de evidências positivas oferecida à criança aprendiz já não contém construções proclíticas. Aparentemente isso aconteceu com a geração dos filhos de Almeida Garrett. Não encontrando próclise na amostra, a criança ainda assim tem que escolher entre duas gramáticas que produzem a ênclise. A dos pais, o português clássico, e a inovadora, o português europeu moderno. Ora, assumimos que essas duas gramáticas não atribuem a mesma estrutura às orações enclíticas. Na primeira o sujeito está fora da fronteira da oração, em posição topicalizada (ver Salvi 1990 entre outros). Na segunda o sujeito está dentro da oração (Madeira 1992. Manzini 1992), na posição na qual recebe o caso nominativo. A escolha de uma ou outra estrutura não pode se basear na ausência da próclise na amostra uma vez que a criança só usa dados positivos. Uma possibilidade seria recorrer à Estratégia do Mínimo Esforço, já que a estrutura inovadora comporta menos passos na derivação. Uma outra via é levar em conta os dados não gramaticais de que a criança dispõe: o ritmo. A escolha é entre uma gramática que coloca uma fronteira entre o sujeito e o verbo (português clássico), e uma gramática que não coloca tal fronteira (português europeu moderno). Num modelo probabilístico da aprendizagem, a criança escolherá a gramática que maximiza a probabilidade da escolha da amostra.

O cálculo de maximização leva crucialmente em conta o padrão prosódico preferencial, que a criança já conhece. Um ritmo é feito de transições entre sílabas acentuadas e não acentuadas. Um padrão prosódico define preferências, ou pesos, associados a essas

¹⁵ Torres Moraes (1994) nota que a próclise é mais frequente na correspondência de Garrett do que no seu teatro.

transições. Vimos acima que a inovação do final do séc XVIII pode ser descrita como uma tendência em minimizar a distância entre duas sílabas acentuadas, o que resulta em elisões sempre que possível. A partir do momento em que o peso da transição acento/acento ultrapassa um certo ponto crítico, a gramática mais provável é aquela em que nenhuma fronteira de oração intervém entre o sujeito e o verbo, portanto a do português moderno¹⁶.

Note-se que esta análise pressupõe que a criança saiba que a fonologia interpreta a sintaxe, fornecendo-lhe assim pistas para a sua análise. Não há portanto nenhuma incompatibilidade com a organização da gramática gerativa. Mas a idéia crucial é que, na ordem da aquisição, a prosódia é aprendida primeiro, e funciona como um filtro para a seleção da gramática¹⁷. Note que a noção de filtro aí é bem diferente da de Adams. Na gramática resultante, o ritmo não determina a gramática em nível algum, nem dentro nem fora dela. A parametrização pode ser formulada em termos puramente gramaticais (voltaremos a esse aspecto mais abaixo).

Em resumo, esse modelo, além de formalizar a idéia bastante aceita que a prosódia pode alterar os dados primários, atribui a essa um papel determinante na seleção da gramática. Isso permite evitar ter de recorrer a princípios como o do Subconjunto que são suspeitos uma vez que a definição do que seja uma gramática menor repousa numa definição muito fenomenológica dos parâmetros, que se quer abandonar. Note-se que uma noção como a do Menor Esforço é também problemática, uma vez que ela implica uma comparação de duas derivações possíveis envolvendo contagens de passos derivacionais (Roberts 1993). Uma abordagem da seleção gramatical dirigida pela prosódia é mais simples

¹⁶No referido artigo, assumimos que as transições definidas pela prosódia têm a fronteira como um dos seus possíveis elementos. O cálculo de maximização envolve portanto uma relação entre o peso da transição fronteira-acento e da transição acento-acento. Uma outra possibilidade é considerar que no mapeamento sintaxe-prosódia as fronteiras de oração equivalem a não-acento.

¹⁷Dados muito interessantes sobre a aquisição da prosódia encontram-se em Scarpa (1994) que mostra que desvios de acentuação em crianças na fase de uma só palavra podem ser interpretados como o efeito de uma acentuação de sintagma no nível da palavra, mostrando que a criança já fixou os parâmetros acentuais nesse nível antes de produzir os enunciados correspondentes. Se além disso aceitarmos a proposta de Cinque (1993), que diz que o acento principal de oração cai no sintagma mais encaixado, a observação de Scarpa indica que a criança usa o contorno acentual como um guia para analisar as orações da língua materna e portanto para fixar o valor dos seus parâmetros.

pois ela é baseada na idéia que toda fixação paramétrica depende de evidências positivas. Nesse sentido, ela dá conta de maneira mais interessante da maneira como princípios de GU "interagem com a experiência para produzir uma língua particular".

Pode parecer contudo que desviamos um pouco da questão inicial da fixação dos parâmetros. Na análise do português proposta acima, as crianças não fixam propriamente parâmetros, mas atribuem uma estrutura a orações. Contudo, a atribuição dessa estrutura pode ser, a posteriori, formulada em termos de fixação de valores paramétricos. Com efeito, no programa minimalista, a instanciação de toda e qualquer estrutura pressupõe valores atribuídos às categorias funcionais envolvidas, já que são elas que são responsáveis pela posição dos itens da oração no momento da leitura ("spell-out"). No caso da história da colocação dos clíticos no português europeu, propus (Galves 1994) que os valores afetados pela mudança foram os dos traços da categoria Comp. Não interessa discutir os detalhes dessa proposta aqui, o que é importante é ressaltar que se, por um lado, a análise desenvolvida acima é compatível com uma parametrização do tipo minimalista, por outro lado, ela aponta para uma concepção nova da fixação dos parâmetros. No caso em análise, não há nenhuma relação imediata entre a natureza do parâmetro e a maneira como a criança chega a fixá-lo, ou seja entre o valor de um traço de Comp e o padrão prosódico. De fato, existe um passo intermediário consistindo na atribuição de uma descrição estrutural às orações. A fixação paramétrica é função dessa análise. Trata-se de uma concepção indireta da fixação dos parâmetros, baseada numa extensão à aquisição da dicotomia proposta por Roberts a respeito da mudança. A definição de dois níveis definidos em relação aos conceitos de *Lingua-E* e *Lingua-I*, análise e fixação paramétrica, permite integrar fatores externos no processo de aquisição sem pôr em questão a autonomia da sintaxe. Fatores como o ritmo intervêm na análise porque o seu "input" é a *língua-E*, mas é a estrutura definida pela análise que serve de "input" à fixação dos valores paramétricos, definindo uma *língua-I*, uma gramática.

Isso nos traz de volta à questão já mencionada da visibilidade morfológica da parametrização dos núcleos funcionais, e da complexa relação entre morfologia e sintaxe. Se a seleção dirigida pela prosódia está no caminho certo, não há razão, em geral, para que o valor de um determinado traço de uma categoria funcional corresponda a uma realização morfológica de mesmo valor, porque as crianças podem chegar a esse valor por outras vias. A questão de saber se as crianças se baseiam em dados de natureza morfológica para a sua análise requer mais estudos empíricos bem como a consolidação das hipóteses vigentes sobre a forma da gramática. Por enquanto temos índices de que existe uma co-relação. A análise proposta aqui mostra que o fato de que essa co-relação não seja absoluta não é um problema para a teoria.

Para terminar, gostaria de apontar para um outro aspecto importante do Programa Minimalista, que permite integrar de maneira particularmente interessante a análise proposta acima ao arcabouço geral da teoria, uma vez que formaliza a relação desempenho/competência no seio da própria organização da gramática. Uma das grandes inovações do modelo é que ele reduz os níveis de representação da gramática a dois: Forma Fonética e Forma Lógica¹⁸. Crucialmente, esses níveis são definidos como níveis de interface com os sistemas de desempenho: "A língua é encaixada em sistemas de desempenho, o que permite que as suas expressões sejam usadas para articular, interpretar, referir, perguntar, refletir, e outras ações. Podemos pensar nas descrições estruturais como em complexos de instruções para esses sistemas de desempenho, fornecendo informação pertinente às suas funções ... Os sistemas de desempenho parecem ser de dois grandes tipos: articulatório-perceptivo e conceitual-intencional. Assim uma expressão linguística contém instruções para cada um desses níveis." (Chomsky 1993, p.2). Além disso, os princípios restringindo as representações são agora entendidos como condições de interpretabilidade pelos sistemas de desempenho: "As condições sobre as representações - teoria da ligação,

¹⁸ O modelo precedente tinha mais dois níveis: Estrutura-D, definida como a projeção imediata das propriedades dos itens lexicais, e Estrutura-S, o nível de bifurcação entre o componente fonético e o componente lógico.

teoria do caso, teoria temática etc.. - se aplicam na interface, e são motivadas pelas propriedades da interface, que talvez devam ser entendidas como os modos de interpretação dos sistemas de desempenho. As expressões linguísticas são as realizações ótimas das condições de interface..." (id. p.4). Como já disse acima, a relação entre competência e desempenho nunca foi tão claramente colocada. Nesse quadro de interação fortemente assumido entre o que está dentro e está fora da gramática, a possibilidade da influência do ritmo sobre as estruturas sintáticas só implica que se reconheça na aquisição a inversão da ordem dos componentes em interface. Não é absurdo pensar que a criança se baseia na sua percepção dos sistemas de desempenho, tanto articulatório-perceptivo quanto conceptual-intencional, na sua aquisição da linguagem, sendo que o primeiro é crucial, se o programa minimalista tem razão, para a seleção da gramática particular a ser adquirida.

Referências bibliográficas

Adams, M. (1987) Old French, Null subject and V-Second phenomena, tese de doutorado. UCLA.

Berwick, R. (1985) The acquisition of syntactic knowledge, Cambridge: MIT Press.

Chomsky, N. (1965) Aspects of the Theory of Syntax, MIT Press. Tradução francesa, 1971, Paris: Editions du Seuil.

(1985) Knowledge of Language, its nature, origin, and use, New York: Praeger.

(1988) The Managua Lectures, Cambridge: MIT Press.

(1993) "A minimalist program for linguistic theory", in K. Hale and S. J. Keyser (eds) View from Building 20, Cambridge: MIT Press.

Cinque, G. (1993) "A null theory of phrase and compound stress", Linguistic Inquiry, 24.

Clark, R. e I. Roberts (1992) "A computational model of language learnability", D.E.L.T.A vol.8, n° especial .

(1993) "A computational model of language learnability and language change", *Linguistic Inquiry* 24.

Da Silva Neto, S. (1952) *História da língua portuguesa*, Rio de Janeiro: Livros de Portugal.

Galves, C. (1993a) "O enfraquecimento da concordância no português brasileiro", in Roberts e Kato (eds) *Português Brasileiro, uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP .

(1993b) "Clitiques et accord en portugais brésilien", a ser publicado em B. Schlieben-Lange e I. V. Koch (eds) *Linguistik in Brasilien*, Tübingen: Niemeyer.

(1994) "Clitic-placement and Parametric Changes in Portuguese", comunicação apresentada no 25° Linguistic Symposium on Romance Languages, UCLA/USC.

Galves, A. e C. Galves (1993) "Identificação de gramática orientada pela prosódia: um modelo de mudança", comunicação apresentada no Encontro de Gramática Gerativa, UNICAMP, 7 e 8 de junho de 1993 .

Haegeman, L. (1991) *Introduction to Government and Binding Theory*, Oxford: Blackwell.

Hyams, N. (1986) *Language acquisition and the theory of parameters*, Dordrecht: Reidel.

Koopman, H. e D. Sportiche (1991) "Subjects", *Lingua* 85,2-3.

Lobato, L. (1987)

Lightfoot, D. (1989) "The child's trigger experience: Degree of learnability", *Behavioural and Brain Sciences* 12.

(1991) *How to set parameters*, Cambridge: MIT Press.

Madeira, A.M. (1992) "On clitic-placement in European Portuguese", Working Papers in Linguistics 3, Department of Phonetics and Linguistics, University College, London.

Manzini, M.R. (1992) "Second position dependencies", comunicação no 8º Workshop on Germanic Syntax, Tromsø.

Marcus, G. (1993) "Negative evidence in language acquisition", Cognition 46.

Ouhalla, J. (1991) Functional categories and parametric variation, Londres: Rutledge.

Raposo, E. (1992) Teoria da gramática: a faculdade da linguagem, Lisboa: Caminhos.

Révah, I. (1954) "L' évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVIè siècle à nos jours". In Anais do primeiro Congresso Brasileiro da língua falada no teatro, Salvador.

Roberts, I. (1993) Verbs and Diachronic Syntax, Dordrecht: Kluwer.

Scarpa, E. (1994) "Prosody acquisition: sound and syntax", comunicação apresentada no Workshop on statistical physics, pattern recognition and grammar selection, Instituto de Estudos Avançados/USP, a sair nos Working Papers.

Salvi, G. (1990) "La sopravvivenza della legge di Wackernagel nei dialetti occidentali della Penisola Iberica", Medioevo Romanzo, 15.2.

Teyssier, P. (1980) Histoire de la langue portugaise, Paris: PUF.

Torres Moraes, M.A (1994) Aspectos diacrônicos do movimento do verbo e do clítico, caso nominativo e estrutura de frase no português europeu. Tese de doutorado, UNICAMP.

Travis, L. (1984) Parameters and effects of word order variation, Tese distribuída pelo MIT Working Papers in Linguistics, MIT.

March 10, 1995

A Case Study of Prosody Driven Language Change.

From Classical to Modern European Portuguese.

by

A. Galves* and C. Galves **

Abstract:

Prosody plays a crucial role in grammar selection, restricting the possible values of the parameters to be set. In the present work we present a formal account of this claim, using the Thermodynamical Formalism. In this framework, the sample of positive evidence presented to the child is chosen according to a Gibbs state defined by the potential associated to the prosody. Given a sample of sentences of the parental grammar and given a prosodic pattern, the child choses the grammar according to a maximum likelihood principle. We argue that such a model accounts for both language acquisition and language change. As an example we study the change in clitic placement from Classical to modern European Portuguese .

Partially supported by CNPq grants 301301/79 (AG) and 301086/85 (CG). This research is part of FAPESP's Projeto Temático *Transição de Fase Dinâmica em Sistemas Evolutivos*.

* Instituto de Matemática e Estatística, Universidade de São Paulo, BP 20570, 01452-970 São Paulo, SP, Brasil, galves@ime.usp.br

** Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, BP 6045, 13081-970, Campinas, SP, Brasil, galvesc@ccvax.unicamp.br

1. Introduction.

An important syntactic change took place in European Portuguese at the beginning of the 19th century, which affected both phrasal order and clitic placement. In this paper we argue that this change was driven by an alteration of the prosodic pattern of words and sentences which took place by the end of the 18th century.

As proposed by Lightfoot (1979), grammatical changes occur in the acquisition process. As a consequence of this assumption, any model of language change must be based on a model of grammar acquisition. In the *Principles and Parameters* approach to grammar¹, the child acquires his native language by fixing the values of a finite set of parameters defined by Universal Grammar. Since the set of the values each parameter may assume is itself finite, language acquisition is actually selection of an element in a finite set.

In the present paper we introduce a probabilistic model of grammar selection which attributes a leading role to prosody. On one hand, this model describes the way a sample of morphological expressions of sentences is offered to a learning child. On the other hand, it describes the way the learning child selects a grammar based on the sample of positive evidence available to him. In both cases, prosody plays a crucial role.

The probabilistic characteristic of the model mimics the fact that the sample of sentences provided to the learning child as positive evidence is a consequence of successive choices made essentially in a random way, obeying only the restrictions of the parental grammar and prosody. We make the hypothesis that this sample is chosen according to a probability measure depending on both the parental prosodic pattern and on the parental grammar.

The probabilistic characteristic of the model also expresses the complex nature of the identification principle which guides the learning child. Given a sample of sentences, the child chooses a grammar by attributing structures to the morphological expressions present in this sample. S/he accomplishes this task by looking for the structure which fits better to the parental prosodic pattern. We claim that this is done through a procedure which is reminiscent of the Statistical Physics approach to pattern recognition.

The Thermodynamical Formalism provides a suitable framework, in which the notions of prosodic pattern and grammar can be put together in the definition of the probability measure governing the choice of the sample of positive evidence. Roughly speaking, given a discursive context, the grammar says which sentences are available and prosody says what is the probability to choose a sentence among all the available ones.

This model accounts for the robustness of language acquisition even in the presence of a restricted sample of sentences provided as positive evidence. It also accounts for language change. Depending on the prosodic pattern, the identification procedure may lead the learning child to choose a grammar which differs from the parental one. As an example we study the change in clitic placement from Classical to modern European Portuguese.

D. Lightfoot called his presentation book on Generative Grammar *The Language*

¹ . The Principles and Parameters approach has been developed in a systematic way by Chomsky and others from the seminal Pisa Conferences in 1979 till the *Minimalist Program* (Chomsky 1993, 1994). For a general presentation of this model, we refer the reader to Chomsky (1986).

Lottery. A lottery supposes the existence of a probabilistic device. Our aim in this paper is to explain how it works.

This paper is organized as follows. In section 2 we present the data which are relevant for our description of the change from Classical to modern European Portuguese. A formal description of those facts, based on the Minimalist version of the Principles and Parameters model, is given in section 3. In section 4 we present the identification model which will be the guideline of the whole study. In section 5 we define the probability measures governing the choice of ClP and EP clitic clauses. With all these elements at hand, in section 6, we show how a prosodic modification can be used to explain the jump from ClP to EP. Finally, section 7 is devoted to a general discussion of the model.

2. The data.

We now present the syntactic and phonological data which are relevant for our analysis. First, Portuguese has always been a SVO language, as exemplified in O.

- 0) Paulo ama Virgínia.
Paulo loves Virgínia.

From at least the 16th century until the beginning of the 19th century, in root affirmative sentences with non-quantified subjects, both proclisis and enclisis were possible, as exemplified in 1 and 2 .

- 1) Paulo a ama.
Paulo her loves.
"Paulo loves her".
- 2) Paulo ama-a.
Paulo loves-her.
"Paulo loves her".

During the 19th century a change affecting the syntax of clitic-placement occurred in the language spoken in Portugal (cf Benincà in press, Salvi, 1990 and Torres Morais, 1995). As a result, sentences like 1 became ungrammatical and 2 remained as the only option for root affirmative sentences with non-quantified subjects². This change, however, did not concern sentences like 3 with quantified or *Wh*-subjects in which proclisis was, and continues to be, the only option.

- 3) Quem a ama?
Who her loves?
"Who loves her?".

We shall call *Classical Portuguese* (henceforth ClP) the language generating sentences 1, 2 and 3, and *Modern European Portuguese* (henceforth EP) the language generating

² At the same time, as shown by Salvi (1990) and Torres Morais (1995), important changes showed up in word order. The frequency of V_2 constructions, with non subjects in first position, fairly high in ClP, not only decreased drastically, but also their occurrence are now restricted to focalized XPs.

only 2 and 3³.

The change in clitic placement from CIP to EP can be seen in two tables from Torres Morais (1995). The first table presents data extracted from works by five authors born from the last decade of the 17th century to the second half of the 18th century (the precise references are given at the end of this paper). It shows the typical situation of Classical Portuguese where, in contexts where there is variation, proclisis is clearly dominant. In the sample considered by Torres Moraes, the occurrence of enclisis does not exceed 44% of the total.

Table 1. <i>Clitics in Classical Portuguese</i>			
Author (birth year)	Proclisis	Enclisis	% Enclisis
Gusmão (1695)	27	0	0%
Castro (1700)	15	1	7%
Oliveira (1702)	39	7	16%
Judeu (1705)	27	6	19%
Verney (1713)	14	11	44%
Marquês (1728)	30	10	25%
Marquesa (1750)	34	23	40%

Table 2 shows quite a different picture. The data presented are from works of writers born between 1799 and 1839. In the first of them, Almeida Garrett, we observe an inversion of the relative frequencies of enclisis and proclisis. It is now enclisis which dominates. In Camilo Castelo Branco and Júlio Dinis, respectively born in 1825 and 1839, proclisis almost disappears. Actually, Torres Moraes notes that the few remaining cases of proclisis in these authors occur in marked contexts. We shall argue below that Almeida Garrett belongs to the last generation of Classical Portuguese speakers, while Camilo Castelo Branco and Júlio Dinis are already Modern European Portuguese speakers.

Table 2. <i>From Classical to Modern European Portuguese</i>			
Author (birth year)	Proclisis	Enclisis	% Enclisis
Garrett (1799)	11	37	77%
Camilo (1825)	6	70	92%
Dinis (1839)	3	24	88%

³ The label *Classical Portuguese* follows the tradition. The term *European* is meant to distinguish EP from the Brazilian version of Modern Portuguese.

⁴ An exception is provided by the 17th century texts of Padre Vieira in which, as remarked by Martins (1993), enclisis largely overweights proclisis. This fact leads Martins to conclude that the change from CIP to EP took place during the 17th century. Her conjecture is contradicted by the data reported by Torres Morais. It seems more reasonable to explain this discrepancy by a stylistical choice of Vieira.

This syntactic change was preceded by a phonological one. The prosodic pattern of Portuguese suffered a major modification during the second half of the 18th century. An evidence of such a modification can be found in the reduction of /e/ to /ə/, in all the non stressed syllables. (cf Révah 1954, Silva Neto 1952 and Teyssier 1980)⁵. Révah considers this the more serious modification which affected the portuguese pronunciation since the 16th century because it affects the very structure of the words⁶.

Révah quotes the 19th century portuguese phoneticist Gonçalves Viana, who shows that the following verse of the 16th century portuguese poet Camões

E se vires que pode merecer-te

loses two syllables when pronounced by a 19th actor, because of the elision of the /e/, becoming

E se vir's que pode mer'cer-te.

We shall argue that this prosodic modification is responsible for the syntactic change affecting Portuguese at the beginning of the 19th century.

3. The grammars of clitic-placement in CIP and EP.

The aim of this section is to sketch the grammars involved in the change in clitic-placement from CIP to EP. To do this, let us review the analyses of CIP and of the change to EP proposed by Salvi (1990) and Benincà (in press), as well as the analyses of EP proposed by Madeira (1992), and Manzini (1992).⁷

Madeira (1992) and Manzini (1992) work with the following two hypotheses about clitic placement in EP.

a) Only one functional category contains the clitic and the verb in both proclitic and enclitic constructions.

Hypothesis a, together with Kayne's left-adjunction hypothesis leads to hypothesis b.

b) Proclisis corresponds to a structure in which the clitic has adjoined to the verb in *Infl*. But in enclitic structures, it is the verb which adjoins to the clitic. In this configuration, the clitic occupies the head of *Comp* and the verb must raise to *Comp* in order to bind the clitic, which is an affix.

It is worth noting that this analysis implies that the structure of the enclitic sentences is different from the structure of the sentences without clitics, since the only reason for the

⁵ For an alternative account of the history of portuguese prosody, see Carvalho 1988-1992.

⁶ "La modification la plus grave qui ait affecté la prononciation portugaise depuis le 16^e siècle est certainement la valeur de e muet donné à l'ê fermé en position prétonique non initiale, postonique et finale ou même, souvent, la disparition de toute trace de cet ancien ê fermé atone. J'ai dit la modification la plus grave car elle atteint la structure même des mots." (in Révah 1954, page 391.)

⁷ A general discussion of the complex syntax of clitic placement in European Portuguese is outside the scope of this paper. We refer the reader to Barbosa (1991), Madeira (1992), Manzini (1992), Martins (1993) and Rouveret (1993) for recent proposals.

verb to move is the presence of the clitic.⁸ Furthermore, Manzini considers the clitic as a kind of operator, entering in complementary distribution with other operators like *Wh* and *Focus*. According to her, this is the reason why enclisis is impossible with quantified subjects and in interrogative sentences.

The hypothesis of *V*-raising to *C* is also put forth by Salvi (1990) and Benincà (in press), for both ClP and EP. These authors claim that in ClP simple clauses the *CP* projection is always required. They justify this by the fact that Classical Portuguese, as well as Old Portuguese, and in general Medieval Romance languages, share with the so-called *V₂* languages the possibility of the *XP V Subject* order.

As a consequence, in ClP clauses like 1, they assign the subject *NP* the *Spec/CP* position. On the other hand, in ClP enclitic constructions, they claim that the subject *NP* is adjoined to *CP*, whose specifier is empty. The crucial idea behind their analysis is that enclisis is forced by the prohibition for the clitic to appear in first position in the clause, *id est* in *CP*. If in a sentence like 2, the subject is outside the border of the clause, the only possible position for the clitic is after the verb.⁹

According to them, the reason why sentence 1 becomes impossible in EP is that subjects like *Paulo* are always outside *CP* in this language. More precisely, Salvi claims that the difference between ClP and EP is that, in the latter, *Spec/CP* is no more an available position for non *WH* and non quantified *NP*'s. He argues that this explain why at the same time we observe a strong diminution of the order *XP V Subj*, and its restriction to cases of focalization of the *XP*.

An alternative account for EP enclitic constructions is proposed by Madeira (1992) and Manzini (1992). According to them, in this language, the subject of 2 is in *Spec/CP*.

We shall retain the following points from these analyses.

1. Only one functional category contains the clitic and the verb in both proclitic and enclitic constructions. Proclisis corresponds to a structure in which the clitic has adjoined to the verb in *InfI*.
2. In ClP enclitic constructions the subject lies outside the border of the clause, contrarily to what happens in proclitic constructions.
3. The landing site for the subject in EP enclitic constructions is *Spec/CP*.
4. The specifier position which is the landing site of non interrogative subjects in ClP is no more available in EP.¹⁰
5. Enclisis appears in a position entering in complementary distribution with *WH* and *Focus*.

We claim that the change from ClP to EP is the result from a reinterpretation of the

⁸ For a discussion of this hypothesis, see Rouveret (1993).

⁹ This hypothesis is strongly supported by the fact that in ClP the choice between 1 and 2 is only available for *NP*'s which can be dislocated. This excludes *Wh*-subjects as *quem*, as well as quantified subjects like *alguém* ("somebody").

¹⁰ But the careful reader will remark that from the Minimalist assumptions we present below, it will follow that this specifier position is *Spec/AgrS*, while Salvi stipulates that it is *Spec/Comp*.

position of the subject in enclitic constructions. This is what we are going to prove in the remainder of this article.

We shall now address the question of the nature of this change in the framework of the Minimalist version of the Principles and Parameter Theory (Chomsky 1993,1994). In the present state of the art, there is no straightforward way to formulate the parameter setting corresponding to the five points drawn from the syntactic analyses presented above. We shall suggest an account which seems to correspond to these points, as well as to the spirit if not to the letter of the Minimalist Program.

According to the Minimalist Program, the parameters identifying a particular grammar are the values *strong* or *weak* assigned to the features of the functional categories. In this model, the functional categories act as checking points of the computational system. Elements of the structure must move to check their own features. Nominal (NP) features are checked in specifier positions and verbal (V) features are checked in head positions. Moreover, the so-called *Greedy Principle* says that this is the only reason for them to move. A movement occurs in overt syntax if the corresponding checking feature is strong. Otherwise it will occur in covert syntax, after *Spell-Out*.

Besides checking of morphological properties, Chomsky also considers the possibility of the raising of *I* to *C*. He claims that "V-raising to *C* is actually *I*-raising, with *V* incorporated to *I*, and is motivated by the properties of the (*C,I*)-system, not morphological checking of *V*." (Chomsky 1993, p.29).

We shall adopt the following four assumptions about the Minimalist Checking Machine.

First, we shall assume that *Comp* is a potential checking point of several functional features, which exclude each other. This means that just one content for *Comp* can be selected from the lexicon at each derivation. If two are selected, the derivation crashes.

In both Classical and European Portuguese *Comp* can host either the usual class of operators, such as *Wh* and *Focus*, or an *Agr*-feature.¹¹ When a *Wh*-content is selected for *Comp*, both *Wh*-phrases like *Quem* and the verb with the corresponding *Wh*-features must raise for checking in *Comp*. Whenever the *Agr* content is selected, the functional category *AgrS* must raise to *Comp* at some point of the derivation.¹²

We shall say that *Agr* of *Comp* is *strong* if the movement of *Agr* to *Comp* takes place before *Spell-Out*, otherwise we shall call it *weak*.

Second, we shall assume that when *Agr* raises to *Comp* before *Spell-Out*, then the checking position of the NP-features of *AgrS* is no longer *Spec/ AgrS*, but *Spec/Comp*. This means that whenever *Comp* hosts the *Agr* content and the grammar sets the value of *Agr* of *Comp* as *strong*, the features of the complex category *T-Agr* are checked in the *Comp* checking point. In particular, the subject is assigned Nominative Case in the

¹¹ It is conceivable, even in the Minimalist framework, that the availability of *Agr* as a content for *Comp*, in the sense just described, is subject to parametrization. In any case, we claim that if this is a parameter, it was not affected by the change from CIP to EP.

¹² This is a tentative formulation of the functioning of what Chomsky calls the (*C,I*)-system.

Spec/Comp position.¹³

Third, we assume that in proclitic constructions the clitic pronoun and the verb are drawn from the lexicon separately and the clitic must adjoin to the verb during the computation. Whatever property forces the clitic to adjoin to the functional category containing the verb, this movement must take place before *Spell-out* since clitics have no semantic content (no intrinsic reference) and are invisible to the *covert component*, i.e. "the subsystem that continues the computation to LF after *Spell-Out*" (Chomsky 1994).¹⁴ The only position in which this adjunction can take place is *AgrS*.

Fourth, we assume that the enclitic form is drawn from the lexicon as a single word, with the clitic already suffixed to the verb.¹⁵ This entails that this unit has an extra feature to be checked besides the usual *Tense* and *Agreement* features associated to the verb. This feature is checked in *Comp*, provided that the *Agr* content has been selected from the lexicon to be hosted by *Comp*, making it a checking point for clitic features.¹⁶

With these assumptions, we can now show that the parametric difference between CIP and EP is the value of *Agr* of *Comp*. *Agr* of *Comp* is *weak* in CIP, but *strong* in EP. All the other parameters which concern *Infl* have the same values in both languages as shown in Table 3. In what follows, *Infl* describes the features of the complex system *T-Agr*, and *Infl/V* and *Infl/NP* stand for the verbal and nominal features of *Infl*.

Table 3. Parameter Values in CIP and EP			
	<i>Infl/V</i>	<i>Infl/NP</i>	<i>Agr</i> of <i>Comp</i>
CIP	<i>strong</i>	<i>strong</i>	<i>weak</i>
EP	<i>strong</i>	<i>strong</i>	<i>strong</i>

It is now a simple exercise to verify that this accounts for the analysis of the clauses from CIP and EP given above.

In CIP sentence 1, in virtue of the strong value of the features of *Infl*, the subject and the verb are immediately dominated by *IP* (*AgrSP*), Nominative case is assigned to *Spec/AgrS* and the clitic is adjoined to *AgrS*. Since *Agr* of *Comp* is weak, *AgrS* only moves to

¹³ In Bobaljik and Carnie (1992), the incorporation of a functional category, for checking reasons, into the functional category which immediately dominates it, is also assumed to have the effect of making the Specifier of the incorporated head no longer available as a checking position.

¹⁴ The same assumption is made by Chomsky (1993) about the overt movement of the auxiliaries in English. For the hypothesis that clitics, and in general weak pronouns have no semantic content, see Cardinaletti and Starke (1993) and Corver and Delfitto (1993).

¹⁵ We refer the reader to Benincà and Cinque (1993) for evidence that enclitic forms syntactically behave as single morphological units. By the way, this idea already appears in Mussafia (1886), as pointed out by Benincà (1994).

¹⁶ This hypothesis reformulates Madeira's and Manzini's analysis of enclisis in the minimalist framework. According to these authors, the verb has to perform an altruistic movement to *Comp* with the only purpose to serve as a host for the clitic. In our minimalist version, the verb moves to satisfy its own necessities of checking.

Comp after *Spell-out*. Using *I* as a shorthand for *Infl*, the resulting structure for sentence 1 is

- 1) [_{CP} [_{IP} Paulo [_I a [_I ama]] ...]] .

In sentence 2, the verb must raise to *Comp* to check the features of the clitic affixed to it. This movement occurs after the checking of the *Infl* features of the verb, and after Nominative case assignment, since *Agr* of *Comp* is weak. Therefore, there is no reason for the subject to move to *Spec/Comp*. The only position for the subject compatible with the ordering in sentence 2 is outside *CP*. Therefore the structure of sentence 2 in *ClP* is

- 2) [_{CP} Paulo [_{CP} [_C ama-a] [_{IP} ...]]] .

Last, in sentence 3, the presence of an operator in *Comp* requires that the verb and the *Wh*-phrase be respectively in *Comp* and *Spec/Comp*. Proclisis is obligatory because enclisis is impossible in the presence of a *Wh*-content in *Comp* by assumptions 1 and 4. Therefore the structure of sentence 3 in *ClP* is

- 3) [_{CP} Quem [_C [_I a [_I ama]]] [_{IP} ...]] .

In *EP* sentence 2, *Agr* has raised to *Comp* before *Spell-Out* because *Agr* of *Comp* is *strong*. *Spec/ Agr_S* is not instantiated and the subject is assigned Nominative case in *Spec/CP*. This configuration licenses enclisis since *Comp* has an *Agr* content and can host clitic features. Therefore the structure of sentence 2 in *EP* is

- 2) [_{CP} Paulo [_C ama-a] ...] .

As for sentence 3, there is no difference with *ClP*. The subject and the verb are immediately dominated by *CP* and enclisis is impossible due to the presence of the operator. Therefore the structure of sentence 3 in *EP* is

- 3) [_{CP} Quem [_C [_I a [_I ama]]] [_{IP} ...]] .

The impossibility of 1 in *EP* follows from the strong value of *Agr* of *Comp*. This forces *Agr_S* to raise to *Comp* before *Spell-Out*, and therefore there is no available position for the clitic to adjoin to.

Furthermore, assuming that assumptions 1 to 4 are part of Universal Grammar, the parameter setting for *ClP* presented above can be unambiguously identified on the basis of the positive evidence provided by the morphological expression of sentences 1-3. This can be done in a straightforward way, using ordering considerations only, as shown below. The procedure has 3 steps.

First step. By assumptions 3 and 4, proclisis in sentences 1 and 3 (*a ama*) and enclisis in sentence 2 (*ama-a*) shows that there are two available landing sites for the verb, *Agr_S* and *Comp*. This shows that the *Agr*-content of *Comp* is weak, since otherwise *Agr_S* would not be an independent checking point.

Second step. The overt presence of the verb in *Agr* shows that its *V*-feature is *strong*.

Third step. The presence of the subject *NP* in preverbal position in 1 shows that the *NP*-feature of the category in whose specifier Nominative case is assigned is *strong*. Since the *NP* (*Paulo*) has nothing to check in *Comp*, the principle of *Greed* says that this category is *Infl*.¹⁷ Therefore the learning child concludes that *Infl* has *strong NP*-feature.

¹⁷ We recall that *Infl* describes the features of the complex system *T-Agr*.

Now let us suppose that, for some reason, the learning child receives a sample of positive evidence containing only sentences with enclisis. Then s/he has no way to select her/his grammar on the basis of ordering considerations only. In section 6, we will show that in this situation the learning child assigns the sentence a structure using prosodic considerations.

4. The identification model.

The model has three components: a set of grammars $\mathcal{G}$, a set $\mathcal{P}$ of functions defining prosodic patterns and an identification principle.

The notion of grammar we adopt here is the one defined in the Principles and Parameters approach. A grammar is a generative system, obeying the constraints of *Universal Grammar*, and specified by a finite array of parameters which may be taken as binary without loss of generality. Therefore $\mathcal{G}$ is just the set of all the possible sequences of values assumed by this array of parameters.

Taking into account the analysis presented in Section 3, the difference between the grammars of clitic-placement in CIP and EP reduces to the value of a single parameter, i.e. the one we have called *Agr of Comp*. Therefore in this case-study, we may reduce $\mathcal{G}$ to a set with two elements

$$\mathcal{G} = (G_{CIP}, G_{EP}),$$

where G_{CIP} stands for the grammar specified by the array in which *Agr of Comp* is set to the weak value, and G_{EP} stands for the grammar specified by the array in which *Agr of Comp* is set to the strong value.

Given a grammar G in $\mathcal{G}$ let us call $\mathcal{C}(G)$ the set of the clauses generated by G . Associated to each clause, there is a *morphological expression* which is the ordered sequence of words entering in the clause, a *structural description* which expresses the derivation of the clause and which contains in particular the categories which are involved in the clause and, finally, a *prosodic contour*.

In the present model, we only consider the stress features of the prosodic contour. Let us call *stress contour* this simplified version of the prosodic contour. The *stress contour* is based on the metrical grid associated with the syntactic structures of the sentences (cf. Halle and Vergnaud, 1987). As a further simplification, the stress contour will be reduced to the ordered sequence of transitions between clause boundaries, stressed elements and non stressed elements. In particular, we shall not consider the hierarchy between stresses. This will be sufficient to describe the change of the prosodic pattern from CIP to EP.

From now on, let us call *stress mark* any element of the set $\{[, /, \smile\}$, where $[$ stands for *clause boundary*, $/$ stands for *stressed element*, and $\smile$ stands for *non stressed element*.

The *prosodic pattern* will be defined through a function which assigns a positive real number, i.e., a *weight* to each stress contour. The reasons of such a definition will appear in a few lines, as soon as we define the probability measure governing the choice of the sample.

For the purpose of the present study, it will be sufficient to consider the functions of the stress contour which are defined in a markovian way. i.e. as the product of the *weights* of the transitions between successive stress marks. This seems to be a reasonable

hypothesis from the phonological point of view. From the mathematical point of view this hypothesis is not a necessary one but it simplifies the presentation of what follows.

Let us define $\mathcal{P}$ as the set of functions which associate a real positive number to each ordered couple of stress marks. Let p be an element of $\mathcal{P}$. Each stress contour is assigned a weight by the prosodic pattern defined by p . This weight is given by the product of the values of p in the successive ordered couples of nearest neighbour elements of the contour. For example, if the stress contour is $(s_0, s_1, s_2, \dots, s_k)$, its weight will be $p(s_0, s_1)p(s_1, s_2)\dots p(s_{k-1}, s_k)$.

From now on, we shall call *prosodic potential* any function p belonging to $\mathcal{P}$.¹⁸

For each grammar G in $\mathcal{G}$ and each potential p in $\mathcal{P}$, there is a canonical probability measure having $\mathcal{C}(G)$ as sample space.¹⁹ Let us call μ_p^G this probability measure. The

¹⁸ In the Thermodynamical Formalism what is usually called *potential* is $\log p$.

¹⁹ We recall the standard mathematical definition of probability measure on a countable sample space. Let Ω be a finite set. A probability measure on Ω is any function ν which maps subsets of Ω on the interval $[0, 1]$ and which satisfies the following conditions:

- i) $\nu(\Omega) = 1$ and,
- ii) for any pair A_1, A_2 of disjoint subsets of Ω ,

$$\nu(A_1 \cup A_2) = \nu(A_1) + \nu(A_2).$$

In the standard terminology, the pair (Ω, ν) is called a *probability space* having Ω as *sample space* and ν as *probability measure*. Subsets of Ω are called *events*.

Condition i) above says that the probability of the total event is 1. Condition ii) says that the probability of occurrence of at least one among two disjoint events is equal to the sum of the probability of these events. We remark that the probability measure ν is completely determined by the values it assigns to the unitary subsets of Ω , since it follows from condition ii) that the probability of any event A is equal to the sum of the probabilities of the events obtained by individually taking every element of A .

Informally speaking, the sample space is the "list" of the possible results of a given experiment. For instance, if we play a dice twice successively and we are interested in the precise result of the first and the second trial, we should take $\Omega = \{(x, y) : x = 1, 2, \dots, 6, y = 1, 2, \dots, 6\}$ i.e. as the set of all the ordered couples of numbers taking the values 1, 2, ..., 6. However, if we are only interested in the sum of the results of the first and second trial, we could take $\Omega = \{2, 3, \dots, 12\}$. Let us suppose that the dice we use is not biased, which means that all the faces appear with the same probability. In the first experiment, the natural probability measure to consider is the one which gives the same weight to every element of Ω , i.e. $\nu(\{\omega\}) = \frac{1}{36}$. In the second case, the probability measure does not assign the same value to the different results since it is more likely to have the sum equal to 7, which, in the sample space of the first experiment corresponds to the set of elementary events $\{(1, 6), (2, 5), (3, 4), (4, 3), (5, 2), (6, 1)\}$ than to have the sum equal to 2, which is obtained only if the dice falls in face 1 twice. This way, using the probability space described in the first experiment, we can easily see that in the second experiment, the probability measure should be defined as follows $\mu(\{2\}) = \mu(\{12\}) = \frac{1}{36}$, $\mu(\{3\}) = \mu(\{11\}) = \frac{2}{36}$, $\mu(\{4\}) = \mu(\{10\}) = \frac{3}{36}$, $\mu(\{5\}) = \mu(\{9\}) = \frac{4}{36}$, $\mu(\{6\}) = \mu(\{8\}) = \frac{5}{36}$, $\mu(\{7\}) = \frac{6}{36}$.

measure μ_p^G gives to each clause in $\mathcal{C}(G)$ a probability which is proportional to the weight associated by the potential p to the stress contour of the clause. This probability measure is the very kernel of the *language lottery*. This is the law which governs the choice of each one of the sentences $\eta_1, \eta_2, \dots, \eta_n$ which are successively and independently²⁰ offered to the child as positive evidence.

Now the acquisition process can be defined in the following way. Let p and G be the parental prosodic pattern and the parental grammar. A sample of positive evidence is defined by choosing successively n clauses in $\mathcal{C}(G)$, independently and with probability μ_p^G . Let S_n be the set of the morphological expressions of the sample.

The number n is biologically given²¹. It is the number of choices of clauses entering in the constitution of the sample offered to the child during her/his learning process.

The objective of the learner is to select a grammar in $\mathcal{G}$ on the basis of the knowledge of

- i) a prosodic pattern p , previously learned;
- ii) $\mathcal{G}$ and the structure of the probability measure governing the choice of the sample of clauses, both neurologically defined;
- iii) S_n .

We emphasize that the learning child only receives the morphological expressions of the sampled clauses. S/he must attribute structures to them. The prosodic pattern p

For an illuminating introduction to Probability Theory, we refer the reader to the classical book by William Feller (1957).

²⁰ In the standard probabilistic language the clauses are independent and identically distributed random variables, taking values in the set $\mathcal{C}(G)$, each one having law μ_p^G . Independence means that the probability of successively choosing sentences $\eta_1, \eta_2, \dots, \eta_n$ is equal to the product of the probabilities of each individual choice, i.e. $\mu_p^G(\eta_1)\mu_p^G(\eta_2)\dots\mu_p^G(\eta_n)$. Some version of the independence property is needed to prove the Law of Large Numbers which says that the frequency of occurrences of a given event in a sequence of independent and identically distributed trials converges to the probability of the event, as the number of trials increases. This is the basis of any statistical measurement in the classical, non-bayesian, approach. Though sentences are obviously dependent from a discursive point of view, it seems reasonable to suppose that from a syntactic point of view each degree-0 sentence is independently drawn from $\mathcal{C}(G)$. As a matter of fact, if instead of assuming independence we assumed some reasonable version of weak dependence, our model would work as well, but the computation would become a little bit more tedious. Incidentally, as we were preparing the revised version of the paper, we became aware of Gibson and Wexler (1994) and Berwick and Nyogi (1993), in which the same assumption of independence is made.

²¹ The fact that linguistic acquisition takes place in a constant amount of time, independently of the parental grammar, is one of the basic argument for the inateness hypothesis which underlies the Theory of Generative Grammar from the very beginning (Cf, for instance, Chomsky 1975). Since we are assuming that the process of selection of the sentences offered as positive evidence is stationary, the fact that acquisition takes place in a constant amount of time implies that it must be performed with a sample produced by a fixed number of choices.

tells her/ him how likely a boundary is to occur between two morphologically expressed elements of the sentence. The learner takes advantage of this hint by using the *Maximum Likelihood Criterion* as his/her identification principle.²² According to this principle, the grammar selected will be the one which maximizes the probability of the choice of S_n .

The instantiation of this model in the case of the grammars of clitic-placement in CIP and EP will be done in the next section.

5. The language lottery.

To construct the probability measures associated with CIP and EP we first need to write the *stress contours* of clauses 1, 2 and 3 in CIP and 2 and 3 in EP.

Given a bracketed clause, we assign a stress mark / to each stressed word, a stress mark $\smile$ to each unstressed word and a stress mark [to the CP boundaries²³. We remark that the only non stressed word we are considering is the clitic pronoun when it appears in preverbal position (proclisis). We recall that in the enclitic form the verb and the clitic constitute a single stressed word.

This defines a map from the set of the clauses of a language into the set of finite ordered sequences of stress marks. Let us call F this map. The stress contour of a clause is its image by F . The function F codes the CIP clauses 1, 2 and 3 as follows, where the stress contour is indicated in the upper line and the bracketed clause in the bottom line.

- 1) [/ $\smile$ /
[CP [IP Paulo [I a [I ama]] $\cdots$]] .
- 2) [/ [/
[CP Paulo [CP [C ama-a] [IP $\cdots$]]] .
- 3) [/ $\smile$ /
[CP Quem [C [I a [I ama]]] [IP $\cdots$]] .

The function F codes the EP clauses 2 and 3 as follows.

²² The classical method of maximum likelihood estimation is one of the main tools in Statistics. It was promoted by R.A. Fisher in his classical 1925 paper. It may be informally described as follows. Let us suppose we have two boxes containing white and black balls. The first box has 999 black balls and only 1 white ball. The second box has 999 white balls and only 1 black ball. A sample of one ball is drawn from one of the boxes. We know the composition of each box, but we ignore which of them was used to produce the sample. The statistician's task is exactly to find out which box was used, given the sample. Let us suppose that a black ball was drawn. The probability of such a result with the first box is $\frac{999}{1000}$. The probability of such a result with the second box is $\frac{1}{1000}$. Therefore, it seems reasonable to guess that the sample was drawn from the first box, since the probability of the result with this box is larger than with the other. This is precisely the content of the *Maximum Likelihood Criterion*. For an elementary example of maximum likelihood estimate we refer the reader to Feller (1957), section II.6.

²³ The assignment of the stress marks / and $\smile$ is nothing but a simplified version of the metrical grid. This is sufficient to describe the evolution from CIP to EP.

2) [/ /
[_{CP} Paulo [_C ama-a] ...] .

3) [/ ~ /
[_{CP} Quem [_C [_I a [_I ama]]] [_{IP} ...]] .

From now on, to simplify the notation we shall indicate ClP sentences 1, 2 and 3 as 1_{ClP} , 2_{ClP} , and 3_{ClP} respectively, and EP sentences 2 and 3 as 2_{EP} and 3_{EP} respectively. Let p be an element of the set of prosodic potentials $\mathcal{P}$. The probability measures we consider give to each clause a probability which is proportional to the weight associated to its stress contour by p . Therefore the probability measure $\mu_p^{G_{ClP}}$ defined by the potential p on $\mathcal{C}(G_{ClP})$ is given by

$$\mu_p^{G_{ClP}}(1_{ClP}) = \frac{p([,'])p(',\sim)p(\sim,')}{Z(G_{ClP},p)}$$

$$\mu_p^{G_{ClP}}(2_{ClP}) = \frac{p([,')^2p(',[)])}{Z(G_{ClP},p)}$$

and

$$\mu_p^{G_{ClP}}(3_{ClP}) = \frac{p([,')p(',\sim)p(\sim,')}{Z(G_{ClP},p)}$$

where

$$Z(G_{ClP},p) = 2p([,')p(',\sim)p(\sim,') + p([,')^2p(',[)]) .$$

is the normalization factor which makes $\mu_p^{G_{ClP}}$ a probability measure, *id est* $Z(G_{ClP},p)$ is the sum of the values attributed by the prosodic pattern to the stress contours of the sentences belonging to $\mathcal{C}(G_{ClP})$.

We remark that since clauses 1 and 3 have the same stress contour, their probabilities are the same.

The probability measure $\mu_p^{G_{EP}}$ defined by the potential p on $\mathcal{C}(G_{EP})$ is given by

$$\mu_p^{G_{EP}}(2_{EP}) = \frac{p([,')p(',[)])}{Z(G_{EP},p)}$$

$$\mu_p^{G_{EP}}(3_{EP}) = \frac{p([,')p(',\sim)p(\sim,')}{Z(G_{EP},p)}$$

where

$$Z(G_{EP},p) = p([,')p(',[)]) + p([,')p(',\sim)p(\sim,') .$$

6. Critical points and change. From CIP to EP.

Having introduced all the elements which appear in the model, we can now explain how a change in the prosodic potential triggered the jump from CIP to EP.

Let us suppose that the parental grammar is G_{CIP} and the parental prosodic pattern is given by p . A sample of morphological expressions S_n is offered to the learning child. If the morphological expression of clause 1 is in S_n , the child identifies the parental grammar as being G_{CIP} , since no clause in $C(G_{EP})$ has the morphological expression of clause 1.

In order to find out if 1 appears in S_n , we must compare n , which is the number of choices entering in the constitution of the sample, with the mean number of trials which must be performed before 1 appears. Since S_n is obtained by choosing n clauses independently and with probability $\mu_p^{G_{CIP}}$, the number of trials before CIP clause 1 appears for the first time has a geometric distribution with mean value equal to the inverse of the probability of the clause ²⁴. Therefore, an elementary computation whose details are given in a footnote ²⁵ allows us to rewrite this mean value as

$$\frac{1}{\mu_p^{G_{CIP}}(1_{CIP})} = 2 + \frac{p(, [)p([,)}{p(, \neg)p(\neg,)}.$$

Observe that the ratio

$$\frac{p(, [)p([,)}{p(, \neg)p(\neg,)}$$

gives the relative weight of the transitions *stress* $\rightarrow$ *boundary*, *boundary* $\rightarrow$ *stress*, with respect to the transitions *stress* $\rightarrow$ *non-stress*, *non-stress* $\rightarrow$ *stress*. This shows that the occurrence of 1_{CIP} in S_n depends on the specific features of the parental prosodic pattern expressed in this ratio.

If the mean value $\frac{1}{\mu_p^{G_{CIP}}(1_{CIP})}$ is much smaller than n (i.e. if the ratio $\frac{p(, [)p([,)}{p(, \neg)p(\neg,)}$ is much smaller than $n - 2$), then, with very high probability, the morphological expression

²⁴ Let $\eta_1, \eta_2, \dots, \eta_n$ be the clauses which are successively chosen as evidence to constitute S_n . Let us call K the index of the choice giving 1_{CIP} for the first time. By definition, $IP\{K = k\} = IP\{\eta_1 \neq 1_{CIP}, \eta_2 \neq 1_{CIP}, \dots, \eta_{k-1} \neq 1_{CIP}, \eta_k = 1_{CIP}\}$. Let us call q_k this probability. Since the random variables $\eta_1, \eta_2, \dots, \eta_n$ are independent and identically distributed, with law $\mu_p^{G_{CIP}}$, $q_k = (1 - \mu_p^{G_{CIP}}(1_{CIP}))^{k-1} \mu_p^{G_{CIP}}(1_{CIP})$. This is precisely the geometrical distribution with parameter $\mu_p^{G_{CIP}}(1_{CIP})$. To compute the mean value of the random variable K , it is enough to compute the series $\sum_{k=1}^{\infty} k q_k = \frac{1}{\mu_p^{G_{CIP}}(1_{CIP})}$.

²⁵ The intermediate steps are the following

$$\begin{aligned} \frac{1}{\mu_p^{G_{CIP}}(1_{CIP})} &= \frac{Z(G_{CIP}, p)}{p([,)p(, \neg)p(\neg,)} = \frac{2p([,)p(, \neg)p(\neg,) + p([,)^2 p(, [)}{p([,)p(, \neg)p(\neg,)} = \\ &= \frac{2p([,)p(, \neg)p(\neg,)}{p([,)p(, \neg)p(\neg,)} + \frac{p([,)^2 p(, [)}{p([,)p(, \neg)p(\neg,)} = 2 + \frac{p(, [)p([,)}{p(, \neg)p(\neg,)} \end{aligned}$$

of clause 1 is in S_n , and the learning child identifies the parental grammar as being G_{CIP} . This seems to be the situation of Portuguese from the 16th to the 18th century.

Now let us suppose that the prosodic pattern of portuguese speakers change in such a way that the mean value $\frac{1}{\mu_p^{G_{CIP}}(1_{CIP})}$ becomes much bigger than n . This characterizes a first critical point.

In this case, with very high probability, S_n will only contain the morphological expression of clause 2. Since both G_{CIP} and G_{EP} produce clauses with this morphological expression, the learning child must now use the Maximum Likelihood Criterion to decide among the two competing grammars. To do this, s/he compares the probabilities $\mu_p^{G_{CIP}}(2_{CIP})$ and $\mu_p^{G_{EP}}(2_{EP})$ and choses the grammar associated to the higher probability.

A straightforward and elementary computation shows that

$$\mu_p^{G_{CIP}}(2_{CIP}) > \mu_p^{G_{EP}}(2_{EP}) \text{ if and only if } \frac{p(, [)p([, ')}{p(, ')} > 2 .$$

Observe that the ratio

$$\frac{p(, [)p([, ')}{p(, ')}$$

also expresses features of the parental prosodic pattern. These features are specifically related to the degree of perceptibility of the pause produced by the parental grammar.

A second critical point appears through this ratio. If its value is greater than 2, then

$$\mu_p^{G_{CIP}}(2_{CIP}) > \mu_p^{G_{EP}}(2_{EP})$$

and the learning child choses G_{CIP} , in spite of the poverty of the sample of positive evidence to which s/he is exposed.

But if this ratio is smaller than 2, then

$$\mu_p^{G_{CIP}}(2_{CIP}) < \mu_p^{G_{EP}}(2_{EP})$$

and the learning child becomes a speaker of EP.

The historical data presented in section 3, provides evidence of the reality of this theoretical scenario.

Proclisis and enclisis coexisted in Portuguese until the beginning of the 19th century, attesting the stability of G_{CIP} as the selected grammar. Let us call γ the ratio between the frequencies of occurrences of 2_{CIP} and 1_{CIP} . In the model this ratio is given by ²⁶

$$\gamma = \frac{p(, [)p([, ')}{p(, \smile)p(\smile, ')}$$

Let us remark that γ is precisely the ratio entering in the definition of the first critical point. This allows us to use the historical data given in Tables 1 and 2 to identify the moment at which the first critical point is reached.

²⁶ This follows from the Law of Large Numbers supposing that the number of trials is large enough.

The data reported in Table 1 provide evidence that until the end of the 18th century, proclisis typically overweights enclisis. A more precise estimation of the value of γ would require a deeper statistical study, however it is clear that γ is smaller than 1. Actually, in Table 1 γ ranges from 0, in Gusmão to 0.8 in Verney.

This amounts to saying that the weight of the transitions

stress $\rightarrow$ *non-stress*, *non-stress* $\rightarrow$ *stress*

is greater than the weight of the transitions

stress $\rightarrow$ *boundary*, *boundary* $\rightarrow$ *stress*.

This makes reasonable to suppose that until the end of the 18th century the first critical point had not been reached yet.

At the beginning of the 19th century, the texts of Almeida Garrett indicate that even if proclisis and enclisis still coexist, the value of γ has dramatically changed, getting greater than 1. The precise value obtained in Table 2 for Garrett's sample is $\gamma = 3.3$. This supports the hypothesis that the first critical point had already been reached at Garrett's generation. Garrett, born in 1799, is still a ClP speaker. One generation later, Camilo Castelo Branco, born in 1825, is already a EP speaker. The second critical point has been reached at some point of this interval.

The change in the ratios γ and $\frac{p(i,.)p(.,j)}{p(i,j)}$ can be related to the phonological modifications which occurred in Portuguese, during the second half of the 18th century. The reduction of non-stressed vowels can be interpreted as the tendency to directly drop from a stressed to another stressed vowel, understood in our model as the diminution of the weight given to transitions of the type

stress $\rightarrow$ *non-stress*, *non-stress* $\rightarrow$ *stress*.

At the level of the sentence a first consequence of this is the decreasing of the proportion of proclitic constructions as exemplified above.

The decreasing of the second ratio $\frac{p(i,.)p(.,j)}{p(i,j)}$ corresponds to a second stage in which the tendency referred to above becomes so strong that the transition *stress* $\rightarrow$ *stress* is given an overwhelming weight with respect to all the other transitions. As a consequence of this, the second clause boundary in an adjunction structure like ClP clause 2 becomes hardly audible. This leads to the selection of the new grammar G_{EP} .

7. Discussion.

The two main characteristics of our model are its probabilistic framework and the leading role it attributes to prosody.

The probabilistic approach has its origin in Statistical Physics and has been widely used in different fields of pattern recognition (cf Geman 1990 for a survey) . Modeling the identification procedure of linguistic acquisition as a statistical inference makes it possible to use classical statistical criteria like the Maximum Likelihood Principle . The statistical inference is based on the hypothesis that the learning child knows what is the structure of the probability measure governing the choice of the sample of positive evidence to which he is exposed. This probability measure is defined by prosody, which is previously acquired by the learner, and by the parental grammar, which is not known by the learner and is precisely the parameter to be estimated²⁷.

Placing the problem in a probabilistic framework avoids using an extra condition like the Subset Principle. More generally, the problem of understanding how positive evidence is used in the acquisition process can be formulated in a more satisfactory way. In this framework, the ambiguity problem pointed out by Gold (1967) disappears. There is no need, therefore, to invoke conditions like the Subset Principle, to explain acquisition.

The Subset Principle was introduced in Berwick (1985) as a restriction governing the acquisition process. The mathematical basis of the Principle was Angluin's solution to the Identification Problem raised by Gold (1967), which can be formulated in the following way. Given a family of grammars, how to identify one of them using an increasing sequence of positive evidence only? In Gold (1967) the issue is addressed in a rigorous mathematical way for the first time, through the *identification in the limit model*. He showed that any class of formal languages over a fixed alphabet, which contains every finite language together with at least one infinite language, cannot be correctly inferred from positive data, for the simple reason that one cannot dismiss any language which contains the target language.

To overcome this difficulty, Angluin (1980) introduces a condition characterizing the families of nonrecursive languages which can be identified from positive data. Informally this condition requires that for any language L in the class, there exists a distinctive finite subset S contained in L , such that no language of the family that also contains S is a proper subset of L . We refer the reader to Angluin (1980) for the mathematical details.

Berwick (1985) calls this condition the Subset Principle and uses it to model up the natural language acquisition procedure. He claims that this principle implies that at a

²⁷ In this paper, we adopt a classical frequentist, non-bayesian, approach. However, as it was pointed out to us by an anonymous referee, it is tempting to consider the possibility of using the bayesian framework to model up the identification principle oriented by prosody as an *a priori* distribution. This would mean introducing a probability measure, depending on the prosodic pattern p , and defined on the set of grammars $\mathcal{G}$. Then we would construct an *a posteriori* distribution using informations provided by the sample S_n . Finally we would use a criterion like the *Maximum A-posteriori Likelihood Principle* (cf. Geman 1990) to select a grammar. This point of view is developed in a work in progress by Galves, Branco and Zuazola.

given stage of the acquisition, the learning child should select the "narrowest possible language consistent with evidence seen so far" (p. 237). The transposition of Angluin's condition to the setting of natural language acquisition is problematic. Acquiring a natural language means attributing structural descriptions to the morphological expressions contained in a sample of linguistic utterances. As a consequence, it is not clear what picking up the "narrowest possible language" means. For example, in the case of CIP and EP the structures underlying the morphological expression of clauses 2 and 3 are different and the language generated by G_{EP} , understood as the set of structural descriptions generated by the grammar, is not contained in the language generated by G_{CIP} . In general, a model of language change depending on the Subset Principle will imply in one way or another that changes only occur from "larger" to "smaller" grammars, whatever order is assumed in the class of natural grammars. Such a drift towards simplification contradicts all it is known today about the time evolution of complex systems (For a more extensive criticism of the Subset Principle, we refer the reader to Joshi 1994).

Recently, several papers have made use of probabilistic notions to model language acquisition. Clark and Roberts (1993) model of language change is based on the Genetic Algorithm and therefore shares with ours the use of a criterion of maximum probability to select a grammar. However, they do not take full advantage of this and still invoke the Subset Principle, which is integrated in the fitness metric.

A more decisive step to introducing probabilistic notions in this field has been taken by Gibson and Wexler (1994). They model language acquisition as a Markov chain taking values in the set of grammars defined by the Universal Grammar. This paper changes in the radical way the landscape of the theory as, for the first time, it provides a theoretical framework in which questions of convergence of the learning algorithm can be addressed. However, in this paper, the crucial question of the nature of the identification principle which underlies the acquisition process is not satisfactorily formulated. We claim that the identification principle cannot be reduced to a yes/no question about whether a grammar generates a sentence or not. Our study of the change from CIP to EP shows that the generation who performed the change received positive evidence which could be produced by both grammars, and had to make a decision choosing the one which assigned these sentences the structure adjusting better to a given prosodic pattern. As a matter of fact, Gibson and Wexler's algorithm can be generalized in such a way that prosodic and structural considerations can be taken into account. This is developed in Cassandro, Galves and Galves (in progress). We also refer to Nyogi and Berwick (1993) for a mathematical presentation of the Triggering Learning Algorithm, and finally to Frank and Kapur (1994) for a very interesting discussion of the notion of trigger in the context of the GW model.

Our approach addresses the question of the place occupied by prosody in the Principles and Parameters model. In the present state of the theory, the Phonological Form is an output of the computational system (cf. Cinque 1993). In the Minimalist version of the theory, the levels of representation *PF* and *LF* are instructions provided by the grammar for the Articulatory-Perceptual (A-P) and Conceptual-Intentional (C-I) systems respectively. The subsystem which computes *PF* after *Spell-Out* is the place where the rules of the metrical theory apply to construct a complete representation of the accentual structure of the clause (Halle and Vergnaud, 1987). The analysis of the position of the main stress in

Cinque (1993) and of the focus accent in Zubizarreta (1994) are proposals to describe some syntactically-based features of this representation. At the next step, these phonological instructions are interpreted by the Articulatory- Perceptual system. The way the A-P system performs this task depends on the prosodic pattern. This is to say that the notion of prosodic pattern we introduced in this article is a notion associated with performance.

In the present paper we claim that, even if the Phonological Form depends on syntax, prosody is likely to be acquired first. Actually, the restrictions syntax imposes on the prosody give the learning child a set of hints about the grammar to be identified. This point of view is extensively developed in Morgan (1986)²⁸. In his works, he argues for the following two hypotheses. First, his *Bracketed Input Hypothesis* says that acquisition relies on bracketed input. Second he claims that prosody plays a crucial role as a cue to bracketing. Our study of the change between CIP and EP provides evidence for these two claims.

The idea that a phonological change may drive a syntactical jump is not new. As far as we know it appears for the first time in the framework of generative grammar in the study of the change from Old to Modern French proposed in Adams (1987). Kroch (1989), shows that this point of view is supported by the quantitative analysis performed in Fontaine (1985) and is coherent with his *Constant Rate Hypothesis*. Kroch's assumption that a prosodic variation may be responsible for the variation of the relative frequencies of topicalized and left-dislocated structures up to the point at which the sample is ambiguous enough to make possible a grammatical change, is equivalent to our first critical point. Moreover, even if Kroch does not explicitly consider the possibility for prosody to enter in the identification algorithm, it is natural to conjecture that the change which took place in French was driven by a change in the ratio $\frac{p(l,j)p(l,j)}{p(i,j)}$ in the opposite direction of the one which took place in European Portuguese.

It is interesting, at this point, to discuss the relation between our model and Kroch's S-shaped description of language change. In Statistical Mechanics, this type of S-shaped curves typically describes the way a metastable state relaxes to equilibrium. The initial part of the S in which the tangent is close to the horizontal corresponds to fluctuations in the magnetization due to purely random effects. When the fluctuation succeeds creating a *critical droplet*, the system abruptly falls in the domain of attraction of its stable state. This is described by the steep part of the curve. This description fits well with our model. Bypassing the second critical point corresponds precisely to the constitution of the critical droplet. It is important to emphasize that the S-shaped description is not particularly related to population biology models which were themselves built up by analogy with statistical mechanics models. Therefore, this description does not imply any *a priori* idea that grammars compete as in a darwinian picture.

In the present paper, we present a model of language acquisition driven by prosody using a pedestrian version of the Thermodynamical Formalism.²⁹ This model allows us to capture the crucial interaction between competence and performance in the process of

²⁸ We thank an anonymous referee for pointing out the interesting work of James Morgan to us.

²⁹ We refer the reader to Ruelle (1978) for a general presentation of the Thermodynamical Formalism. A general discussion of Maximum Likelihood and Minimal Entropy prosody

acquisition, and understand how performance can affect grammar selection. The form of the grammar assumed by Chomsky in the *Minimalist Program* offers a straightforward framework for the formulation of this interaction since the levels of representation of the grammar interface with the performance systems. But while grammar is deterministic, performance is probabilistic in nature.

Acknowledgements. We thank Maria Bernadete Abaurre, Luis Carlos Cagliari, Marzio Cassandro, Pierre Collet, Artur Lopes, Gladys Massini, Jean-Roger Vergnaud and two anonymous reviewers for helpful discussions. Special thanks to Maria Aparecida Torres Moraes who provided us with unpublished data of her Ph. D. dissertation.

References.

Adams, M., 1987. *Old French, null subjects and verb second phenomena*, PhD thesis, UCLA.

Angluin, D., 1980. Inductive inference of formal languages from positive data. *Information and Control*, 45, 117-135.

Barbosa, P., 1991. Clitic Placement in EP, manuscript, MIT.

Benincà, P. in press, Complement clitics in Medieval Portuguese and the Tobler-Mussafia Law, in A. Battye and I. Roberts, *Language Change and Verbal Systems*.

Benincà, P. 1994. *La variazione sintattica (Studi di dialettologia romanza)*, Bologna: Il Mulino.

Benincà, P. and G. Cinque, 1993. Su alcune differenze fra enclisi e proclisi, in *Omaggio a Gianfranco Folena*, Padova: Editoriale Programma.

Berwick, R., 1985. *The acquisition of syntactic knowledge*, Cambridge, MA: MIT Press.

Berwick, R. and P. Nyogi, 1993. Formalizing triggers: a learning model for finite spaces, A.I. Memo No.1449, MIT, Cambridge, MA.

Bobaljik, J. and A. Carnie, 1992. A minimalist approach to some problems of Irish word order, to appear in *Proceedings of the 12th Harvard Celtic Colloquium*.

Cardinaletti, A. and M. Starke, 1993-1994. The typology of structural deficiency, on the three grammatical classes, manuscript. Università de Venezia/ Université de Genève.

Carvalho, J. Brandão de., 1988-1992. Réduction vocalique, quantité et accentuation: pour une explication structurale de la divergence entre portugais lusitanien et portugais brésilien, *Boletim de filologia* 32, 5-26.

Cassandro, M., A. Galves and C. Galves, in progress. Convergence time and language change. Comments on the GW model.

Chomsky, N., 1975. *Reflections on Language*, New York: Pantheon Books.

driven identification models in the abstract mathematical setting of sub-shifts of finite type is presented in Collet, Galves and Lopes (1993).

- Chomsky, N., 1986. *Knowledge of Language: Its nature, origin and use*, New York: Praeger.
- Chomsky, N., 1993. *A Minimalist Program for Linguistic Theory*, Cambridge, MA: MIT Press.
- Chomsky, N., 1994. Bare Phrase-Structure, manuscript, MIT.
- Cinque, G., 1993. A null theory of phrase and compound stress, *Linguistic Inquiry* 24, 239-297.
- Clark, R. and I. Roberts, 1993. A computational model of language learnability. *Linguistic Inquiry* 24, - .
- Collet, P., A. Galves and A. Lopes, 1994. Maximum likelihood and minimum entropy identification of grammars, manuscript, Universidade de São Paulo.
- Corver N., and D. Delfitto, 1993. "Feature assymetry and the nature of pronoun movement", manuscript, Tilburg University and University of Utrecht.
- Da Silva Neto, S., 1952. *História da língua portuguesa*, Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- Feller, W. 1957. *An introduction to Probability Theory and its applications* (3rd ed.), New York, London, Sidney: John Wiley and Sons.
- Fisher, R.A. 1925. Theory of statistical estimation, *Proc. Camb. Phil. Soc.* 22: 700-715.
- Fontaine, C., 1995 *Application de méthodes quantitatives en diachronie: l'inversion du sujet en français*. M.A. thesis, Université du Québec à Montreal.
- Frank, R. and S. Kapur, 1993. On the use of triggers on parameter setting, Manuscript, University of Pennsylvania.
- Galves, C., 1994. Clitic-placement and Parametric Changes in Portuguese, talk given at the 24th *Linguistic Symposium Romance Languages*, UCLA/ USC.
- Geman, D., 1990. Random fields and inverse problem in imaging, in *18e Ecole d'été de probabilités de St Flour*, Lecture notes in mathematics, Berlin, Heidelberg, New York: Springer.
- Gibson, E. and K. Wexler, 1994. Triggers, *Linguistic Inquiry* 25, 407-454.
- Gold, E., 1967. Language identification in the limit. *Information and Control*, 10, 447-474.
- Halle, M. and J.R. Vergnaud, 1987. *An essay on stress*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Joshi, A. 1994. Commentary: some remarks on the Subset Principle, in *Syntactic theory and first language acquisition: cross-linguistic perspectives vol.2*, B. Lust, G. Hermon and J. Kornfilt (eds.), Hillsdale, NJ and Hove, UK: Lawrence Erlbaum Associate, Publishers.
- Kayne, R., 1991. Romance Clitics, Verb Movement, and PRO. *Linguistic Inquiry*,

22, pp 647-686.

Kroch, A., 1989. Reflexes of grammar in patterns of language change, *Language Variation and Change* 1, 199-244.

Lightfoot, D., 1979. *Principles of diachronic syntax*. Cambridge, England: Cambridge University Press.

Lightfoot, D., 1982. *The language lottery*. Cambridge, MA: MIT Press.

Madeira, A. M., 1992. On clitic placement in European portuguese. In H. van de Koot (ed.) *UCL Working Papers in Linguistics* 4 University College London.

Manzini, M. R., 1992. Second position dependencies. talk given at the 8th workshop on Germanic Syntax, Tromsø.

Martins, A.M., 1993. Clitic-placement from old to modern portuguese. talk given at the *International conference on historical linguistics*, Los Angeles.

Morgan, J., 1986. *From simple input to complex grammar*.

Mussafia, A., 1886. Una particolarità sintattica della lingua italiana dei primi secoli, in *Miscellanea di filologia e linguistica*, Firenze.

Révah, I. S., 1958. L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVI^e siècle à nos jours. In *Anais do primeiro Congresso Brasileiro da língua falada no teatro*.

Rouveret, A. 1992. Clitic placement, focus and the Wackernagel Position in European Portuguese. talk given at the *ESF workshop on clitics*, Donostia.

Ruelle, D., 1978. Thermodynamic formalism. In *Encyclopedia of Math. and its Appl.* 5, Reading, MA: Addison Wesley.

Said Ali, M. 1964 *Gramática secundária da língua portuguesa*, São Paulo: Melhoramentos.

Salvi, G., 1990. La sopravvivenza della legge di Wackernagel nei dialetti occidentali della penisola iberica. *Medioevo Romano*, 15, 177-210.

Teyssier, P., 1980. *Histoire de la langue portugaise*. Paris: P.U.F.

Torres Moraes, M. A., 1995. *Do português clássico ao português moderno: um estudo da cliticização e do movimento do verbo*. Ph. D. Dissertation. UNICAMP.

Zubizarreta, M.L., 1994. Word order, prosody and focus, manuscript, USC.

Portuguese literary works cited

(Camilo) Castelo Branco, Camilo, 1922. *Cartas de Camilo Castelo Branco a Thomaz Ribeiro*. (1873-1890), Lisboa: Portugalia editora.

(Camilo) Castelo Branco, Camilo, 1929. *O morgado de Fafe em Lisboa*, comédia em dois atos, 4a edição, Lisboa: Livraria Editora Parceria Antonio Maria Pereira.

(Judeu) Da Silva, Antonio José 1957. *Esopaida ou a vida de Esopo*. In *Obras Completas* Lisboa: Clássicos Sá da Costa, Livraria Sá da Costa Editora.

De Castro, João Batista, 1984. *De hora de recreio.*, Lisboa: Biblioteca dos Autores Portugueses, Imprensa Nacional, Casa da Moeda.

De Gusmão, Alexandre, s/d. *Cartas (1734-1752)*, Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda.

Dinis, Júlio, s/d. *As duas cartas*. Comédia original em dois atos (1857), in *Obras de Júlio Dinis*, vol. II. Porto: Livraria Civilização Editora.

Dinis, Júlio, s/d. *Cartas e esboços literários (1865-1870)*. Porto: Livraria Civilização Editora.

Garrett, João Batista de Almeida, s/d. *Falar verdade a mentir (1845)*, Obras completas de Almeida Garrett, Lisboa: Empresa de história de Portugal, Sociedade Editora, Livraria Moderna.

Garrett, João Batista de Almeida, s/d. *O Camões do Rocio (1842)*, Obras completas de Almeida Garrett, Lisboa: Empresa de história de Portugal, Sociedade Editora, Livraria Moderna.

Garrett, João Batista de Almeida, s/d. *Cartas íntimas (1824-1854)*, Obras completas de Almeida Garrett, Lisboa: Empresa de história de Portugal, Sociedade Editora, Livraria Moderna.

(Marquês) D. Luis de Almeida Portugal, Marquês do Lavradio, 1972. *Cartas da Bahia (1768-1769)*. Rio: Arquivo Nacional, Ministério da Justiça.

(Marquês) D. Luis de Almeida Portugal, Marquês do Lavradio, 1978. *Cartas do Rio de Janeiro (1769-1776)*. Rio: Instituto Estadual do Livro.

(Marquesa) , D. Leonor de Almeida, Marquesa de Alorna, 1941. *Inéditos, cartas e outros escritos. (1775-1808)* Lisboa: Coleção de Clássicos Sá da Costa, Livraria Sá da Costa.

Oliveira, Francisco Xavier, s/d. *Cartas familiares*, Lisboa: Coleção de Clássicos Sá da Costa. Livraria Sá da Costa.

Verney, Luis Antonio, 1949. *Verdadeiro método de estudar (1746)*, Lisboa: Coleção de Clássicos Sá da Costa, Livraria Sá da Costa.

La syntaxe pronominale du portugais brésilien et la typologie des pronoms.

Charlotte Galves, Unicamp, Brésil

La syntaxe pronominale du portugais brésilien (dorénavant PB) se distingue de celle des autres langues romanes par l'usage de formes pronominales toniques là où des langues comme le français et le portugais européen, entre autres, mettent en jeu des pronoms clitiques:

- (1) je ne l'ai pas vu / je ne t'ai pas vu
- (2) não o vi/ não te vi
- (3) não vi ele/ não vi você

L'usage des pronoms toniques en position objet est soumis dans les autres langues à des restrictions interprétatives qui les distinguent crucialement des clitiques:

- leur référent est obligatoirement [+humain].
- Ils ne renvoient jamais à un topique mais, au contraire, ne peuvent être interprétés que comme information nouvelle, focus, neutre ou contrastif.

Ces restrictions ne se vérifient pas en PB. Dans l'exemple ci-dessus *ele* peut renvoyer à un topique inanimé. D'autre part, il n'est clairement pas contrastif. On le trouve d'ailleurs également très fréquemment comme pronom de rappel, y compris dans des propositions relatives. Dans la typologie des pronoms définie par Cardinaletti et Starke (1993-1994), le pronom tonique objet du PB se définit ainsi comme un pronom *déficient*, par opposition aux pronoms *forts* que sont ses homologues dans les autres langues romanes. Cela pose a priori un problème car les pronoms déficients ont comme autre caractéristique le fait de ne jamais apparaître dans leur position argumentale. Or *ele* en (3) occupe apparemment la position post-verbale normale d'un objet direct. Cela le distingue des clitiques en (1)-(2).

L'objectif de ce texte est de montrer le comportement syntaxique de *ele* n'est qu'en apparence contradictoire avec sa caractérisation comme pronom déficient, et que la position des objets spécifiques est en fait une position dérivée en PB. Les faits du PB nous amèneront toutefois à rediscuter les bases de la typologie proposée par Cardinaletti et Starke, et en particulier de la distinction, à l'intérieur des pronoms déficients, entre pronoms *faibles* et *clitiques*. Le PB nous offre en effet un cas rare, dans le domaine roman, d'un système pronominal dans lequel coexistent ces deux types de pronoms: le paradigme des clitiques est défectueux, et ne contient pas de 3ème personne, celle-ci étant réalisée par le pronom tonique. La distinction structurale a priori de Cardinaletti et Starke sera remplacée par une distinction en termes de trait [+V]. Ce faisant, on sera amené à discuter la nature catégorielle des clitiques de 3ème personne et à les caractériser non comme D mais comme Agr. On arrive ainsi à une typologie des pronoms qui s'articule à la paramétrisation des catégories fonctionnelles telle qu'elle est proposée dans le *Programme Minimaliste* de Chomsky (1993, 1995a,b).

UNIVERSITÉ DE PARIS 8
Département Sciences du Langage

Secrétariat: B132 Tél.: (1)49 40 64 18

Anne Zribi-Hertz

à tous les auteurs
de l'ouvrage collectif
'LES PRONOMS', soumis aux PUU

Saint-Denis, le 20 octobre 1995

Chers amis,

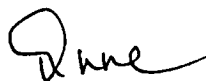
Un petit mot pour vous tenir au courant de l'état actuel de notre projet d'ouvrage collectif sur les pronoms.

Le projet que j'ai soumis aux Presses Universitaires de Vincennes (PUV), et qui incluait le sommaire ci-joint, a pour l'instant été examiné par la seule directrice des PUV (Marie-Claire Ropars), qui vient de m'envoyer une lettre très favorable.

Nous pouvons donc considérer que notre livre a un éditeur, et que nous pouvons dès à présent nous mettre au travail. Toutefois, il nous manque encore des détails pratiques importants: la longueur et le délai de remise des manuscrits, la date de parution de l'ouvrage. Je ne pourrai vous donner ces informations qu'après la prochaine réunion du comité éditorial des PUV, qui aura lieu le 21 novembre 1995.

Je vous réécrirai dès que je les aurai.

Cordialement à tous,



Les pronoms: syntaxe et typologie

(sommaire annoncé / octobre 1995)

0. Anne ZRIBI-HERTZ

Présentation

1. Charlotte GALVES

La syntaxe pronominale du portugais brésilien et la typologie des pronoms.

2. James HARRIS

Morphologie autonome et pronoms clitiques en espagnol et en catalan.

3. Célia JAKUBOWICZ

L'acquisition du système pronominal en français: étude de cas.

4. Annie MONTAUT

Les pronoms personnels, emphatiques et réfléchis dans les langues indiennes.

5. Léa NASH

Le phénomène des personnes scindées.

6. Lélia PICABIA

Pronoms et typologie des phrases en comorien.

7. Alain ROUVERET

Les pronoms du gallois: leur incidence pour une typologie des pronoms dans les langues naturelles.

8. Nicolas RUWET

"Anaphores" et verbes de sentiment.

9. Laurice TULLER

Les "ICP" en tchadique.

10. Anne ZRIBI-HERTZ & Liliane MBOLATIANAVALLONA

La nature des pronoms: les faits du malgache.

The evolution of clitic-placement in the history of European Portuguese: one or two grammatical changes?

Charlotte Galves
Unicamp, Brazil.

In its documented history, European Portuguese underwent two main changes in clitic-placement: the loss of the so-called phenomenon of interpolation, in which the clitic is separated from the verb by one or more phrases, and the loss of the variation between the order cl-V (proclisis) and the order V-cl (enclisis) in matrix tensed clauses with topic-like subjects, in favour of obligatory enclisis. Based on her study of Padre Antonio Vieira (1608-1697), Martins (1995) claims that both changes are the result of a single parametric change which took place during the 17th century. The aim of this communication is to argue against this hypothesis and show that these two changes correspond to different moments of the grammatical history of Portuguese. While the first change is indeed definitively achieved in the 17th century, the other is much more recent and can be situated at the beginning of the 19th century (Salvi 1991, Torres Moraes 1995).

Several facts argue in favour of this claim.

First, the evolution described by Martins has several odd aspects. There is no other language in which the loss of interpolation goes together with the loss of proclisis. Moreover, with respect to the variation between enclisis and proclisis, the tendency of Portuguese was exactly the reverse until Vieira. In the 16th century proclisis is overwhelming, as shown by Martins (cf also Lobo 1992). It seems therefore strange that, abruptly, the grammatical change go in the direction of obligatory enclisis.

Second, variation still exists in the 18th century, with a clear dominance of proclisis which ranges from 54% to 100% in the corpus of 7 writers born between 1695 and 1750 studied by Torres Moraes (1995) (cf also Salvi 1991). As shown by Torres Moraes and Salvi, things abruptly change in the space of two generations. In Almeida Garrett, born in 1799, it is now enclisis which is dominant with 70% of the occurrences. Camilo Castello Branco, born 26 years later, already displays the modern use in which proclisis is restricted to focalization of the preverbal XP.

Third, the abrupt change in clitic placement observed at the beginning of the 19th century goes together with a change in word order (Salvi 1991, Torres Moraes 1995). It is also likely that the change which is subjacent to the loss of interpolation yielded structural modifications already observable in the 16th century (Ribeiro 1995).

It seems therefore empirically founded to conclude that two distinct parametric changes are involved in the history of clitic-placement in Portuguese and that the dominance of enclisis in Vieira is due to stylistic factors. The first change concerns the category hosting the clitic pronoun in interpolation constructions and in the enclitic constructions produced by the grammar of Old Portuguese. This category is comparable to the one which hosts weak pronouns in Germanic languages. The loss of interpolation constructions shows that this category is no more instantiated as an independent position after the 16th century. Enclisis survived because it could be reanalysed in a way compatible with the new grammar (in contrast with what happened in other Romance languages). The second parametric change precisely concerns the category which legitimates enclitic constructions after the first change. My claim is that this category is Comp, endowed with an Agr feature. It is the value of this feature which changes at the beginning of the 19th century due to the reanalysis of the position of the subject in enclitic constructions.



UNIVERSIDADE DA CORUÑA

FACULDADE DE HUMANIDADES

Campus da Zapateira, s/n
15071 A Coruña
Telf.: (981) 28 07 88
Fax: (981) 10 56 41

Quinto Coloquio de Gramática Xenerativa
Quinto Coloquio de Gramática Generativa
Fifth Colloquium on Generative Grammar
A Coruña

5-7 de abril de 1995

5-7 de abril de 1995

April 5th- 7th 1995

Universidade da Coruña
Facultade de Humanidades
Campus da Zapateira
E-15071 A Coruña. Spain
fax +34 (9)81- 105641

A Coruña, February 24 1995

Charlotte Galves
22 rue J. B. Pigalle
75009 Paris

Dear Charlotte Galves,

We deeply regret to inform you that it has not been possible to include your paper "The evolution of clitic-placement in the history of European Portuguese: one or two grammatical changes?" in the Fifth Colloquium on Generative Grammar. Due to the large number of abstracts presented and the quality of these, the Organizing Committee has carried out a difficult task in the selection, and is aware of the good papers that have been excluded.

Nevertheless we would be very glad to have you at the Colloquium sessions. We inclose the provisional programme a registration form and information about accomodation and travel.

Yours sincerely,

The Organizing Committee

Typology of Pronouns and Checking Theory

Charlotte Galves
UNICAMP, Brazil.

The relationship between lexicon and syntax is at the core of the Minimalist Program recently proposed by Chomsky. Pronouns are very interesting entities from this point of view, since their syntactic behaviour is clearly connected to the semantic properties associated with them in the lexicon. In the Minimalist framework of Chomsky (1993), which imposes severe restrictions on movement, the analysis of pronouns can shed light on fundamental aspects of the functioning of grammar. In this paper, it will be argued that the Checking Theory, together with a minimal hypothesis about the lexical structure of pronouns, can explain the variation in the behaviour of deficient pronouns among languages.

Cardinaletti and Starke (1993) propose a tripartite division of pronouns based on two dichotomies. The first dichotomy concerns the systematic semantic, syntactic, and phonological contrasts between strong and deficient pronouns. The second one draws a distinction, inside the class of deficient pronouns, between weak pronouns, which are maximal projections, and clitics, which are heads. Corver and Delfitto (1993) deny this latter distinction. According to them there is just one class of deficient pronouns, which surface as heads in any language. In this they agree with Cardinaletti (1993) who claims that, in spite of their different syntactic behaviour, weak pronouns surface as heads in Germanic languages as well as in Romance languages.

Here, it will be argued that

1) there are only two classes of pronouns, defined by a lexical distinction between strong and deficient pronouns. Deficient pronouns are characterized by their lack of referential feature. They are a mere bundle of ϕ -features. As for strong pronouns, their obligatory interpretation as [+human] corresponds to the default interpretation of their non specified referential feature (Cardinaletti and Starke 1993).

2) deficient pronouns can surface either in a head adjoined position or in a specifier position because, being only a collection of ϕ -features, they have no internal structure. In Chomsky (1994)'s terms, they are therefore both minimal and maximal projections. The reason why they appear in one of these positions when *Spell-Out* applies, has to do with the way their morphological checking is satisfied in the language. The distinction between clitics and weak pronouns is therefore not defined *a priori*.

3) Deficient pronouns move to check their case. Contrary to Belletti (1993)'s assumption, however, it is not their overt case-marking which forces them to move before *Spell-Out*. (see, for example, Cardinaletti (1993) who recalls that in a language like Faroese, in which even full DPs are morphologically case-marked, only pronouns can be moved to the left). Instead, it is the lack of referential features which makes deficient pronouns invisible to the LF component and forces them to overtly move to the position in which their case is checked. This follows the spirit of the analysis of the overt movement of the auxiliaries in English presented in Chomsky (1993).

Since deficient pronouns raise for case checking, and structural case checking is dependent on the presence of Agreement (Chomsky, 1993), they must raise to the checking

domain of a Agr head with strong V or NP-features.

In languages where this position is the same as the visible landing site of the verb, deficient pronouns affix to the verb and surface as a head, i.e. as a clitic. Note that the fact that the verb is in this position at *Spell-Out* means that this Agr head has strong V-features.

In languages in which the verb is not in a Agr position when *Spell-Out* applies, deficient pronouns move to the specifier position of Agr with strong NP features. This position can be either below V, as in Brazilian Portuguese and Germanic languages main clauses; or above V, as in Germanic languages embedded clauses and in interpolation phenomena in Old Romance (cf Rivero's analysis of Old Spanish).

This analysis is strongly supported by the comparison between the behaviour of deficient pronouns in European Portuguese (EP) and Brazilian Portuguese (BP).

In the Romance family, BP offers a rare case of occurrence of a deficient pronoun in specifier position. In this language, the accusative pronoun *ele* (him/it) has the fundamental interpretive property of deficient pronouns. It accepts a [-human] DP as its antecedent.

However *ele* does not behave like a clitic. It surfaces in the same position as full DPs do, i.e. in post-verbal position. This is exemplified in a) *O rapaz comprou esse livro* (The boy bought this book)/ b) *O rapaz comprou ele* (The boy bought it).

This is impossible in European Portuguese (EP) where the pronoun *ele* in object position 1) must be proposed by the preposition *a* and 2) only accepts a [+human] DP as its antecedent. In EP, a sentence like b) would require a clitic (*O rapaz comprou-o*).

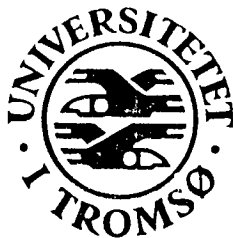
Other important syntactic differences exist between the two dialects. In the framework of the Minimalist Program, these differences can be analyzed as the consequence of the difference in the value of the features of Agr.

The V-feature of Agr is strong in EP but weak in BP. This claim is supported by the morphological poverty of the latter in comparison with the former.

In contrast, the NP-feature of Agr is weak in EP, as it was proposed by many researchers for other Romance languages and for English, but it is strong in BP. One evidence in favour of this hypothesis can be found in the fact that contrary to what happens in EP (Ambar 1987), the floating quantifier *todos* (all) is allowed to occur between the verb and its direct object only when the latter is heavy. This suggests that in this case the object is extraposed. Interestingly, *todos* cannot appear between the verb and *ele* in object position. This is expected since weak pronouns cannot be extraposed. If *todos* is adjoined to VP, as argued by Sportiche (1989), this shows that direct objects are not inside VP, but rather in *Spec/AgrOP*.

This means that Accusative case is checked before *Spell-Out* in BP. This explains why *ele* surfaces in the same position as full DPs. This is the position in which it satisfies the requirement of being in the checking domain of Agr before *Spell-Out*, without having to move further than full DPs.

To sum up, this paper shows that in the Minimalist Framework the syntactic behaviour of pronouns derives without further stipulation from the interaction between semantic specificities expressed in the lexicon and the values of the parameters associated with functional categories like Agr.



March 7, 1995

Dear Colleague:

On behalf of the GLOW selection committee, I regret to inform you that we are unable to include your paper in the GLOW Colloquium this year. Competition to participate in the colloquium was intense and we were only able to accept approximately 15% of the submitted abstracts. The result of this was that there were many excellent abstracts which we were not able to accept.

The committee would like to extend to you an invitation to attend the 18th GLOW Colloquium, to be held May 31-June 2, 1995, at the University of Tromsø. We are confident that the conference will include many interesting papers of the highest quality.

In addition to the Colloquium scheduled on the dates mentioned above, there are two GLOW Workshops scheduled for Saturday, June 3. The topics for the workshops are *Inflection and Word Order in Finno-Ugrian Languages* and *Constraints in Phonology*. We are confident that the workshops will be as stimulating as the Colloquium and we hope that you will consider contributing to their success by staying on in Tromsø through the day Saturday.

Coinciding with the Colloquium is the KNUT BERGSLAND LECTURE IN GENERAL LINGUISTICS, which this year will be held in the evening of Wednesday, May 31. The lecturer is Dr. Ken Hale, who will deliver a talk entitled *On the Linguistic and Human Importance of Linguistic Diversity*.

The programs for the Colloquium and the Workshops will be published soon in the GLOW Newsletter and on the LINGUIST list.

If you are curious about Tromsø, we encourage you to visit our www homepage at:
<http://www.uit.no/>.

Looking forward to welcoming you to Tromsø and to a very promising conference,

INSTITUTT FOR SPRÅK OG LITTERATUR
GLOW Selection Committee
University of Tromsø, N-9037 Tromsø
Telefaks 77 64 56 25, email <glow95@isl.uit.no>

Visita dos Prof. Raffaella Zanutini, da Universidade de Georgetown e Robert Frank, da Universidade Delaware, ao Departamento de Linguística, de 21 a 31 de agosto de 1995.

Programa de atividades

- Prof^a. Raffaella Zanuttini.

As atividades da Profa. Raffaella no IEL girarão em torno do assunto da qual ela é uma das maiores especialistas no quadro teórico chomskyano: a negação. É um assunto que interessa vários colegas e alunos de pós-graduação que trabalham em sintaxe ou em semântica, com respeito ao português ou a outras línguas, penso em particular nas línguas indígenas. Ela está pessoalmente muito interessada em conhecer fatos e análises dizendo respeito ao fenômeno da negação nessas línguas. Por isso, a sua visita no IEL deve estar organizada de maneira a propiciar o maior intercâmbio possível entre ela e as pessoas do departamento interessadas no assunto. O programa seguinte, que tem como base a apresentação num mini-curso do livro que ela está atualmente redigindo, tem como objetivo otimizar esse intercâmbio.

1. Mini-curso de 3 aulas sobre a negação nas línguas românicas (cf programa em anexo), seguido por uma sessão/workshop sobre a negação no português e nas línguas indígenas.

2. Atendimento a alunos de pós-graduação trabalhando sobre questões de negação. Em função do andamento das teses, eventuais participações a qualificações.

3. Encontro com os membros do Projeto da Gramática do Português Falado.

- Prof. Robert Frank

A visita do Prof. Robert Frank ao IEL se articula com a sua participação na segunda oficina organizada pelo Grupo de Sistemas Complexos do Instituto de Estudos Avançados da Usp sobre Física Estatística, Reconhecimento de Padrões e Seleção de Gramática. A reflexão que ele vem levando sobre a forma da teoria gramatical e suas implicações para uma teoria da aquisição é particularmente interessante nesse momento da evolução da teoria chomskiana no sentido do Programa Minimalista, por um lado, e de formalização da teoria da aquisição, por outro lado. As suas atividades terão dois aspectos principais, conferências e atendimento a alunos de pós-graduação por um lado, e encaminhamento de um projeto de pesquisa por outro lado.

1. Série de conferências sobre o formalismo Tag (Gramáticas Arborescentes) na sua relação com o Programa Minimalista, e sobre modelos formais de aquisição (cf programa em anexo).

2. Atendimento a alunos de pós-graduação trabalhando sobre questões ligadas à aquisição no quadro de uma teoria formal de gramática.

3. Pesquisa em colaboração com as Profas Maria Bernadete Abaurre e Charlotte Galves (cf projeto em anexo).

TOPICS IN ROMANCE SYNTAX: SENTENTIAL NEGATION.
Raffaella Zanuttini

The lectures will report on current research I am conducting on the syntactic properties of sentential negation (to appear in a volume by Oxford University Press). The languages investigated are some of the best known and widely spoken Romance languages (e.g. Italian and French), as well as some of the less well known Romance varieties spoken in Northern Italy and Southern France (e.g. Piedmontese and Occitan). The study is an investigation of the range of variation exhibited by these languages in the expression of sentential negation and its implications for syntactic theory in general.

What follows is a brief outline of the content of the four meetings:

1) Pre-verbal negative markers.

Languages like Italian and Spanish negate a sentence by means of a negative marker which precedes the finite verb and all the pronominal clitics (cf. Italian 'non', Spanish 'no'). I will argue that the syntactic behavior of these negative markers is best captured by analyzing them as the head of an independent syntactic projection, NegP. Languages like French or Romagnolo also negate a sentence by means of a negative marker which precedes the finite verb; however, differing from the previous ones, these negative markers cannot occur alone but require the co-occurrence of a post-verbal negative marker (cf. French 'ne...pas', Romagnolo 'n...brisa'). I will argue that this difference reflects the different syntactic characterization of the negative markers in the two cases: the pre-verbal negative markers of French and Romagnolo do not head their own syntactic projection but rather are cliticized onto another syntactic head. Finally, I will show that the two different syntactic representations for the pre-verbal negative markers correspond to a difference in their contribution to the interpretation of the clause.

2) Post-verbal negative markers.

A strikingly different strategy for expressing sentential negation is exhibited by other Romance languages, in particular those spoken in Northern Italy and Southern France (traditionally referred to as Gallo-Italic and Franco-Provençal dialects, respectively). These languages employ a negative marker which follows the finite verb (cf. Piedmontese 'nen', Occitan 'pa') and occurs in the 'syntactic space' between the participle and the complements. I will provide a detailed analysis of their distribution with respect to that of the adverbs which occur in the same syntactic space (those corresponding to English 'already, anymore, always, completely'). This will lead me to conclude that the post-verbal negative markers do not occupy a single structural position but rather occur in different positions in the different languages examined and even within the same language. In at least two cases I will show that a structural difference correlates with an interpretive difference: the negative markers which occur structurally higher than the adverb 'already' introduce a presupposition, while those which are lower in the structure do not.

3) Negative imperatives

The two strategies for marking sentential negation outlined above, i.e. the one which employs a pre-verbal negative marker and the one which employs a post-verbal negative marker, differ sharply in the presence of so-called 'true' imperative verbs (i.e. verbs which show morphological distinctions unique to the imperative paradigm). While the pre-verbal negative marker of Italian is incompatible with such verbs (cf. Italian "*Non mangia!" 'Don't eat!'), the post-verbal

negative marker of Piedmontese is perfectly compatible with them (cf. "Mangia nen" 'Don't eat!'). I will provide an analysis of these data in terms of the dependence of the pre-verbal negative marker on a modal head, which is missing in this type of imperatives. This analysis accounts for the pattern exhibited by the languages under investigation and is compatible with the analysis of the position of clitics in negative imperatives in Romance proposed in Kayne (1991).

4) The case of Brazilian Portuguese

On the basis of the data and analyses presented in the previous meetings, I will draw some general conclusions on the structure of negative clauses in Romance and on the implications of these proposals for languages other than the ones already discussed. In particular, with the help of the audience, I will discuss the case of Brazilian Portuguese, whose strategy for marking sentential negation exhibits properties of both the strategies discussed above.

GENERALIZED TRANSFORMATIONS IN GRAMMATICAL THEORY: TREE ADJOINING GRAMMAR AND THE MINIMALIST PROGRAM Robert Frank

These lectures will focus on compositional views of syntactic theory, i.e., ones in which phrase structure is built up during the course of a syntactic derivation. Such a conception was adopted in the earliest work in generative grammar (Chomsky 1955, 1957), where it was instantiated in the machinery of generalized transformations (GTs), operations which combine separate pieces of structure into a single phrase marker. Recent work in grammatical theory has witnessed a return for these long neglected operations. We will aim, in these lectures, to see precisely what empirical and conceptual motivations have been responsible for the reintroduction of GTs into theories of grammatical competence.

In the first lecture, we will examine some of this original literature on GTs, and examine why they were largely abandoned by the mid 1960's. In subsequent lectures, we will compare two recent proposals which incorporate GTs into the theory of grammar: Chomsky's minimalist framework (Chomsky 1992, 1994) and Tree Adjoining Grammar (TAG) based theories of grammar (Kroch and Joshi 1985, Kroch 1987, Frank 1992, Frank and Kroch 1995). We will focus especially on two topics: (i) how the different notions of GTs interact with long-distance dependencies and locality effects; (ii) the locus of interpretation within compositional theories of phrase structure. Time permitting, we will also address the implications of GT-based theories of grammatical competence in explaining the time course of language acquisition. Specifically, we will see that certain difficulties which have been documented during normal first language acquisition can be related to problems the child has in performing certain GT operations.

Programa de Pesquisa

Durante a sua visita ao Departamento de Linguística, o Prof. Robert Frank desenvolverá um trabalho de pesquisa sobre o modelo generalizado de aquisição de Gibson e Wexler(1992) em colaboração com as Profas Maria Bernadete Abaurre e Charlotte Galves. Esse trabalho faz parte do projeto de pesquisa sobre modelos de aquisição e mudança gramatical que vem sendo desenvolvido pelo Grupo de Sistemas Complexos do Instituto de Estudos Avançados da Usp, do qual fazem parte as referidas professoras. O objetivo do trabalho é incorporar ao Modelo de Gibson e Wexler o critério de ajuste prosódico proposto nos artigos de Abaurre e Galves (1992), Galves e Galves (1994), Cassandro e Galves (1995), e Cassandro, Galves e Galves (em andamento).

O modelo proposto por Gibson e Wexler (1994) dá um salto qualitativo na formalização do processo de aquisição linguística dentro do Modelo de *Princípios e Parâmetros*. Trata-se de um algoritmo estocástico que percorre o conjunto das gramáticas satisfazendo os princípios da Gramática Universal, obedecendo a um critério de otimização local da amostra de evidências positivas oferecidas à criança durante a aprendizagem da sua língua materna. Esse artigo deu origem a várias extensões e clarificações (Berwick e Nyogi 1993; Frank e Kapur 1993; Cassandro e Galves 1995, Cassandro, Galves e Galves em andamento.). Nestes dois últimos trabalhos, em particular, mostra-se como é possível generalizar o modelo incorporando o ajuste prosódico ao critério de otimização local. Isso permite uma interpretação da evolução histórica que conduziu do português clássico ao português europeu moderno no início do séc. XIX.

Para estender esses últimos trabalhos, é necessário clarificar a articulação entre as definições sintáticas e fonológicas de fronteira sintagmática que dão base à noção de ajuste prosódico. É também necessário uma formalização do espaço de gramáticas sobre o qual age o modelo de Gibson e Wexler. Um passo importante nessa formalização foi dado em Frank e Kroch (1994) através do formalismo das *Gramáticas Arborescentes (Tree Adjoining Grammars)*. A visita do Prof. Robert Frank possibilitará avançar nessa área interdisciplinar em colaboração com os colegas do grupo de Sistemas Complexos do IEA/USP.

Referências bibliográficas

- Abaurre, M.B. e C. Galves, 1992. Os clíticos no português brasileiro, uma abordagem sintático-fonológica, a ser publicado em : M. Basílio (org.), *Gramática do português falado*, vol.IV.
- Berwick, R. e P. Nyogi, 1993. Formalizing triggers: a learning model for finite spaces, *A.I. Memo No.1449*, MIT, Cambridge, MA.
- Cassandro, M. e A. Galves, 1995. Acquisition et changement linguistique dans le modèle de Gibson et Wexler. *Colloque Langues et Grammaires II*, Universidade Paris-VIII.
- Cassandro, M., A. Galves e C. Galves, em andamento. Comments on the GW model.

Frank, R. e S. Kapur, 1993. On the use of triggers in parameter setting, manuscrito, University of Pennsylvania.

Frank, R. e A. Kroch, 1993. Generalized Transformations and the Theory of Grammar, *Studia Linguistica*, no prelo.

Gibson, E. e K. Wexler, 1994. Triggers, *Linguistic Inquiry* 25, 407-454.

STATISTICAL PHYSICS, PATTERN RECOGNITION and GRAMMAR SELECTION

INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS - USP

In Chomsky's Principles and Parameters model, a child acquiring his native language selects a grammar by fixing a point in a region of the space of parameters, satisfying the constraints of Universal Grammar. This selection involves a complex optimization procedure whose nature is far from being understood. A new light was recently shed on the field by both studies on language change and the probabilistic modelling of the selection procedure. In the workshop, these issues will be discussed in connection with the problem of structure recognition at the A-P interface, using ideas coming from the statistical physics approach to pattern recognition.

CENTRO DE BIOLOGIA MARINHA - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
SÃO SEBASTIÃO, SEPTEMBER 4 - 9, 1995

Participants:

- *MARIA BERNADETE ABAURRE, Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp
- HUGO ARMELIN, Instituto de Química - USP
- *MARZIO CASSANDRO, Dip. Fisica Università di Roma "La Sapienza"
- PABLO FERRARI, Instituto de Matemática e Estatística - USP
- ROBERT FRANK, Linguistics Department, University of Delaware
- *ANTONIO GALVES, Instituto de Matemática e Estatística - USP
- *CHARLOTTE GALVES, Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp
- MARY KATO, Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp
- ANTHONY KROCH, Linguistics Department, University of Pennsylvania
- ARTUR OSCAR LOPES, Instituto de Matemática - UFRGS
- ILZA RIBEIRO, Faculdade de Letras - Univ. Estadual de Feira de Santana
- ESTER SCARPA, Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp
- PILAR IGLESIAS ZUAZOLA, Dep. Estadística, Pontificia Universidad Católica, Chile

*Organizers

Informations:

Inês Iwashita phone (5511) 818-4442/3919 fax (5511) 211-9563/818-4306
e-mail gsciea@org.usp.br or galves@ime.usp.br

**2^d Workshop on
Statistical Physics, Pattern Recognition and Grammar Selection.**

Instituto de Estudos Avançados, Universidade de São Paulo

*to be held at the Centro de Biologia Marinha da USP,
São Sebastião, SP, Brazil, September 4-9, 1995**

In Chomsky's Principles and Parameters model, a child acquiring his native language selects a grammar by fixing a point in a region of the space of parameters, satisfying the constraints of Universal Grammar. This selection involves a complex optimization procedure whose nature is far from being understood. A new light was recently shed on the field by both studies on language change and the probabilistic modelling of the selection procedure. In the workshop, these issues will be discussed in connexion with the problem of structure recognition at the A-P interface, using ideas coming from the statistical physics approach to pattern recognition.

List of participants:

Maria Bernadete Abaurre (IEL/UNICAMP, *organizer*),
Marzio Cassandro (Dip. Fisica, Roma La Sapienza, *organizer*),
Pablo Ferrari (IME/USP),
Luiz Renato Fontes (IME/USP)
Robert Frank (Linguistics Department/University of Delaware),
Antonio Galves (IME/USP, *organizer*),
Charlotte Galves (IEL/UNICAMP, *organizer*),
Pilar Iglesias (Pontificia Universidad Catolica, Chile),
Mary Kato (IEL/ UNICAMP),
Anthony Kroch (Linguistics Department/ University of Pennsylvania),
Artur Lopes (Matemática, UFRGS),
Ilza Ribeiro (Letras, UEFS),
Ester Scarpa (IEL/UNICAMP).

*Supported by FAPESP and CNPq

Program

Monday, 4/9/95

14h: *Collective discussion on the goals of the meeting.*

chairperson: Maria Bernadete Abaurre

15-18: Robert Frank: *On the Use of Triggers in Parameter Setting.*

advocati diaboli: Marzio Cassandro/Charlotte Galves

Tuesday, 5/9/95

9-12: Anthony Kroch: *Morphosyntax and Variation.*

advocati diaboli: Antonio Galves/ Mary Kato/ Ilza Ribeiro

15-18: Maria Bernadete Abaurre: *The Prosodic Pattern of Brazilian Portuguese.*

advocati diaboli: Antonio Galves/ Ester Scarpa

Wednesday, 6/9/95

9-12: Antonio Galves/ Charlotte Galves: *Prosody Driven Language Acquisition and Change*

advocatus diaboli: Anthony Kroch/ Mary Kato/ Ilza Ribeiro

15-18: Round Table on *Formal Grammars and Acquisition.*

chairperson: Robert Frank

Thursday, 7/9/95

9-12: Ester Scarpa: *When Syllables are Utterances.*

advocati diaboli: Charlotte Galves/ Maria Bernadete Abaurre

15-18: Marzio Cassandro: *Language Acquisition and Change in a Generalized Gibson-Wexler Model.*

advocati diaboli: Pablo Ferrari/ Luiz Renato Fontes/ Robert Frank

Friday, 8/9/95

9-12: Mary Kato: *Functional Categories and Full Competence.*

advocati diaboli: Anthony Kroch/ Ester Scarpa

15-18: Artur Lopes: *Maximum Likelihood and Minimum Entropy Identification of Grammars.*

advocatus diaboli: Marzio Cassandro/ Pablo Ferrari/ Pilar Iglesias

Saturday, 9/9/95

9-12: Round Table on *Statistical Physics, Pattern Recognition and Grammar Selection.*

chairperson: Marzio Cassandro

Charlotte Galves

**"Gramáticas minimalistas do
português"**

Primeiro esboço

30/10/1995

Ao leitor

O texto que aqui se apresenta é um canteiro de obras.

A sua construção não tem sido linear mas antes o resultado de um vai e vem permanente entre descrição e análise, bem como entre os capítulos, por isso cada parte depende da outra e nada é definitivo na sua forma .

Não penso que seja neste momento um texto realmente legível, embora ele contenha já os elementos fundamentais da sua constituição. Ainda faltam argumentos e falta organizar certos dados, inclusive na parte mais elaborada, que diz respeito ao português brasileiro (capítulos 1 e 2). O capítulo 3 ainda é um esqueleto, mas a análise do português europeu (capítulos 3 e 4) está agora clara para mim nas suas grandes linhas, como está clara a questão da mudança do português clássico para as línguas modernas (capítulo 5), apesar de estar ainda ausente desta versão. Tenho trabalhado nesse assunto em artigos independentes cujo conteúdo será incorporado ao livro. O capítulo 0 não passa por enquanto de um conjunto de notas, mas deverá propiciar ao leitor a base teórica da discussão, a sua redação definitiva também dependerá da forma final do conjunto dos capítulos.

O que está claro agora para mim é que o livro se fará.

Capítulo O:

O PROGRAMA MINIMALISTA PARA A TEORIA LINGUISTICA

I. Convergência e economia

Chomsky (1993), p.4: "As expressões linguísticas são as realizações ótimas das condições de interface, onde "optimalidade" é determinado pelas condições de economia de GU."

Forma da gramática no modelo GB, com definição dos níveis.

No programa minimalista, os únicos níveis de representação são os níveis de interface entre o sistema de computação e os sistemas de desempenho. Dois níveis de representação em lugar de quatro. Essas representações podem ser entendidas como um conjunto de instruções para esses sistemas.

Não há mais o nível de interface interno

A ramificação entre o componente fonológico e semântico não corresponde mais a um nível de representação.

Spell-Out.

Uma frase bem formada corresponde a representações contendo unicamente objetos interpretáveis pelos sistemas de desempenho. Nesse caso diz-se que a derivação converge. Uma derivação converge em forma fonológica somente se esta contém objetos interpretáveis pelo sistema articulatório- perceptual, e em forma lógica se esta contém somente objetos interpretáveis pelo sistema conceptual-intencional. Esses objetos ininterpretáveis seriam, para PF, elementos sem interpretação fonológica, do lado LF, por exemplo, operadores sem variáveis, ou variáveis não ligadas, ou ainda NPs sem papel temático. A noção de convergência corresponde a uma reformulação do *Princípio de Interpretação plena* proposto em Chomsky (1985). Diz-se de uma derivação que não converge em PF ou LF que ela *capota*.

Mas não é suficiente para uma derivação ser convergente. Ela também tem que ser a *mais econômica possível*.

Podem-se reconhecer dois momentos na utilização do conceito de economia no programa minimalista. O primeiro corresponde a uma concepção mais intuitiva de economia, que se situa em continuação do artigo "Note on economy of derivations". No segundo, o quadro é mais formalizado e a noção de economia passa a envolver explicitamente a comparação de duas ou mais derivações alternativas a partir dos *mesmos recursos lexicais*. A noção de *numeração* introduzida por Chomsky (1995a) permite definir *conjunto de referência* (*reference set*) em relação ao qual duas derivações são comparáveis. Considerem-se, por exemplo, os seguintes enunciados do inglês:

There arrived a man

A man arrived

Essas frases correspondem a duas numerações diferentes, uma vez que o expletivo lexical *there* entra na primeira mas não na segunda. As suas derivações não são portanto comparáveis, e as duas correspondem a derivações "ótimas". Note-se que esta concepção da economia implica que se considere o elemento nulo *pro* como um elemento da numeração numa língua de sujeito nulo como o português, onde as duas ordens para o sujeito também são possíveis.

Chegou um homem
Um homem chegou

Com efeito, se se levasse só em consideração aquilo que está fonologicamente realizado na estrutura, esperar-se-ia que uma das derivações bloqueasse a outra, o que não acontece.

Um exemplo de bloqueio de derivação por considerações de economia se encontra no seguinte contraste:

There seems to be a man in the room
*There seems a man to be in the room

Essas duas frases têm a mesma numeração de partida. A escolha da derivação mais econômica surge no passo da derivação em que já está construída a estrutura:

[_γto be [a man in the room

Duas opções são possíveis então para introduzir o especificador de γ . A primeira consiste em inserir *there*, a segunda em mover a *man*. Esta é mais custosa porque ela viola *Procrastinate*.

São considerados princípios de economia no primeiro modelo do minimalismo:¹

- *Procrastinate*: a derivação tem que atingir PF o mais rapidamente possível.
- *Greed*: "self-serving *Last Resort*" "um passo na derivação só é legítimo se for necessário para a convergência... Uma derivação mais curta é preferível a uma mais longa, e se a derivação D converge sem a aplicação de alguma operação, então, essa operação /'é ilegítima". (Chomsky 1993, p.32-33)

"Mover desloca α para a posição β somente se for a única maneira de satisfazer as propriedades de α . (Chomsky 1995a, p.400).

exemplos de movimento ilegítimos (Chomsky 1993, p.32):

There is a strange man in the garden
*There seems to a strange man that it is raining outside

Na primeira frase o NP *a strange man* se move em sintaxe invisível para checar seu caso. Na segunda frase, *to a strange man* não tem razão de se mover, porque já tem seu caso checado internamente ao PP. A derivação converge mas não recebe uma interpretação coerente porque *there* não é associado a nenhum argumento.

¹ Chomsky (1993, p. 32) também considera o Princípio de Interpretação Plena como um princípio de economia atuando sobre as representações.

Chomsky conclui: "As derivações são estreitamente conduzidas pelo requisito mecânico da verificação dos traços, não por uma procura de inteligibilidade, ou alguma coisa do gênero." (p.33 estreito

- Condição do *elo mínimo*, ou *movimento mais curto* (Chomsky 1993, p.34).

A condição do *elo mínimo* é uma reformulação das condições de localidade embutidas, no último modelo de Princípios e Parâmetros, no *Princípio das Categorias Vazias*, em particular, na formulação de Rizzi da *Minimalidade relativizada*.

A comparação envolve só derivações convergentes ou não?

Marantz (1995): não, cf *Shortest Move*. Contudo *Greed* e *Procrastinate* se limitam a comparar derivações convergentes

Chomsky (1995, a, b): sim. NB. *Shortest Move* não é mais considerado como um princípio de economia. 1995a (p.430): ausência de convergência. 1995b: propriedade da regra *Mover*.

A afirmação de que só as derivações convergentes são levadas em consideração para o cálculo da derivação ótima, leva Chomsky (1995a) a considerar, contra Chomsky (1994) que o critério temático conta convergência de uma derivação.

Procrastinate pode ser violado para a derivação convergir. Os outros princípios não. Mas em Chomsky (1995) a necessidade de verificar traços fortes antes de *Spell-Out* não deriva mais da necessidade de convergência.

Como ficam os antigos princípios? Em particular qual passa a ser o estatuto daqueles que supostamente se aplicavam em Estrutura-D e S?

- *Princípio de projeção*: "As informações lexicais são representadas em todos os níveis da gramática".

- *Princípio de projeção estendido*: "Toda oração tem sujeito".

- *Critério temático*:

"a. Cada argumento recebe um e um só papel temático.

b. Cada papel temático é atribuído a um e um só argumento."

cf Chomsky (1993), p.20." Em Forma Lógica, essas condições são triviais. Se não são satisfeitas, a expressão recebe uma interpretação deviante na interface; não há mais nada a dizer. O princípio de projeção e o Critério Temático não têm significação independente em LF... Esses princípios são portanto duvidosos de um ponto de vista conceptual, embora tenhamos que dar conta das suas consequências empíricas, tal como a restrição contra a substituição numa posição temática."

O estatuto do *Critério temático* é reconsiderado. no seu segundo texto, Chomsky (1995a, p.428) argumenta que se trata de um princípio pertinente para a convergência das derivações.

Chomsky (1995b, p. 79-80) "não deve haver interação entre a teoria temática e a teoria do movimento. Os papéis temáticos não são traços formais... eles são atribuídos no domínio interno, não no domínio de verificação. Complementariedade: numa cadeia $\alpha_i \dots \alpha_n$, α_n recebe um papel temático, e α_i entra numa relação de verificação."

Deriva-se assim o Critério temático.

- *Filtro do caso*: "Todo NP com realização fonológica tem caso abstrato"

- *Teoria da ligação*. O Princípio C da Teoria da Ligação se aplica em Estrutura-S.

- *Princípio das categorias vazias.*

1995: restrições de outra natureza sobre a derivação:

- derivação abortada (ex: traços fortes)
 - parte da definição do operação *Move*. Noção de operação legítima. 1995
- Sobra da economia a escolha entre *Merge* e *Move*.

2. Traços e verificação.

os itens lexicais de categoria V, N, A são flexionados no léxico. São inseridos na derivação com sua morfologia e os traços correspondentes:

ex:

esses traços desempenham um papel na computação mas não nas interfaces PF e LF, e devem ser eliminados para a derivação convergir.

(1995: a introdução da noção de *traço interpretável* muda o alcance dessa conclusão. traços (na primeira versão):

- traços categoriais (traços inerentes).
- traços ϕ ; género, número, pessoa e caso, nos itens lexicais. Nas categorias funcionais, género, número, pessoa. O traço de caso das categorias funcionais confunde-se com o seu traço-NP.

Esse modelo tem consequências cruciais para a formulação da teoria do caso, que não é mais uma teoria da *atribuição* do caso, mas uma teoria da *verificação* do caso.

Toda verificação implica que o elemento a ser checado esteja nalgum ponto da derivação no *domínio de checagem* da categoria verificadora.

- Adjunção a um núcleo
- especificador de um núcleo

a verificação do caso se faz em configuração especificador/núcleo. (relação mais restritiva do que no modelo anterior que admitia duas configurações de atribuição de caso: caso por concordância e caso por regência).

O papel de Agr na atribuição do caso.

cf Agr como categoria funcional (Pollock, 1987)

Traços fortes/traços fracos. Lugar da parametrização. Não corresponde explicitamente à riqueza morfológica. Relação?

O traço-N forte

A nova teoria dos traços de 1995

Uma tipologia baseada em diversas dimensões:

traços inerentes, listados no item lexical.

traços opcionais acrescentados pela operação que forma a numeração.

Tipos de traços (Chomsky 1995, p.49):

- traços categoriais
- traços ϕ
- traços de caso
- traço-F forte

(1995, p.11):

Se F é forte, então F é o traço de uma categoria não substantiva e F é checado por um traço categorial.

Nomes e Verbos não têm traços fortes e um traço forte sempre requer uma certa categoria no seu domínio de verificação, não um caso ou traços- ϕ .

Um traço forte é um traço que a derivação não pode tolerar. A derivação termina e é cancelada se contém um traço forte.

Esta afirmação contudo precisa ser melhor qualificada. Um traço forte não tem condições de ser verificado na projeção que o domina imediatamente. Observe o caso de Infl contendo um traço-D forte. Pelo menos um passo da derivação tem que se fazer com ele: aquele que contém a projeção imediata de Infl, e a funde com um elemento que será o seu especificador. Chomsky até admite um passo suplementar. A essa primeira projeção é adjungido por exemplo um advérbio. O DP que verifica o traço forte só é inserido, por movimento ou fusão, depois. Isso é legítimo, pois, segundo Chomsky, a derivação só termina por falta de verificação de um traço forte se este não foi verificado dentro da sua própria projeção. Por exemplo, se Infl for fundido com C, que projeta para CP, e o traço não tiver sido verificado antes.²

O elemento que verifica um traço forte pode ser introduzido por Fusão ou Movimento.

- Traços interpretáveis:

traços categoriais

traços- ϕ dos nominais

- Traços não interpretáveis

caso dos nominais

traços- ϕ dos verbos e dos adjetivos.

os traços das categorias alvo: traço forte, traço afixal (?), traços - ϕ , traço atribuidor de caso de T e V³.

(p. 50)

3. Fusão e Movimento

A operação de movimento

O movimento invisível. (1995, p.44)

A localidade: teoria dos domínios

4. O formato X'

² Chomsky deriva dessa análise a impossibilidade de um traço-forte aparecer numa categoria que não projeta. No capítulo seguinte, proporemos uma alternativa a essa restrição sob forma de um princípio de *Earliness*, exigindo que um traço forte seja verificado o mais rapidamente possível.

³ Chomsky nota que "o caso difere dos traços- ϕ pelo fato de ser sempre [-interpretável], para ambos os termos da relação de verificação. O caso é assim o traço formal por excelência, e não é surpreendente que essa linha de pesquisa tenha as suas origens no filtro do caso de Vergnaud."

Desde *Remarks and Nominalization* para as categorias lexicais e *Barriers* para as categorias funcionais, o formato das estruturas linguísticas vem sendo regido pelos princípios da teoria X':

- um e um só núcleo
- endocentricidade
- os termos não nucleares são projeções máximas
- só um núcleo pode se adjungir a um núcleo e só uma projeção máxima pode se adjungir a uma projeção máxima.

Kayne (1994) argumenta que esses princípios não são primitivos, mas derivam de um princípio geral de linearização que ele chama *Axioma de Correspondência Linear* (*Linear Correspondence Axiom* (LCA)).

A análise de Kayne baseia-se na seguinte definição de c-comando:

X c-comanda Y sse X e Y são categorias, e X exclui Y, e toda categoria que domina X domina Y.

X exclui Y se nenhum segmento de X domina Y.

1. Derivação dos princípios anteriores

2. Derivação de novos princípios:

- As posições de especificadores correspondem a adjunções. Isso acarreta a perda da distinção entre adjuntos e especificadores na derivação das frases.

- uma só adjunção ao mesmo núcleo é permitida. Dois sintagmas adjungidos ao mesmo núcleo se c-comandam mutuamente, não podendo portanto ser linearizados um em relação ao outro. Para cada especificador (adjunto) deve se portanto definir um núcleo autônomo.

4

Chomsky, por sua vez, propõe uma simplificação da teoria X', bem como uma derivação de certos princípios.

⁴ A teoria da linearização de Kayne, que bloqueia múltiplas adjunções a um mesmo núcleo tem consequências para a análise dos clíticos. Primeiro, impede a múltipla adjunção de vários clíticos a um mesmo núcleo. Depois proíbe a adjunção do clítico a uma categoria funcional à qual já se adjunziu o verbo. Kayne retoma assim a hipótese de que os clíticos são adjungidos a núcleos funcionais vazios.

Capítulo 1: A sintaxe pronominal do Português Brasileiro

A sintaxe pronominal brasileira apresenta particularidades que a distinguem não somente do Português Europeu como também das línguas românicas em geral. Consideraremos aqui três grandes conjuntos de fenômenos representativos dessa sintaxe:

- o paradigma falho dos pronomes clíticos, bem como a sua particular sintaxe de colocação.
- A sintaxe do pronome tônico *ele*, que se sub-divide em duas partes: *ele* em posição de objeto direto e *ele* como pronome lembrete.
- A interpretação e distribuição do pronome nulo em posição objeto e sujeito.

I. Os clíticos

1. O paradigma

A observação do uso dos pronomes clíticos no português brasileiro falado faz aparecer alguns traços salientes que apontam para um paradigma que se afasta bastante do paradigma correspondente instanciado pelo PE, ou por outras línguas românicas como o francês, o italiano ou o espanhol. O quadro I mostra a repartição dos pronomes clíticos por forma em dois estudos realizados em amostras de tamanho bastante diferente. O primeiro é de Monteiro (1991) com um total de 2003 ocorrências, e o segundo é de Abaurre e Galves (1992) com um total de 172 ocorrências. Nos dois casos, os dados foram extraídos do corpus da NURC.

Quadro I. Repartição dos clíticos no corpus NURC, segundo a forma.

	<i>me</i>	<i>te</i>	<i>se</i>	<i>lhe</i>	<i>nos</i>	<i>o/a</i>	<i>T</i>
M.	519	12	1266	47	86	73	2003
A.G	48	3	105	1	5	10	172

De maneira muito interessante, as duas amostras revelam uma repartição por forma dos clíticos muito coerente uma com a outra. Nessa repartição, dois fatos atraem logo a atenção:

- Aproximadamente 85% das ocorrências concernem os pronomes *se* e *me*.
- O clítico acusativo de 3ª pessoa *o/a* aparece pouco, aproximadamente 6% das ocorrências.

Esse último fato não nos surpreende. Ele é coerente com o uso do pronome *ele* como

pronome fraco, que estudaremos detalhadamente na próxima seção. Sabemos que *ele* e a categoria vazia (cf seção 3) ocupam o lugar do clítico acusativo na fala coloquial. Duarte (1989), analisando um corpus de língua falada abrangendo várias faixas etárias e de escolaridade comenta: "o primeiro ponto a chamar a atenção é a ausência absoluta de clíticos na fala dos jovens, enquanto para os demais grupos seu uso cresce ligeiramente com o nível de escolaridade e permanece variável em relação à faixa etária. O uso do pronome lexical, ao contrário, mais frequente na fala dos jovens (23.5%), decresce à medida que escolaridade e faixa etária sobem, chegando a 9,8% entre os informantes com 3o grau O favorecimento de [SNe] por todos os grupos mostra o estágio de implementação da variável no sistema linguístico" (op. cit. p.27).

Duarte mostra o papel da escola na emergência do clítico acusativo na fala bem como no decréscimo do uso do pronome tônico. A ausência absoluta do clítico que ela aponta na fala dos jovens pode ser interpretada como o reflexo da ausência de produção do clítico pela gramática desses jovens, ou em outros termos, a ausência de estrutura associada pela sua gramática aos enunciados com clíticos. É exatamente a hipótese que será defendida aqui: a gramática do PB não produz enunciados contendo o clítico acusativo de 3a pessoa. A sua ocorrência no uso é o resultado de um aprendizado tardio. Ele faz parte portanto da periferia da gramática do português brasileiro, e não do seu núcleo. No paradigma pronominal do PB, o lugar do pronome fraco de 3a pessoa acusativo está ocupado pelo pronome tônico *ele*.

Evidentemente, a gramática não é a única responsável a repartição dos pronomes no corpus. As condições de produção desses devem determinar fortemente certas escolhas. Por exemplo, a importância de *se* e *me* pode estar devida à natureza particular das entrevistas: trata-se de textos privilegiando narrações na primeira pessoa por um lado, e generalizações que favorecem a indeterminação do sujeito por outro lado. Note-se que se poderia argumentar que os mesmos fatores discursivos desfavorecem a forma de terceira pessoa, cuja pouca ocorrência poderia então ser imputada não à sua marginalidade na gramática dos falantes, mas ao contexto discursivo.

Para controlar isso, comparemos os resultados acima com o que se observa num corpus de natureza comparável produzido por locutores do português europeu. Trata-se das entrevistas do Português fundamental¹. A amostra é comparável à de Abaurre e Galves, com 179 ocorrências de clíticos.

Quadro II. Comparação da repartição dos clíticos no corpus Português Fundamental, e no corpus NURC.

	PE (179)	PB (172)
<i>me</i>	30	48
<i>te</i>	2	3
<i>se</i>	82	105
<i>lhe</i>	28	1
<i>nos</i>	16	5
<i>o/a</i>	19	10

Constata-se que o pronome *se* aparece também como o mais frequente dos clíticos no corpus português. Porém a repartição desse clítico é sensivelmente diferente do que se

¹ Foram escolhidos informantes da mesma faixa de escolarização

observa no corpus brasileiro. Neste, dois terços dos *se* aparecem em verbos pronominais (65/105), o que corresponde a uma lexicalização do pronome (*calar-se*, *referir-se*, *virar-se*, *lembrar-se*). A sua segunda função é a indeterminação do sujeito (26/105), como já dissemos, fortemente favorecida pelo contexto. Ora, no Português Fundamental, é essa função que domina (40/81), e menos da metade dos *se* correspondem a verbos pronominais (38/81). Constata-se assim uma repartição mais equilibrada das funções do pronome que, em particular, não privilegia tanto o uso de pronomes lexicalizados.

É preciso ressaltar além disso que esses dois usos dominantes do *se* no PB são extremamente instáveis, uma vez que se constata uma nítida tendência ao apagamento do pronome. No que diz respeito aos verbos pronominais, Monteiro nota que essa alternância se acha frequentemente no discurso de um mesmo locutor, e às vezes em duas frases contíguas:

O Rio modificou em muitos aspectos; e como tem *se* modificado!

Quanto à indeterminação do sujeito, ela pode ser expressada simplesmente pelo sujeito nulo seguido do verbo na terceira pessoa. Voltaremos a esse aspecto particularmente revelador da gramática brasileira:

o que usa normalmente aqui no interior é o freio

O clítico mais frequente do corpus brasileiro é assim o mais instável na língua.

Deve-se notar também que os outros clíticos constituem mais de metade do total no corpus português (97/172) e somente um pouco mais de um terço no corpus brasileiro (67/172 ou 737/2003). Os clíticos referenciais de 1a, 2a e 3a pessoa são assim menos numerosos no corpus brasileiro do que no corpus português.

No que diz respeito à segunda pessoa, entendida como a pessoa do alocutor, ou seja abrangendo a forma de terceira pessoa *lhe* com valor de forma de tratamento, a sua pouca ocorrência é comparável nos dois corpora. No PE, *lhe* aparece sobretudo como um verdadeiro pronome de terceira pessoa. Só 2 em 28 ocorrências correspondem a uma forma de tratamento. A reduzida frequência do pronome *lhe* na NURC é assim em parte imputável às condições de produção das entrevistas que desfavorecem a ocorrência da segunda pessoa e que é também subjacente à pouca ocorrência de *te* nos dois corpora.

Mas se considerarmos o *lhe* de terceira pessoa, as coisas são diferentes. Como já foi dito, esse é de longe o uso privilegiado do pronome no PE. No PB, ele é praticamente ausente². De fato, sabemos que o PB substitui ao uso do clítico dativo de terceira pessoa as locuções preposicionadas *a ele* ou *para ele*. Muitos locutores afirmam aliás que nunca usariam *lhe* a não ser como pronome de tratamento, alternativamente a *te*, a *você* ou *para você*.

Se somarmos agora as ocorrências de pronomes de terceira pessoa, em cada corpus, observamos um total de 47 ocorrências no PF, ou seja aproximadamente metade dos clíticos pessoais. No corpus NURC, a terceira pessoa só corresponde a 15% dos clíticos pessoais, aparecendo 10 vezes num total de 67 ocorrências.

² Note-se todavia que é o único lugar de discrepância entre os resultados de Monteiro, e os de Abaurre e Galves. As ocorrências da forma *lhe* para a terceira pessoa podem ser consideradas com o resultado de aprendizagem tardia, como para o clítico acusativo.

Em resumo, portanto, a pouca frequência dos clíticos acusativos no corpus da NURC toma todo o seu valor quando recolocada no quadro geral da marginalidade no corpus da terceira pessoa clítica em geral.

Encontramos outras razões de considerar o clítico acusativo como fóssil nas particularidades da sua distribuição no corpus brasileiro em contraste com o que se observa no corpus português.

- O seu aparecimento é fortemente condicionado pela forma infinitiva do verbo: 6 ocorrências em 10. Além disso essa forma infinitiva favorece a posição rara do clítico no PB: a ênclise. Voltaremos mais abaixo ao fato de que o clítico acusativo parece sistematicamente associado a regras de colocação diferentes dos outros pronomes clíticos. O PB mostra-se nisso totalmente diferente do PE no qual as regras de colocação se aplicam indistintamente para todos os clíticos.

- Por outro lado, ele aparece também como um fator de estilo. No corpus considerado por Abaurre e Galves, que totaliza 15 entrevistas, uma locutora é responsável sózinha por metade das ocorrências.

A conclusão de todas essas observações é que não há mais lugar na língua para os clíticos de terceira pessoa. Procuraremos justificar essa afirmação forte na seção IV.

Outras propriedades apontam para uma deficiência no sistema de clíticos brasileiro, quando comparado ao sistema europeu:

- Não há grupos ("clusters") clíticos. As formas contraídas clítico dativo+clítico acusativo *mo(s)*, *ma(s)*, *to(s)*, *ta(s)*, *lho(s)*, *lha(s)*, *no-lo(s)*, *no-la(s)*, ou a sequência clítico impessoal +clítico dativo de 3a pessoa *se lhe*, são totalmente ausentes do corpus.

- Não há clíticos possessivos, como em construções exemplificadas a seguir: *procurar mais exemplos*³

Não lhe conheço o pai

2. A colocação dos clíticos

Como diz Paul Teyssier, a proclise é a inclinação natural da cliticização no PB⁴. A melhor ilustração dessa inclinação reside num fato que diferencia radicalmente os dois dialetos: no PB, a primeira posição absoluta da frase pode ser ocupada por um clítico, como nas frases seguintes, tiradas do corpus da NURC:

Me chocou, me chocou tremendamente... (SP Did)

Se cala (SP D2)

A proclise também é a regra geral nas frases simples afirmativas com tempo, onde o PE exige ênclise:

³ Estas construções não devem ser confundidas com as instanciadas em "me estragou o domingo", onde o clítico é um benefativo e não corresponde a uma posição no interior do DP, como se pode ver pela possibilidade do possessivo aparecer ("me estragou meu domingo", o que é impossível em ()).

⁴ Teyssier (1976), p.

Aí você me pegou (SP Did)

A salada se resume a alface e tomate (Re Did)

Eu o levo (SP D2)

E nos viram sempre jogando (Poa Did)

A ênclise não está totalmente ausente do uso, mas contrariamente ao que acontece no PE, ela está fortemente condicionada pela forma do pronome. Veja-se a tabela 3, tirada de Monteiro (1991) que mostra a distribuição da ênclise e da próclise segundo a forma do pronome:

Quadro 3: próclise e ênclise segundo a forma do pronome:

	próclise	ênclise
me	512	7
te	12	0
se	1076	190
lhe	41	6
nos	80	6
o/a	29	44
Total	1780	253

Esse quadro mostra claramente que duas formas aparecem mais em ênclise do que as outras: o pronome o/a, e o pronome se. Já se mencionou o primeiro caso, que está relacionado com o infinitivo, e ao qual voltaremos. O pronome se, por sua vez, aparece muito mais frequentemente que os outros pronomes em ênclise, com tempo finito. De fato, nesse caso, é uma das funções do pronome que favorece a ênclise: a indeterminação do sujeito. No corpus, são frequentes generalizações, receitas, fragmentos de discurso pedagógico que envolvem o uso do se em ênclise:

parte-se um ovo... e serve-se (Poa D2)

esses tubérculos, chegou-se à conclusão... (SSA EF)

Parece que estamos aqui mais frente a uma forma que já vem pronta do léxico do que propriamente ao resultado de uma operação sintática. Até porque, como já foi mencionado acima, a indeterminação prescinde do se (cf o exemplo ()).

Proporemos na seção 4 uma caracterização formal da ideia de que os casos de ênclise no português correspondem a lexicalizações dos pronomes, assimiláveis ao caso dos verbos pronominais, e não a uma operação sintática como no PE para o tempo finito e as outras línguas românicas - menos o francês- para o infinitivo.

Nas orações infinitivas, a regra geral é a próclise ao verbo infinitivo. Compare-se com o português europeu, que impõe seja a ênclise ao verbo infinitivo, seja a subida do clítico - aqui em próclise por causa da negação - para o verbo principal.

não posso no momento lhe dar uma resposta (Re)

PE: não posso no momento dar-lhe uma resposta

ou

não lhe posso no momento dar uma resposta

A mesma regra rege a posição do clítico nas orações com particípio passado e gerúndio. O clítico sempre se encontra junto ao verbo que lhe atribuí função temática, em contraste com o PE onde ele sobe obrigatoriamente para o auxiliar.

Os exemplos seguintes mostram que essa colocação é insensível à presença de elementos que funcionam em PE como "atratores" do clítico como a negação e a conjunção

agora não tinha me lembrado (Poa)

PE: agora não me tinha lembrado

essas indústrias novas que estão se implantando (SSA)

PE: essas indústrias novas que se estão implantando

A proclise com o infinitivo é regra geral inclusive com as preposições:

Essa preocupação do homem prehistórico de se conservar vivo

... para que ele viesse a se manifestar nas urnas

Parece assim fundado dizer que a colocação de clíticos em PB obedece a seguinte regra:

Regra de colocação de clíticos:

Adjungir o clítico, em próclise ⁵, ao verbo que lhe atribuí sua função temática.

Existe porém uma exceção a essa regra. Diz respeito ao clítico acusativo *o/a*, que além de provocar a ênclise com os verbos infinitivos, como já mencionamos acima, instância uma outra colocação nas construções com gerúndio ou particípio passado, como exemplificado a seguir:

a) * Não estava o vendo

b) Não o estava vendo

Esse comportamento diferente reforça a afirmação de que esse pronome tem um estatuto a parte no sistema.

II. A sintaxe do pronome *ele*

É certamente um dos fenômenos da sintaxe pronominal brasileira que mais chama a atenção. A sua saliência se deve ao fato de que constitui um fenômeno que o distingue claramente do PE ⁶. Por isso, ele é estigmatizado pela norma, e em particular, banido da língua escrita ⁷. De fato, ele distingue o PB não só do PE, como também das línguas românicas em geral.

⁵ A especificação "em próclise" é inútil se se adotar a hipótese de Kayne de que toda adjunção é para a esquerda.

⁶ suposto arcaísmo, cf apêndice

⁷ cf o trecho de Duarte (1987) citado acima onde se vê que um dos efeitos da escolarização é o decréscimo do seu uso.

1. O pronome *ele* em posição de objeto direto

Esse uso é atestado na norma culta

(1) Se tiver muita pressa, eu largo *ele* num lugar proibido mesmo (SP)

É preciso ressaltar que não é o uso em si do pronome tônico em posição de objeto direto que constitui um marco distintivo do PB. As outras línguas românicas também aceitam esse uso. Mas fazem-no de maneira muito mais restritiva. Primeiro, algumas exigem reduplicação clítica, com a presença da preposição *a*. É o caso do espanhol e do PE.

lo vi a el
vi-o a ele

Mas a diferença não para aí, mesmo nas línguas mais permissivas, como o Francês e em Italiano, onde o pronome tônico aparece em posição objeto sem reduplicação clítica (*j'ai vu lui ho visto lui*), duas condições interpretativas devem ser satisfeitas:

- o pronome deve ser *focus*, ou seja, constituir uma informação nova. Em outros termos, ele não pode ser ligado por um antecedente no discurso.
- sua referência é obrigatoriamente [+humano].

Essas duas propriedades caracterizam os pronomes *fortes* (Cardinaletti e Starke, 1993-1994) por oposição aos pronomes *deficientes* como os clíticos⁸. Esses, justamente, devem ter um antecedente no discurso e não têm restrição quanto à sua referência.

Ele objeto direto em PB pode funcionar tanto como um pronome fraco quanto como um pronome forte. De fato, veremos que, no seu uso não marcado, ele tem muitas das características semânticas e sintáticas apresentadas pelos clíticos nas outras línguas românicas. Observe-se as frases (1)

- O que você fez com o João?
- Deixei *ele* em casa
- (1_{PE}) a Deixei-o em casa
- b * Deixei-o a *ele* em casa

Em (), *João* é dado pela pergunta. O pronome que refere a *ele* remete portanto à informação já dada. Em PE, o uso do clítico como em a) é obrigatório, sendo impossível o uso do pronome tônico como em b). No PB, o uso de *ele* é perfeitamente lícito.

Nos pares pergunta/resposta (2) e (3), ao contrário, o pronome recebe obrigatoriamente uma interpretação de *focus*, uma vez que ele constitui a informação nova dada pela resposta. Nesse caso, a referência do pronome só pode ser [+humano], como mostra a inaceitabilidade do par exemplificado em (3), onde a pergunta restringe o domínio das possíveis respostas a objetos inanimados. Nesse caso, (2)b. constitui uma resposta adequada no PE. Em PB, *ele* continua sendo uma resposta adequada, mas agora só pode ser

⁸ Cardinaletti e Starke distinguem, na classe dos pronomes *deficientes*, os clíticos e os pronomes fracos. Votaremos mais abaixo à uma discussão dessa tipologia.

interpretado como [+humano].

(2) - Quem você deixa em casa?

a.- ele

b. - Deixei-o a ele

(3) O que você deixou em casa?

- *ele

A existência do contraste de aceitabilidade entre (2) e (3) no PB, faz aparecer claramente que as duas propriedades referidas acima como caracterizando os pronomes fortes são intimamente relacionadas. Quando o pronome é focus, a interpretação [-humano] é impossível. Essas restrições reaparecem no caso de uma focalização contrastiva como em (4) e (5), onde os pronomes podem referir a João e Maria mas não ao livro e à revista:

(4) vi ELE (e não ELA)

(4_{PE} vi-o a ELE (e não a ELA)

(5) * li ELE (e não ELA)

Cardinaletti e Starke definem vários contextos em que só pronomes fortes podem aparecer. Nesses casos, em PB também, a interpretação do pronome é obrigatoriamente [+humano].

- focalização por *só*, ou *também*

(6) Deixei só ele em casa

(7) ?? Li só ele

- modificação do pronome

(3) a. vi eles dois

b. ?? li eles dois

- coordenação

(4) a.vi ele e o outro também

b.? li ele e o outro também

(5)a. Encontrei ele e ela

b. ??? Li ele e ela

- Posições periféricas

(6) ? Foi (justamente) ele que eu trouxe

Pronome fraco significa pronome anafórico. O termo merece um comentário. A noção de anáfora tem um escopo muito restrito na teoria de Princípios e Parâmetros. Do ponto de vista da teoria da ligação*, pronomes e anáforas entram em distribuição complementar uma vez que os primeiros devem ser ligados* na sua categoria de regência* (Princípio A), e os segundos devem ser livres* nessa (Princípio B). A teoria define um pronome anafórico PRO, que deve ser ao mesmo tempo livre e preso, e portanto não pode ter categoria de regência*. Nesse modelo, não é possível qualificar os clíticos de pronomes anafóricos.

Mas deixemos provisoriamente esse quadro, e voltemos à uma noção mais clássica de anáfora. Um elemento anafórico é um elemento que não tem referência por si só, ou seja que refere unicamente pela relação que ele estabelece com um elemento referencial. Nesse

sentido, ele é referencialmente dependente. O elemento do qual ele depende é tradicionalmente chamado antecedente. Se compararmos os pronomes deficientes e os pronomes fortes tais como foram definidos acima, constatamos que a sua diferença pode ser entendida à luz da noção de anáfora. Por um lado, eles se opõem de um ponto de vista da organização da informação: o pronome forte é focus, o pronome deficiente é informação velha, tópico. A noção de focus, definida como informação nova, é claramente contraditória com a de anáfora, que é justamente retomada de alguma coisa já introduzida na fala, portanto informação velha. Por outro lado, pronome forte e pronome deficiente contrastam quanto ao seu valor referencial, restrito ao traço [+humano] no primeiro, irrestrita no segundo.

Antes de examinarmos outros aspectos da anaforicidade de *ele* em PB, deve-se ressaltar contudo um aspecto do seu uso que o afasta do dos clíticos objeto nas línguas românicas, e que pode se resumir da seguinte maneira: *ele* é sempre referencial.

- *ele*, contrariamente aos clíticos em várias línguas românicas, tem sempre um argumento como antecedente. Da mesma maneira que o artigo do francês só pode ser traduzido por *ele* em (), mas não em (), as frases () e (), onde *ele* retoma respectivamente um AP e um S' são totalmente inaceitáveis.

() Je l'ai vue hier

Vi ela ontem

() Je le sais

Eu sei (**ele*)

() * Bela_i, ela sempre foi ela_i/*ele*_i

() * [Que *ele* não vem]_i, já sei *ele*_i; há muito tempo

- *ele* não pode funcionar como variável ligada (cf Galves 1987, com a discussão de Montalbetti 1983).

- impossibilidade do pronome lembrete nas relativas restritivas (cf Mollica 1977) e nas interrogativas.

2. *Ele* lembrete

As construções com pronome lembrete foram estudadas por Tarallo (1983), no quadro de um estudo sobre a evolução da alternância pronome lexical/categoria vazia, e por Moreira (1983) que enfatizou a importância da "estratégia lembrete", em detrimento da estratégia "movimento" no PB. Voltaremos a essa questão no capítulo 2. Essas construções são exemplificadas a seguir.

com retomada em posição objeto:

(9)a. A Maria_i, vi ela_i/[*e*]_i ontem

em posição sujeito⁹:

⁹ O pronome lembrete pode também não ser argumento do verbo, como no exemplo seguinte

A pedra mineira_i, ela_i/[*e*]_i existe varios tipos

Essa competência ela é de natureza mental¹⁰

A Clarinha ela cozinha que é uma maravilha (Duarte, 1995))

em posição de complemento de preposição :

A Maria_i, não saio com ela_i; há muito tempo

A esse primeiro conjunto de construções, caracterizadas pelo "deslocamento à esquerda" de um sintagma argumental da oração e sua retomada pelo pronome *ele*, podemos acrescentar um segundo, formado pelas construções relativas envolvendo uma retomada pronominal.

em posição objeto:

(10)a. O rapaz_i que vi ele_i; na festa já foi embora

em posição sujeito:

Você acredita que um dia teve uma mulher que ela queria que a gente entrevistasse ela por telefone (NURC, Tarallo 1993)¹¹

em posição de complemento de preposição¹²:

E um deles foi esse fulano aí que nunca tive aula com ele

Voltaremos a essas construções no Capítulo 2. Dado a análise proposta acima do pronome objeto *ele*, o fato que ele seja extensivamente usado como pronome lembrete pode ser agora entendido como uma simples extensão do seu valor anafórico. A sintaxe da topicalização no PB traz novas evidências de que seu comportamento se assemelha mais ao dos clíticos nas outras línguas românicas do que ao dos pronomes tônicos nessas línguas.

Há duas construções de topicalização envolvendo pronomes lexicais nas línguas românicas. Uma põe em jogo exclusivamente clíticos, e costuma ser chamada de "clitic left dislocation": "deslocamento clítico à esquerda". A outra aceita pronomes plenos, e é chamada na literatura de "hanging topic construction", termo que Duarte (1987) traduziu por "construção de tópico pendente"¹³.

voltaremos a esse fato, extremamente significativo da derivação da oração no PB

¹⁰ tirado de Pontes (1981)

¹¹ Essa frase é particularmente interessante porque ela mostra o uso do pronome, em posição sujeito e objeto, com o mesmo antecedente, a cabeça da relativa.

¹² As relativas com lembrete complemento de preposição também têm uma versão com categoria vazia. Mas nesse caso, a preposição também desaparece. o que Tarallo chama de relativas cortadoras:

E uma pessoa que essas besteiras que a gente fica se preocupando (com) (e), ela não fica esquentando a cabeça (NURC/SP, citado por Tarallo 1993).

De passagem, note-se a presença concomitante de um pronome lembrete retomando a cabeça do que se parece com uma construção clivada.

¹³ Benincá (1989) propõe o termo italiano "tema sospeso", ou "tema suspenso". Talvez fosse interessante manter a noção de tópico, mas adotar o termo "suspenso". Não apro-

Essas duas construções têm características bastante distintas, que se reencontram em várias línguas. Basear-me-ei aqui na descrição feita para o italiano por Cinque (1983, 1990) e Benincá (1989, pp. 132-133).¹⁴, e para o PE por Duarte (1987). (cf também para o Espanhol Zubizarreta 1994)¹⁵.

a) Nas construções de tópico pendente, o elemento deslocado à esquerda é sempre um argumento nominal. Na deslocamento clítica à esquerda, pode ser qualquer projeção máxima.

b) Nas construções de tópico pendente, o elemento deslocado à esquerda, não é acompanhado pelos indicadores da sua função sintática. De novo, só pode ser um NP (essa propriedade contrasta com as propriedades de "conectividade" da deslocamento clítica à esquerda referidas em g.).

* Alla stazione non voglio andare lá (Cinque 1983)

Alla stazione non ci voglio andare

* Da Maria encontrei ontem aquele amigo dela que faz cinema (Duarte 1987)

* Ao teu amigo, ainda não pagaram a ele os direitos de autor, pois não?

c) Nas construções de tópico pendente, a retomada pode ocorrer não só com um pronome clítico, mas também com um pronome livre, ou um demonstrativo, ou um SN de tipo anafórico. ("esta propriedade é a única que possa distinguir o tópico pendente do deslocamento à esquerda no caso do sujeito e do objeto, que não têm preposições).

Giorgio, mi sembra che nessuno abbia parlato bene di quell'imbroglione (Benincá 1989)

A Maria encontrei ontem um amigo dessa cretina (Duarte 1987)

d) Não pode haver mais de um tópico pendente.

* Tuo fratello, Maria, lei ama lui (Cinque 1983)

e) O tópico pendente pode combinar-se com o deslocamento à esquerda, e com a

fundarei essa questão terminológica aqui.

¹⁴ Benincá observa que "as condições pragmáticas associadas ao uso do tópico pendente são essencialmente as mesmas do deslocamento à esquerda. Estilisticamente o uso do tópico pendente se restringe ao uso oral, apesar de não ser necessariamente coloquial. Cinque (1983, pp.9-10), contudo, aponta para uma diferença pragmática entre as duas construções: " Nas construções de tópico pendente, o sintagma à esquerda é usado para chamar, ou desviar a atenção para um tópico novo ou inesperado... Nas construções de deslocamento clítico à esquerda, o sintagma à esquerda refere a um elemento que é assumido pelo falante como sendo uma informação dada para o interlocutor (ou porque ele ocorreu no contexto linguístico prévio, ou porque é suficientemente saliente no discurso). Esse tipo de sintagma não pode ser contrastado.

¹⁵ Duarte (1987), pp 92-94, aponta para as várias diferenças existindo nas línguas românicas nos usos associados às diversas construções.

focalização, mas deve ocorrer sempre em primeira posição.

* As dúvidas que tínhamos, os nossos orientadores, discutimo-las com eles sempre que nos foi possível (Duarte 1987)

Giorgio, quel libro, l'ho dato a lui

* Quel libro, Giorgio, l'ho dato a lui

Pietro, IL PRIMO PREMIO, hanno dato a lui.

* IL PRIMO PREMIO, Pietro, hanno dato a lui

f) o tópico pendente não pode ocorrer na posição interna de uma frase complexa.

*Mi sembra che Giorgio nessuno abbia parlato bene di quell'imbroglione (Benincà, 1989)

*Mi sembra Giorgio, che nessuno abbia parlato bene di quell'imbroglione

Mi sembra che, di Giorgio, nessuno (ne) abbia parlato bene

[ver ainda 2, p.153]

o João;, imagina que o amigo dividiu com ele; os direitos de autor

PE *Imagina que o João;, o amigo dividiu com ele; os direitos de autor

Tal restrição não atinge os tópicos retomados por pronomes clíticos:

Sabes se ao teu amigo já lhe pagaram os direitos de autor?

Imagina só que aos gerentes, trata-os como se fossem míseros contínuos

g) A relação entre o elemento à esquerda e o elemento lembrete é sensível às restrições de ilhas nas construções de deslocamento à esquerda clítica, mas não nas construções de tópico pendente.

Giorgio, non conosco la ragazza che lui vuole sposare (Cinque 1983)

* Ao teu amigo, conheço um editor que ainda não lhe pagou os direitos de autor

* Ao João, não encontramos livros que lhe possam ser úteis

O João, conheço o amigo que dividiu com ele os direitos de autor (Duarte 1987)

A Maria, não conheço o tipo com quem essa cretina vive (Duarte 1987)

h) As construções de deslocamento à esquerda apresentam "conectividade" entre o elemento deslocado e o elemento lembrete.

- conectividade casual

Ao teu amigo, ainda não lhe pagaram os direitos de autor, pois não?

* Para o teu amigo, ainda não lhe pagaram os direitos de autor, pois não?

- conectividade em relação às propriedades de ligação. Fenômeno de reconstrução. No que diz respeito à aplicação dos princípios de ligação, os sintagmas em posição de tópico comportam-se como se estivessem de fato na posição estrutural ocupada pelo pronome. Esse fenômeno está exemplificado a seguir com enunciados italianos dados por Cinque (1983):

Immagino che Maria; abbia comprato un nuovo borsalino per sé;

Per sé_i, immagino che Maria_i si abbia comprato un nuovo borsalino.

* Maria_i immagina che io abbia comprato un nuovo borsalino per sé_i.

* Per sé_i, Maria_i immagina che io si abbia comprato un nuovo borsalino

* Immagino che Maria_i abbia scritto a lei_i

* A lei_i, immagino che Maria_i le abbia scritto

Maria_i immagina che io non abbia scritto a lei_i

A lei_i, Maria_i immagina che non le abbia scritto.

- conectividade em relação à ligação de um pronome por um quantificador:

A suo_i figlio, credo che [ognuno_i di loro] finirá per lasciargli um apartamento (Cinque 1983)

Para Cinque (1983)p. 13, o fato de que a relação entre o sintagma à esquerda e o pronome lembrete não evidencia nenhuma conectividade sintática nem é sensível às ilhas pode indicar que a regra que responsável pela conexão não é uma regra de gramática de oração, mas um princípio da gramática de discurso. As outras propriedades da construção derivam de essa caracterização.

No que diz respeito a só poder ser um NP, explica-se pelo fato de que o sintagma nessas construções funciona como uma entidade autônoma no discurso.

Quanto à restrição de haver um só um sintagma, ela deriva da impossibilidade de haver dois tópicos simultaneamente¹⁶.

Dadas as propriedades anafóricas do pronome pleno *ele*, é particularmente interessante perguntar-se se as construções de topicalização que o envolvem se assemelham mais à deslocamento à esquerda clítica ou às construções de tópico pendente. Vamos ver que, curiosamente, está a meio caminho entre as duas.

Em primeiro lugar, o elemento deslocado é, como nas construções de "tópico pendente", sempre um NP (cf. propriedades a. e b.). Isso se relaciona com duas propriedades do pronome *ele* que o distinguem claramente dos clíticos.

Primeiro, como já foi mencionado acima, *ele*, contrariamente aos clíticos em várias línguas românicas, tem sempre um argumento como antecedente.

Por outro lado, em contraste com os clíticos, *ele* não tem marca morfológica de caso. Ele não pode portanto satisfazer a propriedade de conectividade casual (cf h.).

* A/Para o Jorge, dei ele esse livro

* A/Para o Jorge, dei esse livro ele .

É interessante notar que uma preposição regendo *ele* não resolve:

* A Jorge dei o livro a ele

A única frase bem formada é evidentemente

O Jorge, dei o livro a ele

¹⁶ Cinque também pergunta porquê as línguas não autorizam dois sujeitos. Na teoria mais recente isso se deve ao fato de haver um só elemento Infl. Desse ponto de vista, é a restrição sobre os tópicos que fica para explicar.

Porém, os elementos retomados por *ele* parecem transgredir a característica dos tópicos pendentes mencionada em d). Dois NPs podem aparecer à esquerda da oração, sendo que cada um dele é retomado pelo pronome

O Jorge, a Maria ela conhece ele bem.

O Jorge, a Maria ele conhece ela bem.

Parece contudo que a aceitabilidade dessas frases pode variar em função da função gramatical dos pronomes. Assim, dado o par seguinte, o segundo enunciado parece pior do que o segundo enunciado do par precedente:

(i)? O Jorge, a Maria, apresentei ela a ele.

?? A Maria, o Jorge, apresentei ela a ele.

Encontramos também restrições de ordem com os outros tipos de elementos fronteados, como referido em e) para as construções do Italiano e do PE. O antecedente de *ele* deve ocorrer antes de um tópico associado a uma categoria vazia.

O Jorge_i, a Maria_j, apresentei e_j a ele_i

?? A Maria_j, o Jorge_i, apresentei e_j a ele_i

No que diz respeito à ordem focus, tópico pendente, parece também haver restrições de ordem.

O Pedro, O PRIMEIRO PREMIO, deram a ele

? O PRIMEIRO PREMIO, o Pedro, deram a ele

Devem-se contudo considerar mais de um tipo de focus. Se não se trata de um focus contrastivo, a ordem pode ser focus-tópico ¹⁷ e temos b) ao lado de a):

- Quem conhece bem o João?

a) O João, a Maria ela conhece bem.

b) A Maria, o João, ela conhece bem.

O que é notável nesses exemplos, é que o focus é retomado pelo pronome.

Voltaremos abaixo a essas ordens, que são cruciais para definir as posições respectivas do antecedente do argumento nulo e do argumento realizado pronominalmente, bem como da posição focus. (ver Figueiredo Silva que afirma que só o tópico mais alto é compatível com Focus)

A propriedade seguinte é certamente o que mais distingue as construções com *ele* lembrete das construções de tópico pendente. Não há nenhuma restrição à sua ocorrência numa oração encaixada. As frases a seguir, respectivamente dadas por Duarte (1987) (como agramatical no PE), e por Kato (1993) são perfeitas no PB.

Imagina que o João_i, o amigo dividiu com ele_i os direitos de autor

Não sei se já te disse que a Maria_i, encontrei ontem aquele amigo

dela_i que faz cinema¹⁸

¹⁷ Devo esse exemplo a Ana Paula Scher

¹⁸ Contudo essa frase deve requerer um sujeito lexical no PB, cf sec. IV.

(9) Pedro pensa que, essas crianças_i, a Maria esqueceu de pegar elas_i na escola posição sujeito:

Eu acho que o povo brasileiro ele tem uma grave doença (Duarte 1995, p.101)

Podem assim aparecer simultaneamente um NP deslocado no início da oração principal, e um no início da oração encaixada.

(33) O João, não sei como a Maria ela pode gostar dele

Kato (1993) observa que uma topicalização com retomada pronominal pode ocorrer no interior de uma oração relativa:

(10) Esse país [que o presidente_i; o povo não acredita mais nele_i,] parece que saiu do marasmo.

Note-se que nesse caso, o pronome pode ocupar qualquer função, como nas construções simples.

(32) Um país que o presidente, ele não obedece mais às leis não pode ser respeitado pelos outros

Vale lembrar que Cinque (1983) levanta a questão de saber se as construções de tópico pendente e a relativização com pronome lembrete podem ser considerados como um mesmo fenômeno em inglês. Para Chomsky (1977), aplica-se nos dois casos uma regra de "predicação" que reindexa o pronome para corresponder ao índice referencial do elemento deslocado ou do núcleo da relativa.

Cinque aponta contudo para uma diferença entre as estruturas de deslocamento à esquerda, e as relativas. Nas primeiras, o elemento de retomada pode ser um NP pleno, comumente chamado na teoria de epíteto pronominal. Mas, segundo ele, isso não é possível nas relativas. Daí o contraste entre () e ():

John, Mary doesn't like him

John, Mary doesn't like that little bastard

The man who we met the girl that loves him...

*The man who we met the girl that loves that bastard..

Porém, em nota, Cinque observa que Kroch (1981) aceita casos similares a (), concluindo que as relativas lembrete do inglês são essencialmente paralelas aos casos de deslocamento à esquerda. Cinque acrescenta então: "uma resposta mais definitiva deve aguardar um exame das orações relativas em línguas que fazem uso da estratégia do pronome lembrete como a única estratégia, ou pelo menos como uma estratégia sistemática." (op. cit., p.36).

O PB é justamente uma língua que usa o pronome lembrete em relativas como estratégia sistemática. Nessa língua, um epíteto pode perfeitamente aparecer nas orações encaixadas no lugar de um pronome lembrete, inclusive nas relativas.

(30) O Pedro pensa que, as crianças, a Maria esqueceu de pegar as coitadinhas na escola

(35)? Um país que, o presidente, o povo não acredita nesse crápula, não pode respeitado pelos outros .

(36) Um país que o presidente, esse crápula não obedece mais às leis, não pode ser respeitado pelos outros

Em relação à sensibilidade às ilhas, o pronome lembrete pleno do PB comporta-se como os pronomes plenos das construções de tópico pendente e não como o clítico da dislocação à esquerda (Compare-se (-) com (-) por um lado, e (-) com (-) por outro lado):

O Jorge, não conheço a moça com quem ele quer casar

O João, conheço o amigo que dividiu com ele os direitos de autor (Duarte 1987)

Teu amigo, conheço um editor que ainda não pagou para ele os direitos autorais

O João, não encontramos livros que possam ser úteis para ele

NB: não é possível a LD interna à uma relativa restritiva (como nas interrogativas):

*Não encontramos livros que, o João, possam ser úteis para ele.

Quanto aos fenômenos de reconstrução, é muito difícil testar os fatos que dizem respeito à ligação, dado que, contrariamente à retomada clítica, carece totalmente de naturalidade a retomada de um pronome por um pronome pleno ¹⁹:

* A ela_i, Maria_i pensa que escrevi a ela_i

Em compensação, é possível testar a existência de reconstrução no caso da retomada de um pronome ligado:

a) [Todo menino]_i; quer sua_i mãe ao lado dele para a vida toda .

b) Sua mãe_i; todo menino quer ela_i ao lado dele para a vida toda.

a) [Cada inquilino]_i; cuidará do seu_i apartamento pessoalmente

b) Seu_i; apartamento cada inquilino cuidará dele_i pessoalmente

a) Creio que cada sócio acabará por deixar a seu filho um apartamento

b) ?Seu filho, creio que cada sócio acabará por deixar a ele um apartamento

b')? Creio que, seu filho, cada sócio acabará por deixar a ele um apartamento

O estatuto das frases b) não está inteiramente claro. Para serem naturais, é preciso contextos nos quais o elemento fronteado aparece como fortemente contrastivo, () seria assim aceitável na continuação de e ('), e () na continuação de (').

A área de serviço será limpa pelo zelador, mas ...

As mulheres não receberão nada, mas ...

A conclusão que se pode tirar então, é que a conectividade se verifica, mas existe uma restrição sobre a interpretação de *ele*: o seu antecedente tem que ser fortemente ancorado no discurso. Veremos que isso é uma propriedade essencial de *ele*, que constitui a sua grande diferença com o clítico acusativo.

¹⁹ Note-se que isso constitui uma das diferenças apontadas por Cardinaletti e Starke entre pronomes clíticos e pronomes fracos, (cf seção IV).

Recapitulação:

- propriedades de tópico pendente: NP exclusivamente, insensibilidade às ilhas.
- propriedades de deslocamento clítico: possibilidade de dois sintagmas fronteados, conectividade referencial, encaixamento.

A respeito das construções de tópico pendente, Cinque (1983) afirma

"O fato de a relação entre o NP à esquerda e o pronome lembrete não mostrar nenhuma conectividade nem ser sensível às restrições de ilhas sugere que a regra responsável para a "conexão" não é a gramática de sentença mas um princípio de gramática de discurso... o mesmo que intervém entre um NP pleno e um pronominal em duas sentenças adjacentes no discurso." (op. cit. p.13)

Segundo ele, isso explica as outras propriedades da construção. O fato, por exemplo, de que o elemento de retomada possa ser livremente um clítico, ou um pronome tônico, ou um epíteto, uma vez que todos esses elementos podem servir para a correferência em discurso. Também, já que a relação se estabelece entre duas unidades de discurso, espera-se que o NP deva ocorrer tipicamente na posição inicial absoluta da sentença. No caso contrário, a oração se encontraria partida ao meio, por uma unidade discursiva distinta. A noção de unidade autônoma de discurso também serve, segundo Cinque, a explicar o fato de que o elemento à esquerda seja exclusivamente um NP. Para os outros sintagmas serem interpretados, diz ele, teriam que ser reconstruídos numa posição intrasentencial. Enfim, Cinque deriva também dessa caracterização o fato de que um só NP possa aparecer à esquerda nessas construções. O seu argumento é que "parece razoável pensar que faz pouco sentido haver dois tópicos simultaneamente (ou atrair a atenção para mais de um objeto para predicar alguma coisa deles)" (op. cit. p.15)

Ao contrário, o deslocamento clítico envolve crucialmente regras da gramática oracional, o que explica os comportamentos tipicamente opostos das duas construções.

Em relação à dicotomia estabelecida por Cinque, os fatos do PB apresentados acima constituem à primeira vista um puzzle. Com efeito, as construções de retomada pronominal parecem obedecer às vezes a princípios do discurso, às vezes a princípios da gramática oracional, apresentando portanto um comportamento contraditório.

Mas nem nas outras línguas, essa dicotomia é de fato sempre satisfatória para explicar a divisória entre os diversos fenômenos caracterizando os dois conjuntos. Por exemplo, a obrigatoriedade de ser o elemento à esquerda um NP é justificada por Cinque em termos de necessidade para as outras categorias de reconstrução gramatical para serem interpretadas, necessidade incompatível com o fato de estarem contido numa unidade discursiva autônoma. Isso equivale a dizer que é impossível para um sintagma outro que NP aparecer sozinho num enunciado não oracional. Essa afirmação não parece fundada. Todo tipo de sintagma, inclusive adjetivos e sintagmas preposicionais, para retomar os casos considerados por Cinque, aparece em exclamações, por exemplo. Parece portanto que não é a necessidade de ter explícita a sua função que exclui esses elementos das construções de tópico pendente, mas o fato de eles não serem capazes de entrar na relação instanciada por esse tipo de construções.

A interpretação funcional que Cinque dá da impossibilidade de mais um NP à esquerda é também problemática. Sabemos que outras línguas, nomeadamente as línguas chamadas pela tradição tipológica de *línguas de tópico*, como o chinês ou o coreano, aceitam perfeita-

mente mais de um NP no início da frase. Por outro lado, se a explicação é desta natureza, por que não diz respeito também a dois elementos deslocados com retomada clítica? Nesse caso também, se "atrai a atenção para mais de um objeto para predicar alguma coisa deles". Se a restrição é de natureza funcional, não se espera que ela seja sensível a distinções de natureza derivacional.

Enfim, de maneira muito interessante, Cinque termina a sua discussão associando essa questão à pergunta de saber porquê as línguas não permitem duas posições de sujeito. Ora, ele toca a meu ver aí o ponto crucial, a chave do problema. O que o PB ajuda a precisar é que a distinção fundamental entre as duas construções reside na maneira como se constroi a relação entre o elemento à esquerda e a oração interpretada como o seu predicado. No caso das construções clíticas, essa relação envolve uma relação de *concordância*, que nalgum nível de representação deve ser local, e é portanto sensível a ilhas. Nas construções de tópico pendente, não há relação de concordância, e o pronome, que ocupa uma posição argumental, tem referência independente. A relação é de co-referência.

Essa oposição, que dá uma formulação mais precisa à dicotomia gramática/discurso proposta por Cinque, permite explicar a distribuição dos fatos no PB.

A possibilidade de encaixamento da construção e a insensibilidade às ilhas são os dois polos da aparente contradição do funcionamento da construção no PB. Essa contradição desaparece porém se se fizerem as duas seguintes hipóteses:

1. Duas construções distintas existem no PB, podendo se confundir em certos contextos uma vez que elas envolvem o mesmo elemento lexical: o pronome tônico. Note-se que essa ambiguidade também surge nas outras línguas românicas onde o clítico pode aparecer tanto em estruturas de tópico pendente quanto em estruturas de dislocação à esquerda.

2. Uma das construções envolve a mesma relação instanciada na deslocação clítica, que identificaremos como relação de concordância entre o NP frontado e a oração.

Note-se que numa perspectiva minimalista da gramática, as construções específicas das línguas não são senão epifenômenos, e não devemos nos admirar de encontrar conjuntos não esperados de propriedades, numa língua instanciando um valor paramétrico não realizado nas línguas até então consideradas. Tomemos a propriedade do elemento à esquerda ser só NP, por um lado, e a propriedade de poderem aparecer dois NPs à esquerda, por outro lado. A primeira caracteriza a construção do PB como de tópico pendente, a segunda como de deslocamento clítico. A primeira propriedade deriva simplesmente do fato do pronome não ser marcado para o caso, e poder portanto retomar somente um NP, e por outro lado do pronome ser obrigatoriamente argumental, o que o impede de retomar sintagmas adjetivais por exemplo. Voltaremos a uma caracterização mais precisa dessa afirmação. Quanto ao fato de dois NPs poderem ocorrer em início de sentença, ele deve ser relacionado com a outra propriedade inesperada da construção em PB: a possibilidade de esse NP poder iniciar uma oração encaixada. Já aludi acima à explicação a ser dada a esse fenômeno. Trata-se de uma propriedade fundamental da sintaxe do PB, que será um dos pontos essenciais do próximo capítulo: o tópico pode entrar numa relação formal de concordância com a oração, seja qual for a natureza do elemento que se encontra na posição argumental correspondente. Em outras palavras, contrariamente ao italiano, ou ao português europeu, a posição do elemento à esquerda é sistematicamente uma posição que entra numa relação de concordância com a oração. Contudo, nada a priori impede que uma posição mais

externa seja envolvida, e que seja construída uma relação de co-referência entre um NP externo e a frase, sem o estabelecimento formal de uma relação de concordância. É o que acontece, por exemplo, quando um tópico precede um sintagma interrogativo²⁰:

E o João_i, quando que ele_i virá?

E a Maria_i, onde que você encontrou com ela_i?

A coexistência de dois NPs à esquerda pode assim ser imputada à existência de duas posições disponíveis, uma concordando, a outra não, como representado a seguir, onde [marca os limites oracionais ²¹:

O Jorge_i [a Maria_j ela_j conhece ele_i bem.

O Jorge_i [a Maria_j ele_i conhece ela_j bem.

Note-se que não parece haver restrição de ordem.

Esta análise permite dar conta das duas propriedades mais antagônicas associadas à construção:

- a insensibilidade às ilhas ilustrada a seguir,

* Ao teu amigo, conheço um editor que ainda não lhe pagou os direitos de autor

Teu amigo, conheço um editor que ainda não pagou para ele os direitos autorais

* Ao João, não encontramos livros que lhe possam ser úteis

O João, não encontramos livros que possam ser úteis para ele

- o encaixamento

No primeiro caso, estamos frente à construção tipo "tópico pendente". Note-se que o mesmo acontece com o uso do clítico, no PE, nas orações seguintes:

O João, não encontramos livros que lhe possam ser úteis

Teu amigo, conheço um editor que ainda não lhe pagou os direitos autorais

A contraposição dos dois tipos de construções ficará mais clara à luz da análise do deslocamento clítico proposta por Iatridou (1990) bem como da discussão que ela faz daquilo que ela chama o *Paradoxo de Cinque*. O paradoxo em questão é o seguinte. Cinque (1983, 1990) mostra por um lado que a construção de deslocamento clítico é sensível às ilhas, como vimos acima. Porém, ele argumenta por outro lado que não há movimento do sintagma deslocado a partir da sua posição argumental. Ora, a teoria tem associado

²⁰ Voltaremos no capítulo seguinte às restrições sobre o encaixamento de uma relação de predicação dentro de uma oração interrogativa.

²¹ Essa análise é válida também para outras construções de frenteamento, às quais voltaremos na seção III, que envolvem uma categoria vazia. Por outro lado, ela dá conta de frases como

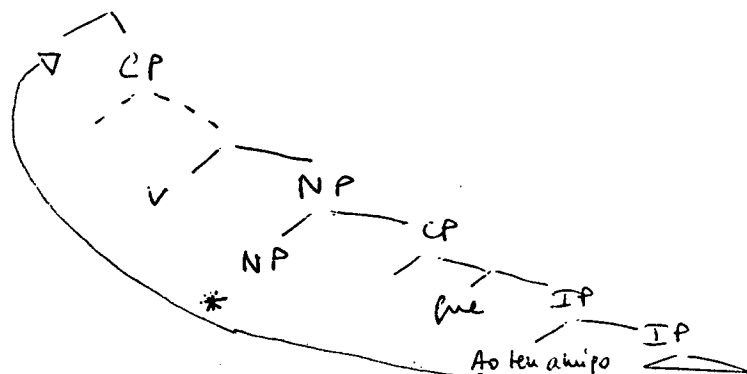
A Maria, [o carro dela [o pneu furou.

Isso mencionada por Kato (1993) como evidência de que a posição Top não pode ser uma posição de especificador porque é recursiva. Voltaremos a essa discussão mais abaixo.

sensibilidade às ilhas ao movimento. Cinque é assim levado a recusar essa associação e a propor que o efeito de subjacência é devido ao estabelecimento de cadeias interpretativas entre os elementos deslocados e os clíticos, cadeias também submetidas a restrições de localidade. Iatridou resolve esse paradoxo argumentando que se por um lado Cinque tem razão de afirmar que o constituinte deslocado não é extraído da posição argumental, mas que é adjungido basicamente numa posição não argumental, por outro lado, essa posição só é a posição superficial em que ele aparece quando está numa relação de c-comando mútuo com o domínio oracional mínimo contendo o clítico co-indexado. Dessa posição, o constituinte em questão pode se deslocar de novo, e esse movimento, como qualquer outro, é submetido à condição de subjacência. Desse ponto de vista, uma frase como

* Ao teu amigo, conheço um editor que ainda não lhe pagou os direitos de autor

terá uma derivação na qual o sintagma *Ao teu amigo* é gerado em adjunção à frase encaixada *ainda não lhe pagou os direitos de autor* sofrendo em seguida um deslocamento at a posição inicial da frase, como representado a seguir:



Iatridou baseia a sua análise na idéia de que a relação entre o constituinte deslocado e a oração à qual está basicamente adjungido é uma relação de predicação. O sintagma deslocado é o sujeito, e o clítico é a posição aberta que torna a oração num predicado. Sujeito e predicado devem estar numa relação de c-comando mútuo.

Se as construções de deslocamento clítico envolvem uma relação básica de predicação, mais movimento, e é por isso que há efeitos de subjacência, devemos admitir que no caso do tópico pendente, que não é senível à subjacência, a parte de movimento nunca acontece. Se por outro lado quisermos manter a idéia que um predicado está em relação de c-comando mútuo com o sujeito, é preciso que numa construção de tópico pendente, toda a frase seja interpretada como predicando o sujeito, mesmo que a posição aberta não seja imediatamente contida no domínio oracional mais alto. É justamente o que acontece numa frase como :

Teu amigo, conheço um editor que ainda não pagou para ele os direitos autorais

O NP *Teu amigo* está adjungido à frase inteira, mas a oração que contém o pronome é o IP encaixado *ainda não pagou para ele os direitos autorais*, que está separado dele por uma barreira: o CP relativo. Em nota, Iatridou se baseia na posição dos operadores nas orações relativas para sugerir que, em todas as construções envolvendo uma predicação, o predicado é a mínima projeção máxima que contém a variável de predicado. Orações como

() são óbvios contra-exemplos a esta afirmação, a não ser que eles sejam discriminados, como na análise de Cinque, e considerados como escapando às restrições sobre a gramática oracional. Mas isso nos levaria a concluir que a relação de predicação instanciada pelo discurso corresponde a configurações bem distintas daquelas instanciadas pela gramática. Na segunda parte deste capítulo, uma análise alternativa à de Iatridou será proposta, segundo a qual o movimento em jogo nas configurações de deslocamento à esquerda é o do elemento resumptivo, ou antes dos seus traços, em forma lógica. Nas construções de Tópico pendente não há movimento desse tipo, o que equivale a dizer que a predicação se dá sem concordância entre o sintagma inicial e a oração. Esse caso se limita a configurações bem particulares, onde o sujeito é um NP e o predicado é a frase inteira. Essas restrições podem por sua vez ser consideradas como a consequência da ausência de concordância. O sujeito deve ser prototípico, isso é um NP e o domínio o maior possível, ou seja a frase.

Na seção 4 abaixo, veremos que essa análise corresponde muito melhor ao espírito do programa minimalista.

III. Sujeitos e objetos nulos

O PB é uma língua de sujeito e objeto nulo. A citação de Duarte acima mostra que o segundo está em forte expansão na língua. O primeiro, em compensação está em declínio como mostra o quadro IV, tirado de Duarte (1995, p. 17).

Quadro IV: evolução do uso do pronome sujeito no PB.

A tendência ao uso do pronome lexical é forte, muito maior do que nas outras línguas românicas de sujeito nulo, e em particular o PE (Duarte 1991, 1993, 1995). Os quadros V e VI mostram a frequência de uso do sujeito nulo no PE e no PB, segundo o contexto sintático e a pessoa.

Quadro V: comparação do uso do pronome lexical sujeito no PE e no PB segundo o contexto sintático (baseado em Duarte (1995) p.10,54 e 75)

Quadro VI: comparação do uso do pronome lexical sujeito no PE e no PB segundo a pessoa (baseado em Duarte (1995) p.10,54 e 75)

O sujeito nulo no PE é favorecido pela 2ª pessoa, enquanto que no PB, é onde se acha mais pronome lexical. Claramente, nesse dialeto, é a 3ª pessoa que favorece o sujeito nulo.

De maneira interessante, esses dois fenômenos, declínio do sujeito nulo, e expansão do objeto nulo, parecem estar ligados diacronicamente. Observe-se o quadro V, tirado de Tarallo (1983, 1993):

Quadro VII: evolução do uso do pronome nulo no PB, do século XVIII ao século XX.

	1725	1775	1825	1880	1981
Sujeito	23,3%	26,6%	16,4%	32,7%	79,4%
objeto direto	89,2%	96,2%	83,7%	60,2%	18,2%

No modelo de *Regência e Ligação* ("Government and Binding"), toda a discussão relativa às categorias vazias gira em torno de saber qual é a sua natureza dentro da tipologia proposta por Chomsky (1982) em termos dos traços [+/- pronome], [+/- anáfora]. No que diz respeito às categorias que nos interessam aqui, ou seja, aquelas que aparecem em posição sujeito de frases com tempo, e em posição objeto, a questão se reduz a saber se se trata de variáveis ou pronomes, isso é se instanciam a combinação de traços [+pronome/-anáfora], ou [-pronome/-anáfora]. É curioso constatar que a noção de pronome está crucialmente envolvida na discussão, uma vez que, ao fim e ao cabo, é o valor positivo ou negativo para esse traço que é responsável pela definição da categoria vazia.

Essa tipologia está intimamente ligada àquilo que nos anos 80 recebeu o nome de "determinação contextual das categorias vazias". Com efeito, a definição das categorias vazias em termos dos traços [+/- pronome], [+/- anáfora] lhes dá um estatuto preciso em relação à teoria da ligação. Uma categoria negativamente marcada para os dois traços corresponde a uma expressão referencia e como tal não pode ser ligada por uma posição A. É o caso das variáveis, que devem ser *localmente* ligadas por uma posição A'. Os pronomes não sofrem essa restrição e podem muito bem ter um antecedente em posição A. A "determinação contextual das categorias vazias" consiste em lhes atribuir uma identidade a partir da observação do seu antecedente, isso é o seu ligador local. Se estiver numa posição A', a categoria vazia é uma variável, se estiver em posição A, trata-se de um pronome. Note-se que, mesmo na ausência de um antecedente A', uma variável pode se manifestar pela sua incapacidade de ter um antecedente em posição A.

Por outro lado, as variáveis, mas não os pronomes, são sensíveis às configurações de ilhas.

São essas duas características: sensibilidade às ilhas e incapacidade de ter um antecedente em posição-A que desempenharão um papel crucial na hora de definir certas categorias vazias, cuja história derivacional não é transparente, como variáveis.

No momento atual da teoria, com o desenvolvimento de uma concepção minimalista da gramática, não é claro que seja desejável manter uma tipologia nos termos descritos acima. A própria noção de pronome parece difícil a manter como primitivo. Veremos na seção IV que de fato se trata de uma noção tradicional descritiva recobrindo várias categorias. Contudo, essa tipologia tinha um poder descritivo interessante, no sentido que ela era capaz de definir dois funcionamentos sintáticos distintos. Ela está portanto na origem de descrições extremamente reveladoras dos sistemas envolvidos, que merecem ser levadas em consideração, e que estarão na base da reflexão levada a cabo aqui.

Na seção IV, proporei uma análise alternativa baseada no contraste entre categoria vazia em posição de especificador e categoria vazia em posição de núcleo. Categoria vazia, nesse modelo, deve ser entendido simplesmente como um conjunto de traços ϕ não associado a uma matriz de traços fonológicos. O que se procurará mostrar é que existe um paralelismo entre essas categorias e o seu equivalente portador de matriz fonológica, isso é os chamados pronomes deficientes, legitimados em posição de núcleo (clíticos), ou em posição de especificador, conforme a gramática considerada. Nesse sentido, a noção de variável torna-se inútil, e inadequada, para tratar desses fenômenos.

1. O objeto nulo

O objeto nulo, recebendo uma interpretação específica comparável à de um pronome lexical, clítico ou não, é uma propriedade comum aos dois grandes dialetos do português. Assim, o PE propicia a escolha entre (a) e (b) e o PB entre (b) e (c).

- a) vi-a ontem (EP)
- b) vi [e] ontem (EP/BP)
- c) vi ela ontem (*EP/BP)

Nisso, eles contrastam com outras línguas românicas em que as orações com objeto nulo recebem uma interpretação distinta das com objeto realizado lexicalmente. Em espanhol, por exemplo, o objeto nulo só é legítimo com uma interpretação indefinida (Campos, 1986), ou indeterminada. Em francês e em italiano, só a última é lícita (Rizzi, 1986).

Contudo, o PE e o PB também divergem em relação a sentenças como (7)-(10), que são inaceitáveis no primeiro (Raposo 1986a), mas perfeitamente normais no segundo (Galves 1989, Farrell 1987, 1990):

- (7) O rapaz que trouxe [e]_i da pastelaria era teu afilhado
- (8) eu informei a polícia da possibilidade do manuel ter guardado e_i na sala de jantar
- (9) que a IBM venda a particulares me surpreende
- (10) o pirata partiu para as Caraibas depois de ter guardado cuidadosamente

Raposo (1986) atribui a agramaticalidade de (7) no PE à *Condição de Subjacência*: na sua análise, [e] é uma variável obtida por movimento para o Comp mais alto da sentença.

O caráter de variável do objeto nulo em PE é confirmado pelo fato de que, contrariamente aos pronomes clíticos, legitima lacunas parásticas:

- vi e_i na TV sem reconhecer pg_i
- arrumei e_i na estante sem sequer ler pg_i

Por outro lado, a idéia de que o objeto nulo é uma variável ligada por um operador nulo em Comp explica que ele não possa aparecer em interrogativas²²:

- Quando é que o Manel vai oferecer e_i ao Antonio t_j?
- Para qual dos filhos é que a Maria comprou e_i t_j?

²² Duarte (1987) não concorda com essa afirmação/ ao.

Os mesmos argumentos apontam para a conclusão de que [e] não é uma variável no PB, uma vez que, nesta língua, os objetos nulos são livres de aparecer em qualquer dessas construções. Alias, um objeto nulo parece poder ser legitimado em qualquer contexto. Veja-se por exemplo a frase seguinte, que instancia uma violação óbvia das restrições normais sobre as *lacunas parasíticas*:

(8) Este relatório; foi arquivado sem ler [e];

(8) não pode ser uma instância de construção com lacuna parasítica, já que uma categoria vazia ligada por uma posição argumental não legitima uma outra lacuna (Chomsky 1982). Isso mostra portanto que um mecanismo diferente legitima [e] na frase.

Por outro lado, parece razoável argumentar que as violações da subjacência encontradas em orações relativas e interrogativas, e ilustradas em (9)-(10), refletem a presença do mesmo objeto nulo (Moreira da Silva 1983) :

(9) Este empregado; que não sei quanta gente ficou sabendo pra onde o patrão mandou e; ontem desapareceu de repente

(10) Que carro; a Deise disse para os amigos que não sabe quando ela vai comprar e; ?

Deve-se notar que (9) mostra claramente que a boa formação dessas sentenças não é devida ao fato de que seria CP e não IP o nóduo fronteira no PB, uma vez que o elemento movido teria que cruzar dois nósduos CP. Farrell (1990) dá quantidade de evidências de que os objetos nulos no PB não se comportam como variáveis ligadas por um tópico nulo em posição inicial de frase, mas como pronomes. Por exemplo, uma frase como (11), seu 12a é perfeitamente aceitável:

(11) Aquela casa; nunca foi pintada pelo cara que e; comprou e; de mim

Se e; fosse ligado por um tópico vazio dominando *aquela casa*, teríamos uma violação da condição C da Teoria da Ligação.

Farrell (1990) afirma também que a hipótese do objeto nulo como uma variável não pode ser resgatada colocando um operador vazio na oração que contém o objeto nulo. Com efeito as construções de operador nulo evidenciam restrições que não aparecem nas construções de objeto nulo, como se vê no contraste entre as frases seguintes:

(12) *John left the kids in the house; [OP; [PRO to destroy e;

(13) A Júlia enfiou o dedo no bolo; só depois de [OP; [eu ter guardado e; na geladeira

(12) mostra que as construções de operador nulo não permitem que o antecedente da categoria vazia seja contido no complemento preposicional do verbo principal, o objeto nulo não podendo ser interpretado como se referindo à casa. Em (13), essa restrição não se aplica e o objeto de *guardado* pode ser o *bolo*.

Um dado porém parece apontar para a conclusão de que o objeto nulo se assimila a uma variável e não a um pronome. Trata-se do contraste observado na interpretação das duas frases seguintes:

a) * O José sabe que a Maria gostaria de conhecer e;

b) O José sabe que a Maria gostaria de conhecer ele_i

Na oração encaixada, a frase a) contém um objeto nulo e a frase b) o pronome lexical *ele*. No primeiro caso, o objeto encaixado não é interpretado como correferente do sujeito da oração matriz. No segundo caso, essa interpretação é possível, exatamente como é possível, no PE, com um clítico:

c) O José sabe que a Maria gostaria de conhecê-lo_i

Bianchi e Figueiredo Silva (1994) afirmam que existem dois tipos de objetos nulos em PB, o inanimado, pronominal e o animado, variável. A base dessa afirmação é o seguinte paradigma:

- a. * O José_i impediu a esposa de matar e_i
- b. * O José sabe que a Maria gostaria de conhecer e_i
- c. Esse tipo de garrafa impede as crianças de abrirem e_i sozinhas
- d. Esse prato exige que o cozinheiro acabe de preparar e_i na mesa
- a.* O José conhece a mulher que beijou e_k
- b. O José conhece a mulher que comprou e_k
- a. ?* O José ficou nervoso porque a Maria convidou e_k
- b. O José ficou nervoso porque a Maria comprou e_k
- a. ? O José não acredita no boato que o Pedro beijou e_k
- b. O José não acredita no boato que o Pedro comprou e_k
- a. ? O José não sabe onde a Maria encontrou e_k
- b. ? O José não sabe onde a Maria comprou e_k

O primeiro conjunto de frases mostra que um objeto nulo animado pode ser ligado* por um sintagma nominal, mas um objeto nulo animado não pode. Isso pode ser interpretado como decorrendo do fato de que os primeiros obedecem ao princípio B de ligação, ou seja são de natureza pronominal, enquanto que os segundos obedecem ao princípio C, que rege os nomes e as variaáveis. Essa análise considera assim os objetos nulos [+humanos] como tendo a mesma natureza do que no PE, ou seja como proposto por Raposo (1986), [-pronome, -anáfora], enquanto os objetos nulos [+inanimados] se distinguiriam por serem [+pronome, -anáfora]. Os outros conjuntos reforçam essa análise, mostrando que os objetos nulos com referente inanimado, mas não os objetos nulos com referente humano podem aparecer numa ilha* (oração relativa em ..., adjunto em ..., NP complexo em..., e ilha-QU em

A análise é judiciosa mas não compartilho as intuições expressas em (-)(-). No que diz respeito aos fenômenos de ilha, discordo de que haja um contraste de aceitabilidade entre as frases a. e b., pelo menos não em termos categóricos. Aliás, os pontos de interrogação que substituem as estrelas mostram que as autoras não acham essas frases tão inaceitáveis assim. Parece que estamos no domínio, não de impossibilidades, mas de preferências. (cf seção 4).

Quanto à pertinência do princípio C para as orações (..) a e b, a questão é mais complexa. Farrell (1990) mostra que a aceitabilidade dessas frases varia consideravelmente conforme o contexto. A correferência entre o sujeito da principal e o objeto nulo da

encaixada do período introduzido por *mas* parece com efeito perfeita no enunciado seguinte:

(55) Todo mundo diz que Maria beijou João; depois do baile,
mas ele; insiste que ninguém beijou e;

A generalização que parece surgir de (55) é que para ser interpretado como antecedente do objeto nulo o sujeito da oração matriz tem que ser interpretado também como tópico da oração encaixada. O que não é natural, a não ser que o contexto force essa interpretação, como em (55).

Será possível interpretar a restrição de animacidade nesses termos? Talvez sim se passarmos por uma reflexão sobre a razão da não naturalidade da interpretação do sujeito das orações matrizes como tópico da oração encaixada. Isso tem a ver com uma restrição de logoforicidade (*referências*) que não atinge os referentes inanimados.

2. O sujeito nulo

O PB ainda é uma língua pro-drop? De fato, sabemos agora que esta pergunta, formulada assim, não tem sentido. As línguas pro-drop não correspondem a um conjunto unitário, ou seja à fixação no mesmo valor de um único parâmetro. Existem várias maneiras para as línguas de legitimarem sujeitos nulos, e causas diferentes podem produzir os mesmos efeitos. O que precisamos fazer é definir os contextos nos quais o sujeito nulo é possível na língua, quais são as suas possíveis interpretações, para depois tentar definir como essa categoria é legitimada.

Três grandes propriedades distributivas e interpretativas parecem caracterizar o sujeito nulo do PB por oposição ao do PE, entre outros.

- O sujeito nulo pode ser interpretado como indeterminado, sem a presença de *se*. (Galves 1987, 1989, 1991, Duarte 1995)

Antigamente punha a mesa para tomar lanche (Duarte 1995, p.86)

- O sujeito nulo é favorecido pela 3a pessoa, e desfavorecido pelas 1a e sobretudo pela 2a pessoa. Duarte (1993, 1995 p. 20), Kato et alii (1995)

- O sujeito nulo é sensível às ilhas (Figueiredo-Silva, 1994, Duarte 1995, a respeito das relativas)

F-S p. 142, ex 54 a,b,c:

Comprei um carro ontem

*O que (é que)cv comprei?

*Eu o que (é que)cv comprei?

p. 144, ex. 57:

O José vai trazer a salada

Não, o VINHO, *(ele) vai trazer.

"le sujet nul référentiel du PB présente des interférences relativement fortes avec les structures QU" p.144

"pro référentiel a disparu en PB." p.145

1. pro variáveis (dependência A')

Segundo F-S, a impossibilidade de sujeitos nulos nas ilhas fortes sugere que a relação entre a categoria vazia e o tópico é uma relação de movimento (p. 157). ex 74 b,c:

* O Pedro, eu achei um carro que cv tem grana para comprar

* A Maria, o José olha pro chão toda vez que cv fala com ele

contraste pronome nulo/pronome lexical, F-S ex 79 a,b:

O João eu conheço a gurua que ele cruzou ontem

* O João eu conheço a gurua que cv cruzou ontem

Isso lembra o contraste entre pronomes plenos e clíticos (Cinque) sujeitos nulos "anafóricos" (dependência A):

* A Maria disse que canto bem

* O José disse que a Maria pensa que vão morar juntos

A Maria_i disse que o Pedro acha que cv_i vai ganhar

A Maria convenceu o José_j que cv_j devia sair

23

p.163 "a relação entre o sujeito nulo encaixado e o sujeito da frase raiz: ela deve ser mediada pelo sistema CP encaixado. Mas não é um processo de movimento, dada a gramaticalidade de (85)":

A Maria_i olha pro chão toda vez que cv_i fala com o José

movimento de Agr (PersP) para C (cf análise de Borer, 1989).

p.170 "problema com a extração do sujeito. Hipótese 1: a partir da posição pos-verbal? Mas o caso nominativo "não pode ser atribuído sob regência". A variável não recebe caso??? solução do Rizzi: é a cadeia da variável que deve receber caso.

Hipótese 2: "lembrete" vazio? Mas problemas com os exemplos 74 c,d.

Frente ao comportamento do sujeito nulo descrito por Figueiredo Silva, uma terceira hipótese consiste em assimilar a distinção pro/pronome lexical não à oposição variável/pronome,

²³ F-S p. 162 menciona o "horror à nominalidade" do sujeito nulo no PB, manifestado no bloqueio do sujeito nulo em sintagmas nominais complexos por oposição ao que acontece nas estruturas-QU:

* O Pedro_i achou um carro que cv_i tem grana para comprar

* Ele_i adorou que cv_i comprou roupa nova vs

Ele não sabia o que estava fazendo

Deve se notar porém que a impossibilidade de co-referência com as factivas como ilustrado no último exemplo independe do sujeito nulo mas é uma propriedade geral dessas construções que se mantêm com o pronome lexical:

* Ele_i adorou que ele_j comprou roupa nova

mas à dicotomia encontrada acima entre clítico e pronome lexical nas construções de CLLD e Tópico Pendente. Com efeito, os objetos nulos do PB e os sujeitos nulos do PE comportam-se como os clíticos nas construções de CLLD. Por sua vez, os sujeitos nulos do PE e os objetos nulos do PB se comportam como os pronomes plenos nas construções de Tópico Pendente.

Na seção IV propor-se-á uma análise nos termos dessa distinção, que corresponde em última instância à oposição entre traços pronominais realizados em posição de núcleo e traços pronominais realizados em posição de projeção máxima.

3. Objeto nulo e sujeito indeterminado

Em conclusão, deve-se notar que o PB apresenta um funcionamento que é a imagem inversa do que aparece nas orações com tempo das outras línguas românicas de sujeito nulo, como o italiano: o sujeito nulo da terceira pessoa do singular é normalmente interpretado como genérico, e o objeto nulo é normalmente interpretado como específico. Essa "inversão" sincrônica na interpretação das categorias vazias lembra a inversão diacrônica da frequência dos objetos e sujeitos nulos observável no quadro VII acima. Não parece absurdo fazer a hipótese de que essas duas inversões são relacionadas.

Os objetos nulos específicos e os sujeitos nulos genéricos aparecem juntos nos seguintes exemplos do PB falado:

(17) Q. Meu lanche; ? .

A. [e]_k está fazendo [e]_i !

(18) Q. Onde está essa revista ?

A. [e]_k está xerocando [e]_i .

O referente do objeto nulo nas respostas é dado pelas perguntas. E o sujeito nulo é indeterminado. Nesses fragmentos, a relação do objeto nulo com o tópico discursivo é clara (cf Huang 1984, Raposo 1986a). No que diz respeito ao sujeito nulo, é interessante notar que a caracterização mais adequada da sua interpretação parece ser a completa ausência de especificação de pessoa.

4. A variação pronome pleno / pronome nulo.

Dois casos:

1. os dois estão legitimados, mas um é preferido. Caso clássico de variação. É onde entra o traço [animado]. cf Bianchi e Figueiredo Silva. cf trabalhos socio-linguísticos.

2. um deles está excluído (rever Galves 1984).

a) o pronome lexical (sujeito/objeto):

- variável ligada (relativas restritivas cf Galves 1987 baseada em Mollica 19??, focalização com o sem "que" - equivalente da topicalização no italiano, operadores lógicos cf Galves 1987)

- no domínio local de um elemento-WH.

b) a categoria vazia sujeito:

- nas estruturas de topicalização em ilhas fortes (a verificar em Duarte)

- nas subordinadas com sujeito não correferente.

A questão da simetria (Moreira 1983, Galves 1984) revisitada. Em PB, contrariamente ao PE, é mais fácil recuperar o antecedente de um objeto nulo do que de um sujeito nulo. A proposta de parametrização do PB contida na seção IV pretende trazer uma explicação para este fenômeno.

IV. Para uma análise do sistema pronominal do português brasileiro

1. Teoria geral dos pronomes, natureza categorial e legitimação.

Antes de propor uma análise do funcionamento do sistema pronominal brasileiro, é preciso definir o quadro teórico geral dentro do qual o debate sobre os pronomes tem se dado ultimamente. A discussão gira em torno de tres pontos que, como veremos, são intimamente relacionados:

- a) a tipologia dos pronomes.
- b) a natureza categorial dos pronomes.
- c) a explicação do comportamento dos clíticos.

Consideraremos esses tres pontos sucessivamente.

1.1 a tipologia dos pronomes.

Baseados na observação de várias línguas tipologicamente distintas, Cardinaletti e Starke (1994) mostram que é possível definir tres classes de pronomes, a partir de considerações semânticas, sintáticas e fonológicas.

- Classe 1: os pronomes *fortes*:

propriedades sintáticas: aparecem em posições temáticas ou periféricas, podem ser coordenados e modificados.

propriedades semânticas: só referem a entidades [+humanas].

propriedades fonológicas:: constituem entidades prosódicas independentes.

- Classe 2: os pronomes *fracos*

propriedades sintáticas: aparecem em posições derivadas, não ocorrem em posições temáticas ou periféricas, não podem ser coordenados e modificados.

propriedades semânticas: Devem ter um antecedente proeminente no discurso. Não têm restrição sobre a sua referência, podem ocorrer como expletivos, ou impessoais.

propriedades fonológicas: podem formar unidades prosódicas com a palavra adjacente.

- Classe 3: os clíticos

propriedades sintáticas: aparecem em posições derivadas, não ocorrem em posições temáticas ou periféricas, não podem ser coordenados e modificados.

Não podem aparecer em primeira posição nas línguas V2. Podem duplicar um pronome forte. Formam conjuntos com ordem fixa.

propriedades semânticas: Devem ter um antecedente proeminente no discurso. Não têm restrição sobre a sua referência, podem ocorrer como expletivos, ou impessoais.

propriedades fonológicas: devem formar unidades prosódicas com a palavra adjacente.

Cardinaletti e Starke enfatizam o fato dessa tripartição girar em torno de duas grandes oposições. De um lado, a oposição pronomes fortes (classe 1) e pronomes deficientes (classe 2 e 3), e do outro a oposição entre pronomes fracamente deficientes (classe 2) e pronomes fortemente deficientes (classe 3). Se considerarmos as diversas propriedades associadas às tres classes, vemos que a primeira oposição tem um correlato semântico

e sintático absoluto. Os pronomes fortes se distinguem dos pronomes deficientes pela obrigação de referir a entidades [+humanas] e pelo fato de aparecerem em posição temática ou periférica, apresentando um comportamento idêntico ao dos sintagmas nominais. A segunda oposição, por sua vez, está essencialmente associada a um aspecto acentual, mas se expressa também em algumas diferenças sintáticas.

Cardinaletti e Starke afirmam que essas duas oposições se encontram em todas as línguas, não existindo nenhum caso em que as tres classes corresponderiam a duas classes de pronomes fortes e uma só classe de pronomes deficientes. Eles argumentam que a segunda oposição tem a sua origem no fato dos pronomes fracos (classe 2) serem projeções máximas enquanto que os clíticos (classe 3) são núcleos. Essa caracterização diferente em termos da teoria X' explica as diferenças sintáticas entre as duas classes. Por outro lado, permite resumir a tipologia nos seguintes termos:

pronomes fortes: fortes, sintagmas

pronomes fracos: deficientes, sintagmas

clíticos: deficientes, núcleos.

O contraste entre a classe 2 e a classe 3 está agora claramente definido, mas qual é a natureza da oposição entre classe 1 por um lado e classe 2 por outro lado? Vimos que ela diz crucialmente respeito à interpretação referencial do pronome. Os pronomes fortes são obrigatoriamente [+humanos]. Cardinaletti e Starke resumem assim o que eles chamam de "assimetria semântica":

"a) os pronomes deficientes são incapazes de suportarem a sua própria restrição referencial e, portanto, ou não tem restrição nenhuma (expletivos, impessoais, dativos não referenciais), ou são associados à restrição referencial de um elemento proeminente no discurso.

b) Os pronomes fortes sempre suportam a sua própria restrição referencial." (op. cit. p. 11)

Eles consideram o traço [+humano] como o valor "default" do índice referencial associado aos pronomes fortes que, na falta de um NP referencial associado a eles internamente, não recebem nenhuma restrição ("range") referencial além dessa. A ausência total de restrição referencial própria dos pronomes fracos, por sua vez, se deve então à falta de qualquer índice referencial. A formalização dessas idéias passa por uma análise categorial que veremos na próxima seção.

Quanto à impossibilidade para os pronomes da classe 2 e 3 de aparecer numa posição temática ou periférica, ela se deve a um princípio de licenciamento dos pronomes fracos que Cardinaletti e Starke formulam da seguinte maneira:

Os pronomes fracos devem ocorrer numa posição casual em Estrutura-S.

A justificação desse princípio está no centro dos debates sobre a questão da razão do movimento dos clíticos que será o objeto da seção 1.3.

Ter-se-á notado, mais uma vez o uso das noções de "forte" e "fraco". De fato, como vimos acima, a tipologia de Cardinaletti e Starke permite uma gradação na fraqueza ou na força, pelo jogo da articulação dos valores + ou - de duas noções: [deficiente] e [núcleo].

Uriagereka (1995) observa que eles não consideram a combinação [- deficiente]/ [+ núcleo]. Ele sugere que essa possibilidade é de fato instanciada pelos clíticos de primeira e segunda pessoa que ele chama "clíticos fortes". Voltaremos às razões diacrônicas e sincrônicas de distingui-los dos clíticos de terceira pessoa. Observemos simplesmente que se considerarmos a proposta de Uriagereka, temos a seguinte tipologia:

- pronomes fortes
- pronomes fracos
- clíticos fortes (1a e 2a pessoa)
- clíticos fracos (3a pessoa)

Veremos em seguida como essas tipologias se articulam com uma análise da natureza categorial dos pronomes. Mas antes, convém mencionar o trabalho de Corver e Delfitto (1993) que contestam a tripartição proposta por Cardinaletti e Starke.

Esses autores, com efeito, argumentam que só se devem definir duas classes de pronomes: os fortes e os fracos. Para eles a distinção operada por Cardinaletti e Starke entre dois tipos de deficiência não procede.

1.2 A natureza categorial dos pronomes.

Uma das idéias chave das análises consideradas até agora é que os pronomes têm uma estrutura interna complexa. Além disso, muitos autores concordam em afirmar que os pronomes são DPs¹. Para Corver e Delfitto e Uriagereka, os clíticos são os núcleos desse DP. Evidentemente, a identidade morfológica do clítico de terceira pessoa com o artigo definido, bem como o fato que ambos são criação das línguas românicas desempenha um papel importante nessa identificação².

No que diz respeito à estrutura interna desse DP, tanto Uriagereka quanto Corver e Delfitto propõem uma estrutura em que o determinante tem como complemento um NP. No caso dos clíticos, esse NP é nulo, assimilável a um *pro*, como representado a seguir:

$$\left[\begin{array}{c} \text{DP} \\ \left[\begin{array}{c} \text{D} \\ \left[\begin{array}{c} \text{pro} \end{array} \right] \end{array} \right] \end{array} \right]$$

Veremos que a presença do *pro* desempenha um papel crucial na explicação da razão pela qual o clítico se move.

Cardinaletti e Starke desenvolvem um raciocínio bastante diferente. Para eles, a diferença entre pronomes deficientes e pronomes fortes não reside no preenchimento lexical ou não do NP, mas numa estrutura funcional distinta. Eles enfatizam que alguns pronomes deficientes correspondem morfológicamente a um subconjunto dos pronomes fortes correspondentes, e que o inverso não acontece nunca, como exemplificado com os seguintes exemplos do Slovaco e do Italiano.

fortes: je-ho je-mu a loro
deficientes: ho mu loro

Nisso, para eles, reside a chave da tipologia dos pronomes. Eles tiram dessa observação

¹ Essa idéia é frequentemente atribuída a Ester Torrego.

² Uriagereka (1992b) defende particularmente essa idéia ao identificar a cliticização do artigo definido com o movimento dos clíticos. Para uma crítica, ver Otero (199?).

morfológica a conclusão de que os elementos deficientes têm uma estrutura categorial deficiente, expressa pela morfologia deficiente. Se eles têm menos morfemas, é porque eles dominam menos núcleos. Quais são esses núcleos? A partir do paradigma acima, eles identificam o morfema presente nos pronomes fortes, mas ausente nos pronomes deficientes, como sendo aquele que domina os "dummy markers" como a preposição *a*. Eles observam que esses "dummy markers" são também sempre associados à interpretação [+humano]. Trata-se portanto de uma categoria relacionada com a referência. Contudo, eles não propõem chamar essa categoria D, mas *Comp*, para *Complementador*, com o sentido de que se trata de uma categoria que torna *complemento de*. Isso claro, permite estabelecer um paralelismo entre as categorias funcionais associadas ao nome, e as categorias funcionais associadas ao verbo. Esse paralelismo é levado mais adiante pelos autores ao identificarem a estrutura das expressões nominais com a estrutura da oração, ~~estabelecendo~~

Comp é o locus da referência. A sua ausência está portanto associada à ausência de restrição referencial constatada nos pronomes deficientes. A conexão entre a morfologia, a interpretação e a estrutura interna dos pronomes esta assim formulada. Note-se contudo, que para implementarem a hipótese de que cada tipo de pronome corresponde a uma projeção funcional distinta, precisam de tres categorias funcionais, ~~enquanto que (1) os~~ ~~características~~. A solução está na definição da categoria ausente nos clíticos. Baseados em fenômenos das línguas eslavicas e do basco, onde os morfemas que distinguem os pronomes fortes dos clíticos aparecem também nas orações com valores enfáticos, Cardinaletti e Starke sugerem que existe também no sintagma nominal uma categoria ligada à ênfase. Recorrem assim à proposta de Laka (1990) da existência de um núcleo Σ entre *Comp* e *Agr*. Eles acrescentam a hipótese de que os traços prosódicos de uma categoria lexical são realizados em Σ . Isso explica a deficiência prosódica dos clíticos ³.

Resumindo, os pronomes fortes são CPs, os pronomes fracos são Σ P, e os clíticos são IPs. Note-se que isso implica desvincular os clíticos de D. Cardinaletti e Starke assumem explicitamente essa posição, que os diferencia de grande parte dos pesquisadores trabalhando sobre o assunto. O paralelismo entre o artigo e os clíticos, dizem eles, não existe em todas as línguas. Eles citam as línguas eslavicas que têm clíticos, mas não têm determinantes, e de maneira muito interessante, citam o Português Brasileiro, que têm determinantes, mas não têm os clíticos correspondentes. A proposta deles sugere que o clítico é antes Infl. Uma proposta análoga, embora em termos diferentes, será defendida na próxima seção.

³ Para Cardinaletti e Starke, essa deficiência só diz respeito ao acento de palavra. Eles consideram com efeito que nada impede que um clítico receba um acento de frase, como exemplificado no seguinte diálogo:

- Je te casserai la gueule
 - Non, je TE casserai la gueule
- (cf op. cit. p.7, nota 13).

Rouveret (1994) também não assimila os clíticos a D, nem os pronomes a DP. Para ele, são NumP (Number Phrase).

Para Uriagereka (1995), a diferença entre clítico forte e clítico fraco reside no fato que os primeiros são DP sem estrutura interna: eles não contêm *pro*. Nos termos de Chomsky 1994, são ao mesmo tempo projeções máximas e mínimas. Uriagereka (1992, 1995) lembra que os clíticos de primeira e segunda pessoa, que ele chama de clíticos *fortes*, têm uma origem distinta dos de terceira pessoa. No latim, os primeiros existiam enquanto tais, enquanto que os segundos são uma criação românica, nascidos da reinterpretação dos demonstrativos (cf Wanner 1986). Nas línguas modernas, eles ainda mostram a sua diferença em comportamentos diferenciados. Em francês, por exemplo, quando o pronome acusativo de terceira pessoa *le* aparece junto com um pronome dativo, ele precede os clíticos de terceira pessoa *lui/leur*, mas ele segue os clíticos de primeira e segunda pessoa *me, te, nous, vous*, como ilustrado a seguir⁴:

Pierre *le* *lui/leur* a dit
* Pierre *lui/leur l'* a dit
Pierre *me/te/nous/vous l'*a dit
* Pierre *le me/te/nous/vous* a dit

Em espanhol, ou em PE, como em francês, dois clíticos fortes não podem co-ocorrer na mesma oração. Observe-se o contraste entre as frases a) e b):

- a) no te lo entregaron
- b) *no te me entregaron
- a) não to entregaram
- b) *não te me entregaram
- a) Ils ne te l'ont pas livré
- b) *Ils ne te m'ont pas livré

Uriagereka nota que a única frase bem formada correspondendo a b) em espanhol é
no te entregaron a mi

onde o pronome dativo não é duplicado por um clítico, contrariamente ao que acontece obrigatoriamente quando o pronome pleno é de terceira pessoa, seja ele acusativo ou dativo.

Segundo esse autor, os clíticos fortes se deslocam primeiro como projeções máximas, via a operação de *Scrambling*. Os clíticos de terceira pessoa, ao contrário, movem-se como núcleos desde o início do seu movimento.

⁴ Deve-se notar que a ordem clítico acusativo - clítico dativo diferencia o francês de muitas outras línguas românicas, em particular o Português e o Espanhol, onde se constata a ordem inversa. Considerarei sem mais argumentação que se trata de um problema morfológico devido ao fato que os grupos clíticos funcionam como unidades morfológicas. cf ?? Deve-se notar a respeito da estrutura dos grupos clíticos que o *Linear Correspondence Axiom* de Kayne impede a adjunção múltipla de clíticos a um mesmo núcleo. Eles devem ser então adjungidos a núcleos distintos ou uns ao outros de tal maneira que nunca haja mais de uma adjunção ao mesmo núcleo (Kayne 1994, p.21) (cf Cap. 0)

1.3 A explicação do comportamento dos clíticos.

A grande questão levantada pelos clíticos é a razão do seu movimento em sintaxe visível, contrariamente aos NPs lexicais. Evidentemente, a resposta passa obrigatoriamente pela definição da categoria para onde se movem. Veremos que as diversas respostas são intimamente relacionadas com as hipóteses sobre a estrutura e sobre a tipologia.

Note-se primeiro que todos concordam em abandonar a idéia de Kayne (1975) de que os clíticos se deslocam porque eles são morfologicamente sub-categorizados para uma dada categoria (V por exemplo). Corver e Delfitto argumentam explicitamente contra essa análise (cf a discussão mais abaixo).

Uma idéia comum a todos os autores considerados, é que os clíticos se deslocam porque são deficientes. Mas conforme a natureza dos conceitos essenciais nas quais se baseiam as análises, estas podem ser classificadas em duas categorias.

- as análises de base semântica (Corver e Delfitto 1993, Uriagereka 1995).
- as análises de base morfológica (Cardinaletti e Starke) ⁵.

Na primeira concepção, os clíticos se movem para legitimar referencialmente o seu associado nulo, o *pro*. Para Corver e Delfitto, é a ausência de especificação para o traço [humano] que os força a isso. Com efeito, segundo eles, essa deficiência semântica faz com que a verificação do caso do NP associado não seja possível, impedindo que a derivação convirja. A idéia por trás dessa análise é que a verificação de traços requer o confronto de um elemento funcional com um elemento lexical contendo valores associados aos traços referenciais. Na ausência desses valores, a categoria lexical não é visível para a operação de verificação. É como se não fosse suficientemente lexical. O efeito do deslocamento do clítico é providenciar uma força referencial para o *pro*, que torne a verificação do caso possível. Dentro do programa minimalista, contudo, esse deslocamento tem que ser também justificado por uma necessidade de checagem (cf Cap. O). Corver e Delfitto emprestam de Uriagereka o recurso à noção de especificidade. O clítico, enquanto núcleo de D, contém um traço [+específico] que deve ser verificado pelos traços lexicais de uma categoria funcional. Essa verificação tem o efeito de atribuir um conteúdo lexical ao DP inteiro, permitindo assim a verificação do caso. Note-se enfim que tudo isso tem que acontecer na sintaxe visível, i.e antes de *Spell-Out*, porque a deficiência semântica dos clíticos os torna também invisíveis para a parte da computação operando entre *Spell-Out* e *LF*.

O conceito de especificidade é central na análise de Uriagereka. Para entender como ele integra esse conceito na sua análise do comportamento sintático dos pronomes, convém primeiro entender o sentido que ele lhe atribui. Trata-se um termo intimamente ligado à noção de informação velha, já introduzida no discurso, relacionada com a bipartição da oração proposta por Diesing (1990, 1991). Na Forma Lógica de uma oração, o material dominado pelo VP é interpretado como apresentacional e novo, e o que está fora de VP é dado, familiar. Desse ponto de vista, *specificidade* equivale a *familiaridade*, e se aproxima

⁵ Note-se contudo que o quadro minimalista, com sua teoria da verificação de traços, força uma "morfologização" de qualquer análise. É particularmente claro no texto de Corver e Delfitto.

fortemente da noção de *D-linking* (ligação pelo discurso) de Pesetsky (1987).⁶ Mas deve se ressaltar que para Uriagereka, especificidade também significa referencialidade, e definitude. Voltaremos a esse ponto.

Todos os itens marcados [+específicos] deverão então sair do VP, para que a Forma Lógica correspondente seja bem formada. Mas para Uriagereka, a especificidade dos clíticos não os força somente a sair do VP. Eles têm que se mover para uma categoria funcional que ele chama F, e que está também fortemente relacionada com o conceito de especificidade tal como está definido acima. Coloca-se então a questão da diferença entre qualquer DP específico, que deve simplesmente se mover para fora de VP, e os clíticos, que têm que se mover para F. É aí que Uriagereka recorre à idéia da deficiência dos pronomes, que ele formula em termos de ausência de pessoa. É aí que se opera a articulação entre especificidade e referencialidade. Baseando-se em Benveniste, ele afirma que "o fenômeno da pessoa é simplesmente uma maneira pragmática de codificar a referência ao falante, ao alocutário, ou ao mundo" (op. cit. p.93). F, por sua vez, é o "elemento sintático interfaceando com a indexicalidade pragmática" (id.). Assim, só o movimento do clítico para F permite que ele licencie o *pro* que depende dele.

F tem outras implicações sobre a sintaxe dos clíticos que consideraremos mais adiante, a respeito da ênclise no PE. Aqui, é somente o seu papel de licenciamento do *pro* associado ao clítico que é relevante para o ponto em que estamos da discussão.

Porque antes de *Spell-Out*?

- as análises de base morfológica

Em Cardinaletti e Starke também, a explicação do movimento está intimamente ligada à análise da estrutura, mais precisamente à deficiência estrutural. Para eles, é a ausência de Comp o fator responsável pelo movimento obrigatório dos pronomes deficientes. A razão tem a ver com a teoria do caso. Voltando à idéia dos "dummy markers", eles lembram que esses são muitas vezes considerados como "meros" marcadores casuais, e concluem: "se isso indica que Comp contém especificação de caso, então os elementos deficientes não podem conter traços de caso, o recipiente desses traços estando ausente. Os elementos deficientes só podem ser associados ao caso através de uma configuração estrutural local com o núcleo funcional relevante para o caso: Agr." (op. cit. p.30)⁷. Numa nota, eles levantam a aparente contradição em considerar Comp como o locus do caso, e Agr como o atribuidor de caso. É um falso problema, afirmam eles, "Agr não contém nenhum traço de caso, mas existe uma regra, do tipo das regras de redundância, que interpreta todos os XPs em Spec/Agr como associados com o caso." (op. cit., p. 31, nota 57.).

Isso diz respeito tanto aos pronomes fracos quanto aos clíticos. Mas esses, além de carecerem de Comp, e portanto de caso, carecem de Σ , e portanto de domínio prosódico próprio. Eles têm portanto que efetuar um movimento suplementar para uma posição

⁶ Cardinaletti e Starke notam que essa concepção não deve ser confundida com a significação "literal" da palavra, em termos de *definido* e *único*.

⁷ Os autores derivam também da falta de C a proibição de coordenar e modificar os pronomes deficientes, uma vez que segundo eles, só CPs podem ser coordenados ou modificados. Por outro lado, esses pronomes não podem aparecer em posição periférica porque a sua relação local com Agr deve se manter em toda a derivação.

que lhe atribua traços prosódicos. Essa posição será, conforme as línguas, V ou Σ , dando conta assim do que parecem ser as duas opções para os clíticos nas línguas: ou na segunda posição da oração, isso é em Σ , ou junto com o verbo, na categoria lexical que o contém.

Antes de passar para uma proposta alternativa, algumas observações se fazem necessárias para concluir esta apresentação. Observe-se que Cardinaletti e Starke não se situam no programa minimalista, podendo assim legitimamente propor uma motivação prosódica para o movimento dos clíticos. Não é claro como as suas propostas poderiam se traduzir num sistema de verificação de traços⁸. Convém ressaltar a semelhança entre Σ e F. Têm em comum de se encontrarem entre Comp e Infl. Além disso, se se considerar a especificação que tanto Uriagereka (1992a) quanto Uriagereka (1995) fazem de F, vê-se que se trata de uma categoria com características muito próximas de Σ . Contudo, Uriagereka relaciona F com o aspecto semântico da causa do movimento dos clíticos, traduzido em termos minimalistas em verificação do traço [+ específico].

1.4 Um conjunto de hipóteses alternativas

As análises apresentadas acima encontram um série de problemas, algumas vezes explicitados e tratados pelos seus autores. Isso nos levará a propor um conjunto de hipóteses alternativas. Essas hipóteses nos permitirão também integrar os fatos do PB, dificilmente explicáveis nos quadros anteriores.

Um dos problemas é a distinção entre os pronomes de 1a e 2a pessoa de um lado, e os pronomes de 3a pessoa de outro lado.

A distinção operada por Uriagereka em termos de estrutura interna: o fato dos pronomes de primeira e segunda pessoa não conterem um *pro* a ser referencialmente legitimado deveria ter como consequência, no sistema dele, a ausência de movimento para a categoria F. Ele tem então que apelar para a morfologia.

Um problema análogo surge na análise de Corver e Delfitto. A origem do movimento dos clíticos encontra-se para eles na falta de especificação do pronome para o traço [+humano]. Isso levanta problemas óbvios com a 1a e 2a pessoa, para as quais é difícil afirmar que o traço humano está ausente. Como dizem os próprios autores, eles "parecem ser inerentemente especificados como [+hum]". A solução proposta (segundo eles "elegante") é operar uma distinção entre as propriedades interpretativas do pronome e os traços associados a ele. Segundo eles, os pronomes de 1a e 2a pessoa não têm nenhuma especificação para o traço humano. A sua caracterização [+hum] deriva simplesmente da sua especificação pessoal. Mas então como é possível que existam pronomes fortes de 1a e 2a pessoa, isso é, pronomes que não se movem. A resposta reside, segundo Corver e Delfitto no caráter dêitico desses pronomes, que têm força suficiente para legitimar o seu complemento vazio.

Um outro problema reside na aplicação aos clíticos da noção de especificidade definida ao mesmo tempo em termos de *D-linking*, ligação com o discurso, referencialidade e definitude. Uriagereka discute alguns aparentes contra-exemplos. Com respeito à definitude, ele considera dois casos

- exemplos do espanhol andino em que um clítico dativo reduplica uma expressão

nominal indefinida⁹:

Le(s) dio un sopapo a unos

- o caso geral do se

No primeiro caso, ele propõe uma distinção entre clíticos, e marcadores de concordância. Contrariamente aos primeiros, os segundos não têm restrição quanto ao caráter definido ou indefinido dos NPs que lhes são associados. No segundo caso, ele sugere que talvez se não seja "da categoria D e / ou obedeça aos princípios regendo os clíticos" (op. cit. p.86). Nos dois casos, o fato dos elementos pronominais seguirem as regras de colocação de clíticos deveria portanto ser considerado como um mero acaso

Com respeito à referencialidade, Uriagereka considera o caso dos clíticos ligados por um quantificador () e os predicativos.

De fato, especificidade é um consequência, e não a causa de tudo isso.

Enfim, a afirmação de que os pronomes fracos não têm posição para o caso é, pelo menos, contra-intuitiva. Como já foi objetado por Dobrovie-Sorin (1994b), isso parece contraditório com o fato de que, nas línguas românicas, os clíticos são os únicos elementos lexicais a terem uma especificação casual.

No intuito de propor uma caracterização dos pronomes deficientes bem como da distinção entre pronomes fracos e clíticos que não encontre esses problemas, basearei a minha análise nas seguintes hipóteses.

1. Os clíticos fracos são Agr.

De fato, podem ser considerados como mera coleção de traços pronominais, daqueles que Chomsky denomina traços- ϕ : gênero, número, pessoa e caso. Desse ponto de vista o seu caráter anafórico se explica pela ausência, na sua estrutura interna, da categoria funcional associada à referência: D. Por isso eles podem referir a um NP tanto [+humano] quanto [-animado], e até, em certas línguas remetem não só a argumentos como também a predicados, como exemplificado nas frases francesas onde o pronome clítico *le* está no lugar de uma proposição ou de um adjetivo:

Je le sais

Eu o sei

Belle, elle ne l'a jamais été

Bela, ela neg o aux nunca sido

"Bela, ela nunca foi"

Evidentemente, nesse caso um pronome forte é totalmente excluído.¹⁰

Os pronomes fracos aparecem, nesses casos, totalmente desprovidos de referência. De fato, podemos admitir que, em todos os seus usos, eles funcionam como "ocupadores de lugar", que simplesmente marcam uma posição com alguns traços gramaticais que permitam recuperar um argumento ou um predicado recebendo valor, referencial ou não, em outro lugar da oração ou do discurso. Desse ponto de vista, os clíticos problemáticos para análises como a de Uriagereka, são na realidade protótipos no sentido que eles fazem aparecer o caráter intrinsecamente não referencial desses elementos.

⁹ cf trabalhos da Júlia ..., influência do Mapuche

¹⁰ Voltaremos mais abaixo ao fato de que *ele* no PB exige uma interpretação argumental.

Não é de estranhar então que esses pronomes possam, em certas línguas, desempenhar funções que, em outras, dependem de uma operação de movimento sintático, já que eles são marcadores de lugar, como o vestígio do elemento deslocado. Os pronomes fortes não podem, por sua vez, desempenhar tais funções. O comportamento do pronome *ele* no PB é coerente nesse sentido, já que além de apresentar as características interpretativas dos pronomes fracos nas orações simples, ele funciona como "lembrete" nas orações complexas. De fato o termo "lembrete" convém muito bem ao pronome fraco em geral, dadas as suas características interpretativas. Ele nunca é mais que um lembrete.

Ao contrário, os pronomes fortes são DPs, com uma estrutura interna do tipo proposto por Corver e Delfitto.

A distinção entre pronomes fortes e deficientes se dá assim em dois níveis. Eles diferem em estrutura, e mantemos assim, em termos diferentes, a idéia de Cardinaletti e Starke, mas eles diferem também em termos de natureza categorial, pelo menos no que diz respeito aos clíticos de terceira pessoa. Os pronomes fortes são DPs, e têm uma estrutura interna complexa, uma vez que também contêm Agr. Os pronomes fracos não contêm a posição associada à referência, D, e portanto são só Agr, o que implicam que não tenham estrutura interna.

Podemos manter nessa formulação a idéia de que o traço [+humano] é o traço referencial default associado a D.

Note-se que não é necessário, nesse quadro teórico afirmar com Dobrovie-Sorin (1994b) que se os clíticos são Agr, a distinção entre eles e os morfemas de concordância é puramente morfo-fonológica ("os pronomes fracos, os clíticos e os afixos pronominais são tres classes morfofonológicas distintas correspondendo a um único elemento terminal morfo-sintático, Pron..."). A diferença é também sintática, uma vez que assumimos que um conjunto de traços caracterizando Agr pode entrar numa numeração de duas maneiras distintas: ou em associação com um item lexical, isso é de maneira totalmente ligada, ou independentemente, numa posição argumental. A questão é se alguma coisa na teoria proíbe uma categoria funcional de ocorrer em posição argumental. Se os argumentos são normalmente CP e DP, certamente não. O problema é então de saber se uma categoria funcional que não contem uma categoria lexical pode aparecer em posição argumental. Numa teoria onde a estrutura não é mais a projeção de propriedades de seleção definidas do léxico, mas onde vai sendo construída à medida, a únicas restrições sobre essa estrutura sendo definidas em termos de convergência, e de economia, não há *a-priori* nada que impeça essa escolha. Veremos justamente agora que as restrições sobre os clíticos decorrem das condições nas quais pode convergir uma estrutura na qual uma matriz de traços pronominais foi inserida em posição argumental.

2) Os clíticos se movem porque não têm estrutura interna, e que eles são forçados pelo *Linear Correspondance Axiom* de Kayne (1994) em deixar o seu lugar de origem.¹¹

Note-se que reencontramos aqui aqui a idéia de que o movimento tem algo a ver com

¹¹ Essa análise segue a interpretação que Chomsky (1995) faz da consequência do LCA para os clíticos. Para Kayne, ao contrário, o LCA implica que os clíticos tenham uma estrutura interna.

PF, por um lado, e com a deficiência estrutural por outro lado. Mas contrariamente à proposta de Cardinaletti e Starke, esse princípio se aplica a todos os pronomes deficientes, e não diz nada sobre o tipo de lugar de pouso relativo a cada um. A ausência de estrutura interna dos clíticos, no sistema de Kayne (1994), torna esses elementos impossíveis de serem linearizados na sua posição de base. Explicamos assim, independentemente de qualquer consideração semântica a propriedade fundamental de todos os pronomes deficientes: eles se movem. Voltaremos logo ao aparente contra-exemplo que constitui um dos nossos objetos privilegiados de estudo: o pronome *ele* do PB.

Essa proposta se parece no espírito, senão na letra, com a proposta de Dobrovie-Sorin (1994b) de uma regra *Move-Pron* se aplicando aos pronomes que "não contêm núcleo lexical, mas são meros feixes de traços pronominais como pessoa, número, ou gênero. Pode-se dizer que o traço *Pron* caracteriza aqueles pronomes que não são projeções extendidas de NP (no sentido de Grimshaw (1991))". A regra aqui é justificada pelos princípios gerais de linearização regendo PF propostos por Kayne (1994).

3) os clíticos têm um traço-V.

Uma consequência da hipótese de que os pronomes deficientes não têm estrutura interna, dentro do quadro teórico de Chomsky (1994) adotado aqui, é que não se pode mais fundar uma tipologia em termos de núcleo e projeção máxima, como fazem Cardinaletti e Starke. A priori, qualquer pronome deficiente pode ocupar seja uma posição de projeção máxima, seja uma posição de núcleo. Contudo, se quisermos apreender o fato incontornável de que alguns têm um comportamento de pronome ligado, e outros não, precisamos de uma categoria suplementar. Um bom exemplo dessa necessidade encontra-se no sistema brasileiro que nos interessa prioritariamente aqui. Mostramos acima que o pronome *ele* tem as características semânticas e sintáticas de um pronome deficiente. Apesar disso, é claro que ele não ocupa a posição atribuída aos clíticos na língua. A questão que se coloca aqui é como integrar a noção de *morfema ligado* no sistema.

Parece-me que a teoria da verificação do programa minimalista, com o seu sistema de traços, abre o caminho para a recuperação de uma idéia rejeitada na literatura recente sobre os clíticos: a subcategorização morfológica para um elemento verbal (cf Kayne 1975).

Como já foi mencionado, Corver e Delfitto argumentam explicitamente contra essa hipótese. Eles levantam três questões teóricas gerais¹².

a) Para eles, a introdução do traço V na entrada lexical equivale a simplesmente estipular a necessidade do movimento na entrada lexical do clítico," por uma indicação da categoria da qual o pronome é dependente".

b) Eles negam que a subcategorização do clítico possa ser o motor da sua incorporação, porque segundo eles, "uma vez que o clítico é o termo incorporado, a propriedade morfológica desencadeando o movimento não pode certamente ser expressa em termos das propriedades de c-seleção do próprio clítico." Eles acrescentam contudo em nota que "se o clítico é uma categoria flexional, então essa solução se torna disponível". Eles fazem aí referência à teoria de Sportiche (1992), que considera os clíticos como núcleos funcionais projetando um "sintagma clítico" (CIP). No sistema de Sportiche, é o verbo que se move

¹² Eles argumentam também na base do comportamento dos pronomes nas línguas germânicas, mas deixarei esse aspecto por enquanto. Cf....

para o clítico.

c) Enfim, eles recorrem à "homonímia" entre os artigos e os clíticos nas línguas românicas para defender uma entrada lexical única. Segundo eles, a diferença de comportamento se deve unicamente à necessidade de legitimar o *pro* presente no DP no caso dos clíticos.

Retomemos os argumentos na ordem, e procuremos discuti-los no quadro teórico do último minimalismo. Observe-se desde já que a introdução de traços na derivação a partir da inserção lexical é um procedimento básico do sistema computacional defendido por Chomsky nos seus últimos escritos. Esses traços podem ser inerentes, ou introduzidos no processo de entrada dos itens lexicais na Numeração (Chomsky 1995, p....). Não faz sentido pensar que V é um traço inerente de Agr, uma vez que matrizes de traços- ϕ podem ser inseridos em domínios não verbais. Mas não é absurdo pensar que corresponde a uma parametrização das línguas associar sistematicamente a Agr em certas posições na oração o traço V. É o sentido da parametrização proposta por Chomsky (1992) em termos de traço-V forte ou fraco de Agr, desencadeando o movimento obrigatório do verbo em certas línguas. Encontramos então a segunda objeção de Corver e Delfitto. Esse traço é da categoria hóspede da incorporação, não da categoria hospedada, aquela que sofreu o movimento. Pode-se perguntar donde vem tal restrição. Certamente não da lógica minimalista do movimento. Tanto mais que na sua primeira formulação, o Princípio do Egoísmo favorecia um movimento definido em termos de necessidades de checagem da categoria movida. A ressalva de Corver e Delfitto a respeito da teoria de Sportiche mostra que a questão se coloca também em termos da distinção categoria funcional / categoria lexical. Se o clítico é uma categoria funcional, então, a sua incorporação ao verbo pode ser formulada em termos de traço-V, essencialmente porque é agora o verbo que se move. Na análise proposta aqui, os clíticos são também categorias funcionais: Agr. Justificamos acima a sua inserção em posição argumental. A questão agora é se é legítimo uma categoria funcional se mover para verificar um traço lexical, ao inverso do que se costuma considerar. De novo, nada na teoria da checagem parece impedir uma tal situação. Na formulação mais recente de Chomsky (1995), é a noção de partilha de traços que é relevante para o movimento. Nessa lógica de partilha de traços, não é relevante qual dos dois elementos se move. De fato, isso é totalmente definido pela própria regra Move: o movimento só pode ser para cima, porque a condição de c-comando está integrada a própria definição da regra. Chegamos portanto a uma conclusão bem minimalista no seu espírito: se dois elementos de um estrutura compartilham traços, será o mais encaixado na árvore que se deslocará para que seja possível a operação de verificação.

Reintegamos assim a dimensão de morfema ligado dos clíticos na análise, e podemos afirmar com Dobrovie-Sorin (1994b): "X⁰ significa simplesmente "ligado" no caso dos pronomes. Assim, os pronomes fracos podem ficar em Spec/I não porque eles têm a estrutura interna das categorias XP, mas porque eles são morfemas livres". As duas categorias de pronomes deficientes definidas por Cardinaletti e Starke não se distinguem portanto em termos de projeção mas em termos do traço [+V].

4) Os clíticos fortes são D.

Vimos que a questão dos clíticos fortes envolve crucialmente considerações de co-ocorrência e de ordem nos grupos clíticos ("clitic clusters"). Aos fenômenos mencionados

por Uriagereka, podemos acrescentar o fato de que, num grupo clítico contendo um clítico forte e um clítico fraco, o primeiro só pode ser interpretado como dativo:

- Ils me l'ont présenté
- Apresentaram-mo
- * Ils me lui ont présenté
- * Apresentaram-me-lhe
- * Ils lui m'ont présenté
- * Apresentaram-lhe-me

Resumamos então as características desses pronomes:

- eles sofrem severas restrições nos grupos clíticos, não podendo coexistir com um outro clítico do mesmo tipo, e só podendo ser interpretados como dativos quando ocorrem com um clítico fraco.
- nos grupos clíticos, precedem sempre o clítico fraco.
- não reduplicam um pronome pleno.
- são intrinsecamente referenciais. Note que essa afirmação permite dar conta do traço [+humano] obrigatoriamente associado a *se*¹³.

A hipótese nula é que os aspectos sintáticos acima são intimamente relacionados com os aspectos semânticos. A interpretação referencial intrínseca, bem como o fato de não funcionarem como reduplicadores faz pensar que a sua categoria não é Agr, mas D. Eles são a contrapartida sem estrutura interna dos pronomes plenos.

Essas hipóteses permitem aproveitar as idéias fundamentais das análises evitando problemas levantados pelas análises apresentadas acima.

- Nos pronomes fracos, falta D, mas não falta caso, associado a Agr.
- Nos pronomes fortes, o valor [+humano] obrigatório é o valor default do determinante. A menor restrição possível para um determinante, uma vez que não tem N. Note-se que [+hum] e pessoa estão dissociados sem problemas.
- A especificidade do clítico é a consequência das suas condições de legitimação, e não a causa.

¹³ O caso de *se* é um pouco mais delicado. Com efeito, no seu emprego reflexivo ou inerente, a interpretação deixa de ser obrigatoriamente [+humano]. Veremos que isso tem consequências sobre o seu comportamento sintático.

2. O sistema pronominal brasileiro

2.1 O paradigma

Quadro VI: o sistema pronominal do PB.

(*dialetoal)

	Nominativo	Acusativo	Dativo	Oblíquo
Sing.				
1.	eu	me	me	mim
2.	* tu/você	te/você/*lhe	lhe/a você	*ti/você
3.	ele(ela)	ele(ela)	a ele/ela para	ele(ela)
Pl				
1.	nós/a gente	nos/a gente	nos/a gente para a gente	nós/a gente
2.	voçs	voçs	a voçs para	voçs
3.	eles(elas)	eles(elas)	a eles(elas) para	eles(elas)

2.2 Um sistema de clíticos fortes

Observemos os clíticos constando do quadro acima. O leitor atento terá notado que os clíticos que fazem efetivamente parte do sistema são os clíticos fortes. O PB traz uma evidência suplementar forte da pertinência da distinção entre as duas categorias de clíticos, uma vez que ela permite formular de maneira mais precisa a reorganização do paradigma: é o resultado do desaparecimento dos clíticos fracos, que identificamos a Agr.

Nota-se por outro lado que esse desaparecimento corresponde a uma regularização morfológica do paradigma: com a exclusão do pronome acusativo o, só fazem parte dele pronomes cuja morfologia é compatível tanto com o dativo quanto com o acusativo. Ou seja, são formas que podem estar associadas tanto a um papel temático direto quanto a um papel indireto. A evolução de *lhe*, que tende a ser usado como objeto direto em vários dialetos, é significativa dessa evolução do paradigma¹.

Essa observação toma todo o seu valor quando articulada ao comportamento dos clíticos fortes nos grupos clíticos: só podem coexistir com um clítico fraco, e este tem que ser acusativo. Parece portanto haver uma só posição disponível para os clíticos fortes nos grupos, obrigatoriamente interpretada como dativo. Ora é interessante lembrar que a terceira pessoa é a única em português a apresentar uma distinção casual. Isso é verdadeiro também em várias outras línguas românicas, como o francês, ou o espanhol².

note Uma possível hipótese é que os clíticos fortes têm caso inerente, ou seja vinculado à sua função temática, por oposição aos clíticos fracos, que têm um caso estrutural, independente a priori de função temática. O fato que certas línguas românicas tenham formas distintas para o acusativo e o dativo dos clíticos fortes não invalida essa análise. A relação entre morfologia casual e caso abstrato parece com efeito muito difícil de apreender. O que não se espera, é que os clíticos fracos não apresentem a distinção acusativo/dativo.

Evidentemente, esse comportamento não pode ser imputado somente à natureza categorial dos clíticos fortes, já que em outras línguas, eles ocupam a mesma posição do

1

2 ver o romeno e o PA.

que os clíticos fracos, ou seja Infl, ou Agr. Alguma coisa depende também da sintaxe da língua. Mas a hipótese aqui é que as particularidades dessa sintaxe decorrem de um valor paramétrico também subjacente à reorganização do sistema dos clíticos, isso é, ao desaparecimento dos clíticos fracos. Uma formulação dessa hipótese será proposta na seção final deste capítulo.

2.3 Pronomes plenos fracos

A segunda característica do quadro VI é a presença dos pronomes plenos em função acusativa. Estudamos exaustivamente o caso de *ele*, mas é preciso também ressaltar o uso, em posição de objeto, do pronome *você* no chamado dialeto culto, e do pronome *eu* em dialetos mais desvalorizados³.

Como acontece com *ele*, o uso desses pronomes em função acusativa não implica nenhuma interpretação de focus contrastivo, apesar de que, também como no caso de *ele*, essa interpretação não seja impossível. De fato, *você* e *eu* objeto têm exatamente o mesmo valor semântico do que *te* e *me*. As frases a) e b) têm assim exatamente o mesmo contexto de ocorrência⁴:

- a) Te vi ontem
- b) Vi você ontem

A estigmatização de *eu* nessa função, por oposição a *você*, perfeitamente aceito na língua oral pode explicar a frequência muito maior de *me* em relação a *te*. Deve-se aliás notar que a preferência por um pronome tônico se faz sentir também no uso de *a gente* no lugar de *nos*, também pouco frequente no corpus⁵.

Como dar conta da sinonímia absoluta entre *você* e *te*, explicando ao mesmo tempo a sua diferença óbvia de colocação? De fato, já temos todos os elementos necessários para fazer isso, pelo menos do ponto de vista da natureza categorial desses dois elementos. Queremos opor a sua permutabilidade ao contraste interpretativo observado em outras línguas românicas, como o Português Europeu ou o Francês, em que as frases a) e b) ocorrem em contextos bem distintos:

- a) Vi-te ontem
- b) Vi a ti ontem
- a) Je t'ai vu hier
- b) J'ai vu toi hier

³ Monteiro 1992...

⁴ Roberto Carlos

⁵ De maneira totalmente especulativa, é interessante se perguntar a razão dessa maior estigmatização do uso do pronome tônico na primeira pessoa, o que torna assim o paradigma muito irregular. Uma possível razão reside no fato de *você* ser originalmente a expressão nominal plena *Vossa Mercê*, não morfologicamente marcado para o caso, enquanto que *eu* é um pronome cuja forma ainda é sentida, senão como marcada com o caso nominativo, pelo menos associada à função sujeito. Note-se justamente que a restrição desaparece numa certa interpretação das orações com verbos causativos e de percepção como *(-)(-)*, às quais voltaremos abaixo.

A conclusão a que podemos chegar é a mesma que foi longamente justificada a propósito do pronome de terceira pessoa: os pronomes plenos são do ponto de vista da sua interpretação assimiláveis a clíticos, ou seja, nos termos da tipologia de Cardinaletti e Starke, a pronomes deficientes. A diferença entre os pronomes de primeira e segunda pessoa e os de terceira pessoa é que o sistema permite a versão clítica dos primeiros mas não dos segundos, o que constitui um dos aspectos fundamentais do PB a ser explicado.

A grande semelhança dos pronomes plenos com os clíticos se explica facilmente se assumirmos que eles têm a mesma natureza categorial: Ds para a primeira e segunda pessoa, Agr para a terceira. A sua diferença então decorre daquilo que força os clíticos a aparecerem junto ao verbo: o traço +V. No que diz respeito aos pronomes objetos, o quadro acima pode assim então ser reescrito da seguinte maneira:

Quadro VII: o sistema dos pronomes objetos no PB

		- V	+ V
1a p. (D)	a gente	* eu / agente	me / nos
2a p. (D)	você(s) te	você(s)	te
3a pessoa (Agr)	ele(s) / ela(s)		

Nesse quadro aparece claramente que enquanto os pronomes de categoria D têm uma versão +V e uma versão -V, os pronomes de categoria Agr só têm a versão -V. Precisamos agora explicar essa lacuna no paradigma, que corresponde a ausência do clítico o.

Temos além disso um segundo problema para enfrentar a partir da análise resumida no quadro VI. Se os pronomes tônicos são pronomes deficientes, esperar-se-ia que apresentassem uma das propriedades essenciais desse tipo de pronomes: a sua inabilidade em aparecer na posição em que argumentos nominais aparecem normalmente. Vimos que os pronomes fracos ocorrem tipicamente em posições mais altas na árvore, como ilustrado no exemplo francês seguinte:

J'ai vu Marie
Je l'ai vu
Je t'ai vu

Contudo, no PB, os pronomes fracos *ele* e *você* aparecem na mesma posição do que os sintagmas nominais complemento:

vi Maria
vi ela
vi você

Propusemos acima que os pronomes fracos se movem em razão da sua falta de estrutura interna que torna impossível a sua linearização em PF. A única hipótese que compatibiliza esta análise com o comportamento dos pronomes tônicos acusativos, no quadro da hipótese de que são pronomes deficientes, é que, contrariamente às aparências, os objetos em (), não estão na sua posição temática de base, mas sofreram algum movimento.

O capítulo 2 terá como objetivo mostrar que se trata de uma propriedade essencial da gramática do PB e mostrar como essa hipótese explica outros fatos da língua. Na próxima seção, queria considerar o que ela significa para a parametrização do português,

em termos minimalistas. A falta do clítico acusativo será também posta em relação com uma parametrização desse tipo.

Ao mostrar a interrelação entre o sistema pronominal, e a parametrização tal como ela é formulada no quadro teórico minimalista, queria argumentar em favor de se manter uma hipótese forte sobre a relação morfologia-sintaxe...

2.4 O sistema pronominal brasileiro na gramática do português brasileiro

Como vimos no capítulo 0, Chomsky, no seu artigo seminal sobre o programa minimalista, afirma que a parametrização das línguas está contida nos traços fortes ou fracos associados às categorias funcionais. Nisso, ele retoma a idéia que vinha sendo defendida por muitos de que as particularidades sintáticas das línguas decorrem das suas propriedades morfológicas. Contudo, Chomsky torna bastante abstrata essa idéia, porque segundo ele, não são os morfemas que são fortes ou fracos, mas as categorias associadas a esses morfemas. E em momento algum ele afirma que existe uma relação entre a riqueza morfológica dos morfemas e a força das categorias funcionais correspondentes. O PB traz a meu ver argumentos para se continuar a estabelecer uma relação entre riqueza morfológica e parametrização.

A resposta à dupla pergunta acima reside na parametrização de Agr. Aqui, ela será formulada nos termos de Chomsky (1995) que define os traços fortes como "traços categoriais associados a categorias não substantivas"⁶.

O sistema pronominal do PB deriva da seguinte parametrização:

- Agr tem um traço-D forte
- Agr não tem traço-V forte.

O próximo capítulo será inteiramente consagrado a argumentar que a articulação dessas duas propriedades é a chave da gramática do PB. Por enquanto, será suficiente mostrar como elas são responsáveis pelo sistema pronominal que descrevemos até agora.

O traço-D forte de Agr obriga os objetos a se moverem em sintaxe explícita, fornecendo uma posição onde os pronomes fracos são legitimados, ou seja permitindo a sua linearização em PF. Como o verbo sobe mais alto do que os objetos (cf Galves 1991, Figueiredo Silva 1994 entre outros), a sua ordem respectiva continua sendo VO. Os efeitos do movimento do objeto não são portanto imediatamente visíveis. Voltaremos no próximo capítulo a outras evidências deste movimento.

Uma ressalva porém. Se quisermos manter a hipótese de que os pronomes fracos são Agr, e que a legitimação desses pronomes deriva de um traço de AgrO que obriga esses pronomes a subir para o seu especificador, dentro da lógica do modelo, a noção de traço-D deve ser desvinculada da categoria D. Note-se que Chomsky (1995) hesita entre chama-lo de traço-N ou de traço-D. O que ele afirma muito claramente é que esse traço corresponde à propriedade antes atribuída ao *Princípio de Projeção Extendida*, ou PPE⁷. Por outro lado, essa propriedade é vista agora como inteiramente desvinculada da atribuição do caso

⁶ cf discussão sobre a natureza dos traços fortes no cap.0, e a sua interpretação em termos de uma tipologia de traços

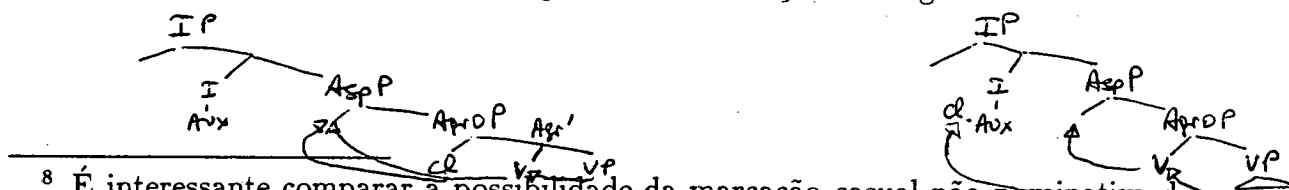
⁷ Em inglês Extended Projection Principle, ou EPP.

nominativo. Isso significa, entre outras coisas, que esse traço deve poder ser satisfeito por um sintagma não nominativo. É o caso de sujeitos dativos ("quirky case" em islandês) ou locativos ("there" em inglês). Nas línguas em que a marcação de caso não se faz morfológicamente, um sintagma preposicional pode aparecer nessa posição⁸. Nesse caso, teríamos que admitir que o traço-D, ou N, é verificado por um PP. De fato, esse traço pode ser verificado por qualquer sintagma susceptível de desempenhar uma função de argumento⁹.

Quanto à ausência de traço-V em Agr, ela não é senão a formulação, no quadro minimalista da teoria dos parâmetros, do enfraquecimento da morfologia verbal que afetou o português na sua versão brasileira (cf cap. 2 que retoma Galves 1991, 1993). A análise dos clíticos desenvolvida aqui nos permite relacionar este enfraquecimento com a evolução do sistema pronominal, isso é com a perda do clítico acusativo, obviamente um resultado bem-vindo. Com efeito, os clíticos de 3ª pessoa foram caracterizados como elementos de categoria Agr, afetados com um traço-V. A perda do valor positivo para o traço-V atinge assim tanto a categoria Agr inserida como parte das categorias flexionais que dominam a oração, quanto a categoria Agr inserida, segundo a análise proposta, em posição argumental. A análise apreende assim de maneira satisfatória o fato de que o que se perde é morfologia verbal associada à categoria funcional Agr, que ela seja realizada sob forma de concordância ou sob forma de clítico. Ela tem evidentemente uma outra consequência, que consideraremos em detalhe no próximo capítulo, que é a ausência de movimento do verbo para Agr, central na explicação do funcionamento de língua de tópico do PB.

O clítico acusativo desaparece assim da língua como consequência da parametrização de Agr, que o exclui. O pronome tônico *ele*, que realiza Agr sem estar marcado com o traço V, passa a ocupar o seu lugar. Por outro lado, os clíticos fortes não são afetados, uma vez que não são Agr mas D.

Note-se que não temos até agora uma resposta satisfatória à questão de saber porquê a colocação desses clíticos muda, essencialmente porquê eles não sobem até o auxiliar nas construções com gerúndio e particípio passado. A resposta a essa pergunta de fato não está na natureza dos próprios clíticos fortes, mas é uma consequência da outra parametrização de Agr, a saber o seu traço-D, sobre o lugar de verificação do traço de caso carregado pelo verbo. Observe-se a diferença na derivação de uma frase com clítico no PE e no PB, levando em conta o valor diferente do parâmetro do traço-D de Agr:



⁸ É interessante comparar a possibilidade da marcação casual não nominativa de um sintagma satisfazendo o PPE, e a restrição sobre os sintagmas entrando numa relação de predicação com um domínio proposicional que impõe que eles sejam NPs, verificada por exemplo nas construções de tópico pendente (cf acima). Voltaremos a esse assunto.

⁹ As línguas variam no que diz respeito àquilo que pode satisfazer esse traço, cf o galês (Rouveret (1995), notas de aula

No PB, o verbo e o clítico se encontram sob *AgrOP* numa configuração de especificador/núcleo que permite a verificação do traço de caso do verbo. Depois disso, o único traço que não foi verificado ainda é o traço-V do clítico. Isso justifica o movimento deste até a próxima categoria contendo o verbo: *AspP*. Não existe nenhuma outra razão para o clítico se mover além dessa posição.

No PE, a posição de especificador de *AgrO* não é instanciada. O verbo sobe para *AspP* que contem um traço V. Por hipótese, essa posição não é adequada para a verificação do caso¹⁰. Os traços de caso do verbo deverão subir na sintaxe invisível para serem verificados pelos traços do clítico. Duas derivações permitem então a convergência. Ou bem o clítico sobe primeiro para *Asp* para verificar seu traço-V, e sobe em seguida em sintaxe invisível para a verificação do caso, ou bem ele sobe diretamente para *Infl*, onde verifica seu traço V com o auxiliar, e verifica o traço de caso do verbo em Forma Lógica. Claramente, a segunda derivação, em que o clítico sobe de uma só vez é mais econômica.

Esta análise faz uma predição interessante. Se existe uma construção em que a verificação do caso está bloqueada em *Spec/AgrO*, o clítico deverá subir até *Infl* para verificar o caso do verbo. De fato, esse caso é instanciado nas construções passivas, em que a posição objeto deixa de ser uma posição de verificação casual. Nesse contexto, o clítico é obrigado a subir até *Infl*, como exemplificado nas orações seguintes (cf Mendes 1993).

*Essas cartas foram me mandadas

Essas cartas me foram mandadas

Um aspecto interessante do sistema é a variação entre clítico e pronome pleno. Se estes forem assimilados a pronomes fracos na tipologia de Cardinaletti e Starke, o PB constitui um contra-exemplo para a afirmação de que um clítico é sempre escolhido em detrimento de um pronome fraco. Esse fato é atribuído a um princípio de economia que consiste em "minimizar a estrutura" e portanto em favorecer os elementos com menos estrutura interna. Note-se que a concepção de economia subjacente à análise de Cardinaletti e Starke é diferente da de Chomsky, que limita a comparação das derivações para fins de economia àquelas que têm a mesma numeração de partida. Ora, se cada traço conta, uma numeração contendo um clítico é distinta de uma numeração contendo um pronome tônico, uma vez que os primeiros contêm um traço-V, isso é são afixos, contrariamente aos segundos. O fato de que, em geral, os dois tipos de pronomes não coexistem dentro de um mesmo sistema deve ser atribuído às suas condições de legitimação que supõem gramáticas diferentes, como é o caso em relação a *o* e *ele*.

Contudo, uma construção parece impor o uso do pronome tônico. Observe-se os enunciados seguintes, extraídos do projeto NURC:

() deixa eu pensar nas profissões (SP)

(20) é por isso que vocês vêem eu insistir tanto sobre isso" (SSA EF)

(21) a gente manda ele deitar a cabeça e ele deita (Re)

Nessas frases, o sujeito das orações infinitivas aparece sob a forma de um pronome tônico, à primeira vista nominativo. De maneira interessante, no PE, essas frases envolvem

¹⁰ justificar...

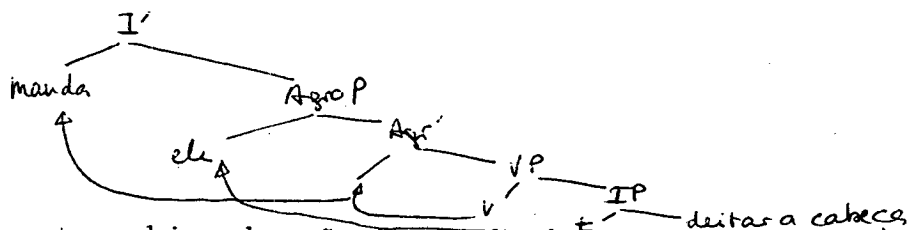
naturalmente uma cliticização desse sujeito pronominal, produzindo:

deixa-me pensar
é por isso que vocês me vêm insistir
a gente manda-lhe deitar a cabeça

Duas perguntas surgem frente a ()-(). Primeiro, onde está o pronome? ¹¹ Segundo, qual é a razão da escolha da escolha do pronome pleno, em detrimento do clítico?

Dado o que sabemos sobre o português, em geral, e o PB em particular, duas funções são a priori disponíveis para o pronome nessas orações. Ele pode ser sujeito do verbo no infinitivo, porque o português tem o infinitivo pessoal, mas ele também pode ser analisado como objeto direto do verbo, porque os pronomes tônicos podem ser objetos diretos (com a ressalva feita acima para o pronome de primeira pessoa). Parece haver mais argumentos em favor da segunda hipótese, apesar de ser difícil descartar a primeira sem um estudo mais detalhado do infinitivo flexionado no PB¹². Voltaremos a esse assunto no próximo capítulo. Admitirei portanto que o pronome encontra-se em *Spec/AgrO* da oração matriz, como representado abaixo:

13



Nessa estrutura, crucialmente, os dois verbos não são reanalisados como uma unidade verbal. A ausência do fenômeno de *alçamento de clítico* ("clitic-climbing") deriva da ausência de reestruturação dos verbos. Note-se que a colocação de clíticos observada na seção I.2 nas frases contendo uma oração infinitiva pode receber a mesma explicação. Essa ausência de reestruturação dos verbos pode ser atribuída ao enfraquecimento da morfologia verbal também responsável pelo enfraquecimento se não pela perda da propriedade do sujeito nulo ¹⁴ (cf abaixo).

Note-se também que o comportamento dos pronomes nessas construções é coerente com a hipótese feita acima de que os clíticos fortes têm um caso inerente, associado à sua

¹¹ É claro que muito haveria a dizer sobre a estrutura dessas orações, bastante debatida na literatura (referências). Aqui só nos interessa discutir a posição do pronome

¹² questão da concordância

¹³ Essa representação é evidentemente impossível no PE, onde a posição *Spec/AgrO* não é disponível. Mas é interessante notar que no PE também, as orações com infinitivo flexionado são impossíveis se o sujeito é um pronome. Note-se o contraste entre () e ():

Ele viu os meninos saírem
?? Ele viu nós sairmos

Quando o argumento externo do verbo encaixado é um pronome, a cliticização é obrigatória. O que significa também que a regra que move esse verbo para o *Infi* matriz se aplica obrigatoriamente.

¹⁴ cf explicações da perda de clitic-climbing em francês, Rochette 19??, Champagne 19??)

função temática. Esse caso não pode portanto ser checado por um verbo que não é o verbo atribuidor dessa função.

Assim, a posição *Spec/AgrO* desempenha também um papel na derivação das orações encaixadas sob verbos de percepção e causativos, como em ()-(21), apontando a complementariedade entre um sistema no qual o traço-V de *Agr* é forte e o traço-D de *Agr* é fraco, e um sistema no qual o traço-D de *Agr* é potencialmente forte e o traço-V de *Agr* é fraco.

resumo do sistema:

- V/*Agr* é fraco : o verbo nunca sobe para *Agr* em sintaxe visível
- D/*Agr* é potencialmente forte. Porém os valores fortes de D para *Agr* para T são bloqueados pela gramática universal (Rouveret, notas de aula). Sempre que o valor de D/T é forte, D/*Agr* é fraco. O DP inicial não verifica nenhuma propriedade de *Agr*.
- As particularidades do PB derivam dessa possibilidade de *Agr* ser forte. Os tópicos sujeitos são casos em que o DP checa as propriedades de *Agr*. Nesse caso, o traço-D de Tempo é fraco.

2.5 Outros aspectos do sistema

2.5.1 A natureza e interpretação das categorias vazias

pro *rever* Rizzi

Bianchi e Figueiredo Silva (1994) contrastam a possibilidade do objeto nulo referencial específico em PB com a sua ausência em Italiano¹⁵. Elas argumentam que isso deriva da natureza distinta de *AgrO* nas duas línguas. Seguindo Shlonsky (1989), elas dividem *Agr* em três núcleos independentes: Pessoa, Número, e Género. Dado a correlação estabelecida por Rizzi (1986) entre referencialidade de *pro* e traço de pessoa, ela propõem que em PB *AgrO* inclui os três núcleos, mas que em Italiano, só é composto dos núcleos Número, e Género.

No modelo minimalista, a questão de *pro-drop* é pouco discutida. Uma exceção é Speas (1994).

Queria mostrar que a legitimação sintática e as propriedades interpretativas das categorias vazias sujeito e objeto no PB derivam da parametrização proposta acima, que já permitiu dar conta do sistema dos pronomes lexicalmente realizados, acrescentando somente as especificações ainda não definidas, e certas propriedades da estrutura que derivam da restrições sobre as derivações. A hipótese nula é que as categorias vazias têm a mesma natureza das suas contrapartidas lexicais, com a diferença de que não estão associadas a matrizes fonológicas. Da mesma maneira, a sua posição será determinada pela parametrização das categorias funcionais tal como ela é definida pela língua.

Vamos portanto admitir que as categorias vazias correspondendo ao objeto nulo e ao sujeito nulo de terceira pessoa são conjuntos de traços- ϕ , género, número, caso, correspondendo à categoria *Agr*.

Tomemos primeiro o caso do objeto. Como a sua contrapartida lexical, ele deve se mover para *AgrO* para satisfazer o traço-D dessa categoria. Nessa posição ele verifica

¹⁵ Por outro lado, notam que a colocação dos clíticos com participios passados difere nas duas línguas. Em Italiano, com efeito, o clítico se adjunge ao auxiliar, enquanto no PB, como vimos acima, ele permanece junto ao participio passado.

também seu caso. Não precisa mais se mover em momento algum da derivação.

No caso do sujeito, a derivação é mais complexa. Dadas as características da gramática do PB definidas acima, a derivação será a seguinte. Deve-se primeiro lembrar que adotamos a hipótese da geração do sujeito em VP. O pronome se move para Spec/TP para verificar o traço-D de T. Nessa posição, também checa seu caso. Conforme a teoria de Rizzi, encontra-se então formalmente legitimado, mas não referencialmente identificado. Essa identificação referencial só pode vir de Agr. Qual a razão para o sujeito nulo de se mover para o domínio de checagem de Agr? Agr tem ~~um traço-D~~ traços- ϕ que, por não serem fortes, serão checados em Forma lógica, isso é em adjunção ao núcleo, e não em posição de especificador. Obtemos assim a seguinte configuração, onde *F* representa os traços do pronome:

$$[Agr_P F_i - Agr_i [TP pro_i$$

Sabemos porém que Agr é fraco no PB, e portanto não é capaz de identificar referencialmente o sujeito nulo. A estrutura acima explica porquê, apesar dessa fraqueza, o sujeito nulo ainda aparece na fala brasileira, ainda que minoritariamente. Ela explica também as restrições sobre o contexto em que aparece.

Nessa configuração, apesar das verificações de traços terem sido todas efetuadas, o domínio AgrP não está referencialmente saturado e só pode ser interpretado como predicado complexo. A saturação se faz por um processo de concordância entre o núcleo Agr e um sintagma nominal externo. Essa relação de concordância é local e é sensível à presença de barreiras, como nos exemplos de Figueiredo Silva acima. Derivamos assim o paralelismo de comportamento entre as frases com sujeito nulo e as estruturas de dislocação à esquerda clítica nas outras línguas românicas. Nos dois casos, o que está em jogo é um processo de concordância entre o núcleo do domínio oracional e um sintagma externo a ele.

Se considerarmos, portanto, as posições nas quais se encontram as categorias vazias sujeito e objeto do PB em Forma Lógica, verificamos que o primeiro ocupa uma posição de núcleo, e o segundo uma posição de projeção máxima. É interessante notar desde já que a inversão dos valores de Agr dá o resultado oposto. Numa língua na qual Agr tem um traço-V forte, e não tem traço-D forte, o objeto nulo deverá subir para V, antes de *Spell-Out*. Ele é de fato o pendente nulo do clítico. No caso do sujeito, o verbo sobe até Agr antes de *Spell-Out* e o traço-D forte de *Tempo* é verificado pelo pronome na posição de Spec/Agr.

O ponto de partida da análise é que na ausência de uma identificação local, a categoria vazia, que ela esteja em posição nuclear ou em posição de argumento, só pode ser interpretada como variável de predicado, no sentido de Williams (1980), isso é como posição aberta que confere ao domínio oracional um valor de predicado. Veremos que isso é um aspecto essencial da gramática do PB.

O segundo ponto é que a interpretação semântica faz uma distinção entre posições nucleares, e posições de especificador. Estas são posições referenciais por essência, aquelas podem estar associadas a posições referenciais, mas não obrigatoriamente. Isso explica a diferença de interpretação de *ele* e dos clíticos das outras línguas românicas, apesar das suas semelhanças (cf 2.5.2). Também explica a diferença do objeto nulo do PB e do objeto nulo do PE.

Pela sua natureza argumental, a categoria vazia objeto do PB suporta uma interpretação referencial independentemente do seu grau de encaixamento no enunciado interpretado como predicado. Ela não apresenta portanto efeitos de sensibilidade à subyacência. Em outros termos, ela pode aparecer numa configuração de tipo "tópico pendente" que não envolve concordância entre a oração e o sintagma inicial.

Pela sua natureza não argumental, as categorias vazias em posições nucleares não podem estar separadas do núcleo do predicado (ou seja a categoria mais alta do predicado) por nenhuma barreira, ou seja nenhuma quebra na continuidade temática. Uma possível formulação é dizer que nesse contexto, a categoria vazia funciona como um elemento de concordância do predicado, que deve portanto estar associado ao núcleo desse.

Derivamos assim da oposição núcleo/especificador os contrastes antes atribuídos à distinção pronome/variável. Isso nos permite derivar o conjunto de fenômenos associados a essa distinção da teoria dos traços, ou seja integrá-los numa perspectiva minimalista.

2.5.2 Interpretação das categorias pronominais e predicação

Tudo que acaba de ser dito a respeito do sujeito e objeto nulo tem consequências importantes para a análise dos fenômenos de retomada pronominal. Vimos que o pronome tônico podia ser usado em contextos exigindo clíticos em outras línguas, nomeadamente retomando um sintagma nominal em posição inicial de oração relativa ou completiva. Coerentemente com a análise proposta acima para as categorias vazias, atribuiremos a à oração encaixada de uma frase como () acima, repetida aqui

Eu acho que o povo brasileiro ele tem uma grave doença (Duarte 1995, p.101)

a seguinte representação:

$[Agr_P \text{ o povo brasileiro}_i [Agr_P F_i - Agr_i [TP \text{ ele}_i$

É essa relação de concordância com o núcleo de Agr que legitima a presença do sintagma adjungido a AgrP. A concordância com um elemento externo é possível porque não há nenhum sintagma interno a AgrP satisfazendo essa relação. Tal ausência se deve por outro lado ao traço-V fraco de Agr que, ao dissociar Agr e T, torna a posição de Spec/Agr inacessível para o movimento, ~~antes de Spell-out~~¹⁶.

Note-se que o fato do sujeito participar de duas relações sucessivas de verificação, respectivamente com T e com Agr, é compatível com a idéia de que ~~o traço categorial D e os traços de concordância são interpret/'aveis e portanto não são apagados pela operação de checagem, podem entrar em várias~~.

Por outro lado, dado que a retomada pronominal não se limita à posição sujeito, e que as construções de topicalização encaixadas também podem envolver um pronome lembrete em posição de objeto direto ou complemento preposicional, o elemento que satisfaz Agr não se limita ao sujeito. Uma frase como (), repetida a seguir,

Pedro pensa que, essas crianças_i, a Maria esqueceu de pegar elas_i na escola

¹⁶ Veremos porém que tal movimento se torna lícito quando o traço-D de T não é projetado.

terá a seguinte representação:

$[Agr_P \text{ essas crianças}_i [Agr_P F_i - Agr_i [TP \text{ a Maria esqueceu de pegar elas}_i$

Note-se que o movimento dos traços de *elas* em forma lógica não viola a minimalidade uma vez que todas as outras relações de checagem já foram verificadas antes (em particular a relação de concordância entre o verbo e o sujeito).

2.5.3 A variação pronome nulo/pronome lexical

2.5.4 A ênclise

Na seção 1, sugerimos que as formas enclíticas com os pronomes *o/a* e *se* eram puramente lexicais, no sentido que não participavam da legitimação das categorias vazias associadas aos clíticos. Essas com efeito não precisam do clítico para serem corretamente interpretadas, como se vê nas estruturas em que o sujeito nulo recebe interpretação de indeterminação, sem a presença do *se*, e nas estruturas em que o objeto nulo recebe uma interpretação específica sem a presença do clítico.

Trata-se agora de dar uma caracterização formal a essa idéia.

No capítulo 3, ao tratar da ênclise no Português Europeu, voltaremos longamente às condições de legitimação desta construção. Aqui, só nos limitaremos a refletir sobre a natureza da palavra enclítica.

Benincà e Cinque (1993) apresentam várias evidências de que em ênclise, mas não em próclise, o verbo e o pronome funcionam como uma unidade morfológica.

- representação na grafia
- fatos de coordenação

Conforme a concepção da maneira como a morfologia e sintaxe interagem, a idéia de que a ênclise corresponde a uma unidade morfológica pode receber diversas formalizações. Queria propôr aqui uma que nos permite atribuir à ênclise do PB e do PE uma análise morfológica idêntica mas uma análise sintática totalmente diferente, baseada na ideia de que a ênclise no PB é um fenômeno sem incidência sintática, puramente lexical. Vimos que no Programa Minimalista, a morfologia flexional não é construída em sintaxe como no modelo anterior, mas é objeto de checagens, a partir de formas já construídas no léxico. A cada morfema correspondem traços que devem ser checados.

Se a forma enclítica do verbo funciona como uma unidade morfológica, é natural, nesse sistema, considerar que o clítico é gerado já afixado ao verbo, acompanhado de traços que devem ser checados. Veremos que a sintaxe da ênclise em PE pode ser explicada a partir dessa hipótese.

A particularidade do PB pode agora ser expressa em termos da natureza dos traços associados ao clítico na forma enclítica. Uma vez que, como vimos, a ênclise no PB não encontra nenhuma das restrições sintáticas observadas em PE, e por outro lado o clítico não faz falta para a legitimação da categoria vazia, podemos concluir que os traços que lhe estão associados não entram em nenhuma relação de checagem formal crucial para a boa-formação (convergência) da derivação. Nos termos de Chomsky (1995) a estrutura da palavra contendo o clítico não contém nenhum traço [- interpretável] que deva ser

checado em sintaxe. Ou seja, o clítico está associado a traços de gênero, número pessoa¹⁷, interpretáveis em Forma Lógica, mas a nenhum traço de caso devendo ser apagado via checagem na derivação.

Apêndice: considerações diacrônicas sobre ele objeto
Martins 1994

¹⁷ Talvez um traço [+ anáfora] no caso do se

Capítulo 2: A gramática do Português Brasileiro

0. A estrutura da oração no PB

O objetivo deste capítulo é mostrar que as particularidades português brasileiro derivam da seguinte fixação paramétrica:

1. Agr não tem traço-V forte
2. Um traço-D forte pode ser associado a Agr.

Em relação ao segundo ponto, uma assunção geral sobre o funcionamento da teoria da verificação deve ser feita. Segundo Chomsky (1993, p.31), "AgrO e AgrS são feixes de traços, sem distinção pertinente sujeito/objeto, portanto sem diferença na força dos traços". AgrO e AgrS devem portanto ter a mesma parametrização. Aqui, contudo, adotamos uma posição flexível em relação ao traço-D associado às categorias. Sugerimos que a parametrização diz respeito não à obrigação, mas à possibilidade da associação de um traço forte a uma categoria. Assim, os traços-D de AgrO e AgrS não precisam ser idênticos numa frase dada. No que diz respeito a AgrS, em particular, adotaremos uma versão da proposta de Rouveret (1995) de que não é lícita uma parametrização tal que T e AgrS tenham ambos traços-D fortes. A proposta de Rouveret diz respeito à parametrização geral das línguas. Uma vez integrada na concepção definida acima, ela pode ser considerada como uma proibição sobre traços-D fortes associados a T e a AgrS numa mesma sentença. Desse ponto de vista, o que a parametrização proposta acima implica é que, no PB, um traço-D forte possa ser associado seja a T, seja a AgrS. Veremos que isso corresponde a dois tipos de orações na língua.

Por outro lado, essa parametrização, ao dar a Agr um papel crucial na determinação da gramática do PB, vai contra a decisão de Chomsky (1995b) de eliminar a concordância do rol das categorias funcionais, para tratá-la como pura relação ¹. O PB traz contudo fortes argumentos para manter Agr como uma categoria:

- primeiro, é possível assim explicar com um só parâmetro funcionamentos sintáticos do objeto e do sujeito na língua.

-segundo, explicamos a presença de uma categoria que vários autores chamaram de Top (Kato, Figueiredo Silva) numa posição interna à oração. Nos termos desenvolvidos aqui, trata-se de uma categoria Agr cujo traço-V é fraco. Essa explicação é interessante porque ela tem um correlato morfológico: o paradigma flexional do verbo no PB pode ser considerado como pobre, uma vez que perdeu por completo as formas de 2a pessoa (Galves 1989a,b, 1991, 1993). De um ponto de vista diacrônico então, reencontramos a correlação já observada em outras línguas entre empobrecimento morfológico e movimento curto do

¹ cf Iatridou 1988

verbo².

Contudo, as análises associadas a Agr neste livro não são incompatíveis com uma das consequências mais notáveis da modificação da teoria operada por Chomsky: a dissociação de Agr e do caso. O movimento para Spec/Agr não é motivado pela verificação do caso, mas pela satisfação do traço-D forte de Agr.

Vimos que a inversão dos comportamentos do sujeitos e objetos nulos quando comparados com as outras línguas românicas deriva do fato que AgrO define uma posição forte de argumento, no sentido que é uma posição de especificador onde se dá a verificação do caso acusativo. Enquanto que AgrS define uma posição fraca de argumento onde não se dá a verificação do caso.

No que diz respeito aos valores de Agr, a posição de especificador associada a Spec/AgrO já foi justificada pela análise do sistema pronominal do PB. A sua existência dá conta tanto da legitimação do pronome fraco *ele* em posição objeto quanto da colocação dos clíticos com locuções verbais.

Na seção 1, mais argumentos serão apresentados para essa posição. Mostraremos que ela dá conta dos fenômenos associados ao quantificador flutuante *todos*, e que ela também fornece uma posição para o sujeito pós-verbal dos verbos ergativos.

Na seção 2, voltaremos aos traços que dizem respeito ao verbo. Retomaremos os argumentos já propostos na literatura (Galves 1991, Figueiredo Silva 1994) para o movimento do verbo para fora do VP em sintaxe explícita. Consideraremos também os argumentos para atribuir-lhe uma posição mais baixa do que nas outras línguas românicas de sujeito nulo, e discutiremos a natureza dessa posição. No hipótese representada em (1), que faz uso de um conjunto reduzido de categorias, a posição do verbo se define em termos negativos em relação a Agr. Ora, um dos pontos importantes da análise desenvolvida no primeiro capítulo, é que os traços-V das categorias dizem respeito à morfologia verbal. Nessa concepção forte da relação sintaxe-morfologia, as observações morfológicas fazem parte integrante da argumentação sobre a parametrização das categorias funcionais. Retomarei portanto as considerações sobre o sistema flexional do PB já discutidas em Galves (1991, 1993).

Na seção 3, estudaremos as duas posições potenciais de sujeito pré-verbal, Spec/T, e Spec/Agr. Veremos como as suas propriedades, associadas às propriedades do verbo, dão conta das estruturas de topicalização em que o tópico tem propriedades de sujeito, já referidas varias vezes como típicas da sintaxe do PB (Pontes 1981, Duarte 1987, Galves 1987):

- (0.1) O relógio estragou o ponteiro
- (0.2) A belina cabe muita gente
- (0.3) Esta casa bate sol
- (0.4) A revista está xerocando

² Outras razões de manter Agr:

- infinitivo flexionado.
- morfologia de concordância e movimento do verbo.
- morfologia de concordância e ausência do clítico acusativo

A análise desenvolvida para essas frases envolverá também uma hipótese sobre a derivação e interpretação das orações com sujeito nulo no PB, que será aprofundada na segunda parte do capítulo. Estas construções nos ajudarão também a precisar a maneira como se constroi a relação sujeito predicado no PB. Essa relação será examinada em estruturas mais complexas na terceira parte do capítulo, onde também se discutirá a parametrização de *Comp*.

1. Spec/AgrO.

A análise do pronome *Ele* no capítulo 1 nos levou a afirmar que ele é legitimado numa posição externa a VP.

O objeto desta seção é trazer mais argumentos para a disponibilidade dessa posição para o argumento objeto. Esses podem ser achados na sintaxe do quantificador flutuante *todos*, bem como nas peculiaridades da sintaxe e interpretação da inversão do sujeito.

1.1 A sintaxe dos quantificadores flutuantes

O quantificador *:sl todos* pode "flutuar" quando o verbo é intransitivo e inacusativo, ou seja quando a frase não envolve objeto direto (Vital,1992, p.108 (4.2)):

- (1.1) Todos os meus amigos viajarão para a Italia
- (1.2) Os meus amigos viajarão todos para a Italia
- (1.3) Os meus amigos tinham todos viajado para a Italia
- (1.4) Os meus amigos tinham viajado todos para a Italia

Com os verbos transitivos, a possibilidade de flutuação depende da natureza do DP:

- tod5* 1.5 ?? As crianças leram todas o livro
- tod6* 1.6 As crianças leram todas o livro que o professor mandou
- tod7* 1.7 * As crianças leram todas ele
- tod8* 1.8 As crianças tinham todas comido o bolo
- tod9* 1.9 ?? As crianças tinham comido todas o bolo

NB: Não é a presença de algum sintagma entre o verbo e *ele*, bloqueando a sua cliticização fonológica que está em causa, ver:

- (1.10) As crianças trazem sempre ele .

3

³ Tudo neutro cf Vital (1992) p. 111,(4.8)

- a. José tinha tudo lido
- b. José não tinha nada lido

Não é a mesma posição do que em francês, cf o contraste entre (Os dados do francês são de Cinque 1994):

Il a complètement tout perdu

A possibilidade de *todos* ocorrer entre o verbo e o objeto direto depende da natureza do objeto⁴. Os objetos específicos / definidos não podem seguir *todos*, mas os indefinidos podem⁵:

tod11 1.11 As crianças leram todas um livro

tod12 1.12 Os meus amigos têm todos um cachorro

A posição de especificador para os objetos específicos se assemelha assim à posição de *Scrambling* das línguas germânicas. A sensibilidade da sintaxe de *todos* à natureza referencial do objeto é um signo inequívoco de que este não ocupa sempre a mesma posição conforme é específico ou não.

Note-se que a boa formação de 1.6 nos ajuda a entender melhor o que *específico* significa para um objeto no PB. Com efeito, não se pode dizer que *o livro que o professor mandou* não seja específico. Mas a sua especificidade lhe é atribuída internamente ao DP. Isso significa que não há uma definição prévia do livro, como em 1.5

A noção de especificidade pertinente parece portanto ser a noção de *D-Linking* (Petsky 1987)⁶.

Esta análise reforça claramente o caráter facultativo do traço-D forte nas línguas como o PB em que ele pode estar associado a Agr.

1.2 O sujeito pós-verbal do PB.

Vitral p. 150, põe em relação a impossibilidade do quantificador *todos* aparecer entre o verbo transitivo e seu objeto (ex 4.65), com a impossibilidade do sujeito aparecer entre o verbo e o objeto direto (ex. 4.66):

inv1 1.13* Os homens amam todos Maria

inv2 1.14.* As crianças comeram todas o bolo

inv3 1.15 *Encontrou Maria as crianças

inv4 1.16 *Vendeu José os livros

Deve-se notar contudo, que no caso dos verbos transitivos, a ausência de D-Linking

*?Il a tout complètement perdu

*? Ele tinha completamente tudo perdido

?? Ele tinha tudo completamente perdido

?? O João ele tudo leu

O João provavelmente tudo leu

O João cuidadosamente tudo leu

?? O João sempre tudo leu

⁴ Agradeço Lea Nash por me ter posto a caminho desta análise.

⁵ genéricos??? Têm todos cachorro

partitivos? Comemos todos pão

⁶ Vê-se aqui que não há incompatibilidade entre *Focus* e *D-Linking*. a aprofundar

do objeto não melhora a aceitabilidade das frases ⁷:

inv5 1.17 *Encontrou Maria as crianças que precisam de ajuda

inv6 1.18 *Vendeu José uns livros

Essa diferença decorre evidentemente do fato de que, mesmo se o objeto não se desloca em sintaxe visível, a posição do especificador de AgrO não é uma posição adequada para o sujeito de um verbo transitivo.

Queria reconsiderar a sugestão de Vitral(p. 105, nota 4) de que "certas construções portuguesas poderiam ... servir como evidência a favor de AgrP tal como Pollock propõe. Podem citar-se as construções com verbo inacusativo e as construções com verbo intransitivo tendo o sujeito posposto, bem como as construções existenciais.... poder-se-ia derivar esses enunciados supondo que em estrutura S, o NP nominativo se encontra na posição de especificador de AgrP e que o verbo se deslocou em I (ou T)."

No seu artigo seminal sobre dissociação de T e Agr, Pollock propunha com efeito uma estrutura oracional em que T domina Agr. A ordem inversa foi então proposta por Belletti, na base de argumentos de diversas ordens*. Chomsky (1989) reconcilia, de alguma maneira as duas propostas ao situar T entre duas projeções de concordância. Uma correspondendo ao sujeito, dominando T, e outra correspondendo ao objeto, dominada por T. É a estrutura da oração usada aqui. A pergunta é então se a posição de Spec/AgrO é uma posição legítima para o sujeito de um verbo inacusativo ou intransitivo inergativo*.

Uma forte evidência de que essa posição pode ser ocupada por um sujeito pos-verbal é a ausência de efeitos de definitude com os inacusativos e a diferença com uma língua como o italiano que não tem essa posição, e precisa recorrer à adjunção a VP (Belletti):

inv7 1.19 "Saiu a renovação da minha bolsa" (ex 30a de Figueiredo, p.123)

inv8 1.20 Chegou o Pedro de trem vs

inv9 1.21 ??Chegou de trem o Pedro

Diferença com o Italiano: Benincá (Grande gram.1988) pp.123-124

⁸.

⁷ Há casos marginais de VSO:

baixa o Figueiredo um decreto

apita o Sr Fulano o final do jogo

⁸ a respeito dos intransitivos não inacusativos, Benincá nota que eles devem ser interpretados como tendo um "complemento subentendido de tipo locativo dêitico". "a frase "Ha telefonato Masiero" só é adequada como frase abrupta se se interpreta que Masiero telefonou ao locutor...não se Masiero fez qualquer telefonema. Ela acrescenta que "Partir" representa um caso diferente de "chegar" porque, à diferença de "chegar", não tem argumento locativo subcategorizado que, se subentendido, possa ser recuperado como dêitico. Essa é a diferença entre "tossir" e "telefonar" observada por Figueiredo-Silva. Cf também "viajava ao meu lado..."

- it1 1.22 ?? È arrivato Piero a Roma
- it2 1.23È arrivato un marziano a Roma
- it3 1.24Chegou o Pedro a Roma
- it4 1.25Chegou um marziano a Roma
- it5 1.26?? É stato arrestato mio fratello in Libano
- it6 1.27É stato arrestato un giornalista in Libano
- it7 1.28Foi preso meu irmão no Líbano
- it8 1.29Foi preso um jornalista no Líbano
- it9 1.30?? Si vendono i cavoli in piazza
- it10 1.31Si vendono appartamenti in Padova
- it11 1.32 Vendem-se as couves no mercado
- it12 1.33Se vendem apartamentos em Campinas
- it13 1.34?? Ha telefonato Masiero all'avvocato
- it14 1.35Ha telefonato una ragazza a tuo fratello
- it15 1.36? Telefonou Arnaldo ao advogado
- it16 1.37Telefonou uma moça para o teu irmão
- it17 1.38?? Ha suonato il postino due volte
- it18 1.39Ha suonato un tizio due volte
- it19 1.40Tocou o carteiro duas vezes
- it20 1.41Tocou um sujeito duas vezes

Uma certa falta de naturalidade nessas frases pode derivar do fato do PB evitar frases em que o verbo está em primeira posição (cf Kato et alii 1995). Por outro lado nesses enunciados, é a oração toda que é interpretada como focus (Zubizarreta 1994), eles requerem portanto um certo contexto para serem corretamente interpretados. Figueiredo Silva (1994, p.125) oferece um exemplo interessante em que as duas condições parecem satisfeitas. O verbo é precedido de um advérbio, e temos um contexto pertinente:

- inv10 1.42 Daí veio o gerente no balcão e disse...

ver a diferença com o PE (Ambar 1992)

Figueiredo Silva nota, sem explicação, que a versão da frase em que o sujeito vem depois do complemento é muito pior:

- inv11 1.43 ?? Daí veio no balcão o gerente e disse

É o que constatamos também em relação à tradução dos exemplos de Benincá:

- inv12 1.44 Chegou o Pedro a Roma
- inv13 1.45 ?? Chegou a Roma o Pedro
- inv14 1.46 Foi preso o meu irmão no Líbano
- inv15 1.47 ?? Foi preso no Líbano o meu irmão
- inv16 1.48 Se vendem as couves no mercado
- inv17 1.49 ?? Se vendem no mercado as couves
- inv18 1.50 Telefonou Arnaldo ao advogado
- inv19 1.51 ?? Telefonou ao advogado Arnaldo

O sujeito pós-verbal definido dos inacusativos é a posição de *Scrambling* do objeto.
Análise:

Os verbos inacusativos não verificam obrigatoriamente o caso do seu objeto. O único caso disponível para o NP é aquele que é verificado pelo Tempo, o nominativo. Os traços do sujeito em Spec/AgrO se movem em Forma Lógica para AgrS, onde os traços flexionais do verbo se moveram, para verificar a concordância e o nominativo, uma vez que nenhum DP ocupa o especificador de TP. Nem Spec/TP, nem Spec/AgrP são projetados nessa estrutura. A Forma Lógica de uma oração com sujeito pós-verbal com concordância será a seguinte, onde F_V representa os traços do verbo movidos para Agr, e F_i os traços do argumento interno, também em Agr para a verificação do caso nominativo:

- rep1 1.52 [$_{AgrP}$ F_i - F_V -Agr [$_{TP}$ V [$_{AgrOP}$ DP_i [$_{VP}$ t_V t_i

Mas os verbos inacusativos têm um comportamento variável quanto à concordância com o argumento único.

- inv21 1.53 Chegou dois meninos
- inv22 1.54 Chegaram dois meninos
- inv23 1.55 Chegou os livros que eu pedi
- inv24 1.56 Chegaram os livros que eu pedi

No caso da ausência de concordância, admitiremos que o verbo verifica o caso do argumento interno, e que o nominativo é verificado por um sujeito nulo expletivo, gerado depois de Spell-Out em adjunção a Agr. cf Chomsky 1994 sobre a inserção de expletivos nulos em LF, na raiz. Nesse caso também nem T nem Agr têm traço-D forte. Os traços do verbo também estão em Agr para verificar a sua concordância.

nesse caso, a forma lógica da oração é a seguinte:

- rep2 1.57 [$_{AgrP}$ pro- F_V -Agr [$_{TP}$ V [$_{AgrOP}$ DP_i [$_{VP}$ t_V t_i

Mas certos locutores preferem a concordância quando o sujeito pós-verbal é definido.

inv25 1.58 ? Chegou os meninos

inv26 1.59 Chegaram os meninos

Não se espera uma diferença categórica, uma vez que segundo a nossa análise, os *meninos* ocupa *Spec/AgrOP* em qualquer dos casos. A distinção se deve antes à rematização do DP marcado com acusativo, mais compatível com um indefinido do que com um definido. Isso se verifica também alias com os próprios indefinidos, para os quais a ausência de concordância fica mais apropriada com inanimados do que animados:

inv27 1.60 Houve um incêndio no galinheiro, morreu duas galinhas.

inv28 1.61 ? Caiu um avião da presidência, morreu dois ministros

Não se pode transpôr esta análise aos intransitivos inergativos porque o seu sujeito posposto apresenta o efeito de definitude⁹ (cf Nascimento 1984),

inerg1 1.62 correu um menino

inerg2 1.63 *correu o menino

Se interpretamos esse efeito de definitude como o índice de que o argumento é dominado por VP em sintaxe explícita, devemos nos perguntar o que impede o único argumento de correr de sair do VP para satisfazer um traço-D forte de AgrO, como os argumentos dos verbos inacusativos.

Duas hipóteses:

- Isso derivaria de uma restrição muito geral, e que proíbe um elemento nominal em posição de especificador de se mover para a posição de especificador imediatamente superior se o verbo também se move para o núcleo imediatamente superior. Ora a diferença entre os inacusativos e os inergativos reside na posição do seu argumento, interno no primeiro caso, externo no segundo. (NB: Rouveret afirma que essa restrição de limita ao movimento para posições de operador)

Note-se que esta hipótese implica dizer por outro lado que o verbo passa obrigatoriamente por AgrO, que tem traço-V fraco. A questão é a localidade do movimento, totalmente dependente da checagem ou não.

- a outra hipótese se liga a uma teoria mais precisa dos traços-D fortes e do tipo de elementos que os satisfazem. por alguma razão o traço-D forte de Agr-O não poderia ser satisfeito por um agente. mas somente por um tema.

Note-se que a concordância é obrigatória com os verbos inergativos:

inerg3 1.64 Correram dois meninos

⁹ Curiosamente, quando Vitral dá exemplos do efeito de definitude, é sempre com inergativos.

inerg4 1.65 ?? Correu dois meninos

Essa impossibilidade deriva da incompatibilidade entre um sujeito expletivo, inserido para verificar o nominativo, e o fato de que o único caso possível para um sujeito de verbo inergativo é o nominativo (o verbo inergativo não verifica caso acusativo). Os dois competiriam portanto para o mesmo caso¹⁰. A única derivação possível para um verbo inergativo é aquela na qual os traços de caso do sujeito são alçados para Agr contendo os traços de tempo em forma lógica.

Recapitulação das hipóteses sobre a máquina de checagem, em geral, e especificamente aquela em ação no PB, que nortearão as análises subsequentes.

- Nas orações com sujeito invertido, ou seja com sujeito nulo não temático, nem T nem Agr tem traço-D forte. O pro expletivo é gerado depois de Spell-Out para satisfazer o caso nominativo¹¹.

- Nesses caso, os traços da flexão verbal sobem para Agr depois de Spell-Out. A ausência de DP em Spec/TP libera portanto a verificação do nominativo no domínio de Agr.

2. O traço-V de Agr: morfologia verbal e movimento do verbo

2.1 O verbo sai do VP

Afim de achar evidências a favor ou contra o movimento do verbo, devemos observar o comportamento dos advérbios de maneira que são gerados em posição de adjunção ao VP.¹².

adv 2.1 *O João completamente acabou seu trabalho

adv2 2.2 O João acabou completamente seu trabalho

adv3 2.3 * As crianças cuidadosamente acabaram sua tarefa

adv4 2.4 As crianças acabaram cuidadosamente sua tarefa

Vitral (1992,p.85) mostra que o movimento se dá também nas orações infinitivas.

adv5 2.5 Mudar completamente de vida mostra que se é jovem

adv6 2.6 Completamente mudar de vida mostra que se é jovem

¹⁰ Para os locutores que aceitam 1.65, deve-se admitir que a interpretação impessoal de verbos como *correr* é possível. O sentido da frase seria então mais ou menos *Houve a corrida de dois meninos*. Ou seja o verbo só qualifica um certo tipo de existência.

¹¹ De um ponto de vista teórico, isso equivale a dizer que a geração dos expletivos tem como fundamento o caso e não o "Princípio de projeção estendido".

¹² a respeito do movimento do particípio, cf Vitral, p.84 (3.8),

*José completamente tem modificado seus horários

*José completamente está modificando seus horários

adv7 2.7 Ter completamente mudado de vida mostra que se é jovem

adv8 2.8 *Completamente ter mudado de vida mostra que se é jovem

2.2 O verbo não vai até AgrS

3. As posições de sujeito: Spec/TP, Spec/AgrSP e posição do verbo.

Nas estruturas acima, as duas posições spec/TP e Spec/AgrSP estão cindidas, e o verbo está no núcleo de TP em sintaxe visível. Isso significa que não há incorporação de Tempo a Agr, independentemente da incorporação de V (ou mais exatamente dos traços flexionais de V) a Agr, que só acontece, eventualmente, na parte invisível da sintaxe. Nesta análise, considera-se também que um DP pode verificar o seu traço nominativo em sintaxe explícita, na posição de especificador de TP. Na última versão do minimalismo, essa hipótese não é problemática, uma vez que a verificação do caso foi dissociada da presença de Agr. Mas na versão anterior, quando Chomsky afirmava que o caso era atribuído pela categoria T incorporada a Agr, ele argumentava que, em línguas como o inglês, havia um movimento de T a Agr, independente do movimento do verbo, cuja consequência era não só criar a categoria complexa responsável pela verificação do caso nominativo, mas tornar impossível a projeção de Spec/TP.

Nesse mesmo modelo, contudo, foi argumentado que o comportamento de certas línguas justifica a presença dos dois especificadores na derivação. É o caso do Islandês, tal como foi analisado por Jonas e Bobaljik (1993). No Irlandês também, apesar de haver um só especificador preenchido em sintaxe visível, os dois núcleos de Tempo e Agr são mantidos distintos por Bobaljik e Carnie (1992) antes de *Spell-Out*. Parece portanto se tratar de um fato parametrizado. Surge então a necessidade de formular o parâmetro adequado. Qual é a propriedade responsável pelo movimento de T a Agr? Para Bobaljik e Carnie trata-se do traço-V de T: quando é forte, como em Inglês ou em Francês, T se move para Agr para verificá-lo. Quando ele é fraco, esse movimento não acontece independentemente do movimento do verbo. Numa nota, os autores reconhecem que essa análise implica uma concepção do que seja um traço-V "ligeiramente" diferente daquela presente no sistema de Chomsky. Parece¹³, de fato, corresponder a uma concepção do traço-V como traço nuclear, não forçosamente ligado à morfologia verbal. Aqui, tomamos a noção de traço-V ao pé da letra, e não podemos portanto responsabilizá-lo por um movimento que não diz respeito à verificação dos traços carregados pelo verbo na sua morfologia.

O PB traz dados interessantes para essa discussão. Dentro do último formato do minimalismo pode se justificar estruturas oracionais como aquelas propostas aqui, bem como entender o que as torna possíveis. A hipótese defendida aqui é que elas são legitimadas pela junção do traço-V fraco de Agr e da diversas combinações possíveis de traço-D fortes ou fracos de Agr e T, não havendo necessidade de postular movimentos potenciais das categorias funcionais além das do verbo¹⁴.

¹³ Na mesma nota, o leitor é referido a um artigo não publicado, que não consegui obter, no qual mais se diz sobre "essa abordagem dos parâmetros, especificamente com respeito aos traços do verbo".

¹⁴ Essa posição é defendida por Chomsky (1995), contra Chomsky (1994), até para

As parametrizações em relação ao traço-V, e em relação ao traço-D têm correlatos diferentes. Assumimos até aqui que o traço-V era intimamente ligado à morfologia verbal. Numa língua em que essa morfologia não varia de uma construção para a outra, podemos admitir que esse traço é invariavelmente forte ou fraco¹⁵. O traço-D é um caso diferente, porque ele está em correlação com aspectos interpretativos dos DPs envolvidos, como a especificidade ou a definitude (cf os fenômenos de *Scrambling* nas línguas germânicas). Como já vimos, o que caracteriza o traço-D numa língua como o PB não é que ele é sempre forte, mas que ele *pode* ser forte¹⁶.

A legitimação de *ele* objeto, ou do objeto nulo só é possível se Spec/AgrO é disponível. As línguas germânicas com *Scrambling* têm parasitic gaps em frases afirmativas (Holmberg? *rever*). A diferença com o PB reside na interpretação.

Quanto ao traço-D forte de Tempo, admitirei que ele é satisfeito por um sujeito referencial, ou seja argumental, o que exclui *pro* expletivo. Ser específico para um objeto implica ser D-linked, para um sujeito implica ter referência.

AgrS: mesma restrição, mais uma. AgrS só pode ter um traço-D forte se T não pode ter, ou seja se não há argumento externo projetado na oração. Note-se que assumimos a hipótese de Rouveret de que um só traço-D forte pode ser inserido na estrutura para as posições correspondendo ao sujeito.

Com esses elementos em mente, vejamos as possíveis derivações para as frases simples. Com respeito à natureza do sujeito, dois grandes tipos podem ser definidos: as frases de *sujeitos tópicos* e as frases de *tópicos sujeitos*.

3.1 Os sujeitos tópicos.

A característica marcante do PB que deriva de tudo o que foi dito acima é a inacessibilidade da posição de Spec/AgrS para os argumentos externos. Com efeito, por hipótese, na presença de um argumento externo, se um traço-D forte é selecionado, esse é obrigatoriamente associado a T. Nessas condições, Agr não pode ser verificado numa relação Spec/núcleo. Por outro lado, e dado que o traço-V de Agr é fraco, também não é verificado pela morfologia verbal. Só resta uma possibilidade: a verificação pelos traços de morfemas de concordância não verbais, os pronomes. Isso implica que pelo menos um argumento da oração seja pronominal. Chegamos assim ao caráter de língua de tópico co PB. A presença de um pronome é visível em todos os casos de retomada de um NP inicial que estudamos no capítulo 1, e em particular, no caso muito recorrente no uso da retomada do sujeito:

o movimento do verbo para *Comp*. No primeiro texto, ele derivava esse movimento da relação entre *Comp* e *Infl*, e não das propriedades do verbo. No último ele considera esse movimento como provocado, como os outros movimentos do verbo, por um traço-V de *Comp*. Voltaremos a essa questão para o PE e o PCl.

¹⁵ O mesmo raciocínio nos leva porém a admitir que o movimento visível do verbo para categorias não expressas morfologicamente, como *Comp*, possa ser variável. Veremos que é o caso no PE.

¹⁶ Questão da variação entre os falantes. Podemos pensar também que essa caracterização é selecionada sempre que ela é compatível com as características dos DPs, mas não é totalmente óbvio, cf as construções com *todos*.

- su j1* 3.1 O café; já descascado ele; pode ser exportado assim...
- su j2* 3.2 Essa competncia ela é de natureza mental (Pontes, (1981)
- su j3* 3.3 A Clarinha ela cozinha que é uma maravilha (Duarte, 1995)

Mas podemos assumir que a presen/c ca de um pronome se dá também quando a frase é composta unicamente de expressões referenciais. Um argumento para essa afirmação é a possibilidade, bem como a alta frequência nos textos, do preenchimento da posição entre o sujeito e o verbo por advérbios ou orações adjuntas, com retomada pronominal ou não (cf Kato, Tarallo et alii; 1994, Figueiredo Silva; 1995):

- su j3* 3.4 Minha senhora, logo depois que casamos, ficou grávida (NURC)

A estrutura será então a seguinte:

- rep3* 3.5 [*AgrP* DP_i [*AgrP* F_i-Agr_i [*TP* ele_i/pro_i V

Em (su j3), a oração adjunta está em adjunção a AgrP. Como proposto por Belletti, isso é a posição dos advérbios de oração. A sua intervenção entre o sujeito e o verbo sem efeito de topicalização se explica pela estrutura da oração proposta acima. Contrariamente ao italiano, a presença de um advérbio não implica nenhuma alteração na posição do sujeito. Voltaremos a essa questão.

Nessa análise, o NP preverbal é externo à oração mas entra numa relação de concordância com o núcleo desta. Formalmente, trata-se de uma relação de mesma natureza que a construção de deslocamento à esquerda.

Agr funciona assim como elo de transmissão entre o DP externo e uma posição argumental proominal.

A única diferença dessa estrutura com aquelas em que o pronome lembrete não está na posição sujeito, reside então na função do elemento co-indexado com esse sujeito. Mas elas são produzidas pela mesma derivação, em que o DP em adjunção a AgrSP entra numa relação de concordância com AgrS, e os traços do pronome verificam os traços da categoria Agr.

- su j4* 3.6 pronome lembrete objeto
- su j5* 3.7 pronome lembrete compl. de prep.

As estruturas subjacentes a (0.4) et 3.7, são respectivamente:

- su j6* 3.8 [*AgrP* DP_i [*AgrP* F_i-Agr_i [*TP* DP V ele_i
- su j7* 3.9 [*AgrP* DP_i [*AgrP* F_i-Agr_i [*TP* DP V P ele_i

Caracterizamos aqui formalmente essa posição de tópico interno à oração responsável pelos fenômenos de retomada pronominal que estudamos no primeiro capítulo. É uma posição de adjunção a AgrP que entra numa relação de concordância com Agr. O sujeito é assim na realidade um tópico porque ele não é gerado internamente à oração, mas

numa posição periférica. E os tópicos se tornam sujeito porque entram numa relação de concordância com o núcleo da oração. Trata-se assim de uma relação sujeito/predicado complexo, no seio da oração simples. Nisso reside a chave dos comportamentos sintáticos peculiares do PB. A hipótese crucial da análise desenvolvida aqui, é que isso decorre das propriedades de Agr nesta língua, e está em particular relacionado com o enfraquecimento da morfologia verbal visível na história da língua.

Observe-se que o lembrete também pode estar vazio em posição objeto, de maneira coerente com o fato de que o PB legitima objetos nulos:

*su*j8 3.10 Agora a televisão; a gente vê [e]_i o mínimo, né? (DID-SP)

Examinemos agora as estruturas em que não é mais o sujeito que se torna tópico, mas o tópico que se torna sujeito.

3.2 Os tópicos sujeitos

Uma das construções mais típicas do PB é aquela em que um argumento interno do verbo, ou um argumento desse argumento, aparece em posição pré-verbal, com características de sujeito, sem que a morfologia verbal tenha sido afetada. (Pontes 1981, etc...).

Duas classes de verbos aparecem nessa construção:

a) Verbos ergativos. O sintagma frontado é ou um elemento locativo selecionado pelo verbo, ou o complemento genitivo do argumento interno:

topsu 3.11 Cabe(m) muitas pessoas *(n)a belina

topsu' 3.12 A belina cabe muitas pessoas

topsu2 3.13 Bate sol *(n)esta casa

topsu2' 3.14 Esta casa bate sol

topsu3 3.15 Quebrou o pé *(d)a mesa

topsu3' 3.16 A mesa quebrou o pé

topsu4 3.17 Estragou o ponteiro *(d)o relógio

topsu4' 3.18 O relógio estragou o ponteiro

topsu5 3.19 Furou o pneu *(d)o meu carro

topsu5' 3.20 Meu carro furou o pneu

Descriptivamente, estas construções se caracterizam pela perda da preposição do argumento locativo ou genitivo quando ele é frontado.

b) A segunda classe de verbos envolvidos nessas estruturas são verbos transitivos. O NP frontado pode ser o argumento interno do verbo ou um argumento desse argumento.

- topsu6* 3.21 A revista xerocou
- topsu7* 3.22 A balança está consertando
- topsu8* 3.23 A modelo fotografou o dia todo
- topsu9* 3.24 O João operou
- topsu10* 3.25 O João operou o pé

Essas frases se distinguem das suas contrapartidas passivas pelo fato de não admitirem nem complemento de agente, nem advérbio orientado para o agente, nem subordinada final controlada pelo agente implícito:

- topsu11* 3.26 A modelo foi fotografada pelo diretor
- topsu12* 3.27 * A modelo fotografou pelo diretor
- topsu13* 3.28 A modelo foi fotografada com cuidado
- topsu14* 3.29 * A modelo fotografou com cuidado
- topsu15* 3.30 A revista foi xerocada para ganhar tempo
- topsu16* 3.31 * A revista xerocou para ganhar tempo

Nas passivas, há detematização da posição sujeito, mas o afixo suporta uma interpretação referencial, explicitada nos adjuntos (complemento de agente ou oração final (cf Jaeggli 1987). Nas frases do PB, ao contrário, não há nenhum elemento suportando uma interpretação referencial podendo servir de antecedente a uma posição vazia num adjunto, ou de sujeito numa relação de predicação secundária.

A chave da análise destas frases reside exatamente na ausência da projeção de argumento externo, que vai junto com a ausência de traço-D forte associado a T. Nestas frases Agr pode ter um traço-D forte, que obriga a presença de um DP no seu especificador em sintaxe visível.

É justamente o que os dois conjuntos definidos pelas duas classes de verbos entrando nessas construções têm em comum. No caso da primeira classe, é devido simplesmente à natureza semântica dos verbos envolvidos, na segunda classe, parece haver uma perda das propriedades referenciais associadas ao argumento externo. Admitamos que o sujeito temático não é projetado. Isso permite duas modificações na estrutura:

- a ausência de projeção do especificador de Tempo nessas construções, não havendo DP referencial para satisfazer um traço-D forte.

- no caso dos verbos transitivos, a ausência do caso acusativo no verbo¹⁷. A sua presença impediria a derivação de convergir, porque haveria um só argumento para dois casos.

O sistema computacional produz então as seguintes representações em Forma Lógica:

¹⁷ Se esta análise está no caminho certo, significa que o caso não é um traço inerente dos verbos, mas uma especificação acrescentada no momento da inserção lexical.

rep4 3.32 [_{AgrP} DP_i FV-Agr [_{TP} V [_{AgrOP} t_i] [_{VP}

rep5 3.33 [_{AgrP} DP_i FV-Agr [_{TP} V [_{AgrOP} [_{DP} t_i] [_{VP}

3.32 corresponde ao casos dos verbos transitivos, 3.33 ao caso dos genitivos.

Na primeira estrutura, sujeito se deslocou da posição de Spec/AgrO para a posição de Spec/AgrS por causa do traço-D forte de AgrS. Esse movimento não viola nenhum princípio de localidade uma vez que T não tem traço-D forte associado a ele. Os traços flexionais do verbo sobem para Agr depois de Spell-Out para verificar seus traços de concordância. O caso nominativo carregado pelo morfema de Tempo do verbo verifica o caso do DP. A dissociação de T e Agr, produzida pela ausência de traço-V forte de Agr permite assim a expressão de estruturas passivas sem morfologia passiva.

A segunda estrutura é mais complexa.

a completar

Esta análise dá conta da concordância morfológica verificada nessas frases entre o DP pre-verbal e o verbo¹⁸. :

topsu18 3.34 As belinas cabem muita gente

topsu3 3.35 *As belinas cabe muita gente

topsu19 3.36 Todas estas revistas estão xerocando

topsu20 3.37 *Todas estas revistas está xerocando

topsu21 3.38 As modelos fotografaram o dia todo

topsu22 3.39 *As modelos fotografou o dia todo

Uma diferença importante entre essas estruturas e as de sujeito tópico acima, é que naquelas, o NP preverbal não verifica o caso nominativo, mas concorda com traços associados a esse caso, se o pronome for o sujeito ou a um outro caso, se o pronome for um argumento interno. Nesse caso, pode-se falar de transmissão de papel temático ao NP inicial. Nas orações de tópico sujeito, ao contrário, o NP verifica o nominativo. Esperamos então que seja bloqueada qualquer transmissão de papel temático associado a uma posição casual interna a TP. Essa análise é confirmada pelas restrições sobre a interpretação semântica observadas nessas estruturas, que as distinguem das suas contrapartidas com pronome lembrete:

- a relação genitiva deve envolver obrigatoriamente uma relação semântica parte/todo, como é mostrado pela agramaticalidade das frases onde, apesar de uma relação superficialmente idêntica, o argumento genitivo não é legitimado como sujeito.

topsu23 3.40 O pote da mesa quebrou

topsu24 3.41 * A mesa quebrou o pote

topsu25 3.42 O carro do João pifou

¹⁸ Isso, claro, no dialeto em que a concordância é realizada morfológicamente

topsu26 3.43 * O João pifou o carro ¹⁹

topsu27 3.44 O pai do João morreu

topsu28 3.45 *O João morreu o pai

Tal restrição não se verifica nas estruturas correspondentes com pronome lembrete:

topsu29 3.46 A mesa, quebrou o pé dela

topsu30 3.47 ?A mesa, quebrou o pote dela

topsu31 3.48 Esse carro, furou o estepe dele

topsu32 3.49 O João, pifou o carro dele

topsu33 3.50 O João, morreu o pai dele

- Nem todo verbo transitivo aceita as construções com detematização do sujeito, mesmo se podem aparecer em construções que podem parecer muito semelhantes. Veja-se o seguinte contraste entre ²⁰:

topsu28 3.51 - Minha cueca de dinossauros?

- Está lavando

topsu34 3.52 A cueca está lavando

topsu35 3.53 - Meu lanche?

- Está fazendo

topsu36 3.54 ?? O lanche está fazendo

Vemos que fazer pode entrar numa estrutura com sujeito e objeto nulo em que o sujeito está indeterminado, e o objeto remete ao tópico discursivo (*meu lanche* em 3.53), mas não numa estrutura em que esse tópico passa a ser sujeito da oração. Já *lavar* pode entrar nos dois tipos de construções.

De fato, os verbos que entram na construção de subjectivização do tópico fazem parte de uma classe que se pode chamar de verbos de objeto afetado (cf Rizzi 1986). Quanto à restrição sobre as construções genitivas, ela consiste em impor que o DP em posição objeto seja interpretado como uma parte do referente do DP em posição sujeito. Talvez a noção de locativo seja o denominador comum da interpretação do sujeito nessas construções. Podíamos considerá-lo como papel temático "default" atribuído ao DP que verifica ao nominativo apesar de não ser o argumento externo do verbo.

¹⁹ 3.43 é aceitável com uma interpretação agentiva para *João*, não pertinente para as estruturas em análise, que não envolvem nenhuma função agentiva.

²⁰ Esse pequeno diálogo foi tirado de Calvin e Harold

Note-se que a concordância morfológica distingue claramente as duas construções. Em 3.53, não pode haver concordância entre o tópico e o verbo²¹ :

- topsu35 3.55 *- Meus lanches?
- Estão fazendo

Voltaremos à estrutura desses enunciados de dupla lacuna na seção sobre as categorias vazias.

A distribuição complementar entre estrutura de concordância e pronome lembrete aparece muito claramente nas construções onde um locativo é fronteado:

- topsu36 3.56 A Belina cabe muitas pessoas²²
topsu37 3.57 A belina_i, cabem muitas pessoas nela;
topsu38 3.58 * A belina cabem muitas pessoas
topsu39 3.59 *A belina_i cabe muitas pessoas nela;
topsu40 3.60 O meu carro_i, furou o pneu dele;
topsu41 3.61 O carro_i, furaram os quatro pneus dele;
topsu42 3.62 Todos os carros furaram o pneu
topsu43 3.63 *Todos os carros_i furaram o pneu deles;
topsu44 3.64 Essas janelas_i, quebraram todos os vidros delas;
topsu45 3.65 * Essas janelas_i quebraram o vidro delas;

Um comentário final.

O PB prescinde da morfologia passiva porque pode usar a posição Spec/AgrS na ausência da projeção do argumento externo do verbo. Essas estruturas evidenciam o que se pode chamar o *paradoxo do PB*: os únicos sujeitos que concordam com Agr e verificam o caso nominativo na posição de Spec/Agr, ou seja, se comportam como sujeitos canônicos, não são, nem podem ser, argumentos externos do verbo. Estes verificam o nominativo em Spec/TP e não concordam com Agr.

Em conclusão, há duas maneiras de estabelecer a relação sujeito predicado em PB, por concordância associada ao nominativo, e por concordância não associada ao nominativo.

3.3 A posição dos advérbios (*incompleto*)

²¹ Claro, a frase é correta se se interpretar o sujeito nulo como remetendo a um sujeito agente plural.

²² 3.54 é aceitável com uma pausa. Nesse caso, temos uma estrutura com sujeito nulo expletivo e ausência de concordância com o argumento interno.

A partir do trabalho pioneiro de Pollock (1987), a posição dos advérbios, bem como da negação, foi considerada como um revelador da posição dos núcleos na oração. Galves (1991) Vitral (1992), Bianchi e Figueiredo Silva (1994), e Figueiredo Silva (1994) situam-se nessa linha de pesquisa, e recorrem ao estudo da posição dos advérbios para justificar as suas afirmações sobre a estrutura da oração no PB.

Uma característica importante da colocação dos advérbios no PB é que, para varias classes, existe uma variação livre entre a posição imediatamente pre-verbal e pos-verbal *apresentar os resultados de Kato, Tarallo et alii 1993*.

- adv9* 3.66 Essa refeição normalmente leva meia hora ou mais
- adv* 3.67 Essa refeição leva normalmente meia hora ou mais
- adv10* 3.68 Uma mesma questão muitas vezes pode exigir diferentes processos mentais
- adv11* 3.69 Uma mesma questão pode muitas vezes exigir diferentes processos mentais
- adv12* 3.70 Eu sempre viro as folhas
- adv13* 3.71 Eu viro sempre as folhas
- adv14* 3.72 Esses apresentam normalmente, ou habitualmente digamos assim, os chamados ...
- adv15* 3.73 Esses normalmente apresentam os chamados ..

The important fact is that no topicalization effect can be detected in the order *adv V*, neither with aspectuals as in 3.66-3.73, nor with sentential adverbs *adv*, a finding in contrast to that of Belletti (1990) for Italian .

- adv16* 3.74 As crianças provavelmente ficam em casa a tarde toda

As evidence for her analysis, Belletti shows that the indefinite quantifiers can only appear in this context with a strong contrastive stress, indicative of topicalization .

- adv17* 3.75 Nessuno probabilmente ha telefonato

In BP, on the contrary, equivalent sentences are fully acceptable with a neutral intonation :

- (58) Ninguém provavelmente fica em casa o dia todo
- (59) Alguém possivelmente terá achado a solução

Bianchi e Figueiredo por exemplo atribuem ao verbo uma posição inferior ao núcleo em cujo especificador o verbo se encontra: adotando a hipótese de Agr cindido de Schlonsky, colocam o verbo em *Número*, e o sujeito no especificador de *Pessoa*. Isso explica a ordem Sujeito-advérbio-verbo, que no PB²³, não apresenta os efeitos de dislocação observados em

²³ Na análise de Bianchi e Figueiredo Silva também explica a colocação dos clíticos

Italiano

Essa análise é rejeitada por Figueiredo Silva (1994) por razões comparativas, sobretudo em relação ao espanhol, que tem uma colocação de advérbios comparável ao PB, mas tem uma concordância forte que não justifica um movimento curto do verbo. Ela propõe então a existência de uma posição de tópico interna à oração. Tal posição não existe em Italiano. Nesta língua, só uma posição de tópico externa à oração é disponível, e não é uma posição legítima para um quantificador negativo como *nessuno*. A análise defendida aqui vai no sentido da de Figueiredo Silva, mas precisa a natureza desse tópico interno. Trata-se de uma posição de adjunção a AgrP entrando em relação de concordância com Agr. Nas duas análises, a possibilidade de adjunção do advérbio à projeção máxima que contém o verbo mas não o sujeito explica a sua ocorrência entre os dois.

Note-se que se espera um comportamento diferente dos dois tipos de construção distinguidos acima em relação à interferência dos advérbios. Com efeito, os sujeitos tópicos estão fora de AgrP enquanto os tópicos sujeitos estão dentro. Nestes, deve ser problemático inserir um advérbio desta categoria entre o NP sujeito e o verbo.

- ? Esta casa provavelmente bate sol
- ? A belina geralmente cabe muita gente

Figueiredo Silva (1994) mostra que a colocação dos advérbios também se articula diferentemente com a sintaxe de topicalização no PB e no Italiano. Ela contrasta os exemplos ()-() de Belletti com os enunciados bem formados do PB ()-():

- *MARIA spesso Gianni incontra in vacanza
- *MARIA Gianni spesso incontra in vacanza

A MARIA frequentemente o João encontra nas férias
A MARIA o João frequentemente encontra nas férias

A possibilidade da ordem *Sujeito-Advérbio-Verbo* nas orações interrogativas ou nas clivadas deve também ser contrastada com sua impossibilidade no Italiano.

- Com quem você disse que o João frequentemente fala?
- É com a Maria que o João frequentemente fala.
- *? Con chi dicevi che Gianni spesso parla?
- *? É a Maria che Gianni spesso parla

Figueiredo Silva observa contudo: "vraisemblablement, l'ordre des mots sujet-adverbe-verbe n'est pas un phénomène unitaire", e nota(p.86 nota 25) o contraste entre

- eu ontem fui no cinema
- * Onde você ontem foi?

Mas, () parece-me aceitável:

É com a Maria que o João ontem falou?

Voltaremos na seção III aos fenômenos de interferência entre a estrutura oracional e o movimento-QU.

A negação a completar

Figuerido Silva, p. 57 argumentando contra a análise de Galves (1993): " se T é realmente a posição de chegada do verbo, espera-se achar advérbios negativos precedendo o verbo, dado que a posição negativa é mais alta do que a projeção temporal".

Discussão

1. Os advérbios negativos podem ocupar uma posição mais baixa (" posição inicial de AspP")

- O João não tinha mais falado disso
- O João não tinha falado mais disso
- O João não tinha nunca falado disso
- O João não tinha falado nunca disso

2. Posição de NegP? (cf Miotto?)

3. F S acrescenta o problema da possibilidade para a negação de aparecer em posição inicial:

Nunca/jamais (que) o João sai de casa

O João nunca/jamais sai de casa

a notar a ausência do que na segunda frase.

A respeito desses exemplos F S cita Gonçalves (1993)

4.O sujeito nulo do PB

Legitimação de pro: cf Rizzi 1986

pro nunca é legitimado em posição de sujeito no PB, à diferença do que acontece na posição objeto que é uma posição casual. Uma reformulação da análise de Rizzi (1986) no quadro minimalista poderia consistir em dizer que uma categoria vazia pronominal tem que ter todos os seus traços verificados conjuntamente. Os traços de pro não podem entrar separadamente numa relação de verificação: checagem de caso com T e checagem de concordância com Agr.¹

Vimos no capítulo 1, que o sujeito nulo argumental em PB pode corresponder a várias interpretações. Pode ser específico ou indeterminado

1. Sujeito nulo específico.

sunu1 4.1 e vi o João

Nessa estrutura, o sujeito nulo é referencial e verifica o traço-D forte de T. O nominativo é também verificado nessa posição. Mas contrariamente à posição objeto, a posição sujeito não é uma posição na qual pro possa ser interpretada no PB. Com efeito, pro tem que verificar seus traços de concordância com Agr, a posição Spec/TP não sendo em PB uma posição adequada para isso.

Essa verificação se faz em sintaxe invisível, pelo movimento dos traços de pro para Agr. Em forma lgica, o sujeito nulo é assim assimilável a um um clítico nulo. A estrutura de 4.1 será portanto:

sunu2 4.2_{[AgrP Fi-Agr [TP t_i V [AgrOP DP [VP t_i}

Esse clítico nulo é agora interpretável especificamente, com as restrições observadas acima.

2. Sujeito nulo indeterminado (exemplos já dados no capítulo I.). Ele aparece em duas estruturas diferentes.

a) com objeto nulo remetendo ao tópico:

sunu3 4.3 Carpete de madeira;
não encera e_i

Nessa estrutura, o sujeito nulo é interpretado como indeterminado. Isso se deve ao fato de que não há nenhum Agr por intermédio do qual ele possa estar associado a uma interpretação referencial específica. Esse Agr, com efeito, nesse caso está coindexado com o tópico, carregando os traços do objeto.

sunu5 4.4 carpete de madeira_i[AgrP Fi-Agr [TP pro_j V [AgrOPT_j [VP

¹ cf a impossibilidade de pro en Spec/CP em PCl, cap. 5.

Essa análise se justifica melhor quando se considera o texto inteiro de onde esse exemplo foi tirado: um anúncio publicitário, onde duas frases com sujeitos nulos diferentes, um arbitrário e um específico, são postos na mesma relação de sujeito-predicado com um DP, que corresponde ao argumento interno da primeira e ao argumento externo da segunda.

Carpete de madeira;

sunu8 4.5 - não encera e_i

sunu8' 4.6 - não e_i empena

Na segunda frase, a categoria vazia é interpretada como o argumento externo do verbo *empenar*, com a seguinte representação:

sunu5 4.7 $\text{carpete de madeira}_i [\text{AgrP } F_i\text{-Agr } [\text{TP } t_i \text{ V } [\text{AgrOP } [\text{VP}$

b) com objeto preenchido

sunu4 4.8 Põe gasolina no motorzinho?

Nesse caso, a interpretação indeterminada não se deve ao fato de que a posição de *spec/TP* não está ligada por *Agr*, mas ao fato de que nenhuma referência específica é atribuída a esse *Agr* por um tópico. Não há tópico:

sunu6 4.9 $[\text{AgrP } F_i\text{-Agr } [\text{TP } t_j \text{ V } [\text{AgrOP } \text{DP } [\text{VP}$

Um sujeito indeterminado pode assim corresponder a dois tipos de estruturas: uma em que a categoria vazia sujeito carece de interpretação específica porque os seus traços não são checados por *Agr*. Outra em que são checados, mas *Agr* por sua vez não está coindexado com nenhum tópico.

Um sujeito nulo específico por sua vez deve entrar sempre numa relação de checagem com *Agr*. No português brasileiro, essa relação sempre se dá numa configuração de adjunção ao núcleo. A interpretação depende assim da presença de um tópico discursivo acessível.

Observe-se que, em todos os casos de sujeito nulo, a posição na qual a categoria vazia é interpretada é idêntica à posição na qual um clítico fonologicamente realizado é interpretado em outras línguas. No caso dos objetos nulos, ao contrário, nada força os traços da categoria vazia a se mover para *Agr* em Forma Lógica, uma vez que todos os seus traços são verificados em sintaxe aberta, na posição de *Spec/AgrO*. Esta análise nos leva a concluir que *se há clíticos nulos no PB, não são os objetos nulos mas os sujeitos nulos*. Isso nos permite começar a entender os comportamentos inversos dessas categorias em relação às restrições de localidade. Em particular, damos conta do fato de que os sujeitos nulos são sensíveis às restrições de localidade que afetam os clíticos nas construções de dislocação clítica.

Por outro lado, já temos uma explicação para o contraste entre os objetos nulos no PE e os objetos nulos no PB. Note que, numa língua como o PE, onde a posição de especificador de *AgrO* nunca é projetada, os traços casuais do pronome nulo só podem ser

checados em Forma Lógica, em AgrS. O objeto nulo do PE é assim um verdadeiro clítico nulo (voltaremos a isso no próximo capítulo).

Enfim, note-se que uma língua como o PE não pode ter sujeito nulo indeterminado, uma vez que, por hipótese, Agr e T estão sempre associados nessa língua. Nesse caso, só um sujeito nulo específico é possível. Por outro lado, esse sujeito não cai sob as restrições que verificamos em PB já que é legitimado como argumento e não como concordância.

A tese central desta análise do PB é que a parametrização das categorias funcionais que define a sua gramática tem como consequência o estabelecimento de uma relação sujeito-predicado entre a frase e elementos externos a essa, envolvendo categorias vazias ou lexicais interpretadas como lembrete. A interpretação do sujeito e objeto nulo se inscreve nesse funcionamento, que Samuel Moreira, na sua tese, chama de *estratégia lembrete*. É esse funcionamento que vamos estudar mais em detalhe agora.

5. Predicação e interpretação: as formas e o alcance da estratégia lembrete

5.1. Dois tipos de relação sujeito /predicado complexo

a) *concordância* com um núcleo. A diferença com a concordância simples é que o elemento com o qual se faz a concordância se assemelha a um clítico, no sentido de que é um traço movido a partir de uma posição argumental.

b) *coindexação* com um pronome lembrete, pleno ou vazio, em posição de especificador.

De uma certa maneira, são dois aspectos da estratégia lembrete, mas o primeiro se assemelha fortemente à concordância. Ele apresenta portanto efeitos de localidade muito mais fortes. No segundo caso, o elemento lembrete tem força referencial que permite uma recuperabilidade da referência por cima das barreiras.

Veremos agora por um lado, como esses dois tipos de predicação complexa se dão em estruturas-WH, e estruturas tradicionalmente assimiladas a WH, e por outro lado, como se dá a articulação entre várias predicações complexas na mesma frase..

5.2. Predicação complexa e WH-movement.

Existe um contexto no qual a presença do pronome lembrete torna a frase inaceitável, é nas orações interrogativas. Esse fato já foi notado por Vitral (1992), Galves (1991), Kato (1993), Figueiredo Silva (1994). Os exemplos que seguem são de Kato:

- wh1 5.1 * Para quem, aqueles livros, o José deu eles t ?
- wh2 5.2 * Onde, as crianças, a Maria vai pegar elas ?
- wh3 5.3 *Quem, a Maria, ela esqueceu de pegar na escola ?

Essa inaceitabilidade contrasta com a boa formação das frases em que o pronome lembrete não aparece²:

² Convém notar aqui que Duarte (1987) dá os equivalentes dessas frases como agramaticais em PE

*/?? A quem é que esse quadro o João ofereceu no natal

- wh4 5.4 Para quem, aqueles livros, o José deu t t ?
- wh5 5.5 Onde, as crianças, a Maria vai pegar ?
- wh6 5.6 Quem a Maria esqueceu de pegar na escola ?

A agramaticalidade de frases como 5.3 também contrasta com a possibilidade de haver um pronome lembrete na oração quando o tópico está numa posição mais alta do que o sintagma-Qu, como ilustrado em

- wh7 5.7 A Maria_i, quem que ela_i esqueceu de pegar na escola?

Figueiredo-Silva (ex 59a, p.88), criticando a análise de Galves (1991) que atribui a mesma posição aos sujeitos tópicos e aos tópicos sujeitos, observa que os segundos aparecem sem problemas numa estrutura interrogativa, criando um problema para a atribuição de uma estrutura unitária:

- wh8 5.8 Como que o Passat sempre cabe tanta coisa?
- wh9 5.9 Quando que essa casa batia mais sol?
- wh10 5.10 ? Quantas pessoas este carro cabe?
- wh11 5.11 Onde a balança está consertando?

O argumento é pertinente. A análise proposta em 1991 não tinha de fato como enfrentar esse problema. Mas na reformulação proposta aqui, a posição do NP inicial não é a mesma. Nas orações de tópicos sujeitos, ele está em Spec/AgrP. Nas orações de sujeito tópico, ele está em adjunção a AgrP. As duas estruturas correspondendo a 5.3 e 5.8 respectivamente são dadas a seguir:

- wh12 5.12 [_{CP}WH [_{AgrP} Maria_i [_{AgrP} F_i-Agr [_{TP} ela_i V [_{AgrOP} [_{VP}
- wh13 5.13 [_{CP}WH [_{AgrP} O passat_i Agr_i [_{TP} V [_{AgrOP} [_{VP}

Na primeira, a relação sujeito/predicado passa por uma predicação complexa. Na segunda, ao contrário, o sujeito está na posição de especificador de Agr.

É interessante notar o paralelismo entre as orações em que a topicalização envolve o sujeito, e os casos em que envolve um argumento não sujeito. De novo aí, só as orações sem pronome lembrete são lícitas. Nesses casos, em que o deslocamento aparece claramente, mesmo sem lembrete, é claro que o problema não se encontra na interferência desse deslocamento, ou da adjunção na relação do elemento-QU com a posição argumental correspondente.

* Quem é que esse quadro ofereceu ao João no natal?

Ela nota também a agramaticalidade de

* A quem esses livros ofereceu o João

pergunta: qual é o estatuto de

A que meninos, esses livros, o professor deu de presente?

O problema parece então residir na relação de concordância implicada nas estruturas com lembrete.

Farei a hipótese que isso é problemático porque a interpretação da interrogativa também implica que AgrP funcione como predicado complexo do elemento-QU no especificador de CP, e que isso é incompatível com uma relação de mesma natureza interna a AgrP.

Uma questão interessante surge então a respeito de 5.6. Qual é a estrutura subjacente a esse enunciado? Se a diferença com o caso do pronome lembrete fosse simplesmente a natureza lexical ou não do pronome, não poderíamos manter a idéia de que é a relação de concordância que torna o encaixamento da estrutura numa interrogação ilícita, uma vez que o sujeito nulo, crucialmente, requer concordância para a sua interpretação. Temos então uma forte razão de pensar que uma outra estrutura é disponível. Até agora, consideramos que o traço-D de T era sempre forte quando o verbo tinha argumento externo. Mas, em realidade, isso não deriva de nada. A única restrição é que só um traço-D pode ser forte. Se o traço-D de Agr é selecionado em lugar do traço de T, a oração interna a 5.6 terá a seguinte estrutura:

wh12 5.14 [_{CP}WH [_{AgrP} Maria_i F_V Agr_i [_{TP} V [_{AgrOP} [_{VP}

O movimento do sujeito para Spec/Agr é possível porque o traço-D de Agr é ausente. O nominativo é checado depois de Spell-Out, com os traços do verbo que se deslocam, como no caso dos tópicos sujeitos. Argumento para essa estrutura alternativa: elementos em posição sujeito que não podem ser topicalizados: alguém, ninguém etc...

O aspecto comum a essas duas estruturas é que o verbo não está nunca na mesma projeção do sujeito, mesmo quando o sujeito está em Spec/Agr. O verbo está sempre em T. E por isso que certos advérbios podem aparecer entre o sujeito e o verbo, contrariamente ao que acontece em Italiano (cf Belletti 1991):

exemplos

5.3. As construções-QU

Como mostrou Moreira (1984), o PB usa abundantemente da estratégia lembrete nas construções-QU, tanto com pronomes visíveis, quanto invisíveis (cf também Lobato 1987, Vitral 1994 de quem é o exemplo seguinte).

wh 5.15 Este aqui é o livro_i que eu me pergunto porque você não devia me dizer quem escreveu e_i

Contudo, o pronome lexical não é permitido numa relação local com o operador:

wh14 5.16* Quem_i a Maria viu ele_i?

Note-se que nem o carater mais ou menos D-linked do sintagma-Qu, nem a presença de uma preposição parecem desempenhar papel na aceitabilidade da frase:

wh15 5.17 *Que rapaz_i a Maria falou com ele_i?

A agramaticalidade de 5.16 e 5.17 deve ser aproximada da impossibilidade de frases como:

ele 5.18 * Alguém_i disse que *ele*_i veio

Ela deriva do caráter intrinsecamente referencial de *ele*, que impede que seja ligado por um elemento de tipo operador. (cf Montalbetti 1984, Galves 1987) a *aprofundar*. Onde a relação de ligação³ é impossível, *ele* se torna mais aceitável. Nesse caso, a frase fica muito melhor se o sintagma-QU é D-linked, uma vez que a relação que se estabelece é uma relação de co-referência:

wh15' 5.19 ? Que rapaz_i você encontrou a moça que casou com *ele*_i?

wh15'' 5.20 ?? Quem_i você encontrou a moça que casou com *ele*_i?

A distribuição complementar entre pronome lexical e categoria vazia observada em orações do tipo de 5.16 reaparece, ao avesso, nas estruturas em que a posição argumental do elemento interrogado se encontra numa ilha. Vitral aponta para restrições sobre o uso da categoria vazia nesses contextos^{4 5}:

wh25 5.21 Que moça_i o José viajou antes que *ela*_i lhe pedisse dinheiro?

wh26 5.22 * Que moça_i o José viajou antes que *e*_i lhe pedisse dinheiro?

wh27 5.23 A moça_i que você viu o carro que *ela*_i comprou é a Maria

wh28 5.24 *A moça_i que você viu o carro que *e*_i comprou é a Maria

É preciso contudo notar que essa distribuição complementar afeta somente a posição sujeito. Em posição objeto, a escolha reaparece.

wh29 5.25 Que moça_i o José viajou antes que o Pedro encontrasse *ela*_i?

wh30 5.26 Que moça_i o José viajou antes que o Pedro encontrasse *e*_i?

O problema não deve portanto ser colocado em termos gerais de uma alternância pronome lexical/pronome vazio, como no espírito do princípio *Avoid Pronoun*, por exemplo, mas em termos da interpretação de certas posições. Segundo a análise desenvolvida aqui, objetos e sujeitos nulos diferem crucialmente em PB pela posição que ocupam em Forma Lógica. O sujeito corresponde a traços adjungidos a AgrS enquanto que o objeto

³ Sobre o conceito de *ligação*, discutir Rizzi(1990).

⁴ A mesma coisa acontece nas frases com tópico (Figueiredo Silva 1994, p.157)

O Pedro_i, eu achei um carro que *e*_i tem grana para comprar

A Maria_i, o José olha pro chão toda vez que *e*_i fala com ele

O João_i conheço a guria que *e*_i cruzou ontem

⁵ Note-se contudo que parece haver variação entre os locutores, cf Lobato (1986)

ocupa uma posição de especificador. O primeiro, por ter um estatuto de concordância, é sensível à localidade.

Vitral traz na mesma discussão um aparente contra-argumento ao que acaba de ser dito. Trata-se dos efeitos de *cruzamento forte* observados com o objeto nulo mas não com o objeto pronominal lexical:

wh31 5.27 *Que homem; Maria se pergunta se ele; acha que ela vai encontrar t_i no cinema?

wh32 5.28 Que homem; Maria se pergunta se ele; acha que ela vai encontrar ele; no cinema?

Nesse caso, o problema não está na interpretação do pronome ou da categoria vazia que, segundo a nossa análise, ocupam a mesma posição, mas no fato de que uma categoria vazia nula não identificada por um elemento de concordância precisa ser interpretada como variável de predicado. Ou seja, ela exige que o seu antecedente seja interpretado como o sujeito da predicação complexa, ou seja como o tópico. O problema em 5.27 não é a presença do elemento-QU. A porção encaixada da frase sofre a mesma restrição:

obnu' 5.29 ?? ele; acha que ela vai encontrar e_i no cinema

É esse fato que leva Bianchi e Figueiredo (1994) a considerar essa categoria vazia como uma variável (cf cap.1). A análise alternativa proposta num modelo em que a tipologia das categorias vazias em termos de pronomes ou variáveis não tem mais lugar, consiste em contrapor o caráter referencialmente independente do pronome lexical por oposição à dependência do pronome nulo em relação à estrutura. Para ser interpretado, o pronome nulo precisa que os termos da oração na qual se encontra recebam uma certa interpretação. O pronome lexical, ao contrário pode ser interpretado independentemente da interpretação da estrutura. Em outros termos, um pronome nulo precisa funcionar como lembrete, ou seja, se estendermos a noção de anáfora além dos limites estreitos que lhe são atribuídos na teoria de Princípios e Parâmetros, podemos dizer que ele é uma anáfora. O pronome lexical pode funcionar como anáfora⁶, mas não precisa. Ele também pode ter uma referência independente, e a sua co-indexação com um termo anterior se assimila à co-referência, não à dependência referencial.⁷

Resumindo, a distribuição complementar categoria vazia/pronome em 5.25 e 5.26 por um lado e 5.27 e 5.28 por outro lado não deriva do mesmo princípio. No primeiro caso, a distinção reside no tipo de posição ocupada. No segundo, ela tem a ver com as propriedades referenciais diferentes das categorias vazias e dos pronomes lexicais.

No PB, o verbo não se move para Comp em sintaxe visível (Vitral 1992, Duarte 1993). Argumentaremos mais abaixo que isso deriva da completa ausência de traço-V em Comp.

⁶ Porém nunca como a anáfora de um operador. O seu antecedente tem sempre que ser referencial. cf 5.16, 5.17 e 5.18.

⁷ Essa idéia já está desenvolvida em Galves (1988) onde se mostra que essa independência referencial tem efeitos surpreendentes, nomeadamente o fato de que o pronome *ele* escapa ao princípio B em frases como

João; viu ele; no espelho

Da ausência do movimento do verbo resulta a possibilidade do movimento do sujeito de Spec/Agr para Spec/Comp, contrariamente ao inglês. cf Rouveret (1995)

Vitral e Figueiredo Silva notam que a interferência de um sintagma topicalizado entre o elemento-QU sujeito e o verbo torna a frase inaceitável⁸. Deve-se notar que isso contrasta com a boa-formação das estruturas em que o elemento topicalizado se encontra entre um XP interrogativo não sujeito e o sujeito:

wh16 5.30 * Quem, aqueles livros, t deu t ao João ?

wh17 5.31 Para quem, aqueles livros, o José deu t t ?

Qual é exatamente a origem da agramaticalidade de 5.30? A priori, duas explicações são possíveis. Ou é o próprio movimento que é tornado ilícito pelo elemento que intervém, ou é a interpretação da relação do elemento-WH com a oração que se encontra bloqueada. A possibilidade de 5.31 mostra que a primeira hipótese não pode ser mantida. Uma evidência suplementar se encontra no contraste entre 5.30 e as frases, exemplificadas a seguir, em que o elemento que intervém entre o sintagma-QU e o verbo é um advérbio :

wh18 5.32 Quem sempre dá esses livros ao João?

wh19 5.33 Você sabe quem provavelmente virá amanhã?

A questão se resume portanto ao problema clássico da não adjacência do sujeito com o seu antecedente-QU. Na formulação pre-minimalista do Princípio das Categorias Vazias, isso se expressava em termos de ausência de regência por núcleo⁹. A noção de regência deixando de ser relevante na teoria, devemos traduzir essa análise em outros termos. Numa teoria de checagem, a regência por núcleo pode ser expressa em termos de movimento de traços para esse núcleo. Os traços do sujeito nulo têm que se mover para Agr. Obtemos portanto a configuração seguinte:

wh20 5.34 [_{CP} quem_i [_{AgrP} aqueles livros [_{AgrP} F_i-Agr [_{TP} t_i deu [_{AgrOIP} ao João [_{VP}

O que o sintagma adjunto a AgrP *aqueles livros* bloqueia nessa configuração é a concordância entre *quem* e F_i que não se encontram mais numa relação local. Contudo, 5.32-5.33 mostram que nem todo sintagma bloqueia essa relação: os advérbios podem se intercalar entre o sintagma-QU e os traços do sujeito sem interferir na sua relação. Esse contraste lembra a noção de minimalidade relativizada de Rizzi (1990) que faz depender a interferência de um elemento na relação de dois outros elementos da noção de antecedente

⁸ Vitral contrasta essa agramaticalidade com a possibilidade de um tópico intervir entre o sujeito e o verbo, como em

o José aquele livro não queria devolver

Esse contraste se explica facilmente se admitirmos que TP é uma posição à qual podem se adjungir todo tipo de sintagma.

⁹ em Rizzi (1990), o núcleo em questão tinha que ser uma categoria lexical ou Agr

potencial. Em 5.34, *aqueles livros* é um antecedente potencial para o traço F em Agr, uma vez que é um DP, e tem traços de concordância. Mas os advérbios não têm traços de concordância e não funcionam portanto como antecedentes potenciais. Note-se que Chomsky (1995b) integra a minimalidade relativizada à teoria da checagem¹⁰.

Essa análise prediz que, além dos advérbios, os argumentos preposicionais podem se adjungir a Spec/AgrP uma vez que eles não entram em relação de concordância. Isso é confirmado pelo contraste apontado por Vitral (1992) entre 5.30 e a seguinte oração:

wh21 5.35 Quem (é que) para o Pedro não disse a verdade?

Já nas construções em que não é o sujeito que é extraído, não há problema de interferência. Isso mostra que a relação que se constroi com a oração não é uma relação de concordância. A representação de 5.31 é:

wh21 5.36 [_{CP} para quem [_{AgrP} aqueles livros [_{AgrP} O José F_V-Agr [_{TP} deu [_{AgrOP} [_{VP}

Em 5.35, AgrP é saturado pelo sujeito. A interpretação da categoria vazia é de variável: na teoria da checagem, que significa variável? movimento do traço-QU do vestígio para Comp? Assimetria sujeito/objeto: as cvs sujeito não podem ser legitimadas como variáveis (cf Stowell 1987, e mais abaixo). Lnguas de sujeito nulo: são legitimadas por Agr. Francês Inglês, Agr em Comp. PE?? parece haver interferência de Comp.

Os mesmos fatos se encontram na extração longa do sujeito.

wh22 5.37 Quem_i você disse que e_i deu esses livros ontem ao João ?

wh23 5.38 * Quem_i você disse que aqueles livros e_i deu ontem ao João ?

Uma teoria estritamente local do movimento nos obriga a negar a existência do movimento longo e a considerar que a "extração longa" implica a interpretação de um domínio oracional como predicado complexo. As categorias vazias em 5.37 e 5.38 correspondem portanto a traços no AgrS encaixado. No primeiro caso, AgrP pode ser interpretado como predicado de Quem, mas não no segundo porque existe um DP mais próximo suscetível de concordar com o traço.

A propósito da extração longa, é preciso notar que contrariamente a línguas como o francês e o PE, o PB não tem restrições sobre o tipo de verbo que introduz a oração encaixada (Vitral 1992, Figueiredo Silva 1994). Os dois primeiros exemplos são de Vitral (1992), os dois seguintes de Figueiredo (1994):

ersu1 5.39 Quem (é que) Maria disse que t comprou o livro?

ersu2 5.40 Quem (é que) Maria lamenta que t compre livros todos os dias?

ersu3 5.41 Quem que você curtiu que dançou nessa história?

ersu4 5.42 Quem que você desconfia que saiu mais cedo?

¹⁰ cf cap.O.

F-S pergunta a esse respeito "le PB généralise l'engendrement de cet ensemble de traits (d'accord) de telle manière que les compléments sélectionnés par les verbes factifs et les interrogatives indirectes soient aussi dotés de la possibilité de gouverner proprement la position sujet... Cependant pourquoi seulement le PB a-t-il accès à cette option, pourquoi cela n'est-il pas le cas en français?"

A resposta a essa pergunta que emana de toda a análise anterior é a seguinte: no PB, AgrP pode funcionar como predicado complexo. Nas outras línguas, como o Francês e o PE, não é possível e o predicado de um elemento em Spec/CP só pode ser C', ou seja envolver o núcleo C. As propriedades de C interferem portanto nessas línguas, mas são irrelevantes no PB. Veremos mais abaixo que esta afirmação explica também as diferenças na sintaxe do infinitivo flexionado nas duas variantes do Português. Voltaremos a essa questão para o PE.

5.4. Outras estruturas de predicação complexa

5.4.1. As estruturas adjetivais complexas.

Galves (1989), mostra que o PB se distingue do Inglês e de outras línguas românicas pela interpretação das construções adjetivais complexas. Observem-se as tres orações seguintes:

- opnu1 5.43 O João_i é difícil de convencer e_i
- opnu2 5.44 O João_i é difícil de e_i pagar
- opnu3 5.45 Essa criança_i é difícil de e_i dormir

Ao lado de 5.43, em que o objeto nulo da oração encaixada é interpretado como ligado pelo sujeito da frase, temos 5.44 e 5.45, em que é o sujeito da oração encaixada que remete ao sujeito da frase.

Em línguas como o Inglês, o Francês e o PE, frases como 5.44 e 5.45 são impossíveis. 5.44 só pode receber a interpretação em que João é objeto de pagar, e 5.45 não tem interpretação possível. Cinque (1984) e Stowell (1987) atribuem a ausência desse tipo de orações à impossibilidade para um operador nulo ligar uma categoria vazia em posição sujeito. Se retomarmos os termos deles, a aceitabilidade de 5.44 e 5.45 em PB mostra que a relação sujeito-predicado complexo não põe em jogo operador nulo nessa língua. Nos termos minimalistas desenvolvidos aqui, diremos que temos mais uma evidência de que a relação sujeito-predicado complexo não implica a categoria C no PB. As estruturas das orações encaixadas em 5.43, 5.44, 5.45 serão respectivamente

- opnu4 5.46 de [CP [AgrP F_i-Agr [TP convencer [AgrOP pro_i [VP ...t_i
- opnu5 5.47 de [CP [AgrP F_j-Agr [TP pro_j pagar [AgrOP pro_i [VP t_j
- opnu6 5.48 de [CP [AgrP F_j-Agr [TP pro_j dormir [AgrOP [VP t_j

A diferença entre o PB e as línguas mencionadas acima é que nestas, o sujeito só pode se cliticizar ao núcleo superior, Comp. Mas é plausível pensar

que nesse caso o sujeito da predicação só pode estar em Spec/CP, como na extração longa do sujeito. Nas estruturas adjetivais complexas, o sujeito da predicação é também o sujeito da frase inteira, e se encontra em Spec/AgrP. No PB, não há assimetria sujeito/objeto, porque tanto os traços do sujeito quanto os do objeto podem funcionar como elemento de concordância em Agr.

Esta análise permite reformular a noção de operador nulo no modelo minimalista. Tal reformulação vai no sentido da eliminação da noção de variável, e sua substituição por um tipo de categoria vazia que se integra naturalmente no sistema proposto por Chomsky (1995), sem estipulação de tipologia específica dos elementos nulos. Trata-se das matrizes de traços sem realização fonética que se adjungem aos núcleos Agr ou C em Forma Lógica, satisfazendo uma relação de concordância com um sujeito externo ao domínio. A mesma análise é válida para a legitimação da categoria sujeito nas estruturas de extração longa. Nos dois casos, é preciso criar as condições para que um domínio oracional funcione como predicado complexo.

5.4.2 interrogativas e relativas cortadoras¹¹ (cf Wheeler 1983).

- whpp1 5.49 esta mala_i, eu vim com ela_i
- whpp2 5.50 *esta mala, eu vim
- whpp3 5.51 Que mala_i você vai com ela_i?
- whpp4 5.52 Que mala você vai?
- whpp6 5.53 A mala que eu vim está quebrada

5.50 é mal formado porque não há posição referencial na oração, mais exatamente em TP, que possa legitimar o DP em Spec/AgrP. Em outros termos TP não é um predicado complexo adequado.

A primeira vista, 5.52 é portanto surpreendente. Como é possível interpretar o sintagma interrogativo se não há nenhuma posição onde se possa recuperar sua função na oração?

Note-se que a frase interrogativa em 5.52 tem em comum com as orações topicalizadas do tipo de () a perda da preposição obrigatória quando o argumento está realizado no interior de TP. Isso distingue essas construções daquelas em que a preposição é arrastada (*pied-piping*), ou abandonada (*preposition stranding*) atrás, opção não permitida pelo PB:

- whpp7 5.54 Com que mala você vai t ?
- whpp8 5.55 * Que mala você vai com t ?

A ausência da preposição deixa clara a ausência de uma relação de tipo "movimento" entre o sintagma inicial e a posição argumental. Estamos claramente na frente de uma relação de tipo sujeito/predicado complexo. A diferença com as estruturas que estudamos

¹¹ o termo é de Tarallo (1983)

acima, onde aquilo que tem a forma de sintagma preposicional na posição argumental também se torna sujeito em posição inicial, é que aqui, há um sujeito temático projetado. Isso claro é devido ao fato de que o sintagma inicial está não em Spec/AgrP, mas em Spec/CP, como mostrado pela estrutura seguinte:

whpp9 5.56[*CP* que mala_j [*AgrP* F_j-Agr [*TP* você veio [*VPT*_j

Em 5.56, uma categoria vazia pronominal gerada numa posição de argumento externo de vir, se adjunge a Agr em Forma Lógica, checando Agr e tornando AgrP no predicado de Spec de Comp.

Note que se essa análise é correta, esperamos que nenhum sintagma possa ocorrer em Spec/AgrP, uma vez que ele bloquearia a relação entre Spec/CP e Agr. Isso parece se confirmar, já que a reduplicação pronominal está excluída nesse contexto, como exemplificado a seguir:

whpp5 5.57 *Que mala a Joana ela foi?

6. Conclusões e discussão.

A análise faz aparecer o lugar preponderante do estabelecimento da relação sujeito-predicado complexo que se instancia em PB:

via concordância

1. Entre um tópico adjungido a AgrP entrando em relação de concordância com o traço em Agr de algum elemento pronominal da oração.
2. Entre Spec/AgrP e Agr' localmente: subjetivização do tópico.
3. Entre Spec/AgrP e Agr', não localmente: estruturas adjetivais complexas.
4. Entre Spec/CP e AgrP movimento longo do sujeito e interrogativas e relativas cortadoras.

O PB se distingue fortemente de outras línguas românicas ou do Inglês onde

a) uma relação desse tipo nunca se dá com AgrP

b) AgrP não é um predicado bem formado quando a posição argumental vazia é seu sujeito. Nesse caso, o predicado é CP, o que causa interferências das propriedades de Comp (movimento longo do sujeito bloqueado com as factivas) ou agramaticalidades devidas ao fato de CP não é um predicado legítimo para Spec/Agr (impossibilidade de coindexar o sujeito das orações adjetivais complexas com o sujeito da oração encaixada).

Uma consequência interessante emerge dessa comparação. Em PB, CP nunca funciona como um domínio de predicação por concordância. Dada a distribuição complementar entre o complementador lexical e a concordância, apontada por Rizzi (1990) para o Inglês, explicamos assim porque o PB não apresenta restrições à ocorrência de que em presença de um elemento em Spec/Comp.

comp 6.1 Onde que você achou esse livro?

Figueiredo-Silva (p.109 14b/c) lembra que o movimento do verbo e que também se

excluem mutuamente:

comp2 6.2* O João disse que de jeito nenhum ia ele fazer uma coisa dessas

comp3 6.3 O João disse que de jeito nenhum que (ele) ia fazer uma coisa dessas

hipótese: A ausência de movimento do verbo em Comp em sintaxe visível, bem como a possibilidade de que nas orações interrogativas, deriva da ausência de marca de concordância em Comp. Se admitirmos que a possibilidade do movimento de V para Comp depende da presença dessa marca, explicamos porque o verbo não vai para o Comp das orações matriz em PB, em nenhum momento da derivação, da mesma maneira que nunca vai para o Comp das orações encaixadas nas outras línguas.

Note-se que há variação possível no interior de uma mesma língua. O Comp das orações encaixadas sob *believe* pode ou não ser associado a Agr (cf Rizzi 1990). É por isso que um complementador lexical pode ou não aparecer nessa posição e que o movimento longo requer a sua ausência. Devemos então considerar a existência de dois Comps: um associado a Agr, e um não associado a Agr. Um Comp associado a Agr é o núcleo de um domínio de predicação. Um Comp não associado a Agr é o núcleo de um complemento. A recursão de Comp pode ser entendida como a co-ocorrência dos dois tipos na mesma oração.

no PCl, o Comp inicial é associado a Agr, com um traço-V forte quando tem um traço Top, Foc ou Qu (língua "V2"). No PE, é associado a Agr, mas sem traço-V..

Outra diferença do PB com outras línguas (inglês, francês, PE) Não evidencia a assimetria entre principais e encaixadas no que diz respeito à possibilidade de um tópico ocorrer entre o sintagma interrogativo e o resto da oração (cf Duarte 1987 para o PE, Pesetsky 1989 citado por Vitral 1992 para o inglês):

comp4 6.4 I wonder why a book like this I should buy

comp5 6.5 *To whom these books did John give away?

Podemos relacionar esse fato com a ausência de movimento do verbo para Comp nas encaixadas do inglês e enunciar a generalização de que só um Comp não associado a Agr pode estar numa relação não-local com o resto da oração. Note-se que o caso do PB mostra que isso não depende de uma relação com porções mais altas da frase, o que era antes apreendido em termos de regência do Comp encaixado pelo verbo matriz (cf para o português Ambar 1992)

A preponderância no PB da relação sujeito predicado complexo em detrimento da relação simples de concordância (que não envolve os traços de uma posição argumental) se deve à parametrização de Agr, e em particular do seu traço-V fraco.

Queria agora discutir algumas análises alternativas dessa posição.

6.2 Análise alternativas a ser redigido

6.2.1 Figueiredo Silva (1994)

duas categorias Top

(crítica a Galves,1989: objeto nulo e duplicação do sujeito pelo pronome possível. OK, o objeto nulo não tem nada a ver com Spec/AgrP

6.2.2 Kato

A recursividade do tópico como argumento a favor de uma projeção recursiva Top (Figueiredo Silva 1994), ou LD (Kato 1993) sempre envolve frases do tipo (cf. F. S.ex. 46, p.79; K. ex. p.)

A Maria, o carro dela, o pneu furou

De fato, *A Maria, o carro dela* pode muito bem ser analisado como um constituinte único, contendo uma construção possessiva pondo em jogo um pronome lembrete e equivalente a *o carro da Maria*.

ou: *A Maria* é um tópico externo (hanging topic) cf ?? eu sei que *A Maria, o carro dela, o pneu furou*

LD = concordância com Agr.

Top = ausência de concordância.

6.2.3 Vitral

Capítulo 3: A sintaxe pronominal do Português Europeu

A ênclise

O fato proeminente da sintaxe do PE é a possibilidade, e até em certos contextos a obrigatoriedade, da ênclise nas frases com tempo. Isso contrasta fortemente com a colocação de clíticos na grande maioria das outras línguas românicas¹, em que a ênclise se limita às construções imperativas e infinitivas. Além disso, como o observaram já vários estudiosos da questão, a ênclise é certamente o padrão dominante. Os fatos de aquisição mostram que se trata da construção básica de cliticização para as crianças, que a estendem além dos limites impostos pela gramática adulta. Duarte e Mattos (1995, p.14) dão os seguintes exemplos de enunciados produzidos por crianças entre 20 e 39 meses:

- aqu* 1.1 não chama-se nada
- aqu2* 1.2 é que não estragou-se
- aqu3* 1.3 porque é que foste-me interromper
- aqu4* 1.4 foi alguém que meteu-me nesta fotografia
- aqu5* 1.5 mas ele já foi-se embora
- aqu6* 1.6 quero pôr os papeles aqui para não rasgar-se.

Nos exemplos acima, a ênclise dá-se em contextos que serão descritos logo abaixo como desencadeando a próclise obrigatória: orações negativas, interrogativas, relativas, e com o advérbio já.

Duarte e Matos dão também exemplos de fala, e escrita, de jovens e adultos, escolarizados ou não, em que se observa nitidamente a tendência em usar a ênclise nesses mesmos contextos em que a norma lusitana de todos os tempos impôs a próclise:

- encl* 1.7 porque não apercebeu-se que... (12anos, escrita)
- encl2* 1.8 é uma verdade que pode-se ver de uma forma muito clara... (adulto escolarizado, debate na televisão)
- encl3* 1.9 porque ela começou-o a tirar... (adulto não escolarizado²)
- encl4* 1.10 correspondem à classe onde "só" combina-se com SN...(estudante universitário, escrita).

A ênclise é portanto o padrão dominante, e será o ponto de partida da nossa análise do PE, tomada como revelador de uma parametrização que será confirmada por outros

¹ exceto o galego

² entrevista do Português Fundamental, 0091.

funcionamentos sintáticos próprios dessa língua. Depois de uma apresentação dos fatos, consideraremos as diversas análises que foram muito recentemente propostas no quadro da Gramática Gerativa. A ênclise sempre foi e continua sendo um objeto de estudo privilegiado dos estudiosos do português, cada gramático ou linguista procurando fornecer a análise definitiva desse fenômeno raro.

1.1. A colocação de clíticos nas frases com tempo

1.1.1 Estruturas de ênclise obrigatória

a) o verbo está em primeira posição absoluta:

enc15 1.11 Parece-me que choverá amanhã

enc16 1.12 * Me parece que choverá amanhã

b) nas orações raiz afirmativa, quando o XP antecedendo o verbo é um sujeito referencial ou um tópico, retomado ou não por um pronome (*ver exemplos na gramática de Duarte e outros*):

enc17 1.13 A Maria deu-lhe esse livro ontem

enc18 1.14 *A Maria lhe deu esse livro ontem

enc19 1.15 Essa rapariga, conheço-a muito bem

enc20 1.16 * Essa rapariga, a conheço muito bem

enc21 1.17 Na semana passada, encontrei-me com os meus antigos colegas de escola

enc22 1.18 *Na semana passada, me encontrei com os meus antigos colegas de escola

c) Nas estruturas encaixadas de deslocamento clítico à esquerda, ou de topicalização, quando a oração é afirmativa e o sujeito é nulo ou referencial

enc23 1.19 Sabes que, a Maria, vi-a ontem

enc24 1.20 * Sabes que, a Maria, a vi ontem

enc25 1.21 Eu sei que, a Maria, o João viu-a ontem

enc26 1.22 *Eu sei que, a Maria, o João a viu ontem

As frases 1.11 e 1.12 ilustram a aplicação da lei que proíbe um clítico em primeira posição, conhecida na literatura sob o nome de *lei de Tobler Mussafia*, do nome de dois gramáticos históricos do final do século passado que enunciaram essa generalização observada nas línguas românicas antigas. A estabilidade absoluta da aplicação dessa lei ao longo da sua história é um dos fatos marcantes do PE.

1.13-1.17 mostram um aspecto mais recente da sintaxe portuguesa (cf cap.5), que a lei de Tobler Mussafia não prevê. Trata-se do caráter obrigatório da ênclise mesmo quando um sintagma de certo tipo, sujeito ou não, antecede o verbo nas orações raízes afirmativas.

Uma das questões fundamentais da gramática do PE, uma vez que essa definição é crucial para a compreensão dos processos de legitimação da ênclise e da próclise em português, consiste em definir adequadamente esse tipo de sintagma, que caracterizamos acima como referencial. Para entender melhor o que isso significa, é interessante considerar os casos em que uma aparente escolha entre próclise e ênclise aparece. Martins (199?) discute a interpretação das duas frases seguintes que só diferem pela posição do clítico:

enc32 1.23 Muitos amigos meus queixaram-se às autoridades

enc33 1.24 Muitos amigos meus se queixaram às autoridades

"a frase (28a) (1.23) é verdadeira se um grande número de pessoas que são meus amigos se queixaram às autoridades. Mas (29a) (1.24) é verdadeiro somente se uma grande proporção dos meus amigos se queixou às autoridades. O número de amigos que eu tenho é irrelevante para avaliar a verdade de (28a), mas indispensável para avaliar a verdade de (29a)... Só (29a) tem a leitura proporcional característica dos quantificadores."

Martins acrescenta que essa análise é reforçada pelo fato de que uma relativa non restritiva pode qualificar o sujeito na oração com ênclise, mas não na oração com próclise. Isso é devido ao fato de que as relativas não restritivas exigem um antecedente referencial.

enc34 1.25 Muitos amigos meus, que são antropólogos, queixaram-se às autoridades

enc35 1.26 * Muitos amigos meus, que são antropólogos, se queixaram às autoridades

Podemos reinterpretar da mesma maneira a observação de Paul Teyssier na sua *Grammaire portugaise* de que duas colocações são possíveis com cardinais:

enc30 1.27 Três dias passaram-se

enc31 1.28 Três dias se passaram

Teyssier comenta:

"On dit "Três dias passaram-se depressa" avec enclise parce que l'emphase porte sur "passam-se depressa" : ce que l'on veut mettre en relief c'est le passage rapide des jours, et non le nombre de jours qui passent . "Três dias se passaram" avec proclise parce que l'emphase porte sur "três dias" : l'idée qui est mise en relief, c'est que le nombre de jours écoulés a été de trois" .

A "ênfase" sobre o número de dias corresponde a uma leitura quantificacional enquanto que a ênclise sobre a passagem dos dias decorre de uma leitura referencial de *três dias*.

Barbosa (1993, nota 2) observa também o quantificador universal *todos* desencadeia a próclise embora permita a ênclise quando tem uma leitura de "grupo". A leitura de grupo é uma leitura referencial, por oposição à leitura quantificacional.

Votaremos no apêndice a uma descrição mais detalhada (e controversa) dos fatos de ênclise e próclise com os quantificadores.

Enfim, o terceiro grupo de dados, que diz respeito às orações encaixadas mostra que a presença de um tópico torna a oração encaixada numa oração com características de

matriz³. *verificar os dados com verbos de outras classes.*

1.1.2 Estruturas de ênclise impossível

a) nas orações encaixadas (menos nos casos considerados acima)

pro1 1.29 Sei que a Maria lhe deu esse livro ontem

pro2 1.30 *Sei que a Maria deu-lhe esse livro ontem⁴

b) nas orações interrogativas polares, com o elemento interrogativo precedendo o verbo.

pro3 1.31 Que livro a Maria lhe deu ontem ?

pro4 1.32 * Que livro a Maria deu-lhe ontem ?

c) nas orações negativas

pro5 1.33 A Maria não lhe deu esse livro ontem

pro6 1.34 *A Maria não deu-lhe esse livro ontem

d) quando um sintagma quantificado ou focalizado precede o verbo, seja ele sujeito ou não

pro7 1.35 Alguém o tinha avisado

pro8 1.36 * Alguém tinha-o avisado

pro9 1.37 Todos os alunos se riram

pro10 1.38 * Todos os alunos riram-se⁵

pro11 1.39 A todos o leram

pro12 1.40 * A todos leram-no

³ Raposo (1994) dá como possível a ênclise em orações encaixadas com sujeito explícito como no exemplo a seguir, que contrasta com a sua contrapartida com sujeito nulo:

Penso que eu vou-lhe dar um livro

* Penso que vou-lhe dar um livro

Pode-se considerar que na primeira o sujeito está de fato em posição de tópico, com uma categoria vazia na posição do sujeito. Note-se todavia que nessas frases, a ênclise é ao máximo possível, mas nunca obrigatória, contrariamente a frases contendo um tópico não sujeito. Rouveret (1994-95) observa que isso mostra que o sujeito não é totalmente assimilável a um tópico em PB, contrariamente ao que afirmam linguistas como por exemplo Benincà (no prelo), Salvi (1990) e Barbosa (1991).

⁴ cf porém a nota anterior. É preciso ressaltar que os outros autores são unânimes quanto à impossibilidade de 1.30.

⁵ esse exemplo é de Duarte e Matos, deve-se considerar contudo a citação de Barbosa acima, cf apêndice.

pro13 1.41 Muito trabalho me deu essa descrição

pro14 1.42 *Muito trabalho deu-me essa descrição

pro15 1.43 Até a ele lhe contaram mentiras

pro16 1.44 * Até a ele contaram-lhe mentiras

e) quando o verbo está no escopo de certos advérbios: *já, sempre, ainda, também, raras vezes...*

A propósito dos casos em que o sintagma preverbal desencadeador da próclise não é o sujeito, convém ressaltar que este pode preceder ou seguir o verbo sem que isso interfira na colocação proclítica. Em outros termos o sintagma interrogado, quantificado ou focalizado não precisa anteceder imediatamente o verbo para desencadear a próclise. Isso se verifica em 1.31 e nas orações seguintes:

pro13 1.45 Muito trabalho essa descrição me deu

pro13 1.46 * Muito trabalho essa descrição deu-me

pro15 1.47 Até a ele as crianças lhe contaram mentiras

pro15 1.48 * Até a ele as crianças contaram-lhe mentiras

Enfim, é importante ressaltar que a natureza interpretativa dos sujeitos *pos-verbais* não interfere na colocação de clíticos de maneira alguma. Nesse caso a ênclise é sempre obrigatória quando não há nenhum desencadeador da próclise em posição preverbal, como mostrado nos exemplos seguintes de Duarte e Matos (1995), onde o elemento que se encontra à direita do verbo tornaria a próclise obrigatória se ele estivesse à esquerda (cf abaixo):

enc27 1.49 Contaste-lhe que mentira?

enc28 1.50 Eles leram-no a todos

enc29 1.51 Ele leu-o também

Isso significa que a alternância próclise/ênclise depende do que precede o verbo em sintaxe visível, os eventuais movimentos entre *Spell-Out* e *LF* não tendo nenhum efeito sobre a colocação de clíticos em português, voltaremos a essa importante questão mais abaixo.

1.1.3 variação proclise ênclise

Não se pode falar exatamente de variação entre próclise e ênclise em PE. Os casos em que as duas colocações são aceitáveis correspondem de fato a duas interpretações distintas do mesmo enunciado. Vimos que isso acontecia com os sintagmas quantificados (cf apêndice), o caso do pronome *isso* é frequentemente citado também:

Isso digo-te eu
Isso te digo eu

1.2. A colocação de clíticos nas orações infinitivas

Contrariamente às outras línguas românicas, a colocação de clíticos é variável nas orações infinitivas. Duas dimensões regem a variação:

- a natureza flexionada ou não do infinitivo
- a natureza do elemento introdutor da oração infinitiva

A colocação de clíticos com o infinitivo flexionado é uma das questões mais fascinantes da gramática do PE porque ela envolve as duas grandes peculiaridades da sintaxe dessa língua, e se pode esperar legitimamente que ela nos dê a chave de uma e de outra. A ênclise é obrigatória quando a oração infinitiva é complemento de um verbo, como ilustrado a seguir:

- inf1* 1.52 Convém darem-lhes atenção
inf2 1.53 * Convém lhes darem atenção
inf 1.54 Lamento terem-lhes dado atenção
inf3 1.55* Lamento lhes terem dado atenção
inf4 1.56 Acredito terem-lhes dado atenção
inf5 1.57 * Acredito lhes terem dado atenção

Certas preposições também exigem a ênclise⁶:

- inf6* 1.58 Vi os meninos a abraçarem-se
inf7 1.59 * Vi os meninos a se abraçarem
inf8 1.60 Com os miúdos a levantarem-se tão cedo, os pais andam desesperados
inf9 1.61 * Com os miúdos a se levantarem tão cedo, os pais andam desesperados
inf10 1.62 A darem-te razão, terás direito a uma indemnização choruda
inf11 1.63 * A te darem razão, terás direito a uma indemnização choruda
inf12 1.64 Desde contarem-lhe mentiras até insultarem-na, fazem-lhe de tudo
inf 1.65 * Desde lhe contarem mentiras até a insultarem, fazem-lhe de tudo

⁶ Os exemplos ilustrando esse ponto são tirados de Duarte e Matos que apontam corretamente que estava errada, no meu artigo de 1992b, quando afirmava que todas as preposições acarretam a próclise.

A ênclise é bloqueada com outras preposições, em particular com *de* e *para*

- inf13* 1.66 Saimos depois de os vermos
- inf14* 1.67 * Saimos depois de vermo-los
- inf15* 1.68 Eu vim aqui para nos encontrarmos
- inf16* 1.69 * Eu vim aqui para encontrarmo-nos

A ênclise é bloqueada também em presença da negação:

- inf17* 1.70 Convém não lhes darem atenção
- inf18* 1.71 * Convém não darem-lhes atenção
- inf9* 1.72 A não te darem razão, terás direito a uma multa choruda
- inf20* 1.73 *A não darem-te razão, terás direito a uma multa choruda

A generalização que emana desses fatos é que as orações infinitivas flexionadas se comportam como domínios raízes quando são complemento de verbos, e de preposições como *a*, *desde*, *até* e como domínios encaixados quando são complementos das preposições *de*, *para*. A negação tem o mesmo efeito do que nas orações finitas.

O comportamento do infinitivo não flexionado contrasta com o do flexionado no fato de que, para certos locutores, a ênclise é possível em contextos que requerem a próclise com o infinitivo flexionado:

- inf21* 1.74 Não o chamar seria uma afronta
- inf22* 1.75 Não chamá-lo seria uma afronta
- inf23* 1.76 Vim para o encontrar
- inf24* 1.77 Vim para encontrá-lo

Note-se que a variação se encontra tanto em contextos onde o infinitivo flexionado é possível, como 1.76-1.77 quanto nos contextos onde ele é ilícito como nos exemplos a seguir:

- inf25* 1.78 Gostaria de o encontrar
- inf26* 1.79 Gostaria de encontrá-lo

Isso sugere, contrariamente ao que foi proposto em Galves (1992b) que os mecanismos da ênclise e da próclise não são tão diferentes em contextos de infinitivo flexionado e não flexionado.

1.3. As análises da ênclise

As numerosas análises recentes da ênclise no PE podem ser classificadas segundo vários parâmetros:

- A. Teoria geral dos clíticos. (cf capítulo 1)
- B. as categorias funcionais consideradas como responsáveis pela sua legitimação
- C. as estruturas envolvidas no que diz respeito à posição respectiva do verbo e do clítico.
- D. a posição do sujeito
- E. a parametrização: aquilo que em última instância legitima a ênclise.

1.3.1 A teoria geral dos clíticos

A cliticização como adjunção à esquerda (Kayne 1995) é admitida por todos menos por Uriagereka.

Argumentos contra a adjunção à direita:

Raposo dá um argumento empírico contra a hipótese de Uriagereka (1995) de que o clítico se adjunge sempre à direita do núcleo F em português. Se fosse verdade, esperaria-se que nunca aparecesse à direita de um sintagma focalizado e do sujeito em Spec/AgrP. Essa previsão não se verifica:

cl 1.80 Muito whisky o capitão me tem servido nesta festa

Raposo argumenta (contra Martins e Uriagereka) por outro lado que a coocorrência do clítico e do verbo em F não pode resultar sempre em ênclise, se admitirmos que em frases como a seguinte o sujeito está em Spec/IP⁷:

cl 1.81 Muito whisky me tem servido o capitão nesta festa

1.3.2 A categoria funcional

Todos os autores citados acima consideram que a ênclise põe em jogo uma categoria funcional mais alta que a flexão (Agr ou T conforme os autores), com a exceção notável de Duarte e Matos (1995).

No primeiro grupo, alguns consideram que esta categoria é Comp (Benincà; Madeira; Manzini; Galves 1992, 1994; Galves e Galves 1994), outros que é uma categoria intermediária entre Agr (ou a categoria flexional mais alta) e Comp. Essa categoria tem por nome *Agr*₁ (Cardinaletti e Roberts) *F* (Uriagereka 1992, 1995; Raposo 1994, 1995), *W* (Rouveret 1992), ou Σ (Martins 1993, 1994).

Argumentos contra Comp:

Rouveret (1992)

Raposo (1994)⁸

Argumentos de Duarte e Matos contra uma categoria acima da flexão:

⁷ R. argumenta que o sujeito está em spec/IP na base do contraste com as orações indefinidas com *se*. O sujeito pos-verbal tem as mesmas propriedades do sujeito preverbal das orações normais por oposição aos sujeitos das estruturas com *se*, cujo sujeito não está em Spec/IP.

⁸ No texto de 1995, Raposo afirma que não faz diferença definir a categoria envolvida como Comp ou como uma categoria especial.

Por outro lado, os autores diferem quanto a saber se essa categoria corresponde à posição final do clítico, e eventualmente o lugar que ele é inserido na derivação, ou não. Essa questão está muito fortemente relacionada com a questão da estrutura.

Enfim, seja *Comp* ou uma outra categoria, os autores divergem quanto a saber se se trata de uma categoria operador. Por exemplo, Madeira e Manzini que propõem uma análise bastante similar em relação aos outros pontos, divergem radicalmente em relação a esse. Para Madeira, é crucial enfatizar a natureza potencial de não operador de *Comp* em PE. É de fato para ela o parâmetro que distingue o PE das outras línguas românicas, por ser o que permite o movimento independente do clítico para *Comp*. Para Manzini, ao contrário, o próprio clítico se define como um operador, entrando em distribuição complementar com traços como *QU*, *Foc* ou *Neg*. "D is logically construed as an operator binding a variable, ultimately saturating a position in the argument structure of N... It is some operator feature of the clitic that drives movement to C.(p.310). Na análise de Manzini, o clítico requer sempre uma checagem por C, visível ou invisivelmente, conforme as estruturas e as línguas.

1.3.3 A estrutura

- dois núcleos diferentes (Galves 1992a,b, Martins 1993, 1994)

Argumentos contra dois núcleos:

a) argumento da inserção impossível de um elemento entre o verbo e o clítico:

Madeira (1992-1993), Manzini (1992-1994) e Rouveret(1992) criticam a estrutura proposta por Cardinaletti e Roberts que prevê a possibilidade da inserção de algum elemento entre o verbo e o clítico em ênclise, mas nunca em próclise, já que nessa configuração o clítico e o verbo estão no mesmo núcleo. Ora, nunca nada pode intervir entre o verbo e o clítico em ênclise. O fenômeno da interpolação envolve sempre uma estrutura em que o clítico antecede o verbo.

Duarte e Matos (p.11) retomando esse argumento na sua crítica a Martins (1993), apontam para o contraste entre:

A quem deu [*AgrSP* ontem [*AgrSP* o João um livro

* O João deu [*AgrSP* ontem [*AgrSP* lhe um livro

b) argumento morfológico

Duarte e Matos estreitam o argumento da não inserção trazendo uma evidência de natureza morfológica. Baseadas no fenômeno famoso da contração de *want to* em *wanna* em inglês, bloqueado pela intervenção de um vestígio como ilustrado a seguir:

Who_i do you wanna see t_i

* Who_i do you wanna t_i visit Bill

elas argumentam que a morfologia contraída da forma enclítica é incompatível com a presença do vestígio do sujeito entre o verbo e o pronome na estrutura proposta por Martins:

Tu ama-lo assim tanto?

[CP/FP Tu_i amas [_{Agr}SP t_i [_{Agr} assim tanto

c) argumento da coordenação Rouveret (1992)

d) ênclise como uma unidade morfológica

Benincà e Cinque

A análise de Raposo (1995) propõe um caso particular de uma estrutura em que o verbo e o clítico estão em dois núcleos distintos, mas que evita os problemas acima, porque se trata de fato de uma variante da análise que põe os dois no mesmo núcleo. Com efeito, retomando uma proposta de Benincà (1989), ele situa o verbo na posição de especificador do núcleo (F) que contem o clítico. Mais precisamente, o verbo está adjungido a um elemento expletivo nulo que ocupa a posição de especificador de F.⁹

- um só núcleo (Madeira 1992-1993; Manzini 1992-1994; Galves 1994; Galves e Galves 1994; Rouveret 1992, Uriagereka 1992, 1995)¹⁰

1.3.4 A posição do sujeito

- especificador do núcleo contendo o clítico:

Spec/CP Madeira

Spec/WP Rouveret, Spec/FP Uriagereka

- adjungido à projeção máxima do clítico:

Encontra-se aqui a idéia assumida em vários estudos diacrônicos (Salvi; Benincà; Ribeiro 1995) e sincrônicos (Rouveret 1987¹¹; Barbosa 1991; Raposo 1994) do português europeu de que o sujeito em PE é externo à oração.

1.3.5 A parametrização

o que desencadeia o movimento do verbo:

- propriedades prosódicas do clítico (Cardinaletti e Roberts)

- propriedades morfológicas da clítico; formulação da anterior no modelo minimalista.

Problema de Greed.

- "strong spec features" da categoria (Raposo 1995)

o que desencadeia o movimento do clítico:

- Comp como categoria não operador (Madeira)

- parametrização do clítico: em PE ele tem traços operadores fortes, em Italiano são fracos (Manzini).

1.3.6 Estruturas em competição

⁹ Raposo evita assim o problema da violação da condição de preservação de estrutura, formulada em termos de uniformidade das cadeias no Programa Minimalista. Com efeito, ele argumenta que o elemento expletivo sendo ao mesmo tempo projeção máxima e núcleo, pode se lhe adjungir tanto uma projeção máxima quanto um núcleo.

¹⁰ Note-se os autores divergem quanto a uma teoria unificada dos clíticos como sintaticamente afixados ao verbo. Para alguns, é a próclise que pode corresponde a uma estrutura em que o verbo e o pronome não estão no mesmo núcleo (Rouveret 1992, Uriagereka 1995)

¹¹ cf também Rouveret (1980)

Manzini (1992)
Madeira (1992)
Martins (1994) cf Raposo (1995) p.28, est. (19)
Uriagereka (1995) cf Raposo (1995) p.28, est. (20)
Raposo (1995) p.28, est. (18)
Duarte e Matos (1995)

2. Os pronomes nulos do PE

2.1 O sujeito nulo

2.2 O objeto nulo

3. Uma análise alternativa da colocação de clíticos no PE

Na análise proposta aqui, várias hipóteses constando das análises apresentadas acima serão retomadas.

3.1 A natureza afixal do clítico na ênclise

A forma enclítica vem do léxico sob forma de uma única palavra, com o clítico já afixado ao verbo.¹² Por consequência, o verbo tem traços suplementares para verificar, além dos traços habituais de tempo e concordância. Evidentemente, essa hipótese situa a análise do lado daquelas que consideram que o verbo e o clítico estão no mesmo núcleo. É até o extremo lógico dessas análises.

3.2 A derivação

Esses traços são verificados em *Comp* em sintaxe invisível.

Argumentos:

- a ênclise interfere com processos sintáticos que são tradicionalmente analisados como pondo a categoria *Comp* em jogo: complementação oracional, interrogação, focalização.

- Outros fenômenos específicos do PE se explicam também por uma caracterização particular de *Comp*: objeto nulo, infinitivo flexionado, posição do verbo nas orações interrogativas.

- a evolução do PE em relação ao PCI faz aparecer nitidamente que a mudança da colocação de clíticos se acompanha de uma mudança na sintaxe do verbo no que diz respeito ao chamado fenômeno V2, que por sua vez envolve uma parametrização da categoria *Comp*.

Essa análise afirma que as categorias Σ , W , ou F não são senão um *Comp* raiz associado a uma matriz de traços- ϕ . Nas orações subordinadas, esse *Comp* pode aparecer num contexto de topicalização encaixada.

3.2.1 Orações finitas

Os traços do clítico se movem para *Comp* depois de Spell-Out.

¹² Remeto o leitor a Benincà and Cinque (1993) para argumentos de que o clítico e o verbo formam uma unidade morfológica em ênclise. Essa idéia já aparece em Mussafia (1886), cf Benincà (1994).

2) [$CP F_i [Agr_P \text{Paulo ama-}a_i] \dots]$.

Isso implica que CP seja interpretado como um predicado complexo, tendo como sujeito o tópico ao qual refere o clítico.

Quando CP domina uma relação operador/variaável, ou seja quando o predicado já está saturado por um operador, não pode funcionar como predicado complexo. Nesse caso, Agr não pode estar associado a C, e a ênclise não pode ser legitimada¹³.

3) [$CP \text{ Quem } [C [Agr_P t [a [ama]]] [\dots]]$.

O sentido desta análise é que o clítico independente é interpretado como um pronome, enquanto o clítico morfológico é interpretado como um elemento de concordância.

3.2.2 Orações infinitivas

Os verbos e as preposições do tipo de a sub-categorizam um Comp que funciona como um Comp matriz (cf capítulo seguinte para a legitimação do infinitivo). As o Comp selecionado pelas preposições do tipo para funcionam como Comp subordinadores. São justamente as preposições que selecionam *que* nas orações com tempo. Observe-se o seguinte contraste¹⁴

a 3.1 *convenci-o a [que fizesse isso

para 3.2 chamei-o para que fizesse isso

(a como introdutor de predicação, cf Kayne,1995)
paralelismo entre

qui 3.3 J'ai vu les enfants qui arrivaient

a2 3.4 Vi as crianças a chegarem

cf Raposo (1989)

3.3 problemas resolvidos:

- a unidade morfológica mais forte, mesmo com a hipótese que na próclise também o verbo e o clítico estão no mesmo núcleo.

- adjunção à direita. Uriagereka, (cf Raposo (1995) p.35)

- clítico como operador (Manzini), com uma falha no paralelismo. Na análise de Manzini, a presença de clítico em Comp bloqueia a checagem dos outros traços, mas os outros traços não bloqueiam a checagem do clítico (p.310).

¹³ É preciso explicar porquê, por outro lado, quando a ênclise é possível, ela é preferida. Nomeadamente, porquê o clítico não pode se mover para Comp. Economia ou convergência??? No segundo caso, poderia ser que o clítico já verificou seus traços, sendo que não são interpretáveis. Essa não interpretabilidade derivaria do fato do clítico ser uma categoria funcional

¹⁴ As preposições desempenham duas funções: de complementação e de predicação. cf *to* e *for* em inglês

- o movimento do verbo por causa do clítico -greed (cf Madeira 1993, nota 6)
- as checagens envolvidas. Cf Manzini (1994, p.303) " Under the general framework of Chomsky (1992), however, movement of V+I to Cl takes place in order to check some feature of V+I against Cl; while movement of Cl to V+I is to check some feature of Cl against V+I. Possibly the same feature is involved in both instances of movement, say Case; but as far as I can see, nothing hinges on a precise implementation of my proposal in this respect."

4. Uma análise alternativa do objeto nulo no PE.

O objeto nulo do PE é legitimado como um elemento de concordância em Comp, como o clítico morfológico.

A relação forte entre objeto nulo e ênclise já tinha sido notada por Rouveret (1987, 1990). problema¹⁵: o objeto nulo é lícito em encaixadas, a ênclise não. Isso mostra que a ênclise é legitimada localmente, não o objeto nulo. *Hipótese: isso deriva da diferença entre as posições dos dois elementos antes de Spell-Out: posição argumental para o objeto nulo, posição nuclear para o clítico.*

5. Para uma parametrização do PE.

O PE se caracteriza pela possibilidade do CP raiz funcionar como de predicado complexo. Em termos de traços, significa que uma matriz de traços- ϕ pode ser associada a Comp. CP só pode funcionar como predicado complexo se não domina uma relação de predicação. Agr só pode portanto ser associado a Comp, quando Comp não entra em nenhuma relação de checagem.

T: traço-V forte, traço-D forte

Agr: traço-V forte, traço-D fraco

Comp: traço-V fraco¹⁶, matriz de traços- ϕ associável.

Teoria geral de Comp. Comp [+V], Comp[-V]

Recursão de Comp = (Comp [-V], Comp[+V])

ex: que + Foc, ou WH+Foc

cf contraste entre o exemplo em Manzini e a frase em que o verbo subiu para o Comp mais alto:

Não sei porque ISSO disse ele

* Não sei porque disse ISSO ele

Apêndice 1: a história da variação ênclise-próclise no português europeu

Além de trazer a chave da gramática do PE de um ponto de vista sincrônico, ela tem um papel de destaque na diacronia da língua. A colocação de clíticos é o aspecto mais visível das mudanças do português ao longo da sua história documentada. No que diz

¹⁵ também já notado por Rouveret, que foi por isso levado a modificar sua análise

¹⁶ Em relação ao PCl, tanto o PE quanto o PB perderam o traço-V forte de Comp.

respeito à ordem verbo-clítico quando um sintagma caracterizável como um tópico precede o verbo numa frase afirmativa, tres períodos podem ser claramente definidos:

- período 1: do sec. 12 ao final do sec. 16,
- período 2: do sec 17 ao final da primeira metade do sec. 19,
- período 3: de 1830 aos nossos dias.

O primeiro período caracteriza-se por uma evolução lenta e gradual que vai da coexistência equilibrada da ênclise e da próclise para um supremacia quase total da segunda. (cf Lobo 1992, Martins 1994, Ribeiro 1995). O quadro seguinte, de Martins (1994) resume essa evolução.

quadro de Martins p.

O segundo período é marcado por uma volta da ênclise, que leva Martins (1994) a afirmar que a gramática do português moderno já está se implantando. Porém, o quadro 2, tirado de Torres Moraes (1995) mostra uma situação que lembra mais a situação dos séculos 14 e 15 do que a do português moderno (cf também Salvi 1990 e Benincà in press).

quadro 2: Torres Moraes pp.

Reencontramos com efeito a variação. É preciso notar todavia que, excetuando alguns autores, nomeadamente Vieira no sec.17 e Verney no sec.18, o padrão dominante é a próclise até o final do sec. 18. Curiosamente, a proporção inverte-se com Almeida Garrett. Que isso não é um fato idiosincrático mas o início de uma mudança é mostrado pelos dois autores seguintes nos quais a próclise se torna residual. Votaremos a esse período muito mais em detalhe no capítulo 6.

O último período corresponde à língua moderna, que está descrita abaixo, onde não se pode mais falar em variação entre ênclise e próclise porque os contextos em que uma e outra aparece se excluem mutuamente.

É por outro lado muito interessante fazer uma diacronia comparada do português em relação às outras línguas românicas. As línguas românicas antigas também tinham ênclise obrigatória quando o verbo estava em primeira posição, e às vezes também quando ele era precedido por um sintagma sujeito ou outro (cf Cardinaletti e Roberts 1991; Benincà in press; Rivero 1986, 1993.) Essas línguas também apresentavam uma particularidade de colocação de clíticos conhecida sob o nome de *interpolação*. O fenômeno da interpolação consiste numa separação do verbo e do clítico por um ou varios elementos, como exemplificado a seguir por frases tiradas de Ribeiro (1995):

O ponto importante é que as outras línguas perderam os dois fenômenos até mais tardar o século 16, enquanto que em português europeu só a interpolação desaparece, no começo do século 17¹⁷.

O gráfico seguinte, obtido a partir dos dados dos quadros 1 e 2 mostra a evolução conjunta da interpolação e da variação ênclise-próclise

¹⁷ Dizer que a interpolação desaparece no século 17 é uma afirmação um pouco categórica demais. Uma versão reduzida se mantém de fato

curvas da evolução da interpolação e da variação ênclise-próclise

A ênclise reaparece ao mesmo tempo que se perde a interpolação Rivero: a interpolação corresponde a análise do clítico como uma projeção máxima. A sua perda à sua reanálise como um núcleo. A concepção dos clíticos proposta no capítulo 1 é incompatível com a análise de Rivero. Mas a idéia dela pode ser retomada de outra maneira. Intuitivamente, a interpolação corresponde a um elemento pronominal mais independente em relação ao verbo, uma vez que ele não aparece obrigatoriamente afixado a esse. Mas deve se notar por outro lado que contrariamente ao que observamos no PB, a sua posição não é a posição não marcada do objeto direto¹⁸.

posição do objeto em LF?

Na interpolação, o clítico tem um traço-V fraco

A perda da interpolação se deve à reanálise do clítico como tendo sempre um traço-V forte.

A ênclise que coexiste com a interpolação não tem a mesma derivação da ênclise gerada numa língua que não tem interpolação. Na primeira, o clítico se move independentemente do verbo, e o verbo se adjunge a ele. Na segunda, eles formam uma unidade morfológica checada por uma categoria vazia, como em PE.

Apêndice 2: os quantificadores e a ênclise

Os autores trabalhante sobre a colocação de clíticos no PE divergem quanto à sua descrição das orações com quantificadores:

Martins (1994?):

todos e poucos próclise

muitos variação livre

alguns ênclise

Fodor Sag (1982): if the indefinite has a referential reading, the sentence "makes an assertion about an individual even though the individual in question is not identified by the speaker" The denotation of the referential individual is "the individual the speaker has in mind". (unscoped interpretation)

some/several/many são ambíguos como os indefinidos.

every, all, each, most, few excluem a interpretação referencial.

português: *cada, todo, a maior parte de*

Segundo Martins, *alguns* não tem leitura proporcional. *Alguns* não é nunca um quantificador.

É preciso ter leitura proporcional para ser um quantificador? Em *alguns*, há uma leitura existencial que me parece se opôr a uma leitura referencial. ver algo, alguém:

algo me diz que ele virá

* algo diz-me que ele virá

alguém me viu

* alguém viu-me

¹⁸ Rivero argumenta para o espanhol que se trata da mesma posição do objeto scrambled. Há contudo uma diferença: o objeto não tem obrigação de se mover, o pronome sim

Madeira (1994, p.166):

ALGUNS RAPAZES me ajudaram
focalização de *alguns*

Barbosa (1993, nota 2): o quantificador universal *todos* desencadeia a proclise embora permita a ênclise quando tem uma leitura de "grupo".

Bibliografia

- Abaurre, M.B. e C. Galves, 1992
- Adams, M., 1987. *Old French, null subjects and verb second phenomena*, PhD thesis, UCLA.
- Ambar, M. (1992) *Para uma sintaxe da inversão sujeito/verbo em português*, Edi es Colibri, Lisboa .
- Barbosa, P., 1991. *Clitic Placement in EP*, mimeo, MIT.
- Barbosa, P., 1993 "Clitic placement in old romance and european portuguese and the null subject parameter", mimeo, MIT.
- Belletti, A. (1993) "Case checking and clitic placement. Three issues on (italian/romance) clitics", in H.van Riemsdijk e L. Hellan (eds) *Clitics: their origin, status and position*, ESF-Eurotyp.
- Benincà, P. in press, *Complement clitics in Medieval Portuguese and the Tobler-Mussafia Law*, in A. Battye I. Roberts, *Language Change and Verbal Systems*.
- Benincà, P. 1994. *La variazione sintattica (Studi di dialettologia romanza)*, Bologna: Il Mulino.
- Benincà, P. 1989, in *Grande grammatica italiana di consultazione*, Bologna: Il Mulino.
- Benincà, P. and G. Cinque, 1993. *Su alcune differenze fra enclisi e proclisi*, in *Omaggio a Gianfranco Folena*, Padova: Editoriale Programma,.
- Berwick, R., 1985. *The acquisition of syntactic knowledge*, Cambridge, MA: MIT Press.
- Berwick, R. and P. Nyogi, 1993. *Formalizing triggers: a learning model for finite spaces*, A.I. Memo No.1449, MIT, Cambridge, MA.
- Bianchi, V. e Maria Cristina Figueiredo Silva, 1994. *On some properties of agreement-object in Italian an Brazilian portuguese*, in M. Mazzola (ed.) *Issues and Theory in Romance Linguistics: selected papers from the Linguistic Symposium on Romance languages XXIII*, Georgetown University Press.
- Bobaljik, J. and A. Carnie, 1992. *A minimalist approach to some problems of Irish word order*, to appear in *Proceedings of the 12th Harvard Celtic Colloquium*.
- Bonet i Alsina, M.E. (1991) *Morphology after syntax: pronominal clitics in Romance*. Tese de doutorado, MIT.
- Campos, H. (1986) "Indefinite object drop", *Linguistic Inquiry* 17, 354-359.
- Cardinaletti, A. 1993 "On cliticization in Germanic Languages", Eurotyp Working Papers, vol III.
- Cardinaletti, A. e I. Roberts 1991 "Clause structure and X-second", a sair em W. Chao e G. Horrocks (eds) *Levels of Representation*, Berlin: Mouton.
- Cardinaletti, A. and M. Starke, 1993-1994. *The typology of structural deficiency, on the three grammatical classes*, manuscript. Università de Venezia/ Université de Genève.
- Carvalho, J. Brandão de., 1988-1992. *Réduction vocalique, quantité et accentuation: pour une explication structurale de la divergence entre portugais lusitanien et portugais brésilien*, *Boletim de filologia* 32, 5-26.

- Champagne,
- Chomsky, N., 1975. *Reflections on Language*, New York: Pantheon Books.
- Chomsky, N., 1982 *Some concepts and consequences of the theory of government and binding*, Cambridge, MA: MIT Press.
- Chomsky, N., 1986. *Knowledge of Language: Its nature, origin and use*, New York: Praeger.
- Chomsky, N., 1993. *A Minimalist Program for Linguistic Theory*, Cambridge, MA: MIT Press.
- Chomsky, N., 1995a. "Bare Phrase-Structure", in G. Webelhuth (ed.) *Government and binding theory and the minimalist program*, Blackwell .
- Chomsky, N. 1995b. "Categories and Transformations", mimeo, MIT.
- Cinque, G. 1983 " 'Topic' Constructions in Some European Languages and 'Connectedness' ", in *Connectedness in Sentence, Discourse and Text*, K. Ehlich and H Van Riemsdijk (eds), *Tilburg Studies in Language and Literature*, 4.
- Cinque, G. 1988. "On si constructions and the theory of arb", *Linguistic Inquiry* 19, 521-581.
- Cinque, G. 1990 *Types of A'-dependencies*, MIT Press.
- Cinque, G. 1993. A null theory of phrase and compound stress, *Linguistic Inquiry* 24, 239-297.
- Cinque, G. 1994. "On the relative order of certain "lower" adverbs in Italian and French", manuscript Universidade de Veneza.
- Clark, R. and I. Roberts, 1993. "A computational model of language learnability". *Linguistic Inquiry* 24, 299-345.
- Corver N., and D. Delfitto, 1993. "Feature assymetry and the nature of pronoun movement", manuscript, Tilburg University and University of Utrecht.
- Cyrino, S. (1994) *O objeto nulo no português do Brasil, um estudo sintático- diacrônico*, tese de doutorado, UNICAMP.
- Da Silva Neto, S., 1952. *História da língua portuguesa*, Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- Diesing, M. (1990) *The syntactic roots of semantic partition*. Tese de doutorado, Amherst.
- Diesing, M. (1992) *Indefinites*, Cambridge: MIT Press.
- Dobrovie-Sorin, C. (1994a) *The syntax of Romanian. Comparative studies in Romance*, Berlin: Mouton de Gruyter.
- Dobrovie-Sorin, C. (1994b) " The typology of pronouns and the distinction between syntax and morphophonology", in
- Duarte, I. (1983) "Variação paramétrica e ordem dos clíticos", *Revista da Faculdade de Letras, comemorativo do cinquentenário da RFL, Universidade clássica de Lisboa* .
- Duarte, I. (1987) *A construção de topicalização o na gramática do português : regência, ligação e condições sobre o movimento*, tese de doutorado, Universidade de Lisboa .
- Duarte, I e G. Matos (1995) "Romance clitics and the minimalist program", comunicação ao V Coloquio de Gramática Generativa, La Coruña.
- Duarte, M.E 1991 *O sujeito nulo referencial no português europeu: uma abordagem quantitativa*, mimeo, Unicamp.

- Duarte, M.E (1992) "A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas-QU no português do Brasil", *Delta*, 8 (n especial).
- Duarte, M.E 1993 "Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil", in Roberts e Kato.
- Duarte, M.E 1995 A perda do princípio "Evite pronome" no Português Brasileiro, tese de doutorado, Universidade de Campinas.
- Farrell, P. (1990) "Null objects in Brazilian Portuguese", *Natural Language and Linguistic Theory* 8, 325-346.
- Figueredo Silva, M.C. (1994) *La position sujet en portugais brésilien*, tese de doutorado, Universidade de Genebra.
- Fontaine, C. ,1995 *Application de méthodes quantitatives en diachronie: l'inversion du sujet en français*. M.A. thesis, Université du Québec à Montreal.
- Frank, R. and S. Kapur, 1993. "On the use of triggers on parameter setting", mimeo, University of Pennsylvania.
- Frota, S. (1992) "Is Focus a phonological category in Portuguese?" comunicação ao 1 Console, Utrecht, mimeo, Universidade de Lisboa.
- Galves, A. e C. Galves (1994) "A case-study of prosody-driven grammar identification - from classical to modern european portuguese", mimeo, USP/UNICAMP.
- Galves, C., 1984
- Galves, C., 1987 "A sintaxe do português brasileiro", *Ensaio de Linguística*, 13, Belo Horizonte.
- Galves, C., 1988
- Galves, C., 1989
- Galves, C. 1991 "V-movement, levels of representation and the structure of S" a sair em W. Chao e G. Horrocks (eds) *Levels of Representation*, Berlin: Mouton.
- Galves, C., 1992a
- Galves, C., 1992b
- Galves, C., 1993 " O enfraquecimento da concordância no português brasileiro", in Roberts e Kato.
- Galves, C., 1994. "Clitic-placement and Parametric Changes in Portuguese", comunicação ao 24th *Linguistic Symposium Romance Languages*, UCLA/ USC.
- Gibson, E. and K. Wexler, 1994. "Triggers", *Linguistic Inquiry* 25, 407-454.
- Grimshaw, J. (1991) "Extended projections".
- Halle, M. and J.R. Vergnaud, 1987. *An essay on stress*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Iatridou, S. 1990. "Clitics and Islands effects", mimeo, MIT.
- Jaeggli, O. 1987 "Passives", *Linguistic Inquiry*.
- Jonas, D. e J. Bobaljik 1993. "Specs for subjects: the role of TP in Icelandic", MIT *Working Papers in Linguistics* 18.
- Joshi, A. 1994. Commentary: some remarks on the Subset Principle, in *Syntactic theory and first language acquisition: cross-linguistic perspectives vol.2*, B. Lust, G. Hermon and J. Kornfilt (eds.), Hillsdale, NJ and Hove, UK: Lawrence Erlbaum Associate, Publishers.
- Kato, M. (1993a) "Recontando a história das relativas em uma perspectiva param/'etrica" in Roberts e Kato.

Kato, M. (1993b) "On the distribution of pronouns and null elements in object position in Brazilian Portuguese" in W. Ashby, M. Mithun, G. Perissinotto, e E. Raposo (eds) *Linguistic perspectives on romance languages*, Amsterdam: Benjamins.

Kato, M. et alii (1995) "Padrões de predicação na gramática do português falado", relatório de pesquisa, mimeo, Unicamp.

Kato, M., F. Tarallo et alii (1993) "Preenchimentos em fronteiras de constituintes", in A. de Castilho (org.) *Gramática do português falado, vol.III: As abordagens*, Ed. da UNICAMP.

Kayne, R. (1975) *French syntax*, Cambridge: MIT Press. Tradução francesa, Paris: Editions du Seuil, 1977.

Kayne, R., 1991. Romance Clitics, Verb Movement, and PRO. *Linguistic Inquiry*, 22, pp 647-686.

Kayne, R. (1994) *The antisymmetry of syntax*, Cambridge: MIT Press.

Kroch, A., 1989. Reflexes of grammar in patterns of language change, *Language Variation and Change* 1, 199-244.

Laezlinger, C. 1993 "A syntactic view of Romance pronominal sequences", *Probus* 5, 241-270.

Lightfoot, D., 1979. *Principles of diachronic syntax*. Cambridge, England: Cambridge University Press.

Lightfoot, D., 1982. *The language lottery*. Cambridge, MA: MIT Press.

Lightfoot, D. 1991 *How to set parameters*, Cambridge: MIT Press.

Lobato, L. 1986 *Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à teoria de regência e ligação*, Vigília, Belo Horizonte.

Lobato, L. 1988 "Sobre a regra de anteposição do verbo no português do Brasil", *D.E.L.T.A* 4.1, São Paulo.

Lobo, T. (1992) *A colocação do clíticos em português. Duas sincronias em confronto*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa.

Lopes Rossi, M.A. (1993) "Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português do Brasil", in Roberts e Kato.

Madeira, A. M., 1992. "On clitic placement in European portuguese". In H. van de Koot (ed.) *UCL Working Papers in Linguistics* 4 University College London.

Madeira, A.M. (1993) "Clitic-second in European Portuguese", *Probus* 5, 155-174.

Malaca Casteleiro, J. 1881. *Sintaxe transformacional do adjectivo*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa.

Manzini, M. R., 1992. "Second position dependencies". talk given at the 8th workshop on Germanic Syntax, Tromsø.

Manzini, M. R. (1994) "Triggers for verb-second: Germanic and Romance", *The Linguistic Review* 11 299-314.

Martins, A. M. (1993a) "Clitic placement from old to modern European Portuguese". Comunica o ao 11 ICHL, Los Angeles; mimeo, Universidade de Lisboa.

Martins, A. M. (1993b) "Focus and clitics in European Portuguese", *University of Maryland Working Papers in Linguistics*, 1.

Martins, A.M. (1993c) "Enclisis, VP deletion and the nature of Σ ", *Comunica o a Going Romance*, Utrecht; mimeo, Universidade de Lisboa.

- Martins, A. M. (199?) "Quantifiers and clitics in European Portuguese", mimeo.
- Martins, A.M. (1994) *Clíticos na história do português*, tese de Doutorado, Universidade de Lisboa.
- Matos, G. (1992) *Construções de eclipse do predicado em português, SV nulo e despojamento*. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa.
- Mattoso Câmara
- Mendes, L. (1993) "Clitics and V-movement in Brazilian Portuguese", manuscrit, UCLA .
- Monteiro, J. (1991) Os pronomes pessoais no português do Brasil, tese de doutorado, UFRJ .
- Moreira da Silva, S. (1983) *Etudes sur la symétrie et l'assymétrie SUJET/OBJET dans le portugais du Brésil*, tese de doutorado, Paris VIII .
- Mussafia, A., 1886. Una particolarità sintattica della lingua italiana dei primi secoli, in *Miscellanea di filologia e linguistica*, Firenze.
- Nascimento, M. (1984) *Sur la postposition du sujet dans le portugais du Brésil*, tese de doutorado, Paris VIII .
- Nash-Haran, L. "La catégorie Agr et l'accord en géorgien", *Recherches Linguistiques de Vincennes* 21, 65-79.
- Nunes, J. (1993) "Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro", in Roberts et Kato.
- Otero, C. (1993) "Head movement, cliticization, precompilation and word insertion", in R. Freidin (ed.) *Current issues in comparative grammar*, Dordrecht: Kluwer.
- Pesetsky, D. (1987)
- Pagotto, E. (1992) A posição dos clíticos em português : um estudo diacrônico , dissertação de mestrado, UNICAMP .
- Pontes, E. (1981) "Da importância do tópico em português", *Anais do V Encontro Nacional de Linguística*, Rio de Janeiro .
- Ramos, J. (1992) *Marcação de caso e mudança sintática no português do Brasil: uma abordagem gerativa e variacionista*, tese de doutorado, UNICAMP.
- Raposo, E. (1986) "On the null object in European Portuguese", in O. Jaeggli e C. Silva-Corvalan (orgs) *Studies in Romance linguistics*. Foris .
- Raposo, E. (1987) "Case Theory and Infl-to-COMP - The inflected infinitive in European Portuguese" , *Linguistic Inquiry* 18, 85-109 .
- Raposo, E. (1988) "Romance Inversion, Minimality Condition and the ECP", *Proceeding of NELS 18* .
- Raposo, E. (1989) "Prepositional infinitival constructions in European Portuguese", in O. Jaeggli and K. Safir (eds) /s/ *The Null Subject parameter*, Kluwer.
- Raposo, E. (1994) "Affective operators and clausal structure in European Portuguese and European Spanish", conferência no 24 Linguistic Symposium on Romance Linguistics, Los Angeles.
- Raposo, E. 1995 "Clitic position and verb movement in European Portuguese", conferência no V Colóquio de Gramática Gerativa, La Corua.
- Révah, I. S., 1958. L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVI^e siècle à nos jours. In *Anais do primeiro Congresso Brasileiro da língua falada no teatro*.

Ribeiro, I. 1995 *A sintaxe da ordem no português arcaico; o efeito V2*, tese de doutorado, Universidade de Campinas.

Rivero, M.L 1986, "Parameters in the typology of clitics in romance and old spanish", *Language*, 62, 774-807.

Rivero, M.L 1992, "Clitic and NP climbing in old spanish", in H. Campos e F. Martinez-Gil (eds) *Current studies in spanish linguistics*, Georgetown University Press.

Rizzi, L. (1986) "Null objects in italian and the theory of pro" *Linguistic Inquiry*, 17, 501-557.

Roberts, I. e M. Kato (1993) *Viagem diacrônica pelas fases do português brasileiro*, Campinas: Ed. da UNICAMP.

Rochette, A. in *Binding in Romance*.

Rouveret, A. (1980) "Sur la notion de proposition finie, gouvernement et inversion", *Langages* 60, 75-105.

Rouveret, A. (1987) *Syntaxe des dépendances lexicales. Identité et identification dans la théorie syntaxique*. tese de doutorado, Paris VII.

Rouveret, A. (1989) "Cliticisation et temps en portugais européen", *Revue des Langues Romanes*, 93,2.

Rouveret, A. 1992. Clitic placement, focus and the Wackernagel Position in European Portuguese. talk given at the *ESF workshop on clitics*, Donostia.

Rouveret, A. (1994) *La syntaxe du Gallois*, Paris: Editions du CNRS.

Rouveret, A. (1994-95) *Notas de aulas*, Université Paris 8.

Said Ali, M. 1964 *Gramática secundária da língua portuguesa*, São Paulo: Melhoramentos.

Salvi, G., 1990. La sopravvivenza della legge di Wackernagel nei dialetti occidentali della penisola iberica. *Medioevo Romanzo*, 15, 177-210.

Speas, M. 1994 "Null arguments in a theory of economy of projections", in E. Benedito e J. Runner (eds), *Functional Projections*, UMOP 17.

Sportiche, D. (1992)

Stowell, T. 1987. "Null antecedents and Proper Government", *NELS*, 16, 476-493.

Tarallo, F. (1983) *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*, tese de doutorado, Un. Pennsylvania.

Tarallo, F. (1992) "Turning different at the turn of the century: 19th century Brazilian Portuguese" in: Guy, G; Baugh, G; Schiffrin, D. *Festschrift to William Labov*.

Tarallo, F. (1993) "Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e além-mar ao final do século XIX", in Roberts e Kato.

Tarallo, F. e M. Kato (1987) *Harmonia trans-sistmica: varia o intra e inter-lingustica*, Preedi o 5, Campinas.

Teyssier, P. 1976 *Grammaire portugaise, Portugal-Brésil*, Paris: Klincksieck.

Teyssier, P., 1980. *Histoire de la langue portugaise*. Paris: P.U.F.

Torres Moraes, M. A., 1995. *Do português clássico ao português moderno: um estudo da cliticização e do movimento do verbo*. Tese de doutoramento. UNICAMP.

Uriagereka, J. (1992a) "A Focus Position in Western Romance", comunica o apresentada ao 15 colquio do GLOW, Lisboa.

Uriagereka, J. (1992b)

- Uriagereka, J. (1992c) "Issues on clitic placement in Western Romance".
- Uriagereka, J. (1995) " Syntax of clitic placement in Western Romance", *Linguistic Inquiry*, 26, 79-123.
- Vitral, L. (1991) *Structure de la proposition et syntaxe du mouvement en portugais brésilien*, Tese de doutorado, Paris VIII .
- Wanner, D (1988) *The development of romance clitic pronouns from latin to old romance*, Mouton de Gruyter.
- Watanabe, A. 1993 *Agr-based case theory and its interaction with the A'-system*, tese de doutoramento, MIT.
- Wheeler, D. 1983
- Williams, E. 1980.
- Zubizarreta, M.L., 1994. Word order, prosody and focus, manuscript, USC.